



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Bruno Molina Turra

**FERDINAND DE SAUSSURE E SEU SABER FAZER COM A ESCRITA
OU DO QUE SE CIRCUNSCREVE DE UM ENIGMA**

Campinas

2018

Bruno Molina Turra

**FERDINAND DE SAUSSURE E SEU SABER FAZER COM A ESCRITA
OU DO QUE SE CIRCUNSCREVE DE UM ENIGMA**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Professor Doutor Lauro José Siqueira Baldini

Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida pelo aluno Bruno Molina Turra e orientada pelo Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini

Campinas

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES; CAPES, 99999.006549/2015-02
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5243-724>

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Dionary Crispim de Araújo - CRB 8/7171

T865f Turra, Bruno Molina, 1983-
Ferdinand de Saussure e seu saber fazer com a escrita ou do que se circunscreve de um enigma / Bruno Molina Turra. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Lauro José Siqueira Baldini.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913. 2. Escrita. 3. Psicanálise. 4. Linguística. I. Baldini, Lauro José Siqueira. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Ferdinand de Saussure and his making do with writing or on what is circumscribed of an enigma

Palavras-chave em inglês:

Saussure, Ferdinand de, 1857-1913

Writing

Psychoanalysis

Linguistics

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutor em Linguística

Banca examinadora:

Lauro José Siqueira Baldini [Orientador]

Maria Fausta Cahyba Pereira de Castro

Nina Virginia de Araújo Leite

Eliane Mara Silveira

Valdir do Nascimento Flores

Data de defesa: 29-08-2018

Programa de Pós-Graduação: Linguística



BANCA EXAMINADORA:

Lauro José Siqueira Baldini

Maria Fausta Cahyba Pereira de Castro

Nina Virgínia de Araújo Leite

Eliane Mara Silveira

Valdir do Nascimento Flores

**IEL/UNICAMP
2018**

Ata da defesa, com as respectivas assinaturas dos membros da banca, encontra-se no SIGA - Sistema de Gestão Acadêmica.

Ao Lucas
'mon bel amour, mon anagramme'

AGRADECIMENTOS

A escrita desta tese se fez possível pela implicação de pessoas que em diferentes momentos do percurso se dispuseram a ouvir e provocar, instituindo assim um lugar no qual um desejo pudesse ser sustentado. Agradeço imensamente ao professor LAURO BALDINI, pela orientação e por uma leitura precisa, que com intervenções mínimas produz deslocamentos enormes; ao professor CHRISTIAN PUECH, pela acolhida junto à Université Sorbonne Nouvelle e ao Laboratoire d'histoire des théories linguistiques, em Paris; às professoras MARIA FAUSTA PEREIRA DE CASTRO e NINA LEITE pela abertura ao diálogo e pelas orientações determinantes para a escrita da tese. Agradeço à professora ELIANE SILVEIRA e ao professor VALDIR FLORES, pela leitura cuidadosa e pelas importantes intervenções na qualificação do texto de área em História das ideias linguísticas. Agradeço também às professoras Luiza Milano e Amanda Scherer e ao professor José Horta Nunes pelo interesse por este trabalho e pela disponibilidade. Agradeço à ANA VICENTINI, por uma escrita possível. Agradeço ainda aos amigos e companheiros de tese sempre dispostos ao debate, à VALÉRIA MOTTA, leitora primeira e ouvido privilegiado com quem compartilhei as angústias do percurso; à PATRÍCIA RIBEIRO com quem aprendi muito em nossas viagens e leituras ao pé da letra; à STEFANIA MONTES HENRIQUES e à KAREN ALVES que tanto me auxiliaram na entrada no imenso e fascinante *corpus* saussuriano, à THAIS COSTA, pelo acolhimento em terras estrangeiras, por fazê-las tão nossas e por me ensinar um rigor e comprometimento com a pesquisa que só me motivaram. Agradeço ao OUTRARTE e ao GPAL que me receberam e se tornaram lugares privilegiados de trocas. Agradeço à Bibliothèque de Genève pela autorização que nos foi concedida para citar e reproduzir os manuscritos mencionados na tese. Agradeço à CAPES pelas bolsas – a de doutoramento e a de estágio sanduíche – em um momento em que a instabilidade política do país sob um regime ilegítimo desmonta a pesquisa nacional.

Agradeço especialmente ao Lucas Pestana, por todo o amor e toda a compreensão, por entender os efeitos de uma escrita.

*Nós estamos profundamente convencidos de que qualquer
um que ponha o pé no terreno da língua está, pode-se dizer,
abandonado por todas as analogias do céu e da terra.*
Ferdinand de Saussure, 1894

RESUMO

TURRA, B.M. **Ferdinand de Saussure e seu saber fazer com a escrita ou do que se circunscreve de um enigma**. 2018. 225 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

O presente trabalho teve como objetivo central investigar o movimento teórico do linguista genebrino Ferdinand de Saussure no que diz respeito à escrita, sobretudo em seus textos ditos de linguística geral. Nosso objetivo específico foi o de produzir uma leitura que, partindo de sua obra póstuma *Curso de linguística geral* (CLG), editada por Charles Bally e Albert Sechehaye em 1916, se articulasse com as diversas fontes manuscritas autógrafas bem como com as anotações de seus alunos, a fim de produzir deslocamentos na compreensão da noção de escrita lida no CLG. Nossa leitura foi atravessada pela psicanálise no que diz respeito tanto à linguística enquanto ciência, quanto ao linguista enquanto aquele que se aventura pela linguagem a partir de uma posição de saber face à descoberta freudiana. Seguindo a orientação de Chiss e Puech (1986) de que para se investigar o lugar da escrita é preciso tratar tanto da escrita na linguística como da escrita da linguística, adicionamos à proposta dos autores uma terceira via necessária: a escrita do linguista, em que pese a forma pela qual Saussure se coloca diante desse campo de estudos, seja por seus escritos publicados ou não, seja por sua correspondência com seus pares. Nesse sentido, ao contrário das leituras correntes sobre a escrita em Saussure que afirmam que o mestre genebrino a teria negligenciado, subordinando-a à língua, nossa leitura nos conduziu por movimentos mais elaborados. Se há um corte com relação à escrita, este se deveu à necessidade de constituição de um novo objeto científico que se distanciasse da filologia, concedendo à linguística seu objeto próprio. Essa exclusão, entretanto, não afasta a escrita das questões centrais da linguística como a teoria do valor e a própria escrita – matemática – da linguística, estenografada pelo que Lacan (1957) chama de algoritmo saussuriano, o $\frac{S}{s}$. Sua incidência, porém, é de outro lugar, não mais do interior da linguística, mas de fora, da semiologia, ou, a partir de uma formulação lacaniana (1975), de um fora que não é um não dentro. Podemos ler também que, se de um lado há um trabalho intelectual por parte do linguista no que diz respeito à escrita, por outro há um *saber-fazer com a escrita*, um uso da escrita realizado a partir de um não saber, uma prática que a toma como enigma de sua própria construção teórica. A partir dessa leitura do movimento de Saussure com a escrita, apontamos uma outra forma de se compreender a questão: a escrita ex-siste. Ou seja, a partir de um movimento de exteriorização, a escrita se presentifica como letra no cerne do pensamento linguístico saussuriano.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure; escrita; psicanálise; Curso de Linguística Geral; existência.

ABSTRACT

TURRA, B.M. **Ferdinand de Saussure and his making do with writing or on what is circumscribed of an enigma**. 2018. 225 f. Thesis (Doctorate) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

The aim of this thesis is to investigate the theoretical movement of the Genevan linguist Ferdinand de Saussure on what concerns writing, especially on his so-called general linguistic texts. Our specific objective was to perform a reading that, starting from his posthumous work *Course in general linguistics* (CLG), edited by Charles Bally and Albert de Sechehaye in 1916, would articulate the autograph manuscript sources and his audience notes to produce same turns on how writing is being comprehended on the CLG. Our reading was crossed by psychoanalysis with respect to questioning linguistics as science and the linguist as the one who adventures oneself towards language from a position of knowledge in view of the Freudian discovery. We pursued the orientation given by Chiss and Puech (1986) of that to investigate the place of writing one must investigate both the writing in linguistics and the writing of linguistics, to what we added a third necessary path: the writing of the linguist, meaning the way by which Saussure inserts himself in this study field by his published and unpublished writings and by his correspondence to his pairs. In this way, opposite to current readings about writing in Saussure that asserts he would have neglected it, subordinating it to language, our reading has driven us to more elaborated movements. If there is a rupture regarding writing, it is due to the urge to create a new object to linguistics different from that of philology. Nonetheless, writing exclusion does not obliterate writing from linguistics central questions, such as the value theory and linguistics mathematical writing, stenographed by what Lacan (1957) names the Saussurean algorithm, $\frac{S}{s}$. Its incidence, however, is from another place, not from inside linguistics, but from its outside, from semiology, or in a Lacanian perspective (1975) from an outside that is not a non-inside. We could also read that, if on one hand there is an intellectual work of the linguist on writing, on the other there is a *making do with* writing, a usage of writing performed from a non-knowledge, a usage that takes it as an enigma of his own theoretical elaboration. From this reading we carried out of Saussure's movement towards writing, we point out a different way of approaching the question: writing ex-sists. That means that from the exteriorization movement, writing presentifies itself as letter in the core of Saussurean linguistic thinking.

Key-words: Ferdinand de Saussure; writing; psychoanalysis; Course in General Linguistics; existence.

RÉSUMÉ

TURRA, B.M. **Ferdinand de Saussure et son savoir-faire avec l'écriture ou de ce qu'on circonscrit d'une énigme**. 2018. 225 f. Thèse (Doctorat) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

Cette thèse a pour but de chercher le mouvement théorique du linguiste genevois Ferdinand de Saussure sur l'écriture, surtout dans ses textes dits de linguistique générale. Notre objective spécifique a été de produire une lecture que, en partant de son œuvre posthume *Cours de linguistique générale* (CLG), édité par Charles Bally et Albert Sechehaye en 1916, s'articule avec des diverses sources manuscrites autographes aussi qu'avec des notes de ses auditeurs, afin de produire des déplacements dans la compréhension sur la notion d'écriture lue au CLG. Notre lecture a été traversée pour la psychanalyse en concernant le statut scientifique de la linguistique et du linguiste comme ce qui s'aventure par le langage à partir d'une position de savoir face à la découverte freudienne. D'après l'orientation de Chiss et Puech (1986) en disant que pour chercher la place de l'écriture il faut chercher l'écriture dans la linguistique et l'écriture de la linguistique, dans ce que nous ajoutons une troisième voie : l'écriture du linguiste, en d'autres termes, pour la façon dont Saussure s'insère dans ce champ d'études, soit par ses écrits publiés ou non, soit pour sa correspondance avec ses pairs. En effet, contrairement aux lectures courantes sur l'écriture chez Saussure qu'affirme que le maître genevois l'aurait négligé, en la subordonnant à la langue, notre lecture nous a conduit par des mouvements plus élaborés. S'il y a une coupure par rapport à l'écriture, il est devenu à la nécessité de construction d'un nouvel objet scientifique pour la linguistique autre que ceux de la philologie. Cette exclusion, cependant, n'éloigne pas l'écriture des questions centrales de la linguistique comme la théorie de la valeur et l'écriture elle-même – mathématique – de la linguistique, sténographié par ce que Lacan (1957) appelle algorithme saussurien, le $\frac{S}{s}$. Son incidence, pourtant, devient d'ailleurs, pas plus du dedans de la linguistique, mais de son dehors, de la sémiologie, ou, à partir de la formulation lacanienne (1975) dans un dehors qui n'est pas un non-dedans. Nous avons pu lire aussi que si d'un côté il y a un travail intellectuel du linguiste sur l'écriture, dans un autre côté il y a un *savoir-faire avec* l'écriture, un usage de l'écriture produit par un non-savoir, une pratique qui la prend comme énigme de sa propre construction théorique. À partir de cette lecture du mouvement de Saussure avec l'écriture, nous remarquons une autre forme de comprendre la question : l'écriture ex-siste. D'après un mouvement d'extériorisation, l'écriture se présente comme lettre au noyau de la pensée linguistique saussurienne.

Mots-clés : Ferdinand de Saussure ; écriture ; psychanalyse ; Cours de Linguistique Général ; existence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 <i>Grammatica da lingoagem portuguesa</i> , de Fernão de Oliveira, 1536.....	22
Figura 2 <i>Grammatica da lingua portuguesa</i> , de João de Barros, 1540.....	23
Figura 3 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Unde exoriar</i>	26
Figura 4 Grafismo abstrato pré-pictografia.....	37
Figura 5 Reprodução do início do capítulo VI do CLG, p. 44.....	68
Figura 6 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Collation Sechebaye</i>	95
Figura 7 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Brouillons de lettres</i>	104
Figura 8 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Souvenirs...</i> (1903).....	106
Figura 9 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Lithuanien</i>	108
Figura 10 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Lithuanien</i>	109
Figura 11 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Collation Sechebaye</i>	130
Figura 12 <i>Homology cycles on a torus</i> [Ciclos homólogos em um toro].....	139
Figura 13 Decomposição poliedral do toro.....	140
Figura 14 Cortes e determinação de fronteira.....	140
Figura 15 Topology joke.....	141
Figura 16 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Double essence</i>	145
Figura 17 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Double essence</i>	147
Figura 18 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Notes pour un article sur Whitney</i>	148
Figura 19 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Notes pour un article sur Whitney</i>	149
Figura 20 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Notes Item</i>	151
Figura 21 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Notes pour un article sur Whitney</i>	151
Figura 22 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Double essence</i>	168
Figura 23 Forma e substância em Hjelmslev. Esquema adaptado de CLG-br p. 131.....	169
Figura 24 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Notes pour un article sur Whitney</i>	174
Figura 25 Fragmento superior de <i>Inscription I</i>	178
Figura 26 Composição caligráfica iraniana.....	180
Figura 27 Reprodução de fragmento do manuscrito <i>Frag. Méthod. à propôs de l'int. lit</i>	187

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

Curso de linguística geral – versões consultadas	
CLG	Cours de linguistique général
CLG-br	Curso de linguística geral – trad. brasileira de Chelini, Paes e Blikstein (1970)
CLG-pt	Curso de linguística geral – trad. portuguesa de Adragão (1971)
CLG-us	Course in general linguistics – trad. estadunidense de Baskin (1959)
CLG-uk	Course in general linguistics – trad. inglesa de Harris (1983)
CLG-ar	Curso de lingüística general – trad. argentina de Alonso (1945)
CLG-al	Grundfragen der Allgemeinen Sprachwissenschaft – trad. alemã de Lommel (1931)
CLG-it	Corso de linguistica generale – trad. italiana de De Mauro (1967)
Cadernos de alunos	
RIE I	Cadernos de A. Riedlinger ref. ao curso de 1907 – ed. por Komatsu
RIE II	Cadernos de A. Riedlinger ref. ao curso de 1908-1909 – ed. por Komatsu
C III-KH	Cadernos de É. Constantin ref. ao curso de 1910-1911 – ed. por Komatsu e Harris
C III-GM	Cadernos de É. Constantin ref. ao curso de 1910-1911 – ed. por Gambarara e Quijano
Obras de referência	
CLG-E	<i>Cours de linguistique générale</i> . Tome 1, edição crítica de R. Engler (1968)
CLG-DM	Notas críticas de Tullio de Mauro incorporadas à ed. francesa em 1972
SM	<i>Les sources manuscrites du cours de linguistique générale</i> , de Robert Godel (1957)
CFS	<i>Cahiers Ferdinand de Saussure</i> , periódico da Société Genevoise de Linguistique (1941–)
CS	<i>Collation Sechebaye</i> , editada por E. Sofia
Escritos de linguística geral	
ELG	Écrits de linguistique général, Gallimar, 2002
ELG-br	Escritos de linguística geral, Cultrix, 2004
Textos autógrafos publicados em vida	
<i>Mém.</i>	Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes (1878)
<i>Thèse</i>	De l'emploi du génitif absolu en sanscrit (1881)
<i>Insc.Ph.</i>	Inscriptions phrygiennes (1893-1894)
<i>Rec.</i>	Recueil de publication scientifiques de Ferdinand de Saussure (1921)
Textos autógrafos não publicados em vida	
<i>Souv.</i>	<i>Souvenir de F. de Saussure concernant sa jeunesse et ses études</i> (Ms fr 3957/1), 1903
<i>Essai</i>	<i>Essai pour réduire les mots du grec, du latin e de l'allemand a un petit nombre de racine</i> . Ms Harv. (MS Fr 266(2)), 1872
DE-m	[<i>De la double essence du langage</i>] (Arch. de Saussure 372), 1891 – BGE
DE-A	[<i>De la double essence du langage</i>] – ed. crítica de R. Amacker, 2011
DE-BE	[<i>De l'essence double du langage</i>] – ed. S. Bouquet e R. Engler, 2002

- DE-br** [*Sobre a essência dupla da linguagem*] – trad. brasileira de Salum e Franco, 2004
- NW-m** [*Notes pour un articles sur Whitney*] (Ms fr 3951-10), 1894 – BGE
- NW-br** [*Notas para um artigo sobre Whitney*] In ELG-br, p. 175-191
- PCG-br** [*Primeira Conferência na Universidade de Genebra (novembro de 1891)*] In ELG-br, p. 126-136
- Lettres** *Une vie en lettres 1866-1913* – cartas de F. de Saussure, org. C.M. Quijano, 2013
-

Outros

- BGE** *Bibliothèque de Genève. Antiga Bibliothèque publique et universitaire* (BPU), rebatizada em 2006
- Ms.fr.** Manuscritos franceses, cota sob a qual está arquivada grande parte do material referente aos cursos de linguística geral, na BGE.
- AdS** Archive de Saussure, cota sob a qual está arquivado, entre outros textos, o material descoberto em 1996, na BGE
- Ms.Har.** Manuscritos de Harvard, cota sob a qual são referidos os documentos levados por R. Jakobson aos Estados Unidos, arquivados na *Houghton Library*, Universidade de Harvard
-

SUMÁRIO

O íçar das velas.....	15
Introdução	21
Capítulo 1 Do que se faz com a escrita na linguística e alhures.....	29
1.1 As grandes obras sobre a escrita	33
1.2 Benveniste e a escrita: dois tempos de leitura 1969-2012	42
1.3 A escrita e a psicanálise	45
1.4 De que escrita?.....	48
Capítulo 2 Ler Saussure, retornar a Saussure.....	50
2.1 Leitura do pé da letra ou que é “ler Saussure”?	51
2.2 A escrita de Saussure	56
2.3 A letra de Saussure	66
Capítulo 3 O dentro e o fora da língua: a escrita insiste	73
3.1 O lugar da escrita na linguística: <i>les cours, le Cours</i>	74
3.2 A escrita como representação da língua.....	76
3.2.1 Um parêntese sobre a representação	78
3.3 Uma representação que manca.....	89
Capítulo 4 Da escrita à fonologia: literalização e formalização da língua.....	100
4.1 A fonologia no percurso acadêmico de F. de Saussure	103
4.2 A literalização e a ciência moderna.....	110
4.3 O CLG e uma escrita fonológica.....	114
Capítulo 5 De uma outra relação entre língua e escrita.....	122
5.1 “Esse outro sistema de signos que é a escrita”: entre a analogia e a homologia.....	126
5.1.1 Homologia não é analogia	134
5.1.2 Homologia e analogia em F. de Saussure	144
Capítulo 6 A semiologia como campo possível: a escrita ex-siste.....	154
6.1 Dos efeitos do pertencimento a um campo: a ex-sistência.....	154
6.2 A semiologia, “um fora que não é um não dentro”	160
Capítulo 7 Do que se escreve e do que não se escreve da língua	171
7.1 Uma matéria que insiste	175
7.2 A formalização em Saussure	180
7.3 Do que não cessa de não se escrever	186
Da “conclusão mais geral que se impõe”	189
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	193
<i>Corpus</i> Saussuriano	193
Traduções do Cours de linguistique générale consultadas	194
Obras gerais	194
ANEXOS	205
Anexo A: Tabela comparativa dos sumários do terceiro curso, da CS e do CLG.....	206
Anexo B: Transcrição do CLG-E referente à página 24 do CLG-br	208
Anexo C: Transcrição do CLG-E referente às páginas 138 e 139 do CLG-br	210
Anexo D: Originais das traduções presentes no corpo do texto.....	212

O içar das velas

Começamos do começo: do título. Estampar na primeira página a coordenação “Ferdinand de Saussure e seu saber-fazer com a escrita” indica, de início, duas propostas: i. o mestre genebrino faz algo com a escrita; e ii. esse fazer não é um fazer qualquer, mas um *saber-fazer com*. A primeira proposta estenografa todo um debate que se estabelece sobre a leitura do *Curso de linguística geral* (CLG) no que diz respeito à forma como Saussure articula língua e escrita e que será discutida ao longo da tese. A segunda diz da forma como – e de onde – participaremos desse debate.

Savoir-faire avec. A expressão é tomada de Lacan, quando, em 26 de junho de 1973, na última aula de seu seminário, ao criticar uma certa leitura que foi feita de seu aforismático “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, o psicanalista enuncia: “Mas o inconsciente é um saber, um saber-fazer com a língua” (1972-1973 [2008], p. 49). O contexto da formulação nos é bastante significativo e merece algumas palavras.

O seminário XX, *Encore*, ao qual nos referimos, caracteriza o momento em que a linguística passa a ocupar um outro lugar na reflexão lacaniana. Se para voltar a Freud era fundamental que se o fizesse via Saussure e a linguística estrutural, um trajeto percorrido por Lacan durante os anos de 1950 e 1960, o seminário XX marca um movimento de afastamento que já vinha se desenhando desde alguns anos antes. Milner (2000 [2016]) apresenta dois pontos como hipótese para o movimento de Lacan, o primeiro diz respeito ao nome ciência e ao fato de a linguística ter portado esse nome; o segundo diz respeito à linguagem. Para o autor, os anos em que Lacan se aproxima da linguística estão relacionados com a retomada do programa cientificista de Freud, mas sob novas bases. “A relação da psicanálise com a ciência da natureza é reexaminada, salvo que a noção de natureza mudou e que o conceito de ciência foi redefinido” (ibid., p. 39), diz Milner, e, nesse sentido, a ciência linguística era crucial. Ela fornecia as bases para um galileísmo estendido à cultura regido pelo significante e por sua essência negativa e diferencial.

No que diz respeito à linguagem, ainda seguindo Milner, a linguística forneceria as bases para que Lacan sustentasse o axioma freudiano *isso fala* e o desdobrasse em *jamais isso se cala*: “Que jamais isso se cale, seria isso – maldição ou felicidade – que, no final das contas, o nome *linguagem* estenografa. Lacan chegou a isso inicialmente pela via do *isso fala*, onde a linguística se

¹ Preferiremos a tradução de Haroldo de Campos, *lalíngua*, à tradução presente nas obras de Lacan em português, *alíngua*. É interessante o comentário que Haroldo de Campos (1989 [1995]) faz a respeito de sua transcrição de *lalangue*. Para o poeta, o prefixo *a-* da tradução habitual ao português sugere uma negação da língua (da mesma forma como *afásico*, *apático*) enquanto que em *lalíngua* temos a referência ao grego *laléo*, que “tem as acepções de ‘fala’, ‘loquacidade’ e ao latim *lallare*, verbo onomatopaico que significa ‘cantar para fazer dormir as crianças’”. É evidente que toda tradução implica uma perda, e a perda de Campos é o efeito causado pela aglutinação do artigo ao substantivo “*lalangue*, em uma só palavra” (Lacan, 1971, p. 6), e que gramaticalmente dificulta a determinação “*la lalangue* (?)”, característica de *lalíngua*, que não faz um, como trataremos logo abaixo.

revelou decisiva, unicamente por sua possibilidade, muito mais do que por seus teoremas próprios” (ibid., p. 52). O afastamento de Lacan se dá quando passa a articular ao *isso fala* um *está escrito*, que o conduziu ao ideograma e ao hieróglifo “na medida em que eles não mostram, mas dizem” (ibid., p. 52).

Milner aponta, entretanto, no final de seu texto, que tanto o *isso fala* quanto o *está escrito* só podem se sustentar na linguagem, “pois isso só existe nesse regime, quer se trate de um falar, quer se trate de um está escrito” (ibid., p. 52), o que nos leva a crer que o afastamento de Lacan diz mais a respeito de uma limitação da própria linguística e do que esta toma por objeto que da linguagem. É justamente isso que lemos no seminário de 1972-1973 ([2008], p. 22):

se consideramos tudo que, pela definição da linguagem, se segue quanto à fundação do sujeito, tão renovada, tão subvertida por Freud, que é lá que se garante tudo que de sua boca se afirmou como o inconsciente, então será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isto de linguisteria. [...] Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística.

O deslocamento de Lacan, importante ser dito, não invalida ou desautoriza o que formulou anteriormente. Ao contrário, é por ter percorrido tal trajeto que Lacan dá o passo rumo à sua linguisteria e pode enunciar que o inconsciente é um saber-fazer com lalíngua.

O termo *lalangue* é da mesma época, novembro de 1971, e surge a partir de um lapso de Lacan durante seu seminário realizado na capela do Hospital psiquiátrico de Sainte-Anne. Ao dizer² “Vocabulário de Psicanálise”, em referência à obra de Laplanche e Pontalis, o significante “psicanálise” é suplantado por “filosofia”: “Que foi que eu disse? Vocabulário de Psicanálise! Vocês veem o lapso, não? Enfim, isso vale o Lalande”³ (p. 6) De *Lalande* (editor do Vocabulário de filosofia), Lacan desliza para *lalangue*:

‘Lalangue’, como eu a escrevo agora – não tenho um quadro negro ... bem, escrevam: Lalangue em uma só palavra – é assim que a escreverei de agora em diante. Veja como eles são cultos! [risos] Então não se ouve nada! É a acústica? Vocês podem, por favor, fazer a correção? Não é um “de” é um “gue” (p. 6)^b.

É dessa forma que Lacan forja o termo que será fundamental para pensar a linguagem na psicanálise a partir de uma via em que o papel da linguística será minimizado. Nesse sentido, lalíngua, num primeiro momento, nos permite pensar o “fala” de “isso fala” de um lugar em que o

² Como aponta Lemos (2015, p. 40-41), a versão estabelecida por Jacques-Allan Miller a qual podemos ler, em nossa língua, editada pela Zahar sob o título *Estou falando com as paredes* (1971-1972 [2011], p. 18-19), transcreve o ocorrido de outra maneira, atribuindo o lapso a algum ouvinte. Optamos pela edição estabelecida pela École lacanienne de psychanalyse.

³ Esta e todas as demais referências em língua estrangeira têm tradução nossa. Devido à grande quantidade de citações por nós traduzidas de outras línguas, optamos por alocar os originais em uma seção anexa (Anexo D). Dessa forma, trabalharemos com dois esquemas de notas: as alfabéticas farão referência aos originais presentes no anexo; as notas de rodapé, por sua vez, serão numéricas e conterão informações e comentários referentes ao próprio texto. Acreditamos que assim reduziremos as interrupções que as notas causam no texto e que gera um desconforto na leitura.

“isso”, a coisa freudiana, não se exclui, ou seja, de um lugar que não o da linguística. Apenas para situar o leitor menos familiarizado por ora – pois voltaremos à questão posteriormente – lançaremos mão de uma formulação de Milner (1978 [2012]) que delinea o que para nós mais interessa no que diz respeito à lalíngua: “Lalíngua é, em toda língua, o registro que a fada ao equívoco” (p. 21). A formulação milneriana, bastante condensada, se presta a alguns desdobramentos, dos quais mencionamos dois que nos serão importantes agora: i. lalíngua impede que uma língua seja idêntica a si mesma e ii. é por considerar a hipótese de lalíngua que um saber da ordem do discurso da ciência não se sustenta, pois há sempre algo que não cessa de não se escrever, algo da ordem do real na língua que faz frente a qualquer discurso que se pretenda unificante.

Retornemos à última aula de 1973 para podermos seguir adiante. Para Lacan, a linguagem não existe, antes, ela “é o que se tenta saber concernentemente à função de lalíngua” (LACAN, 1972-1973 [2008], p. 149). Ou seja, trata-se de uma apreensão, a partir do discurso científico, disso que Lacan sustentou enquanto lalíngua. Tal apreensão falha justamente naquilo que ela exclui a fim de se manter no campo da ciência, o inconsciente.

A linguagem, sem dúvida, é feita de lalíngua. É uma elucubração de saber sobre lalíngua. Mas o inconsciente é um saber, um saber-fazer com lalíngua. E o que se sabe fazer com lalíngua ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem (ibid., p. 149).

No trecho acima, Lacan pontua o que cabe a cada campo: à linguística, a linguagem, essa *elucubração de saber sobre lalíngua*, mas de que o inconsciente está excluído; à psicanálise (e à linguística que lhe interessa), o inconsciente, *um saber-fazer com lalíngua*. A distinção aqui é radical: de um lado, um “saber sobre”, portanto um saber próprio ao discurso científico, um saber ao qual o inconsciente não se submete; de outro lado, um “saber-fazer com”, um saber que tem a ver com uma prática, uma experimentação, ou, como diz Leite, “*saber-fazer com* implica uso/*usage*” (2015, p. 85, destaque da autora). Não estamos afirmando aqui que não haja, na psicanálise, um “saber sobre”, ou seja, algo que circule no discurso da ciência. O que estamos buscando enfatizar é a particularidade de a psicanálise ter inaugurado a via de um “saber-fazer com”, uma via que não elimina o “saber sobre”, tampouco o complementa, uma vez que se trata de registros distintos.

Concordamos com Nicolas Guérin (2013, p. 29) quando afirma que

o saber implicado no saber-fazer não é a episteme. Não é transmissível pela teoria e excede o que dele se diz como a ideia que se pode fazer dele. Não que ele não se transmita, mas ele apenas se torna transmissível pelo uso concreto que é feito dele, um uso que engaja o corpo. O saber do saber-fazer é, portanto, um “saber manejável”. Ele não é,

assim, o conhecimento e se mostra furado pelo objeto que constitui seu suporte [enforme]^{4c}.

Ao atribuírmos a Saussure um “saber-fazer com a escrita” apostamos numa leitura – que se pretende sustentada ao longo da tese – de que o saber de Saussure que produz deslocamentos em sua obra é seu saber-fazer com, que, como disse Guérin, nada tem de conhecimento, de apreensível. Não se trata do que Saussure sabe sobre a escrita (claro, esse saber entra em jogo, mas é periférico), e sim fundamentalmente do que ele *sabe fazer com* ela, um certo uso que Saussure faz da escrita e que escapa à episteme. Um saber que não se confunde com o conhecimento e, portanto, não se traduz em *know-how*. Para a versão em inglês de nosso título, nos valem do paralelo estabelecido por Azevedo (2015, p. 30) ao elaborar sobre a escrita de Lacan, uma escrita, segundo a psicanalista, que não apenas faz, mas faz fazer: “Em minha língua, esse ‘faz fazer’ aproxima-se da expressão inglesa ‘to make do with’, isto é, ‘se virar com isso [e com Isso], na falta de outra coisa’. Um feliz paralelo para o nosso *savoir-faire*, que nada tem a ver com o *know how*, como sabemos” (a inserção entre colchetes é da autora).

Trata-se, enfim, de um insabido que sabe, *l'insu qui sait*, em que se ouve também o *insucesso*.

Do título, mais um passo. O subtítulo. “ou do que se circunscreve de um enigma”. A coordenação alternativa introduzida pelo *ou* não se presta à relação de exclusão de “a bolsa ou a vida” ou mesmo à de alternância. Trata-se de uma adição, de modo que o *sub* do subtítulo só nos serve de subterfúgio para termos dois títulos. Ao parearmos os enunciados-títulos, algumas outras proposições podem ser feitas tanto sobre o saber-fazer de Saussure quanto sobre a escrita. A escrita faz enigma para Saussure e seu saber-fazer com diz da constituição da própria ciência linguística, de sua delimitação.

Foi sob essa chave que encontramos um caminho para ler Saussure, um caminho em que a psicanálise comparece por um atravessamento, um *afetamento*, que marca um lugar de onde se lê o que está escrito. Em outras palavras, esta não é uma tese de psicanálise nem sobre psicanálise. Trata-se de uma tese em linguística afetada pela psicanálise. Afetada, pois minha inscrição nesse campo – minhas leituras em psicanálise e as transferências de trabalho que se formaram nesse percurso – produzem efeitos na forma como me propus a ler Saussure. E esses efeitos se apresentam por algumas vias distintas que merecem ser apontadas:

⁴ O termo “enforme” utilizado por Guérin não consta dos dicionários (nem Littré, nem o do CNRS) e é atribuído a Lacan, sem, entretanto, nos indicar uma referência. Localizamos uma ocorrência do termo em manuais de corte e costura (e não é disso mesmo que se trata!?) e designa a estrutura rígida que dá forma e sustentação para golas, colarinhos e ombreiras.

- i. a psicanálise comparece enquanto método de leitura, leremos Saussure com Lacan. Se o genebrino foi fundamental para que Lacan retornasse a Freud, com Lacan retornaremos a Saussure. Isso implica dizer que nossa leitura trabalhará com a hipótese do inconsciente, com os desdobramentos lacanianos do que Saussure chamou de significante e do qual Lacan, a partir de seu encadeamento, localizou o sujeito enquanto efeito.
- ii. a psicanálise comparece ao fazermos uma leitura do movimento de estabelecimento do texto do CLG enquanto transmissão da letra de Saussure, o que nos afasta de uma busca por um Saussure original, do que ele tenha dito, de um suposto “verdadeiro Saussure”, e nos coloca no horizonte o que se transmite de uma fala.
- iii. a psicanálise nos convoca ainda a partir de seu arcabouço teórico sobretudo no que tange à escrita, baliza fundamental da *talking cure* freudiana (a decifração do *rébus*, a inscrição no bloco mágico) e que em Lacan encontra uma produtividade clínica e teórica gigantesca (a instância da letra, a escrita chinesa, a formalização).
- iv. a psicanálise nos convoca ainda pelo uso que faz da topologia. Como será melhor detalhado ao longo da tese, traremos alguns elementos da topologia para pensar o movimento da escrita em Saussure. Esses elementos, porém, serão tomados já a partir desse uso que a psicanálise faz, inclusive de seus desdobramentos, como a noção de ex-sistência proposta por Lacan e que será central para nosso trabalho.

Os pontos i. e ii. serão mais bem detalhados em nosso segundo capítulo “Ler Saussure, retornar a Saussure”. Os pontos iii. e iv. se farão presentes ao longo de toda a tese.

Essas diferentes vias pelas quais percorrem os efeitos desse afeto podem ser sintetizados pelo “contato constante” entre linguística e psicanálise na medida em que a linguagem importa a ambos os campos. Nesse sentido, concordamos com Milner (1992 [2010], p. 2) quando afirma que a psicanálise se constitui nos limites da linguística “uma vez admitido, contudo, que ao dizer limite, diz-se também contato constante”. O termo forjado por Lacan, *linguisteria*, nomeia essa relação, uma “relação de proximidade e de heterogeneidade absoluta” (ibid., p. 2).

Em um texto posterior, Milner (2000 [2016], p. 42) faz uma leitura interessante do neologismo laciano. Não seria a partir de “linguística” que derivaria o novo significante, mas de “linguista”:

Ao inventar o nome ‘linguisteria’, Lacan convida a psicanálise a se lembrar incessantemente que, quanto a quem a autoriza – o *factum loquendi*, o fato de que haja linguagem – existem não apenas os escritores, tão caros a Freud, mas também alguns linguistas [...] Daí decorre que ‘linguisteria’ seja formada a partir do nome ‘linguista’, mediante um sufixo frequentemente reservado a grupos cujos membros são dispersos, desprezados, rivais uns dos outros e condenados a uma velhice deplorável: escroqueria,

galanteio, pedantismo, plágios⁵. Ciência ou não, a linguística conta menos como tal do que como aventura de alguns sujeitos.

A psicanálise, dessa forma, convoca o linguista, não a linguística, a sustentar seu desejo, a “articular as vias através das quais um ser falante pode se inscrever como suporte de uma ciência cujo terreno é aquilo que faz com que haja ser falante, e que tem como objeto alguma região desse terreno” (MILNER, 1978 [2012], p. 12). É essencialmente nesse ponto que a psicanálise me afeta e me *efeita* linguista e, dessa forma, impõe para além de um saber sobre a linguagem, um saber-fazer com ela, tal como dissemos mais acima, um *insabido que sabe*, um insucesso. Afinal, como diz Saussure nos manuscritos sobre a dupla essência da linguagem, ao colocarmos o pé no terreno da língua, estamos abandonados por todas as analogias do céu e da terra.

Se a psicanálise põe em cena o fracasso do linguista – não há Um da língua – são esses fracassos que interessam à psicanálise. “[...] esses sujeitos [os linguistas] queriam que ela fosse ciência e que apenas esse querer podia animá-los com força suficiente [...]. Nesse registro, a linguística continua contando, porque seus aventureiros, devido ao seu fracasso, muito mais que por seu êxito, tocaram em alguns recifes de real” (MILNER, 2000 [2016], p. 42).

Desse lugar, do aventureiro que fracassa, que içaremos as velas (apesar do alerta do mestre, insistimos na analogia mundana) e nos lançaremos na leitura de Saussure. De onde tocaremos, é apenas num só depois que recolheremos alguns efeitos. Lançar-se ao mar (da língua) é temeroso e talvez por isso o *eu* vacile. Houve, na escrita da tese, uma oscilação entre a primeira pessoa do singular e a primeira do plural. Foi apenas num segundo momento, no de leitura, que essa dissonância de vozes *me/nos* chamou à atenção. Há um *nós* que compreende tanto um trabalho repleto de trocas, quanto um *nós* que se sobressai a um *eu* um tanto inseguro, há ainda um *nós* que é um convite ao leitor em tomar parte no percurso. Entretanto houve momentos em que o *eu* se impôs de tal forma que o *nós* seria inviável. Entre a coesão formal, que apagaria algumas dessas vozes, e a dissonância, optamos pela segunda.

⁵ O termo no original, que a tradução brasileira suplanta por “plágio”, é “piraterie”, como lemos também em texto de 1995 reimpresso em Milner, 2002: “é crucial compreender que esse nome é formado como um nome de artesanato (respeitável: carpintaria, padaria etc., ou depesado: pirataria, escroqueria, trapaça [tricherie] etc.) e sobre a palavra *linguista* mais que sobre a palavra *linguística*”^d (p. 149 – itálicos no original).

Introdução

*Para os antigos, gregos e latinos, a escrita existe, e pode legitimamente existir, porque a voz humana é essencialmente 'escrivível'.
Concepções sobre a escrita na Roma Antiga
Françoise Desbordes*

Instituir as gramáticas quinhentistas como ponto central para introduzirmos alguns elementos da história da escrita⁶ que nos serão úteis ao longo da tese nos pareceu produtivo por algumas razões: i. elas estão a meio caminho (não cronológico, mas de deslocamentos teóricos) entre as concepções de escrita dos gregos e latinos e daquele que será o tema de nossa tese, Ferdinand de Saussure; ii. é dessa época a invenção da prensa de tipos móveis, instrumento que causa profundas transformações no mundo das letras; iii. trata-se de um ponto familiar, o estabelecimento das primeiras gramáticas de língua portuguesa, mas também de um estranhamento, uma estrangeiridade causada quando nos deparamos com uma língua e uma escrita em que nos reconhecemos e nos afastamos a cada letra lida. Um *Unheimliche* que aponta para “tudo o que, estando destinado a permanecer em segredo, sai à luz”^{7a}, definição que Freud (1919 [2008], p. 225) recupera de Schelling para pensar aquilo de novo, estranho, que se apresenta na repetição, no que é familiar.

Nesse período em que se iniciam as formações dos Estados Nacionais na Europa e as grandes navegações, seguidas das invasões sobretudo portuguesas e espanholas às Américas, à África e à Ásia, inicia-se também a produção de gramáticas de línguas vernáculas, tendo como precursora a *Gramatica de la lengua castellana*, de Antonio de Nebrija, de 1492. Soma-se a esse cenário, e circunscrevemos nosso texto na história do ocidente, a invenção e a popularização da prensa de tipos móveis de Gutemberg (1450) que, além de impulsionar de maneira ainda nunca vista a difusão de livros, teve papel importante na relação do leitor com o saber – apagando a figura do copista – e com o livro, agora mais acessível, e, mais especificamente, na própria conceituação de letra. Segundo Flusser, “a tipografia mostra que os tipos não são formas invariáveis ‘eternas’ (como queriam Platão e os realistas medievais), mas, ao contrário, que elas podem ser modeladas, aprimoradas e rejeitadas. [...] Um impresso é uma coisa típica e não coisa particular, incomparável, singular” (Flusser, 2010, p. 65).

Ao trabalhar com gramáticas, vale ressaltar, na esteira de Auroux (1992), que as entendemos como uma tecnologia metalinguística⁷, tal como o dicionário, de um processo que visa

⁶ Uma história da escrita que se restringirá ao mundo ocidental.

⁷ A metalinguagem, entendida aqui a partir de Auroux (1992, p. 16): “O saber linguístico é múltiplo e principia naturalmente na consciência do homem falante. Ele é *epilinguístico*, não colocado por si na representação antes de ser *metalinguístico*, isto é, representado, construído e manipulado enquanto tal com a ajuda de uma metalinguagem (elementos autonômicos e nomes para os signos)”. Mais adiante, passaremos a uma outra noção de metalinguagem, a partir de Lacan.

a descrever e instrumentar uma língua, processo que o autor denomina gramatização. Nesse sentido, a gramática, sobretudo nesse período, exerce um enorme caráter político, seja na construção de uma identidade nacional e na legitimação dos Estados nascentes, seja na colonização resultante das navegações em que se visava impor um saber linguístico aos povos colonizados, seja ainda na descrição e instrumentalização das novas línguas encontradas, que, depois de gramatizadas, eram postas a serviço da doutrinação religiosa.

É a partir desses pontos que agora sublinharemos algumas questões apresentadas nas gramáticas de Fernão de Oliveira, a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de 1536, e na de João de Barros, a *Grammatica da lingua portuguesa*, de 1540.

Em uma análise geral das duas obras, percebe-se a importância dada às letras e à ortografia. Dos 50 capítulos da gramática de Fernão de Oliveira, 16 são dedicados às letras e à forma como são pronunciadas. É interessante observar que Oliveira, diferentemente de Nebrija e de Barros, ao transportar as letras latinas para a escrita portuguesa propõe a criação de novas letras para que possam escrever os sons inexistentes no latim e presentes no português. Além disso, sua gramática apresenta uma descrição bastante apurada da produção dos sons das letras, antecipando em alguns séculos as preocupações da fonética e da fonologia, surgidas no final do século XIX.

Já Barros, mais ligado ao cânone, respeita as divisões clássicas da gramática. Nota-se também uma preocupação conceitual além daquela descritiva-institucional. Em sua obra, após uma introdução sobre o que é a gramática e quais suas partes, o autor dedica um capítulo para conceitualização da letra, reservando um apêndice para a ortografia, que ocupa 20 das 97 páginas da obra, e em que os atributos sonoros das letras são bem menos detalhados, muitas vezes inexistentes. Sua preocupação maior parece ser a fixação de uma grafia padrão do português.

Vejam os que escrevem:

¶ *Capitolo seysto.*

Letra e figura de voz estas diuidimos em cõsoantes e vogaes. as vogaes tem em sy voz: e as consoantes não se não junto cõ as vogaes. Como 'a' que he vogal: e 'b' que he cõsoante: e nam té voz ao menos tão perfeyta como 'a' vogal. ¶ As figuras destas letras chamão os Gregos caracteres: e os latinos notas: e nos lhe podemos chamar sinaes. Os quaes hão de ser tantos como as pronüiações a q os latinos chamão elementos: e nos as podemos interpretar fundametos das vozes e escritura. [...] nos diremos q de nos aos latinos ha hi muita diferença nas letras: porq també a temos nas vozes: e não he muito pois somos bem apartados em tempos e terras: e não somente isto: mas hũa mesma nação e gente de hũ tempo a outro muda as vozes e també as letras.

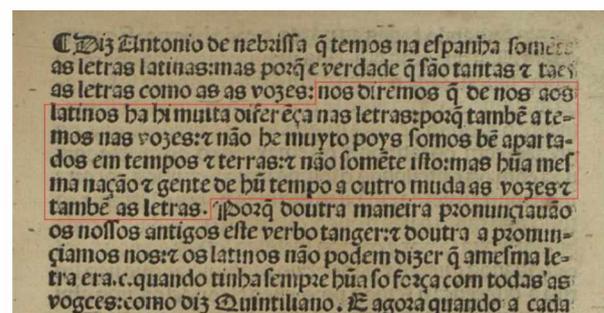
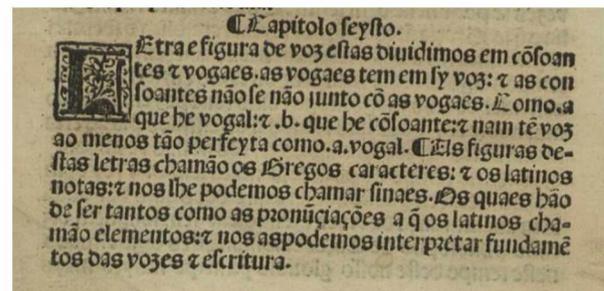
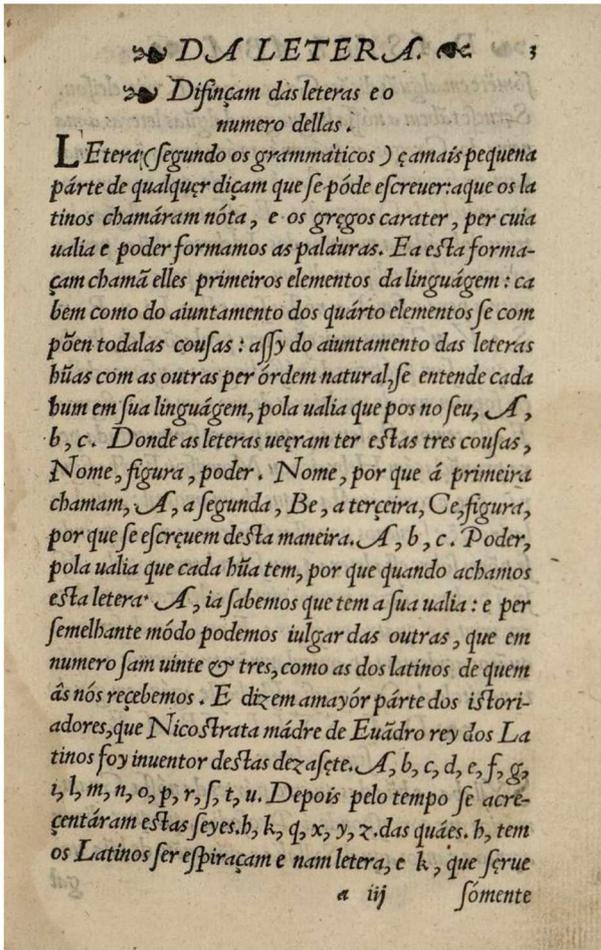


Figura 1 OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: casa d'Germão Galharde, 1536. p. 16-17.



DA LETERA

Difinçam das letras e o numero dellas.

*Letera (segundo os grammaticos) ç amais pequena pârte de qualquer diçam que se pôde escreuer: a que os latinos chamâram nôta, e os gregos carater, per cuja ualia e poder formamos as palâuras. Ea esta formaçam chamã elles primeiros elementos da linguágem: ca bem como do aiuntamento dos quáto elementos se compõem todalas cousas: assy do aiuntamento das letras hûas com as outras per ordem natural, se entende cada hum em sua linguágem, pola ualia que pos no seu, *A*, *b*, *c*. Donde as letras uegram ter estas três cousas, Nome, figura, poder. Nome, por que á primeira chamam, *A*, a segunda, *Be*, a terceira, *Ce*, figura, por que se escreuem desta maneira. *A*, *b*, *c*. Poder, pola ualia que cada hûa tem, por que quando achamos esta letera *A*, ia sabemos que tem a sua ualia: e per semelhante módo podemos iulgar das outras, que em numero sam uinte e três, como as dos latinos de quem âs nós recebemos. [...]*

Figura 2 BARROS, João de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540. p. 09.

Barros ainda escreve que nos utilizamos de letras também à maneira dos gregos, “as quâes nós te óra temos e voz, mas nam em figura: e sam estas á e ó” (ibid., p. 10) ou ainda as que temos dobradas, “a maneira dos Hebreos” (ibid., p. 10). O texto segue falando de outras letras que a língua portuguesa possui em poder mas não em figura e vice-versa, de modo a concluir que “Assim q podemos dizer, termos uintatres letras em poder e trinta e quáto em figura” (ibid., p. 10). No apêndice dedicado à ortografia (p.83-103), entretanto, a conta é outra: 33 em figura e 26 em poder. Há sempre sons demais e letras de menos e, ao mesmo tempo, o inverso disso, do que poderíamos dizer que há algo da língua que não se escreve.

Observamos, nas duas gramáticas, uma flutuação no conceito de letra. Se, para Oliveira, deve haver uma voz para cada figura, para Barros, as figuras ganham poder dependendo da língua em que o alfabeto é empregado. Tal noção leva o primeiro a propor novos caracteres para sons próprios do português enquanto que Barros apenas aponta letras carentes ora de poder (como o h), ora de figura (como a consoante nasal palatal vozeada, representada graficamente no português pelo nh). Em ambos, a unidade mínima da língua está ancorada no escrito, haja vista o conceito de letra ser composto por três aspectos, além do nome, a voz (ou valor, ou poder), ou seja, sua dimensão oral, e a figura (ou caractere ou nota), ligado à dimensão visível.

Essa forma de compreender a letra e a língua difere do que ocorre a partir do final do século XIX em que a letra, entendida apenas na sua dimensão visível, é posta à margem dos estudos da linguagem que voltam seus olhos exclusivamente ao caráter oral da língua. Trataremos disso sobretudo nos capítulos terceiro e quarta desta tese.

Nas gramáticas quinhentistas, tal como em Varrão e Quintiliano, a escrita apontava o limite da significação, na medida em que só teria sentido o que fosse escrevível. Na leitura de Françoise Desbordes sobre as concepções da escrita na Roma Antiga, “o que não se pode escrever, o que é, na voz, por demais ligado à própria substância para ser transposto a outra substância, não participa da significação” (1990 [1995], p. 98). Ainda segundo a autora, “qualquer que seja a relação das unidades da voz com as unidades da significação, fica claro, em todo caso, que será também a das unidades da escrita, visto que a voz é escrevível” (ibid., p. 99).

Esta nossa breve leitura das gramáticas não visa de forma alguma a uma proposta despropositada de retorno à noção quintiliana de letra. O que nos parece pertinente é observar o que se exclui ao tirar a escrita da cena dos estudos linguísticos: a ideia de escrevível. E por escrevível entendemos tanto isso que se justifica quando da exclusão da escrita, ou seja, o fato de a escrita representar os sons da língua, mas sobretudo sua dimensão de alteridade que impõe ao sujeito uma nova forma de lidar com isso que o constitui humano, a língua.

Esse nosso início pelas gramáticas buscou destacar a profunda (e incontornável) relação entre a escrita e a construção de um saber sobre a língua, ou seja, entre a língua e a escrita. Benveniste nos diz, em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, que os inventores dos alfabetos modernos se provam fonematistas por excelência por observarem que “sons variados que se pronunciam reduzem-se a um número muito limitado de unidades distintivas que deviam representar-se por um número igual de unidades gráficas” (1963 [2005], p. 26). Cinquenta anos antes, lemos formulação semelhante saída da pena de Meillet, em uma pequena resenha ao texto de Baudouin de Courtenay sobre as relações entre a língua e a escrita russa e publicada no *Bulletin de la Société de Linguistique*. Diz o francês: “os homens que inventaram e aperfeiçoaram a escrita foram grandes linguistas, e foram eles que criaram a linguística”^b (t. XVIII, 1912-13, p. CXIV). Os efeitos de tal formulação podem ser observados quando, por exemplo, o linguista francês Marcel Cohen o retoma na epígrafe do livro que se tornará obra incontornável para o estudo da escrita, *La grande invention de l’écriture et son évolution*, publicado em 1958. O mesmo trecho de Meillet reaparece também na *Histoire de la linguistique* (1967 [1970]), de Georges Mounin. Em sua *História*, Mounin ressalta o pioneirismo da hipótese de Meillet, “É sem dúvida Meillet que, em um *compte rendu* de treze linhas, primeiramente sugeriu essa via de abordagem capital para a ‘pré-história’ da linguística”^c (p. 39-40).

Ao buscarmos a resenha de Meillet, encontramos uma espécie de síntese do que leremos no capítulo VI da Introdução do CLG:

Os linguistas, inevitavelmente dominados pela escrita (os homens que inventaram e aperfeiçoaram a escrita foram grandes linguistas, e foram eles que criaram a linguística), não sabiam refletir suficientemente sobre a maneira em que toda notação falha, por sua própria natureza^d (1912-13, op. cit.).

A escrita, tanto em Saussure como em Meillet, naquele início de século, é o que ao mesmo tempo permite e impede o trabalho do linguista. De um lado, é pela escrita que o linguista pode ter acesso às diversas línguas, uma vez que “é impossível fazer abstração dum processo por via do qual a língua é ininterruptamente representada [*figurée* no original]” (CLG-br, p. 33), sendo ela o *gesto original, criador* da linguística. De outro, “a escrita obscurece a visão da língua; não é um traje, mas um disfarce” (ibid., p. 40), uma notação que, *por sua própria natureza*, falha em representar.

O epistemólogo francês, Sylvain Auroux, dedicado à reflexão sobre a história das ideias linguísticas, confirma e expande a visão de Meillet no sentido de que o “limiar da escrita” é fundamental para a história das representações linguísticas. Em *A revolução tecnológica da gramatização*, o autor observa que há passagem do epilinguístico ao metalinguístico em comunidades orais (como a surgimento de palavras metalinguísticas como falar, cantar, gritar etc.), entretanto, “não encontramos em nenhuma civilização oral um corpo de doutrina *em relação* com as artes da linguagem, mesmo onde podemos observar que certos indivíduos são especializados no papel de tradutores ou ‘poetas’” (AUROUX, 1992, p. 18 – destaques no original). Nesse sentido, a escrita é entendida pelo autor como um processo de objetivação da linguagem, em suas palavras, uma “representação metalinguística considerável e sem equivalente anterior.” (ibid., p. 20)

O autor deixa clara sua posição de que, mesmo sendo a escrita uma condição de possibilidade para o saber linguístico, a origem de um saber sobre a linguagem não se resume ao surgimento da escrita. O que a escrita introduz é a linguagem enquanto alteridade. Não é a escrita em si que “faz deslanchar verdadeiramente a reflexão linguística”, mas a alteridade que a escrita possibilita: “o florescimento do saber linguístico tem sua fonte no fato de que a escrita, fixando a linguagem, objetiva a alteridade e a coloca diante do sujeito como um problema a resolver” (ibid., p. 23).

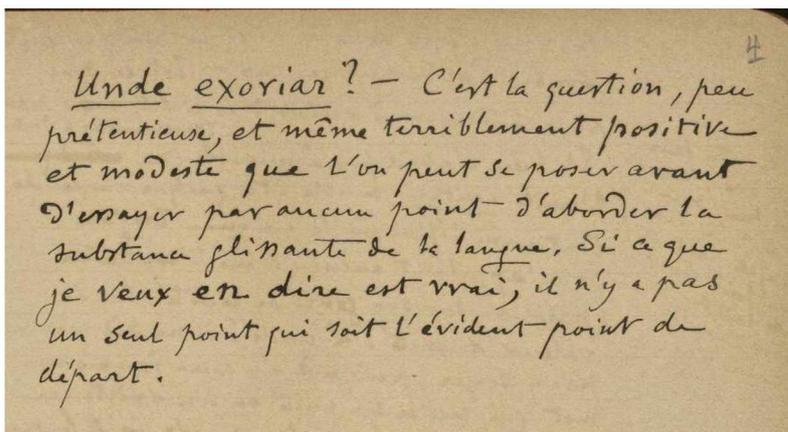
Posição semelhante podemos ler nas últimas lições de Benveniste no Collège de France em que o autor, num semestre de curso dedicado inteiramente à questão, afirma que “a escrita, e mais particularmente a escrita alfabética, é o instrumento da *autossemiotização da língua*.” (1969 [2014], p. 155 – destaque no original). Ou seja, é a escrita, ao tornar a língua um objeto, que possibilita a reflexão metalinguística. As formulações de Benveniste (a escrita autossemiotiza a língua) e de Auroux (a escrita instaura a alteridade na língua) são valiosas, nos acompanharão ao longo da tese

e decantarão, no capítulo quinto, sob a forma do enunciado “a escrita ex-siste”, sendo a “existência” uma noção lacaniana que será desenvolvida mais adiante.

Esses excertos, trazidos neste momento apenas como recurso introdutório, indicam um ponto comum entre o a escrita e as reflexões sobre as línguas e a linguagem. É a partir dessa relação entre escrita e produção de saberes sobre a língua que construiremos as questões que sustentarão nossa tese. **Quais relações se estabelecem entre escrita e língua que permitem a afirmação de que “a escrita é o instrumento de autosemiotização da língua”?** Dessa questão, desdobram-se algumas outras que, ao passarmos por elas, podemos trazer algumas considerações acerca de nossa questão central. São elas: **a.** há uma relação que seja de representação entre língua e escrita? – que se desdobra em **i.** a escrita representa a língua? e **ii.** há um para-além da representação na relação entre língua e escrita?; **b.** a escrita é uma metalinguagem?, e **c.** a escrita, tal como a língua, é um sistema de signos?

Para respondermos nossa questão central, é necessário, antes, nos dedicarmos à outra. De onde começar? Da passagem do grafismo aos primeiros pictogramas? Da passagem dos pictogramas às escritas alfabéticas? Da reformulação do alfabeto pelos gregos? Das especificações gráficas promovidas pela difusão das línguas vernáculas? Das reformulações impostas pela tipografia? Do papel da escrita para o estudo do indo-europeu no século XIX? Ou de seu abandono, no mesmo período, com os estudos das línguas ágrafas, sobretudo ameríndias, e dos dialetos locais? Da publicação do *Curso de linguística geral*, em 1916, onde se lê que “Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto.” (1916 [2004], p. 34)? Do advento da informática e das novas tecnologias ditas comunicacionais que colocam o indivíduo numa outra relação com o escrito no que se refere à produção, edição e circulação de material gráfico? Ou ainda, sob uma outra perspectiva, a escrita na sua relação com o ensino, o letramento, o letramento digital?

Unde exoriar?, pergunta Ferdinand de Saussure em uma de suas folhas manuscritas, em que ensaia um contorno de resposta:



Unde exoriar? – É essa a questão pouco pretenciosa e, até mesmo, terrivelmente positiva e modesta que se pode colocar antes de tentar abordar, por algum ponto, a substância deslizante da língua. Se o que pretendo dizer a respeito disso é verdade, não há um único ponto que seja o ponto de partida evidente (ELG-br, p 241).

Figura 3 Reprodução de fragmento do manuscrito *Unde exoriar*. Conservado na BGE, sob a cota Ms. fr. 03952-4b f004.

Se, em matéria de língua, não há um único ponto de partida que seja evidente, uma vez que a língua, esse nosso objeto, é criado pelo ponto de vista (cf. CLG, p. 15), cabe-nos então delimitar de que modo, de que ponto de vista, compreenderemos a língua e sua relação com a escrita. Em um outro fragmento manuscrito saussuriano, pertencente ao conjunto de folhas denominado *Notes pour un livre de linguistique générale*, lemos que “há ⟨portanto⟩ verdadeiramente ausência ⟨necessária⟩ de todo ponto de partida”^e (Ms.fr. 3951/9 apud MATSUZAWA, 2003, p. 319). Da falta de um ponto de partida que fosse evidente à ausência necessária de um ponto de partida, Saussure radicaliza a importância do lugar do linguista diante desse objeto deslizante. O ponto de vista, assim, será o ponto do qual lançaremos nosso olhar sobre a questão que nos concerne, um lugar de amarração, lugar que, se delimita, não determina uma leitura, lugar de onde se parte e a que se pode retornar, mas cujo destino se constrói a cada passo.

Considerando que visamos refletir sobre o que vem a ser a escrita em sua relação com a língua ou, mais especificamente, sobre qual é o papel da escrita na construção do saber sobre a língua, poderíamos abordar a questão de, ao menos, dois modos distintos: **i.** historicamente, ou seja, refletindo sobre como, a partir do surgimento da escrita, saberes foram sendo erigidos e poderes estabelecidos no que diz respeito à língua, como o faz Sylvain Auroux (1992; 2004), numa relação direta com a linguística ou, sob uma perspectiva antropológica, como Gelb (1952), Cohen (1958), Goody (1977); e **ii.** sincronicamente, o que quer dizer que, tomando tanto língua quanto escrita como sistemas de signos, refletir-se-á sobre a forma como tais sistemas se relacionam possibilitando um dizer sobre a língua ou, em outras palavras, que se pensará a escrita e sua relação com a língua num mesmo e único corte temporal, de forma que se possa apreender seu funcionamento sistêmico.

Nosso ponto de vista é o segundo, a sincronia, e, para construí-lo, partimos de dois axiomas que defendemos ser contraditórios e cuja contradição explicitaremos ao longo do texto, quais sejam: **i.** a escrita é um sistema de signos; e **ii.** a escrita representa a língua. Diante desse ponto de vista, portanto, os estudos que tratam da sucessão/sobreposição/imposição dos sistemas de escrita, bem como dos aprimoramentos técnicos que contribuíram para a expansão dos sistemas gráficos, não comparecerão senão que de forma tangencial em nossa leitura. Ficam de fora de nosso escopo também as questões relativas às origens – da escrita, da língua, dos saberes linguísticos.

Definido o ponto de vista, cabe-nos agora explicitar de que fato de língua, de escrita ou, ainda, de escrita da língua que nos ocuparemos nessa tese. Na leitura da vasta bibliografia sobre o tema, localizamos um ponto na história dos saberes sobre a língua em que o papel da escrita se mostra bastante interessante e digno de análise. Trata-se do período em que as descrições linguísticas ganham cada vez mais sistematicidade, sobretudo a partir dos estudos comparados das

línguas indo-europeias, das descrições das línguas ágrafas ameríndias e do desenvolvimento de instrumentos de registro sonoro, o que impulsionou um novo campo nos estudos linguísticos, a fonologia.

O período a que nos referimos tem início em 1875, com a ascensão dos *Junggrammatiker*, os neogramáticos, e se estende até a publicação do *Curso de linguística geral*, por Charles Bally e Albert Sechehaye, a partir das aulas de Ferdinand de Saussure, em 1916. Nesse período, o papel da escrita no estudo das línguas será radicalmente alterado e esse movimento pode ser observado nos textos do linguista genebrino Ferdinand de Saussure que constituirão, enfim, nosso *corpus* de análise. Apesar de a questão fazer parte do que se poderia chamar de um espírito da época, por circular em diversos campos do saber, o gesto teórico de Saussure no que diz respeito à escrita apresenta um movimento que produzirá efeitos importantes tanto sobre a língua quanto sobre a escrita e que influenciará profundamente os estudos sobre as línguas após a publicação do *Curso de Linguística Geral*. Em poucas palavras, podemos afirmar que nossa pesquisa busca refletir sobre essa potencialidade da escrita em possibilitar uma construção sobre a língua a partir da forma como Saussure faz uso dela em seu processo de teorização linguística.

Vale ressaltar que nossa escolha por remontarmos a Saussure vincula-se mais a suas reflexões sobre a escrita do que propriamente ao papel de fundador da linguística moderna que lhe foi atribuído, papel este que manteremos em suspenso. Não desconsideramos, entretanto, que tal caráter fez com que suas reflexões sobre a escrita produzissem efeitos na linguística moderna que se desenvolveu após sua morte. Como nos diz Benveniste, retomado por Normand (2004 [2009], p. 199), “Saussure não é um começo, é outra coisa ou um outro tipo de começo”. Nosso início por Saussure, portanto, não se deve ao começo, mas à outra coisa.

É nesse sentido que abdicaremos da figura de pai fundador e mergulharemos em seus escritos e, sobretudo, em sua escrita, como nos sugere Claudine Normand na abertura do número 49 da revista *Langage* dedicada ao genebrino:

Por que Saussure e que podemos fazer com ele hoje? Sabemos, em todo caso, o que não queremos fazer: nem um “pai fundador”, determinante de um ponto zero da linguística moderna, nem um ponto, mesmo que privilegiado, de uma linha contínua, em que as noções desde sempre enunciadas seriam simplesmente alocadas e sistematizadas. Assim, nós buscamos segui-lo em seus tateamentos, às vezes pouco mencionados no discurso dominante; nós buscamos – diante dos limites que ele traça, das reflexões que abre e que, para bom entendedor, são antes problemas – compreender as questões teóricas aqui desenhadas, seu escopo e seu escopo atual se iluminando reciprocamente^f (NORMAND, 1978, p. 3).

Capítulo 1 Do que se faz com a escrita na linguística e alhures

*Todo traço escrito se precipita como elemento químico
primeiramente transparente, inocente e neutro, em que a
simples duração faz pouco a pouco aparecer todo um passado
em suspensão, toda uma criptografia cada vez mais densa.^a
Le degré zéro de l'écriture.
Roland Barthes*

Como indicam as gramáticas de Oliveira e Barros, ecos de Quintiliano e Varrão, o objeto daquele que se detinha ao estudo das línguas não fazia distinção entre a palavra escrita e a palavra falada⁸, melhor dizendo, palavra escrita e palavra falada constituíam um único e mesmo objeto. Esse saber sobre a escrita é lido também na *Gramática geral e razoada de Port-Royal*, de Arnauld e Lancelot (1660 [2001]). Nela, a letra, tal como em Quintiliano, é constituída de três aspectos – o que Barros (1540) chamou de “três cousas” – o nome, a figura (ou caractere) e o poder (ou valor), em que o valor diz da propriedade da letra em representar um som. Se na gramática razoada lemos a reedição da noção clássica de letra, lemos também uma abertura:

Já dissemos que os sons foram tomados pelos homens para serem signos dos pensamentos e que eles inventaram também certas figuras para serem os signos desses sons. Contudo, embora essas figuras ou caracteres, segundo sua primeira designação, não signifiquem nada mais que os sons, os homens derivam muitas vezes seus pensamentos dos caracteres à própria coisa significada pelos sons (1660 [2001], p. 20).

A abertura, essa derivação que os homens fazem do caractere diretamente à “coisa significada” pelo som, dizem os autores, nos é útil para “ajudar a conceber o que o som significa” (ibid., p. 21), o que justificaria, em alguns casos, que não houvesse correspondência direta e unívoca entre uma letra e um som. Ao que concluem: “por aí se vê que os que se queixam tanto de que se escreve diferente daquilo que se pronuncia não têm sempre muita razão e que aquilo que chamam de abuso por vezes não é inútil” (ibid., p. 21). Apesar de um passo em direção ao descolamento da palavra escrita com a palavra falada, a proposta de Arnauld e Lancelot é fundamentada na compreensão de que as letras são uma forma de representação dos sons da língua e não um sistema com suas próprias leis internas. A escrita é, portanto, subordinada à língua. O eco de Aristóteles que se faz presente: “Há os sons pronunciados que são símbolos das afecções da alma, e as coisas que se escrevem que são símbolos dos sons pronunciados” (*Da Interpretação*, 16a 3-4).

⁸ Se nos estudos gramaticais (e vale lembrar que *grámmata* se traduz por letra em grego) a escrita compunha o objeto de quem se dedicava ao estudo da língua, na retórica, por exemplo, fala-se sobre a distinção entre o escrito e o oral. No *Fedro*, de Platão, a escrita é tematizada no diálogo entre o personagem que dá nome à obra e Sócrates, em que lemos desde o mito egípcio do deus Tot, que apresenta a escrita ao rei Tamus (274-C – 275-B), até sua função no discurso público por meio da crítica do discurso escrito de Lísias, lido por Fedro (258-D ss.). cf. DERRIDA, 1972 [2005], p. 21-42.

Foi em meados do séc. XIX que um diferente olhar sobre esse objeto começa a produzir efeitos no que se entendia por língua e por escrita. O estudo dos dialetos locais, o interesse crescente nas línguas ágrafas do novo continente e as evoluções tecnológicas no registro dos sons (CHISS; PUECH, 1983) passaram a questionar cada vez mais o papel da escrita no estudo das línguas. É nesse contexto que se insere o trabalho de Saussure e seu papel fundamental na história da escrita e da linguística – do qual trataremos ao longo de nosso texto.

Após a publicação do CLG, a escrita deixa de constituir o objeto da linguística, mas deixa também em aberto o lugar que ocupa na relação com a língua. Esse não lugar da escrita, aberto pelas leituras que foram feitas do CLG, caracterizou as reflexões sobre o tema durante todo o século XX. Se na primeira metade do século as discussões eram mais restritas, a partir dos anos de 1950 e da dispersão do estruturalismo linguístico para as demais ciências ditas humanas, o debate tornou-se mais acalorado, recolocando a escrita nas discussões de importantes pensadores da época. Em texto de 1993 intitulado “L’écriture à sa place”, o linguista Jacques Anis (1993, p. 53), cuja obra é inteiramente dedicada ao tema, afirma que

Pode-se considerar que os efeitos da ocultação do escrito pela vulgata estruturalista estão em via de serem resolvidos. As discussões conduzidas por exemplo no colóquio organizado por Nina Catach “Por uma teoria da língua escrita” em 1986 testemunham já uma “desmarginalização”, notadamente pela presença de eminentes linguistas como R. Martin ou J. Rey-Debove.^b

A ocultação pela vulgata estruturalista, nas palavras de Anis, não impediu, entretanto, alguns importantes trabalhos sobre a escrita. Em 1935, o fonologista russo Nicolai Trubetzkoy publica um texto propondo uma “ciência pura da escrita” em que se tomasse como base o método fonológico (voltaremos ao texto de Trubetzkoy em nosso quarto capítulo). O linguista praguense Joseph Vachek, a partir de sua leitura do CLG, publica em 1939 uma das primeiras e mais bem estruturadas propostas de trabalho com a escrita em que interroga a concepção representacionista de Saussure – a escrita subordinada da fala, sendo sua única razão representá-la – como sendo insuficiente para compreender seu funcionamento. O autor deixa claro, logo no início de seu texto, que a posição tomada por Saussure no CLG é compreensível, pois vem “em reação aos períodos anteriores do pensamento linguístico, em que os linguistas tinham dificuldade em se desvencilhar das letras ópticas em favor dos sons acústicos; por outro lado, tais formulações, no entanto, não dão conta dos fatos linguísticos como os vemos atualmente”^c (VACHEK, 1939, p. 112).

Afastando-se dessa compreensão da escrita em voga na escola francesa, Vachek retoma os trabalhos do linguista ucraniano Aгенor Artymovyč, “Estrangeirismo e escrita [*Fremdwort und Schrift*]” e “Língua escrita [*Pysana mova*]”, publicados em 1932, e articula a proposta deste, de que a escrita é um sistema autônomo, com os conceitos saussurianos de *langue* e *parole*. A partir de um

ponto de vista funcionalista, Vachek propõe haver uma relação semelhante entre língua e fala, de um lado, e língua escrita [*geschriebenen Sprache*] e manifestação escrita [*Schriftäußerungen*], de outro.

Para que tal analogia fosse possível, continua o autor, seria necessário precisar o conceito de *parole* de Saussure: o que para o genebrino compreende tanto “as combinações individuais, dependentes da vontade dos que falam” quanto os “atos de fonação igualmente voluntários, necessários para a execução dessas combinações” (CLG-br, p. 28), para Vachek, a *parole* corresponderia apenas ao segundo dos elementos, uma vez que o primeiro seria da ordem da língua por estar subordinado à norma, não podendo ser plenamente subjetiva. Com esse deslocamento conceitual, o linguista praguense opta então pelo termo manifestação oral (*Sprechäußerungen*) em detrimento da fala do modelo saussuriano e propõe então uma nova forma de se pensar a relação entre língua falada e língua escrita, não mais a segunda subordinada à primeira, mas uma e outra entendidas como sistemas coordenados e sem uma relação de subordinação a uma norma linguística universal [*universale Sprachnorm*]. Com esse rearranjo, a noção saussuriana de língua também é deslocada:

É absolutamente necessário distinguir “a língua escrita” (“la langue écrite”) e “a língua falada” (“la langue parlée”) como dois sistemas de norma específicos. A designação anterior “a língua” (“la langue”) não deve ser evitada, apenas seu conceito é modificado. Não o designaremos como um sistema universal abstrato, mas a soma dos dois sistemas supracitados, que são, assim, interligados, fornecendo os meios para uma única e mesma comunidade linguística os meios para assumir qualquer posição em qualquer situação^d (1939 [1976], p. 113).

Em seu livro *Written language - general problems and problems of English*, 1973, Vachek nos apresenta um panorama dos estudos sobre a escrita em linguística e mantém sua posição de autonomia da língua escrita devendo ela ser compreendida como sistema, não apenas como mero registro. “Falamos deliberadamente aqui de sistema, não meramente de uma relação, de forma que: cada grafema pertencente a esse sistema é fundamentalmente caracterizado por ser diferente dos outros grafemas desse sistema”^e (VACHEK, 1973, p. 9).

No mesmo ano, mas na Dinamarca, Louis Hjelmslev também trata do tema e inicia uma série de reflexões não apenas sobre a escrita, mas sobre a substância da língua partindo da formulação que se lê no CLG de que a língua é forma e não substância. Em nosso quarto capítulo discutiremos a proposta do dinamarquês, sobretudo em sua oposição ao que propunha Jakobson que, num texto também de 1939, sobre a estrutura do fonema, ratifica a posição dominante da época que via a escrita como subordinada à língua.

No final de 1945, André Martinet publica, no *Bulletin de la Société Linguistique de Paris*, um longo e detalhado *compte rendu* do livro de Hjelmslev lançado na Dinamarca três anos antes sob o título de *Omkring Sprogteoriens grundlaeggelse* [Prolegômenos a uma teoria da linguagem]. Em seu artigo, Martinet detalha, não sem críticas, a glossemática, “uma disciplina original, independente de

tudo o que pôde ser feito antes dela, com exceção dos trabalhos de Saussure”, “da qual Hjelmslev é o verdadeiro criador”^f (1945, p. 20). Na análise de Arrivé (1982), a qual seguiremos, os pontos fundamentais da crítica de Martinet que motivaram uma resposta por carta⁹ do linguista dinamarquês era, primeiramente, a tentativa de Martinet de inserir a glossemática na tradição funcionalista característica da fonologia do Círculo de Praga; e, em segundo lugar, a discordância com relação ao trato com a substância em que se apresentam os fatos linguísticos. Para o francês, é o som a substância primária da língua, enquanto que, para o dinamarquês, a suposta anterioridade do som não determina a forma como se analisará o fato linguístico.

No artigo, Martinet (1945, p. 40) critica a posição de Hjelmslev:

Hjelmslev é perfeitamente lógico consigo mesmo ao declarar, p. 92, que um texto escrito tem para o linguista exatamente o mesmo valor que um texto falado, pois a escolha da substância não importa. Ele se recusa mesmo a admitir que a substância falada seja primitiva, e a substância escrita derivada. [...] Não insistiremos, portanto. Mas a comparação da escrita e da fala tem algo de instrutivo por nos mostrar que uma das duas substâncias é mais propriamente linguística que a outra.^g

Ao que Hjelmslev (apud ARRIVÉ, 1986, p. 83-84) responde:

Há, sem dúvida, leis fonéticas (e semânticas) que apenas se expliquem por sua substância; da mesma forma, há, sem dúvida, leis gráficas (talvez ainda não verificadas) que apenas se expliquem pela substância gráfica; seria falso querer explicar tais fatos genéticos por uma outra substância que por aquela na qual eles surgem. [...] Deve-se prever também as influências da pronúncia sobre a ortografia e da ortografia sobre a pronúncia; a experiência não falha em confirmar essa suposição apriorística. Mas pode haver também leis glossemáticas; cenemáticas e pleremáticas que apenas se explicam pela forma.^h

Nina Catach, em artigo de 1994, ao tratar da dupla articulação na escrita, retoma a discussão de Martinet e Hjelmslev criticando a posição do primeiro em relação ao “isomorfismo” proposto pelo segundo. A crítica de Martinet é que o funcionamento da língua não se dá como a analogia saussuriana da folha de papel, em que há de um lado significante e em seu anverso o significado. A dupla articulação de Martinet propõe que “de um lado há significantes e, do outro, signos (monemas) com significante e significados simultaneamente”ⁱ (CATACH, 1994, p. 40). Isso implica, para Martinet (apud CATACH, 1994, p. 40), que a expressão esteja a serviço do conteúdo e não, como propõe Hjelmslev, em paralelismo completo.

A dupla articulação de Martinet implica de partida a exclusão da escrita, pois “é preciso excluir da linguística todos os sistemas de comunicação que mesmo articulando as mensagens em unidades sucessivas, não submetem essas mesmas unidades a uma articulação suplementar”^j (ibid., p. 41). O trabalho de Catach nesse artigo, por fim, será o de demonstrar o isomorfismo

⁹ A carta de Hjelmslev a Martinet, datada do mesmo ano do compte rendu está publicada no artigo de Arrivé supracitado.

hjelmsleviano e a propriedade também da escrita em submeter suas unidades a uma articulação suplementar.

Nosso intuito em retomar alguns elementos da discussão¹⁰ empreendida por esses dois importantes linguistas não tem, nesse momento, o objetivo de nos aproximarmos de uma ou outra teoria, mas de tentar traçar um breve panorama das reflexões em torno da escrita tributárias a Saussure.

1.1 As grandes obras sobre a escrita

No apagar das luzes da década de 1940, em 1948, o historiador francês James Février publica sua *Histoire de l'écriture*, obra que até hoje constitui uma referência no tema. Em sua exposição dos diversos sistemas de escrita conhecidos à época, bem como das hipóteses de seu surgimento, o autor evita pensar essa sucessão na via de uma evolução:

Essa exposição é voluntariamente esquemática. Na realidade, a linha de seu desenvolvimento não é nem única nem reta. Ela marcou, ao mesmo tempo, uma série de progressos, sobre os quais é inútil insistir, porque são demasiado visíveis, mas também por uma série de degradações: de meio de expressão autônomo, a escrita é rebaixada ao posto de simples substituta da fala^k (FÉVRIER, 1948 [1995], p. 11).

A perspectiva de Février nos chama a atenção para o lugar da fonetização na história da escrita. Lá onde, para os linguistas, tratava-se de um salto científico e tecnológico (os inventores do alfabeto são os primeiros linguistas, vai dizer Benveniste), para o historiador, trata-se de um rebaixamento, uma restrição do funcionamento da escrita.

Nessa obra, Février ainda apresenta uma nova hipótese ao surgimento da escrita. Apesar de renunciar a decidir qual o estado mais antigo da escrita, se a imagem realista ou o desenho geométrico, para o autor, “há, entretanto, alguns signos geométricos a propósito dos quais podemos afirmar que não resultam de uma estilização de imagens anteriores”¹ (ibid., p 23). Dentre tais signos, Février destaca aqueles produzidos pelas populações Aranda e Loritya, na Austrália, e o que chama de “o enigma aziliano”, em referência aos seixos encontrados na região francesa de Mas d’Azil, contendo signos pintados de formas geométricas que acredita ser um embrião de escrita (ibid., p. 34).

Na década de 1950, duas grandes obras sobre a história da escrita são lançadas, a de Ignace Jay Gelb (1952) e a do linguista Marcel Cohen (1958), que, juntamente com a de Février, constituem talvez a tríade incontornável de quem busca se aventurar pelo tema. A obra de Gelb, *A study of writing*, tem por objetivo “estabelecer as fundações para uma completa ciência da escrita, ainda a ser escrita” (GELB, 1952 [1995], p. 23). A essa nova ciência, o assiriólogo polonês,

¹⁰ Além dos artigos de Arrivé (1982) e de Catach (1994), outro texto que trata da interlocução de Martinet e Hjelmslev é o « Hjelmslev et Martinet : correspondance, traduction, problèmes théoriques », também de Arrivé (2001).

naturalizado estadunidense, sugere o nome de gramatologia (*grammatology*, no original), “esse termo me parece mais adequado que ‘grafologia’ que poderia conduzir a equívocos, ou ‘filografia’ (um novo termo cunhado em contraste a ‘filologia’), que não é tão preciso quanto ‘gramatologia’”^m (ibid., p. 23).

A obra de Gelb, ao mesmo tempo em que apresenta uma descrição de diversos sistemas de escrita, traz também uma tentativa de “estabelecer os princípios gerais que governam o uso e a evolução da escrita numa perspectiva comparativa-tipológica”ⁿ (ibid., p. v). No que tange à relação oral × escrito, Gelb se afasta, de um lado, dos “linguistas gerais, que definem a escrita como um dispositivo para registrar a fala [*speech*] por meio de marcas visuais e tomam a língua escrita [*written language*] como um equivalente ponto a ponto de sua contraparte falada”^o (ibid., p. 11) e, de outro, dos filólogos, “que acreditam que a escrita, mesmo depois da introdução da fonetização, era usada para o registro ou a transmissão de ambos, som e ideia”^p (ibid., p. 11). Para o autor, a escrita se tornou um dispositivo para expressar elementos linguísticos por meio de marcas visuais. Independentemente do que Gelb entenda por “elementos linguísticos”¹¹, a ênfase aqui é a não correspondência “ponto a ponto” entre as marcas visuais e os tais elementos. Tal não correspondência é demonstrada pelo autor a partir da seguinte sentença: “Mr. Theodore Foxe, age 70, died today at the Grand Xing Station” (ibid., p. 13). Gelb então explica que, à exceção das letras *e*, *o* e *d*, que correspondem cada uma a um único som, temos o dígrafo *th*, para a fricativa θ, ou ainda a letra *x*, para as consoantes [ks]. Da mesma forma, segue Gelb, o signo-palavra [word sign] 70 corresponde à palavra “seventy” assim como o símbolo-rébus [rebus-type symbol] X somado ao alfabético *ing* corresponde a “Crossing”. O autor explica:

Tanto ‘70’ quanto ‘died’ evocam as palavras correspondentes ‘seventy’ e ‘died’, e em ambos é inerente a ideia do número e da morte, respectivamente. O fato de ‘70’ ser escrito logograficamente e ‘died’ alfabeticamente pode ser explicado por um acaso da escrita e não é mais desconcertante do que várias formas de se escrever palavras, como ‘Mister’ ou ‘Mr.’, ‘compare’ ou ‘cf.’, ‘and’ ou ‘&’. Em todos os casos um uso, ou usos, convencional(is) de certo signo para certo segmento de fala [*speech form*] pode ser observado^q (ibid., p. 13-14).

Para além do que o autor possa compreender por “ideia inerente”, o que nos interessa é a maneira como o autor demonstra a não correspondência letra-som por meio de signos gráficos que são de antemão excluídos da análise linguística. Gelb então conclui que não só a correspondência não é exata, mas que tal “estado ideal de equivalência ponto a ponto”^r (ibid., p. 15) nunca foi obtido pela escrita.

A última obra que compõe a tríade incontornável é *La grande invention de l’écriture et son évolution*, publicada em 1958 e de autoria do linguista parisiense Marcel Cohen. A fim de não nos

¹¹ Diferentemente de Saussure, que propõe um signo enquanto “entidade psíquica” (CLG-br, p. 80), Gelb parece não desarticular o que chama de “elemento linguístico” do som.

estendermos na resenha dessas obras que terão um caráter apenas periférico na tese, destacaremos apenas três pontos da obra. O primeiro é sua posição com relação à representação da fala. O autor aponta que nos primeiros passos do desenvolvimento da escrita, esta não visava à representação da linguagem [langage]. “Os procedimentos primitivos são, com efeito, de dois tipos bem diferentes e nem um nem outro figuram os detalhes da fala [parole]”^s (1958 [2005], p. 14). Os dois tipos aos quais Cohen se refere são, de um lado, signos (objetos, marcas, desenhos) que servem de referência, de auxílio à memória de um mensageiro; e de outro, desenhos ou conjuntos de desenhos que representam coisas ou ações e que podem ser “lidos” (o termo, com aspas, é do autor, cf. p. 14) por qualquer língua e por quaisquer palavras.

O segundo ponto que nos interessa advém do primeiro tipo de escrita mencionado por Cohen, os signos que servem de referência. Sobre eles, o linguista diz que se trata de “uma provocação fixa, servindo, num só-depois e com um número ilimitado de retomadas, para acionar a enunciação de um texto estabelecido, previamente confiado a uma memória; é o objeto ou o desenho que faz falar”^s (ibid., p. 14) Disso, retenhamos a provocação fixa que aciona a enunciação; o objeto que faz falar. O modo de funcionamento desse tipo de protoescrita nos será produtivo e retornaremos a ele nos últimos capítulos da tese.

O último ponto que vale destacar é o fato de o linguista distinguir as letras (os caracteres) daquilo que chama de signos-marcas. Estes “usos puramente intelectuais, separados do pensamento ordinário, como o cálculo”, são produzidos por traços simples e podem ser utilizados com diferentes sistemas de escrita. Inseridos numa “escrita propriamente dita”, eles notam “o que os caracteres não são suficientes para representar”, como no caso dos sinais de pontuação. Com relação aos números, estes também signos-marcas, misturam-se com frequência aos caracteres da escrita sendo que algumas dessas marcas podem-se confundir com traços dos próprios caracteres e, da mesma forma, os caracteres podem servir como signo-marca, como nos cálculos. Diante de tal explicação, o autor sugere que, “enfim, os sistemas de signos-marcas podem, para alguns usos, substituir inteiramente o traço normal”^u (ibid., p. 19).

Assim como Gelb, Cohen, à sua maneira, exclui a noção comum de uma representação exata da fala ao introduzir os signos-marcas como elementos da escrita. O autor retorna à questão no décimo capítulo, ao tratar da ortografia, e estabelece um tipo particular de relação entre escritas e línguas, que ficará, porém, de fora de nossas reflexões.

Das duas décadas seguintes, são mais três obras que gostaríamos de destacar por seu impacto no desenvolvimento de uma teoria sobre a escrita. A primeira delas é o livro do paleoantropólogo francês Leroi-Gourhan (1964), *Le geste et la parole*. Num primeiro momento, o autor traça o percurso evolutivo que possibilitou ao *homo sapiens* sua fala e a invenção da escrita.

Leroi-Gourhan considera duas alterações fundamentais: a verticalização da coluna e a conseqüente liberação dos membros superiores da locomoção, bem como a liberação da cabeça do tronco; a suspensão da caixa craniana, que, além de proporcionar maior espaço nessa, deu-lhe também maior estabilidade uma vez que é a mandíbula que se movimenta durante a alimentação, não mais a cabeça inteira, como ainda acontece, por exemplo, nos répteis. Após esse percurso paleontológico, o autor passa a analisar a fabricação de instrumentos, a sedentarização, a criação de rebanhos e a agricultura, colocando a escrita como resultado desse processo.

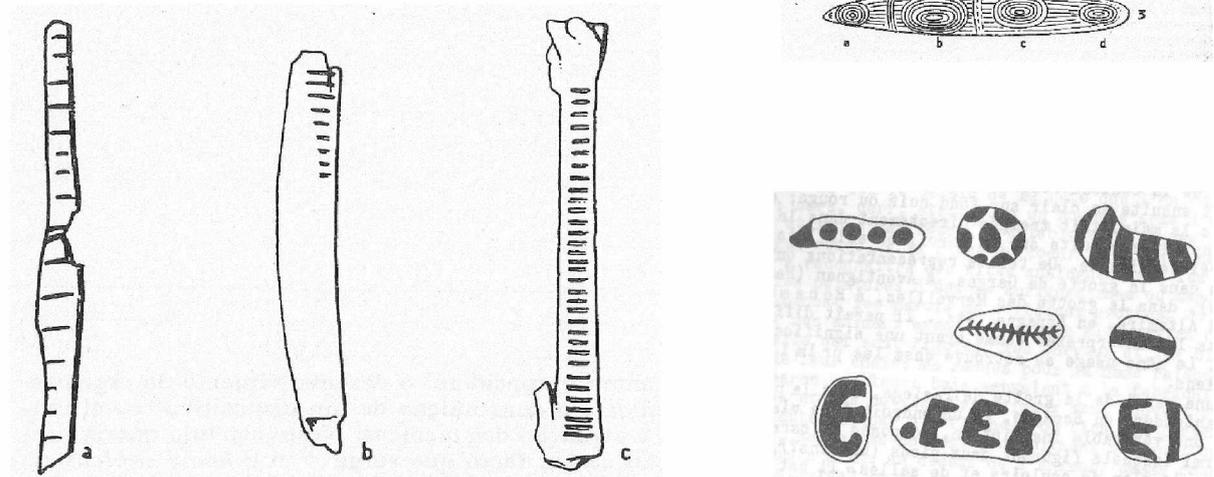
O que mais nos interessa de sua obra, entretanto, são suas considerações acerca dos sistemas gráficos. Lá onde Février optou pela abstenção, Leroi-Gourhan, dezesseis anos depois, se mostra assertivo:

Temos agora a certeza de que o grafismo começa não por uma representação inocente do real, mas sim do abstrato. [...] É a transposição simbólica e não o decalque da realidade, isto é, existe uma distância tão grande entre o traçado onde admitimos ver um bisonte e o bisonte propriamente dito como entre a palavra e o utensílio. Para o símbolo como para a palavra, o abstrato corresponde a uma adaptação progressiva do dispositivo motor de expressão a solicitações cerebrais cada vez mais precisas. De tal modo que as figuras mais antigas que se conhecem não representam cenas de caça, animais a morrer ou cenas de família. São símbolos gráficos sem ligação descritiva, suporte de um contexto oral irremediavelmente perdido (p. 189-191).

É a partir da análise dos “churinga” produzidos pelos australianos já mencionados por Février e dos traçados em ossos e pedras que remontam ao ano 35 mil antes de nossa era que o autor assegura a anterioridade do grafismo abstrato. É importante também para o autor a integração de dois polos operacionais que nos antropóides de um modo geral não se dava. Leroi-Gourhan considera que a não articulação desses polos, a mão-utensílio e o rosto-linguagem, “fazia intervir primeiro a motricidade da mão e da cara na transformação do pensamento em instrumento de ação material e depois em símbolos sonoros” (ibid., 188.), de modo que “o aparecimento do símbolo gráfico pressupõe o estabelecimento de novas relações entre os polos operacionais, relações essas exclusivamente características da humanidade” (ibid., p. 188-189). Essas novas relações têm como central o papel atribuído à visão, que instaura a dimensão da leitura.

O movimento de Leroi-Gourhan de colocar a leitura como determinante daquilo que se constituirá como escrita é precioso e será fundamental para a hipótese que o psicanalista Jacques Lacan construirá sobre a escrita, em seu seminário sobre a identificação, hipótese esta de que trataremos mais adiante.

Figura 4 Grafismo abstrato pré-pictografia. Em sentido horário: “Churinga” australianos. In LEROI-GOURHAN, A., 1964 [1990], p. 180; Seixos pintados de Mas d’Azil. In FÉVRIER, J. 1948 [1995], p. 34; Série de traços inscritos em osso. In LEROI-GOURHAN, A., 1964 [1990], p. 180.



Outro autor que se debruçou sobre o tema da escrita e cuja obra produzirá efeitos em diversos campos, inclusive na linguística, é o filósofo Jacques Derrida, a partir de uma série de trabalhos que se iniciam com *Gramatologia*, de 1967, passando por “Freud e a cena da escritura¹²”, do mesmo ano e publicado em *A escritura e a diferença*, *A farmácia de Platão*, de 1972, e a entrevista a Julia Kristeva “Semiologia e gramatologia”, publicada em *Posições* (1972). É em *Gramatologia*, que encontramos o núcleo de sua concepção de escrita formulada, sobretudo, a partir de uma crítica ao suposto fonologocentrismo de Saussure, ou seja, de sua inscrição, na leitura do filósofo, na tradição aristotélica que entende a escrita como uma representação da língua.

Nessa obra, Derrida amplia sua noção de escrita a partir de uma crítica à tese do arbitrário do signo proposta por Saussure afirmando que esta só poderia ser proposta se calcada na suposta naturalidade entre o som e o sentido. Ao desmontar tal “naturalidade”, o filósofo elimina a subordinação do signo gráfico ao signo linguístico. A escrita passa assim a abranger “todo o campo dos signos linguísticos” pois é compreendida como “inscrição e primeiramente instituição durável de um signo” (DERRIDA, 1967 [2013], p. 54). Dessa forma, a ideia de arbitrário do signo torna-se “impensável” (ibid. p. 54), segundo o filósofo, “antes da possibilidade da escritura e fora de seu horizonte”. Em outras palavras, é a “escritura” que possibilita o signo: “é preciso agora pensar a escritura como ao mesmo tempo mais exterior à fala, não sendo sua ‘imagem’ ou seu ‘símbolo’ e, mais interior à fala que já é em si mesma uma escritura” (ibid., 56).

¹² Os tradutores para o português brasileiro das obras de Derrida optaram pelo termo *escritura* em vez de *escrita* para o original francês « écriture ». Há nas traduções brasileiras do filósofo uma tentativa em distinguir a “o conceito vulgar de escrita”, aquele que a subordina à fala, da “escritura”, conceito proposto por Derrida. Não parece haver, no texto original, um esforço nessa direção, como há, por exemplo com *différence* e *différance*. À exceção da obra derridiana, seguiremos traduzindo “écriture” por “escrita”.

Com a ampliação da noção de escrita, Derrida então sugere que lá onde Saussure postula a semiologia, passe-se a pensar a gramatologia, assim a “escritura” passa à diferença – elemento fundamental para Saussure estabelecer sua teoria. “Se persistimos nomeando escritura esta diferença, é porque, no trabalho de repressão histórica, a escritura era, situacionalmente, destinada a significar o mais temível da diferença” (ibid., 69). O movimento de reformulação da semiologia saussuriana a partir da noção de *grama* é detalhada na entrevista a Kristeva: “Não existe, em toda a parte, senão diferenças e rastros de rastros. O grama é, pois, o conceito mais geral da semiologia – que se torna, assim, gramatologia – e ele é apropriado não apenas ao campo da escrita, no sentido estreito e clássico, mas também ao da linguística.” (DERRIDA, 1972 [2001], p. 32-33). Para o filósofo, a substituição do signo pelo grama como centro dessa ciência “neutralizaria a propensão fonologista do ‘signo’ e, de fato, equilibra-o, ao libertar todo o campo científico da ‘substância gráfica’” (ibid., p. 33).

O texto “Freud e a cena da escritura”, Derrida o apresenta no seminário do psicanalista André Green, publicando-o em seguida. Nele, o filósofo franco-magrebino faz uma leitura da obra freudiana “do *Projeto* (1895) ao *Bloco mágico* (1925)”, em que aponta a passagem “de um sistema de traços funcionando segundo um modelo que Freud teria como natural e cuja escritura é perfeitamente ausente, para uma configuração de traços que já não podemos representar senão pela estrutura e pelo funcionamento de uma escritura” (DERRIDA, 1967 [2014], p. 294). Nessa sua leitura, Derrida busca elementos em Freud que ratifiquem sua gramatologia, tendo a escrita, sua “escritura”, a função de diferença fundamental, de traço.

Em 1972, com *A farmácia de Platão*, Derrida faz uma detalhada leitura do *Fedro*, e de alguns outros textos clássicos, em que pontua, então, a relação existente entre o logos [λόγος] e a *phoné* [φωνή] que sustentará todo o pensamento filosófico ocidental do qual Saussure será, para Derrida, mais um de seus propagadores.

A última obra que compõe essa segunda trilogia sobre a escrita, é *The domestication of the savage mind* (1977), do antropólogo social inglês Jack Goody. Seu livro é uma crítica à antropologia estrutural, mais especificamente a Levi-Strauss e seu *La pensée sauvage*. O ponto central do questionamento de Goody é como a escrita intervém na análise de culturas orais. O autor inicia seu trabalho distanciando-se da ideia straussiana de que é a escrita que cria o pensamento abstrato, ou seja, a crítica de Goody recai sobre as dicotomias selvagem/domesticado [wild/domesticated] e primitivo/avançado quando estabelecidas a partir da introdução da escrita. Com isso, após uma análise da relação entre “meios de comunicação” e “modos de pensamento” (1977 [1995], p. 16), o antropólogo inglês parte para a análise de “usos não verbais da língua na escrita” e sua relação com a “organização e o desenvolvimento do conhecimento humano” (ibid., p. 17).

A fim, portanto, de investigar a prática intelectual de populações ágrafas, Goody faz o percurso inverso: sua investigação parte da análise de trabalhos de antropólogos e do modo como a escrita (sobretudo o que chama de seu uso não linguístico, como tabelas, listas, fórmulas e receitas) impacta a descrição do pensamento dos povos ágrafos. O autor então conclui que há uma lógica gráfica subjacente à análise estrutural, o que gera um “reducionismo gráfico” [graphic reductionism] na organização de conceitos verbais.

Longe de tentar deslegitimar a escrita como instrumento de análise antropológica, ao contrário, Goody busca seus efeitos:

A escrita é fundamental não apenas porque preserva a fala através do tempo e do espaço, mas porque a transforma, por abstrair seus componentes, permitir retomadas [backward scanning], de forma que a comunicação pelo olho crie uma outra potencialidade cognitiva para os seres humanos que a comunicação pela palavra emitida pela boca^w (ibid., p. 128).

Esse modo de articulação “eye over ear” possibilitado pela escrita introduz a bidimensionalidade do espaço plano, em oposição à linearidade da fala proposta por Saussure como princípio da natureza do signo linguístico (cf. CLG-br, p. 84), e também a formalização, em linhas gerais, uma redução a elementos estruturais, uma “abstração de seus componentes”, apenas possível por um escrito.

Apesar de uma posição que não é a nossa, a do culturalismo inglês, o antropólogo toca numa questão que nos é produtiva, aquilo que foi nomeado por Pierre Bourdieu, para dar título à tradução francesa do livro de Goody, de *raison graphique*. O conceito extraído por Bourdieu da obra de Goody estenografa justamente essa dimensão que a escrita proporciona a linguagem. Dito de outra maneira, e de um outro lugar, podemos dizer que a razão gráfica é aquilo da linguagem que se apreende para além da linearidade da fala.

Das obras acima resenhadas, foi fundamentalmente a de Derrida que produziu, na linguística, uma retomada do tema da escrita. Tal retomada se deu, sobretudo, a partir de críticas ao filósofo. Estas eram destinadas à nova concepção de escrita proposta pelo filósofo, essa “instância misteriosa” (AUROUX; DESCHAMPS; KOULOUGHLI, 1996 [2004], p. 75) e aos “pseudoconceitos como os de *différance* ou de arqui-escritura” cuja utilização “conduz a graves erros” (ibid., p. 80). A crítica de Auroux e seus colaboradores, por exemplo, centrava-se no modo de “explicar as causas pelos efeitos, que consiste em tomar um artefato tecnológico como explicação, talvez até como natureza, de um fenômeno do qual é o resultado ou o produto”^x (ibid., p. 81).

Outro tipo de crítica vinda dos linguistas era concernente à leitura que Derrida fez de Saussure. Nessa perspectiva, duas discussões norteadoras são o artigo de Chiss e Puech (1980a), “Derrida lecteur de Saussure”, apresentado no colóquio de maio de 1980 na Universidade de Nanterre, e a “Discussão” (1980b), com a presença do próprio Derrida, que se seguiu ao colóquio,

ambos publicados pela *Linx*. Nesses dois textos, a crítica central à leitura de Derrida provém do qualificativo que o próprio autor dá a ela: uma “leitura filosófica de Saussure” (CHISS; PUECH, 1980b, p. 390). Os autores, a partir do qualificativo “filosófico”, questionam Derrida sobre seu método e sobre o lugar da filosofia nas ciências humanas – “não há nunca, para Derrida, ruptura que não seja senão intrafilosófica”^y (CHISS; PUECH, 1980a, p. 346).

Chiss e Puech questionam os efeitos de uma leitura historicizada prometida, mas deixada de lado, que implica na “eliminação quase primária dos debates, confrontos, polêmicas hesitações, avanços que marcam uma época e sobre as quais se erige uma decisão teórica”^z (ibid., p. 348). Se tal leitura importa pouco no projeto derridiano, os autores perguntam se essa ausência, seja ela deliberada ou involuntária, não é de fato constitutiva do projeto do filósofo. Um projeto que se caracterizaria pela

busca por ‘pressupostos’, disso que ‘pré-determina’ a empreitada saussuriana implicando um corte; [pel]o redobramento da tradição filosófica metafísica ocidental impondo um ponto de vista discriminativo, conduzindo necessariamente a “acentuar” no texto de Saussure certos temas numa leitura estritamente imanente^{aa} (ibid., p. 349).

Um último crítico da leitura que Derrida faz de Saussure é o linguista inglês Roy Harris, que, sobretudo em seu *Saussure and his interpreters*, dedica-lhe um capítulo inteiro. Nesse texto, Harris retraza o percurso de leitura de Derrida pontuando uma série de imprecisões, das quais destacamos a que julgamos a mais significativa: a aproximação de Aristóteles e Saussure pela equiparação de signo e símbolo do linguista com semeion [σημεῖον] e symbolon [σύμβολο] do filósofo. Para Harris, a leitura que Derrida faz do filósofo é tão equivocada quanto a que faz do linguista.

Derrida traduz o σύμβολο, em Aristóteles, por “palavra”. Segundo Harris, não há nada no texto de Aristóteles que corresponda a tal unidade linguística e a opção de Derrida “facilita o estabelecimento de uma continuidade histórica entre Aristóteles e Saussure”^{bb} (HARRIS, 2001, p. 174), uma vez que Saussure toma o termo “palavra [mot]” como uma aproximação conveniente do termo “signo”: “Não podendo captar diretamente as entidades concretas ou unidades da língua, trabalharemos sobre as palavras” (CLG-br, p. 158). Ao comparar o grego de Aristóteles e o francês de Saussure, Harris conclui que o filósofo não se refere ao signo, em seu sentido saussuriano. Derrida silencia, ainda seguindo a leitura de Harris, a distinção que o próprio Aristóteles faz entre os dois termos e o faz de maneira bastante distinta da de Saussure. Enquanto que para o linguista o signo se opõe ao símbolo pelo caráter não arbitrário deste (CLG-br, p. 82),

Symbolon, nos dias de Aristóteles, era o termo utilizado para o objeto [token] compartilhado entre as duas partes de um contrato como prova de seu acordo. Cada parte ficava com metade da cerâmica, osso ou outro pequeno objeto deliberadamente partido. O uso dessa metáfora por Aristóteles para expressar a relação entre sons e ‘afeições da alma’ é impressionante, e não corresponde a nada no vocabulário técnico saussuriano. [...] Os *semeia* de Aristóteles, por outro lado, parecem ser os sons proferidos

como, ou ao menos quando considerados como, expressões dos pensamentos ou do estado mental do falante^{cc} (ibid., p. 174).

Pela leitura de Harris, a aproximação que Derrida faz entre Aristóteles e Saussure pela via do *σύμβολο*–signo é equivocada, mas lhe é útil pois coloca Saussure na episteme fonologocêntrica de Aristóteles. Harris chega a propor uma via de aproximação justamente para expor suas dificuldades, o que mostra o rompimento do genebrino com o pensamento aristotélico no que diz respeito ao signo.

Assim, se alguém fosse precipitado o suficiente para tentar forçar a terminologia aristotélica ao quadro teórico saussuriano, a interpretação mais plausível seria tratar os *semeia* como unidades da fala e os *symbola* como unidades da língua. Mesmo assim, Saussure ainda poderia objetar que ambos, *semeia* e *symbola*, são itens vocais: não há indício algum em Aristóteles de algo que corresponda à imagem acústica. Sem isso, qualquer assimilação da semiologia aristotélica com a de Saussure entraria em colapso^{dd} (ibid., p. 74)

Foi, então, sobretudo a partir das leituras que a Gramatologia provocou que, nas três últimas décadas do séc. XX, uma série de linguistas retornam ao tema da escrita. Aqui, apenas nomearemos alguns dos trabalhos que serão convocados ao longo de nossa tese.

Dois linguistas que dedicaram sua carreira ao estudo da escrita na França foram Nina Catach e Jacques Anis. A primeira desenvolve sua grafêmica pela via da “teoria de L’ (L linha)”, em que o sistema de escrita é complementar (nem dependente, nem autônomo) ao sistema fônico. Para a autora, assim, uma linguagem L que possui uma língua fonêmica (A) e uma língua grafêmica (B) torna-se L’ (CATACH, 1988 [1996], p. 255), no sentido de que ambas constituem sistemas formais que agem sobre L.

Já para a grafêmica de Anis (1988), a escrita constitui um sistema autônomo, cuja unidade é o grafema, e comporta uma análise formal desvinculada da língua falada, ou seja, há, para o autor, um funcionamento independente do sistema gráfico em relação ao fonético:

Uma língua dotada de uma forma gráfica dispõe de duas formas de expressão; a forma escrita e a forma falada divergem no nível das unidades distintivas (fonemas vs grafemas) e dos marcadores sintático-enunciativos (prosodemas vs topogramas); o restante do sistema linguístico permanece grosso modo inalterado^{ee} (ibid., p. 145).

A diferença fundamental que Anis faz entre uma visada autonomista e uma visada fonografista, como a de Catach, é que esta “trata a língua escrita como uma representação estrutural da língua falada integrando igualmente as características específicas”, enquanto que aquela “trata a língua escrita como um sistema específico em interação relativa com a língua falada”^{ff} (ibid., p. 77).

O autor, em sua obra escrita com a colaboração de Jean-Louis Chiss e Christian Puech, ressalta a heterogeneidade dos sistemas gráficos, havendo ao menos três tipos de grafemas, os alfagramas, que surgindo da segunda articulação (como os fonemas), veiculam o essencial do conteúdo semântico (ibid., p. 89); os topogramas que, sendo auxiliares, uma vez que, para o autor,

não podem constituir enunciados sozinhos, são essenciais para a produção de sentido pois organizam a sequencialidade das unidades textuais; e os logogramas, que são sinais que surgem ou a partir da abreviação de alfagramas ou da incorporação de elementos de outras escritas não linguísticas, como a matemática.

Há ainda a visada integracionista do britânico Roy Harris (1996), que sob um ponto de vista da língua mais próximo do de Catach, mas dentro de uma abordagem comunicacional, busca estudar a comunicação humana globalmente, compreendendo a fala na interação com o escrito. Por essa via, o autor propõe um estudo que contemple três conjuntos de fator que constituem o signo: o biomecânico, o macrosocial e o circunstancial (cf. *ibid.*, p. 22-23).

1.2 Benveniste e a escrita: dois tempos de leitura 1969-2012

Ao ser perguntado sobre a distinção entre a linguística e as “antigas ciências da linguagem”, Benveniste responde: “A linguística pretende englobar tudo isso e transcender. Tudo o que diz respeito à linguagem é objeto da linguística. [...] A linguística se ocupa do fenômeno que constitui a linguagem e, naturalmente, sem negligenciar a parte da linguagem que se transforma em escrita.” (BENVENISTE, 1968 [1989], p. 29-30). No ano seguinte, o linguista publica um de seus últimos textos, “Semiologia da língua”, em que, ao tratar da ciência do signo tanto a partir de Pierce quanto de Saussure, verificando seus alcances e limites, depara-se com a escrita. Benveniste então propõe: “Da escrita não diremos nada aqui, reservando para um exame particular este difícil problema” (BENVENISTE, 1969 [1989], p. 51). De fato, o autor não se demora sobre a escrita em particular, trazendo-a à discussão sempre na relação com os demais sistemas semiológicos (o alfabeto Braile, o código Morse, os sinais de cortesia etc.).

Essas referências, bastante restritas, nos passariam despercebidas não fosse o ano letivo de 1968-1969 justamente o último em que Benveniste proferiu seu seminário no Collège de France e cujos temas eram a semiologia e a escrita, cada qual com sete aulas para ser desenvolvido. As anotações de Benveniste de suas últimas aulas, publicadas apenas em 2012, mostram, além de uma densa discussão sobre a escrita a partir da semiologia e sobre a sua relação com a língua, uma leitura afetada pela obra então recém-publicada de Derrida, a *Gramatologia*.

Apesar de não encontrarmos nenhuma menção do filósofo nas notas publicadas de Benveniste referentes ao seminário, Fenoglio (2016b) trouxe a lume duas fichas de leitura de Benveniste em que lemos suas anotações da obra de Derrida: “‘fonetização da escrita’, ‘o conceito de escrita excede e compreende o de linguagem’, ‘exterioridade do significante = exterioridade da escrita’, ‘sistema interno da língua oposto ao sistema externo da escrita’, ‘todo signo é signo de signo’, logocentrismo de Saussure” (BENVENISTE apud FENOGLIO, 2016b, p. 169), elementos que podem ser lidos nos manuscritos publicados em 2012.

Benveniste inicia sua última aula¹³ do semestre, em 24 de março, da seguinte maneira:

Nosso propósito era o de estudar a língua, depois sua relação com a escrita, para ver como uma e outra significavam (operavam uma significação com ajuda de um sistema de distinções representativas e constantes). Ora, deparamo-nos com a seguinte constatação: a língua e a escrita significam exatamente da mesma maneira (BENVENISTE, 1969 [2014], p. 147).

Essa breve retomada de percurso nos aponta a forma como Benveniste empreendeu sua tarefa, pela investigação do funcionamento dos sistemas na relação com a significação. Benveniste visava compreender, como marca Fenoglio (2016a, p. 26), “em que a escrita se inscreveu como intrinsecamente relacionada ao homem falante. ‘Em quê’, mais que ‘quando’”^{gg}. Dessa forma, segue a autora, a escrita não será tomada como um instrumento. “Certamente ela é uma ‘invenção – continua a linguista – mas ela é em língua, a escrita é a língua: ela resulta desta, ela a mostra, ela a constitui e tudo isso de uma só vez”^{hh}(ibid., p. 27).

Nas aulas iniciais, Benveniste expõe um percurso de reflexão para que se estabeleça, à vontade de Saussure, uma disciplina geral dos signos: a semiologia. Nesse percurso, o linguista enumera algumas relações que constituem o funcionamento dos sistemas semiológicos: a relação de interpretância entre sistemas (um determinado sistema pode interpretar a si mesmo?), a relação de engendramento (um determinado sistema é constituído a partir de um outro) e a relação de homologia¹⁴ (partes de dois sistemas que estabelecem correlação). Ao retomarmos o artigo de 1969, observamos como essas reflexões são formalizadas, culminando na constatação de que a

língua é a organização semiótica por excelência. Ela dá a ideia do que é uma função de signo, e ela é a única a oferecer desta função a fórmula exemplar. Daí decorre que somente ela pode conferir – e confere efetivamente – a outros conjuntos a qualidade de sistemas significantes informando-os da relação de signo. Há uma modelagem semiológica que a língua exerce e da qual não se concebe que o princípio se ache em outro lugar senão na língua” (1969 [1989], p. 63-64).

Essa característica própria da língua, continua Benveniste, deve-se à sua dupla significância, ou seja, à capacidade de combinar dois modos distintos de significar: o modo semiótico, que diz respeito à significação que é própria do signo e “que o constitui como unidade” a partir de seus traços distintivos; e um modo semântico, que traz necessariamente a ordem do referente, sendo esse o modo característico da enunciação. É devido ao fato de a língua ser o sistema semiológico por excelência e por meio da dupla significância da língua, formalizadas no artigo de 1969, que Benveniste traz suas contribuições mais contundentes no que diz respeito à escrita.

¹³ O ano letivo de 1969-1970 teve sua primeira aula em 1º de dezembro, a última ministrada por Benveniste. Cinco dias depois, o linguista é acometido por um acidente vascular cerebral que o deixa com paralisia nos membros e afásico, o que o impede de retomar o seminário (cf. COQUET; FENOGLIO, 2012 [2014], p. 84).

¹⁴ Este último modo de relação entre sistemas será fundamental para nossa reflexão.

Em primeiro lugar, Benveniste distingue língua escrita (entendida pelo linguista como a língua na modalidade escrita) de escrita, e isso implica numa relação que cada língua estabelece com seu sistema de escrita. O erro de Saussure¹⁵, para Benveniste, é tomar a escrita como alfabeto e a língua como língua moderna. Não é disso que se trata.

A escrita é compreendida por Benveniste “em si e por si um sistema semiótico, a graphê ‘representa’ a phônē, tal é o princípio [...] e nada pode fazer obstáculo a essa representação”. A partir de um exemplo de Saussure, o oiseau/[wazo], considerado pelo genebrino uma monstruosidade da escrita, Benveniste retifica a relação: para o franco-sírio, a relação não se deve estabelecer entre a palavra escrita “oiseau” e a palavra falada [wazo], mas entre a graphê OISEAU e a phônē [o.i.s.e.a.u.]. Para Benveniste, assim, deve-se estabelecer “uma relação reversível biunívoca entre dois termos e apenas dois: graphê ↔ phônē” (1968-9, p. 128-9), o que, a nosso ver, não parece levar a questão adiante, uma vez excluído o que se ouve, [wazo], e o escrito se ligando ao som, recaímos num um a um imaginário que parece nos reenviar a Aristóteles. Benveniste faz então uma ressalva: “À medida que a escrita se alfabetiza, que se torna fonética, ela se sujeita cada vez mais à phônē e por isso à língua. Mas essas condições são históricas e empíricas; não são, de modo algum, orgânicas ou necessárias” (ibid., p. 129). O que nos interessa aqui é precisamente isso que escapa à sujeição à phônē e que permite escrever “oiseau” para o que se ouve [wazo], ou seja, uma relação com a língua que se desenvolve paralelamente (e não de maneira subordinada) à fala.

No lugar da fala, “da fala pronunciada, da linguagem em ação” (ibid., p. 132), Benveniste coloca a “linguagem interior”: “A escrita é uma transposição da linguagem interior, e é preciso primeiramente aceder a essa consciência da linguagem interior ou da ‘língua’ para assimilar o mecanismo da conversão em escrito” (ibid., p. 132).

O gesto buscado por Benveniste no deslocamento da palavra falada para a phônē é um ensaio nessa direção. Com tal deslocamento, que revê a relação entre a fala e a escrita, Benveniste se afasta da noção de escrita como decalque da língua. A escrita é, para o linguista, a representação dos elementos do discurso. A escrita, apesar de posterior à fala, não lhe é subordinada. Antes, fala e escrita são sistemas paralelos, ambos determinados pela língua, ao que propõe a ideia de revezamento (*relais*), ocorrendo paralelamente à fala.

A segunda contribuição contundente de Benveniste que gostaríamos de destacar é formulada na aula de 3 de março: “a escrita foi sempre e por toda parte o instrumento que permitiu a língua de semiotizar a si mesma” (ibid., p. 155). Em outras palavras, a escrita permite que o falante se detenha sobre a língua e não sobre as “coisas enunciadas”. Tal propriedade é possível, segundo

¹⁵ Em nossa tese buscaremos mostrar o lugar de onde Saussure faz essa associação, fazendo com que nos distanciemos da leitura de Benveniste quanto a tal “erro”.

Benveniste, pois i. a língua é o único sistema de signos que pode descrever a si mesmo e ser o interpretante dos outros sistemas; ii. para que isso ocorra, a língua “deve proceder a uma objetivação de sua própria substância” (ibid., p. 156), o que ocorre por meio da escrita.

Apesar de a noção de “autosemiotização da língua” estar calcada na propriedade de metalinguagem, o que causará um impasse em nossa argumentação quando trouxermos a noção de escrita proposta por Lacan, principalmente no início dos anos de 1970, acreditamos produtiva a contribuição de Benveniste. Pensar a escrita como a possibilidade de autosemiotização da língua introduz uma nova dimensão à escrita, a de construção de um campo de saber sobre a língua, que será bastante discutida em nossa tese.

1.3 A escrita e a psicanálise

Diferentemente do que fizemos com as obras relativas à história da escrita, nas quais nos alongamos um pouco, a introdução ao percurso de leitura dos textos em psicanálise far-se-á de modo mais sucinto e pontual. Essa escolha busca evitar que o texto fique desinteressante ao leitor e se justifica porque os textos em psicanálise serão retomados e discutidos ao longo da tese enquanto que os textos sobre a história da escrita terão uma retomada muito mais pontual.

No campo da psicanálise, a escrita constitui um ponto de articulação teórico, mas também clínico, fundamental. Em *Interpretação dos sonhos*, Freud vê no sonho a estrutura de uma escrita pictográfica em que “cada um de seus signos deve se transferir à linguagem dos pensamentos do sonho. Tomaríamos um caminho completamente equivocado se quiséssemos ler esses signos segundo seu valor de imagem em vez de fazê-lo segundo sua referência enquanto signo”ⁱⁱ (FREUD, 1900 [2007], p. 285). As imagens formadas nos sonhos não devem, para Freud, ser tomadas enquanto imagens, mas enquanto signos de uma escrita própria ao sonho. Freud inclusive empresta das escritas hieroglífica egípcia e logográfica chinesa os modos de análise: “um elemento desse tipo do conteúdo onírico é então comparável a um determinativo da escrita hieroglífica, não destinado a elocução, mas à elucidação de outro signo”ⁱⁱⁱ (FREUD, 1900 [2007], p. 326); “Os símbolos oníricos são frequentemente multívocos, de modo que, como na escrita chinesa, apenas o contexto possibilita a apreensão correta em cada caso”^{kk} (ibid., p. 359).

Se a escrita funciona aqui como uma analogia, ela ao mesmo tempo instaura um método, um modo de leitura: as imagens oníricas não são passíveis de dicionarização, uma vez que só devem ser lidas a partir da articulação do analisante. A produção do sonho, dessa forma, ocorre sob aquilo que Allouch (1994 [2007], p. 72) chamará de transliteração: “o sonho translitera: ele escreve, em figuras, elementos literais. E a regra freudiana, tomando esses elementos um por um para seu deciframento, se apresenta como a regra fundamental de sua transliteração”.

Em um texto de 1913, “O interesse pela psicanálise”, Freud dedica uma seção para tratar do interesse que a psicanálise pode despertar nas ciências da linguagem. O vienense pontua de início a necessidade de ampliação da noção de linguagem: “Por ‘linguagem’ não se deve entender aqui a mera expressão de pensamentos em palavras, mas também a linguagem dos gestos e de qualquer outro modo de expressar a atividade anímica, por exemplo a escrita”^{ll} (FREUD, 1913 [2007], p. 179). É então a partir dessa ampliação da noção de linguagem que Freud aponta em que sentido a psicanálise pode interessar ao linguista, mas também em que medida a linguística pode contribuir com a psicanálise. O trecho é longo, mas vale cada palavra:

Se reparamos que os meios figurativos do sonho são principalmente imagens visuais, e não palavras, nos parecerá muito **mais adequado comparar o sonho a um sistema de escrita que a uma língua**. De fato, a **interpretação de um sonho** é em todo **análoga ao deciframento de uma escrita figurativa antiga**, como os hieróglifos egípcios. Aqui e ali há elementos que não são destinados à interpretação, ou conseqüentemente à leitura, mas apenas a assegurar, como determinativos, que outros elementos sejam entendidos. A multivocidade de diversos elementos do sonho encontra seu correspondente naqueles antigos sistemas de escrita, o mesmo ocorre com a omissão de diversas relações que tanto em um como em outro caso tem que se complementar a partir do contexto. **Se esse modo de conceber a figuração onírica ainda não encontrou um maior desenvolvimento é devido à compreensível circunstância de que o psicanalista não possui os pontos de vista e os conhecimentos com os quais o linguista abordaria um tema como o do sonho**^{mm} (ibid., p. 180 – grifos nossos).

Freud retifica a analogia feita treze anos antes, o sonho se compara a uma escrita figurativa antiga, retomando ainda seu funcionamento, os determinativos e a multivocidade dos elementos. A psicanálise, nesse sentido, é inteiramente articulada à linguagem, o que faz Freud convocar o saber do linguista¹⁶. Tal convocação não se resume a uma aplicação, a relação entre os dois campos será discutida ao longo da tese na mesma medida em que nossa tese surge como efeito dessa convocação.

Se acompanharmos a leitura de Derrida (1967 [2014]), vemos que a escrita em Freud vai adquirir outro estatuto no texto sobre o bloco mágico (1925), em que o psicanalista propõe uma compreensão do aparelho psíquico a partir de um jogo de escrita: um movimento de inscrição, apagamento e leitura. Não iremos tão longe. Interessa-nos menos traçar um percurso cronológico do conceito de escrita em Freud que pontuar a importância da linguagem e da escrita em sua obra¹⁷.

É precisamente a partir dessa relação – entre linguagem e psicanálise – que o psicanalista francês Jacques Lacan propõe seu retorno a Freud. Em “A instância da letra no

¹⁶ Freud e Saussure, apesar de contemporâneos, não se conheceram. Os linguistas lidos por Freud eram sobretudo Hans Sperber e Carl Abel (cf. ARRIVÉ, M. 1986 [2001], p. 79-91). Sobre a leitura que Freud faz de Carl Abel, o texto de É. Benveniste, “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” (1956 [2005], p. 81-93), pronunciado a convite de Lacan é incontornável.

¹⁷ Para uma leitura mais detalhada da escrita em Freud, cf. Allouch (1994 [2007]), Pommier (1993 [1996]) e Safouan (1982).

inconsciente ou a razão desde Freud” – texto introduzido como estando a meio caminho do escrito e da fala –, Lacan retoma¹⁸ sua crítica aos encaminhamentos da psicanálise à época e reforça a necessidade de um retorno a Freud. Um retorno em que se deve restabelecer a fala como centro do trabalho do analista: “E como não haveria até mesmo um psicanalista de hoje de sentir que chegou a isso, a tocar na fala, quando sua experiência recebe dela seu instrumento, seu enquadre, seu material e até o ruído de fundo de suas incertezas?” (LACAN, 1957 [1998], p. 497).

Esse texto nos interessa não apenas por nele conseguirmos localizar uma reflexão sobre a letra, mas também por conter a leitura que Lacan faz do signo saussuriano nomeando-o algoritmo. Tomaremos a letra aqui a partir de duas delimitações: “suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (ibid., p. 498), e, mais adiante, “a estrutura essencialmente localizada do significante” (ibid., p. 505). Entendendo o “discurso concreto” como algo que se aproxime de “enunciação”, ou seja, o lugar onde o sujeito se inscreve ao tomar a palavra, a letra é essa condição da linguagem que permite que um sujeito nela se inscreva. A letra, assim, marca um lugar na cadeia significante de onde o sujeito pode emergir. Nancy e Lacoue-Labarthe (1973 [1991]), ao retomarem “O seminário sobre ‘A carta roubada’” de Lacan, escrito no ano anterior, advertem que essa localização “é sempre uma ‘ausência em seu lugar’”, o que lhe atribui uma materialidade singular, uma materialidade que não é substância.

Outro momento da obra de Lacan que recuperaremos ao longo da tese é sua menção à obra de Février, comentada acima, em 1961 e 1962, durante seu seminário dedicado à identificação. Lacan lerá nos seixos de *Mas d’Azil* e nos traços inscritos em ossos a escrita enquanto função latente na linguagem, “a função do signo enquanto ele mesmo se lê como objeto” (LACAN, 1961-62 [2003], p. 95). São traços que se dão a ler antes do escrito. Houve, dessa forma, para Lacan, “um momento em que alguma coisa está ali para ser lida, lida com a linguagem quando ainda não há escrita. E é pela inversão dessa relação, e dessa relação de leitura do signo, que pode nascer em seguida a escrita, uma vez que ela pode servir para conotar a fonematização” (ibid., p. 101).

Um ponto fundamental apontado por Allouch (1994 [2007], p. 144) na leitura de Lacan e que a distingue daquela de Derrida é que lá onde o filósofo forja sua arqui-escritura, invertendo assim a relação de anterioridade entre fala e escrita, o psicanalista coloca a leitura: a fala tem de ser lida para que nasça a escrita.

O terceiro e último momento da obra de Lacan da qual extrairemos alguns elementos para lermos Saussure corresponde à produção do psicanalista do início dos anos de 1970. Desse

¹⁸ Dizemos retomada pois nos referimos ao “Discurso de Roma” e ao relatório que o seguiu, “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, ambos de 1953, como o momento em que o psicanalista francês expõe suas críticas ao movimento psicanalítico e propõe, então, o retorno a Freud. O retorno à técnica e aos conceitos freudianos “só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala” (LACAN, 1953 [1998], p. 247).

período, a leitura dos seminários *De um discurso que não fosse semblante* (1971), ... *ou pior* (1971-1972) e *Mais, ainda* (1972-1973) e dos escritos “Radiofonia” (1970), “Lituraterra” (1971) e “O aturdido” (1973) nos foi produtiva para pensar diversos aspectos da escrita na obra saussuriana. Esse conjunto de textos mostra o movimento de Lacan de abandono da linguística, tal como mencionamos anteriormente a partir da leitura de Milner, em direção a uma escrita fundamentada na matemática e em seu estudo da escrita chinesa.

Ao enunciar “não há metalinguagem”, Lacan coloca a escrita matemática no centro de sua formalização uma vez que esta “assegura a transmissibilidade integral de um saber” por meio do matema. Entretanto, essa centralidade não ocorre sem a fala: “É a partir da fala, é claro, que se abre caminho para o escrito [...] é por isso que o escrito, o escrito retomado por si só [...] apresenta, ocasionalmente, toda sorte de mal-entendidos.” (LACAN, 1971 [2009], p. 57). Diferentemente de uma escrita que visa à demonstração, e que se fecha num QDE, *quod erat demonstrandum*, a escrita em Lacan operará inversamente: trata-se de um escrito que faz falar. Os desdobramentos de tal proposição serão discutidos oportunamente, no decorrer de nossa leitura de Saussure.

1.4 De que escrita?

A partir dessa breve resenha do que se escreveu sobre o tema, podemos notar a polissemia presente no termo escrita, dos sinais que se apresentam como imagens visuais, compondo sistemas gráficos, à “escritura” derridiana, pura diferença e instauradora da fala; da escrita que num primeiro momento funciona como analogia para Freud pensar o aparelho psíquico à escrita como sistema que possibilita à língua ser tomada como objeto. Para evitarmos que o leitor se perca em seu percurso, faz-se mister apontar as dimensões da escrita que encontrará pelo caminho. Se não todas, ao menos, as dimensões da escrita mais centrais estão elencadas a seguir.

No que concerne à análise do *corpus* saussuriano, trabalharemos com três dimensões centrais: a escrita ordinária, a escrita fonológica e a escrita enquanto formalização: a escrita matemática. A primeira, nomeada de acordo com Bouquet (1997), diz respeito ao sistema de escrita operacionalizado pela massa falante, trata-se da escrita tal como a tomamos cotidianamente, enquanto que a segunda é um instrumento científico (MILNER, 1989), um instrumento do linguista que o permite estudar a língua. Evidentemente, essas noções serão mais bem trabalhadas conforme for pertinente.

Há ainda uma dimensão da escrita que chamamos de escrita do linguista e concerne, em nosso caso particular, à escrita do próprio Saussure. Com esse termo intentamos compreender o modo como o linguista genebrino se inscreve no discurso da ciência linguística por meio tanto de marcas que Saussure deixa em seus textos, as rasuras, os acréscimos, os brancos, quanto pela

relação que Saussure estabelecia com seus escritos: a publicação, a lata de lixo, a gaveta... e caixa de papelão dentro de um armário na estufa do hotel da família.

Uma última dimensão da escrita que destacamos como fundamental é a do psicanalista Jacques Lacan e que constituirá, se assim podemos dizer, nosso método. A escrita, aqui, não será compreendida dissociada da leitura na medida que se lê com o escrito, uma leitura que se caracteriza, nas palavras de Allouch (1994 [2007], p. 14), por ser “confiada ao escrito, se fazer vítima do escrito, deixar o escrito conduzir seus passos”. Esse modo de leitura com o escrito o psicanalista chama de transliteração, uma operação simbólica, mas que não basta para constituir uma leitura. Além dessa operação simbólica, Allouch estabelece a tradução como um modo de leitura pautada no sentido, situando-se, assim no registro do imaginário, e a transcrição, leitura regulada pelo som, portanto, como uma operação real. No capítulo seguinte nos demoraremos um pouco mais na proposta de Allouch que nos guiará nos demais capítulos da tese.

Essas diferentes dimensões da escrita não se excluem necessariamente. Talvez também não se sobreponham. A relação que acreditamos ser mais pertinente é a da implicação: essas diferentes dimensões da escrita se implicam, de modo que não afirmaremos, por exemplo, que a escrita em Lacan não tem nenhuma relação com a escrita gráfica. Ao contrário, pensamos que é justamente o traço material e seus efeitos que permitem a Lacan formular sua conjectura sobre a escrita ou, se fizermos o caminho inverso, já concordando com Lacan de que a escrita é “função latente na própria linguagem”, o traço gráfico não é senão uma possibilidade dessa função.

É evidente que nossas considerações sobre a escrita se deram a partir de inúmeras exclusões. Não nos detivemos nos estudos de Bloomfield e Sapir, que trataram do tema e deixaram herdeiros na linguística. Tampouco tratamos de Chomsky e de como a escrita é pensada na linguística gerativa. Ficou de fora, também, o oriente – o próximo, com sistemas de escrita silábicos e um fazer com a escrita fascinante, os caligramas; e o extremo, sobretudo a China, com seu sistema logográfico, seus tipos móveis anteriores aos de Gutemberg e sua caligrafia. Há ainda todo um legado deixado por Roland Barthes sobre o tema, mas que ficou de fora de nossa investigação. Em nossas considerações, buscamos refletir sobre um percurso de leitura que teve Ferdinand de Saussure como ponto central e a linguística francesa como campo.

Capítulo 2 Ler Saussure, retornar a Saussure

*Retorna-se a um certo vazio que o esquecimento evitou ou
massacrou, que recobriu com uma falsa ou má plenitude e o
retorno deve redescobrir essa lacuna e essa falta.
O que é um autor?
Michel Foucault*

O genebrino Ferdinand de Saussure, eminente comparatista da virada do século XX, entrou para a história como o “pai da linguística”. Tanto em manuais de linguística quanto em menções em obras de áreas conexas – para usar um termo do próprio Saussure –, como a antropologia, a psicologia e a sociologia, esse epíteto é recorrente. Porém, como todo pai que se preze, foi morto e, em seu lugar, erguido um monumento, o *Curso de linguística geral*, texto editado após sua morte por Charles Bally e Albert Sechehaye a partir de notas de alunos, cuja autoria lhe é atribuída.

Em torno desse monumento, que daqui em diante chamaremos de CLG, constituiu-se um corpo de saberes tão vasto quanto heterogêneo e que se organiza sob o significante *estruturalismo*. É fundamental termos em mente, entretanto, que o estabelecimento dessa fundação se dá retroativamente: é notadamente em 1928, no Congresso internacional de linguistas em Haia que o CLG começa a figurar como ponto de inovação nas pesquisas linguísticas, ganhando fôlego nos anos seguintes com os Manifestos do Círculo de Praga e só então entrando na academia francesa. O termo estruturalismo mesmo só ganha projeção para além da linguística em 1945, em Nova Iorque, onde se reuniam Jakobson, Levi-Strauss, Ernst Cassirer entre outros (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2010).

Conforme nos lembra Milner (2002, p. 18): “o estruturalismo não se equivocava em se crer surgido do Curso, mas ele não está no Curso”^a. Nesse mesmo sentido, Puech (2000, p. 3) afirma que a “invenção” do CLG não se deve apenas a seus editores, “mas a todos os leitores do texto que o colocaram à disposição e o puseram em circulação, conferindo-lhe assim um estatuto de quase-objeto semiológico”^b, fazendo com que o livro de 1916 fosse, ele próprio, “uma ferramenta histórica de ‘disciplinarização’ de saberes linguísticos para o século XX”^c (ibid., p. 5).

Dessa forma, vemos a importância de uma leitura que permita um deslocamento da vulgata do CLG, além de pôr em perspectiva a suposta transparência do mito fundador da linguística moderna, reinserindo a produção saussuriana em sua historicidade. Se a inserção de Saussure em sua historicidade nos afasta do engodo do fundacionismo, não devemos, por outro lado, inscrevê-lo num continuísmo idealista que apagaria a própria constituição contraditória da história que faz com que determinados sentidos circulem enquanto outros submerjam.

2.1 Leitura do pé da letra ou que é “ler Saussure”?

Em *A obra clara*, Milner chama de materialismo discursivo o método com o qual fará sua leitura de Lacan, e este consiste em percorrer alguns “relevos exteriores que o discurso lacaniano confrontou, contornou, erodiu, não sem deles receber uma forma e não sem lhes conferir uma” (MILNER, 1995 [1996], p. 9). Em nossa leitura de Saussure, esse exterior se caracteriza ora pela filologia, ora pelo movimento dos neogramáticos, ora ainda pelo que só depois se chamou estruturalismo, campos aos quais a obra de Saussure está sempre em relação e, portanto, não podem ser ignorados. O materialismo de Milner descarta ainda a exaustividade. “Admitindo-se a exterioridade do ponto de vista, o materialismo discursivo estará satisfeito, e seu programa executado, por pouco que algumas proposições tenham sido encontradas” (ibid., p. 9). Um último ponto a destacarmos do método milneriano é a incompletude característica “dos materialismos autênticos”: “Às obras não totalizantes convêm leituras não totalizantes” (ibid., 10). Se Milner atribui a Lacan incompletude semelhante à de Lucrécio e Marx, nossa leitura se esforçará em colocar Saussure nesse mesmo grupo.

Esse modo de leitura é, para Milner, a maneira de legitimar as técnicas de leitura de Freud e Lacan: “Deslocar as ligações visíveis, para que fiquem mais visíveis as relações reais. Dissipar as significações, articuladas e completas, para que o sentido emerja, sempre lacunar” (ibid., p. 9). É por essa via que buscaremos evitar, de um lado, o fundacionismo e, de outro, o continuísmo idealista.

No delicado trabalho de reconstrução (ou atribuição?) de uma certa historicidade de (a) um objeto específico, não acreditamos tratar-se da reinscrição em uma linearidade em que o historiador, atribuindo uma causalidade a eventos, deva se fixar na busca de fatos passados para explicar, comprovar, justificar eventos posteriores. Tomar tal posição implicaria apagar o gesto do pesquisador, assumindo que os fatos se dispõem harmoniosamente no fio do tempo e que basta ao historiador recolhê-los, revelando uma verdade una e já-lá. Acreditamos, e essa é nossa proposta aqui, que a reconstrução de uma historicidade é sobretudo a implicação do pesquisador em uma escrita, uma narrativa a partir do trabalho com os documentos. Assumindo essa posição, afastamos também da neutralidade pretendida em se construir uma história do passado para explicar o futuro. Ao contrário, ou ao menos *autrement*, é a partir da inscrição do pesquisador em sua história que ele trabalha os documentos a fim de inscrevê-los numa rede de sentidos. Esse modo como entendemos a história e como pretendemos desenvolver nosso trabalho de leitura se faz eco da reflexão de Paul Henry:

É verdade que é ilusório colocar para a história uma questão de origem, e esperar dela uma explicação do que existe. Ao contrário, não há “fato” ou “evento” histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e

consequências. É nisso que consiste para nós a história, nesse fazer sentido, mesmo que possamos divergir sobre esse sentido em cada caso. Isso vale para nossa história pessoal, assim como para a outra, a grande História (HENRY, [1984] 2010, p. 47).

É sob essa perspectiva, portanto, a da demanda de interpretação de que fala Henry, que incluímos a dimensão da inscrição do pesquisador em sua história – o que, em nosso caso, diz da forma como a psicanálise comparece em nossa leitura – e de como essa inscrição age na interpretação. Uma leitura que se pretende a, tal como o fazem Freud e Lacan, deslocar as ligações e dissipar as significações para que, como já dissemos acima, “o sentido emerja, sempre lacunar” (MILNER, 1995 [1996], p. 9). Assim, ao lado do materialismo milneriano, nos valeremos do método inaugurado por Freud e explicitado por Allouch em *A clínica do escrito* (1994 [2007]).

Para o autor, ler com o escrito é “relacionar o escrito com o escrito”, uma operação de transliteração. Relacionar um escrito com outro escrito é, para Allouch, o que define como simbólica a instância da letra. Isso não quer dizer que esta possua uma “autonomia radical”, que deva ser considerada fechada em si.

Ao contrário, a secundariedade, cujas consequências a transliteração, de certa forma, tira, exige reconhecer que o escrito se constitui inicialmente no domínio de algo de ordem diferente daquela da letra, uma ordem que a história da escrita mostra ser a do significante – o que designa também a ordem numérica, ou geométrica, ou musical etc... Isso quer dizer que a transliteração tem seu ponto de partida na transcrição mesmo que seja da primeira que a segunda possa, só-depois, ganhar sua razão (ALLOUCH, 1994 [2007], p. 18).

Se é do significante que a letra advém, entendida aqui como o “suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (LACAN, 1957 [1998], p. 498), é apenas com esta que o primeiro “ganha sua razão” (ibid., p. 498). O significante, portanto, negativo e diferencial, se precipita em letra¹⁹ por uma operação, uma operação de leitura que é já uma escrita. Por essa operação, o que se precipita em letra – diferentemente do significante, que só se constitui em cadeia – instaura o repetível, o que se pode contar. A letra, assim, é o que se lê no que se ouve, de modo

¹⁹ Ayres (2005) traça um percurso na construção da noção de letra em Lacan em que aponta que nos textos produzidos até meados da década de 1960 havia uma quase equivalência entre letra e significante. Desse período, os textos mais significativos são o “Seminário sobre a carta (lettre) roubada” e “A instância da letra ou a razão desde Freud”. Num segundo momento, marcado pelo seminário de 1961 sobre a identificação, Lacan retoma o conceito freudiano de traço unário e o distingue do significante na medida em que este, negativo e diferencial, se dá no encadeamento, enquanto que aquele se mostra como unidade de contagem, e diz do repetível, aproximando-se da noção de letra. No terceiro tempo de sua elaboração, marcado pelo seminário de 1971, *De um discurso que não fosse semblante*, “Lacan retira do conceito de letra a dimensão de representação, tomando-a como elemento matemático, idêntico a si mesmo. Neste momento de sua argumentação, significante e letra já não se confundem, pois o conceito de letra permite designar a dimensão daquilo que se conserva, mesmo se a mensagem não é compreendida. O caráter de conservação da letra se deve a sua referência ao real, enquanto o significante permanece vinculado à inserção simbólica do homem na linguagem. A letra, nesse sentido, conduz ao matema, quer dizer, a uma escritura cujas leituras podem variar, mas cuja sintaxe fica necessariamente fixada” (AIRES, 2005, p. 228). É valioso destacar que a leitura de Ayres não visa a uma substituição de conceitos de um “momento” a outro. O que se pretende, em sua leitura, e com a qual concordamos, é que elementos formulados no primeiro momento ainda são pertinentes e produtivos, mesmo após percorrermos seus seminários finais.

que uma leitura que se pretende uma operação de transliteração, uma leitura com o escrito, não pode prescindir do que se diga.

Seguindo nessa direção, é fundamental distinguirmos esse “que se diga” do “dito” e que, para nós, na esteira de Lacan, não coincide com o par linguístico enunciação × enunciado. Não coincide, pois há um irreduzível da linguagem que caracteriza a psicanálise, a *lalangue*, e que provoca uma volta do dito, *un tour du dit*, fazendo com que o EU–AQUI–AGORA enunciativo não equivalha ao dizer tal como compreendido por Lacan.

Retomemos o axioma lacaniano que sustenta e estrutura toda sua argumentação no texto “O aturdito”, de 1972: “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz no que se ouve”. É o próprio Lacan que atenta para o subjuntivo com que se inicia o axioma, de modo que o que resta esquecido por trás do que se diz é “que se diga”. Num breve exercício parafrástico, poderíamos supor um “O dizer fica esquecido”, afinal é do dizer que se trata. Entretanto, o dizer, enunciado dessa forma, daria ao axioma o aspecto de uma proposição universal. Ao escrever “que se diga”, colocando no “dizer” seu aspecto subjuntivo, há um rompimento com o universal e a consequente instauração de uma dimensão contingente. Não há, assim, proposição que prescinda de um dizer. O dizer, nesse sentido, ex-siste ao dito, sendo exterior a ele, lhe é condição necessária.

O axioma lacaniano marca ainda duas posições distintas: a do dizer e a da escuta aos quais o dito se interpõe. Nossa leitura de Saussure, que é também, nesse sentido, uma escuta, se se guiará pelo dito, visará sobretudo aquilo que se precipita de um dizer e que, enquanto método, aproximaremos do que Foucault vai chamar de “retorno a...”.

Mais do que um mero recurso retórico, o que aqui chamaremos de um *retorno a* busca lançar outra luz sobre o pensamento de Saussure. Um movimento de retorno a, segundo Foucault (1969, p. 284), pressupõe que tenha havido esquecimento, “não esquecimento acidental, não encobrimento por alguma incompreensão, mas esquecimento essencial e constitutivo”. A descoberta de novos documentos saussurianos em 1996, aos quais retornaremos adiante, parece ter se dobrado sobre tal esquecimento constitutivo, evidenciando-o. O Saussure descoberto exigiu um retorno ao Saussure esquecido, ou como se passou a dizer desde o fim dos anos de 1960, o Saussure *dépassé*, ultrapassado. Lê-lo para retornar a ele. Ainda segundo Foucault, retorna-se a um ponto de vazio que instaura um

perpétuo jogo [...] que consiste em dizer por um lado: isso aí estava, bastaria ler, tudo se encontra aí [...]; e, inversamente, não, não está nesta palavra aqui, nem naquela palavra ali, nenhuma das palavras visíveis e legíveis diz do que se trata agora, trata-se, antes do que é dito através das palavras, em seu espaçamento, na distância que as separa. Resulta que, naturalmente, esse retorno, que faz parte do próprio discurso, não cessa de modificá-lo, que o retorno ao texto não é um suplemento histórico [...]; é um trabalho efetivo e necessário de transformação da própria discursividade (FOUCAULT, 1969 [2001], p. 284-285).

Nesse fragmento de “O que é um autor?”, Foucault toca nisso que insistimos ser nosso modo de leitura. O *retorno a* diz respeito não ao que se lê nas palavras, no dito, mas “em seu espaçamento, na distância que as separa”, ou seja, naquilo que se escreve de um dizer. Esse movimento de retorno a, portanto, se afasta da intencionalidade de um autor, na mesma medida em que se afasta de uma leitura atualizada de conceitos antigos. Tanto de um lado como de outro, a relação com esse vazio que encontramos é o mesmo: o tamponamento, um encobrimento de sentido.

Buscamos outro destino para o vazio, um trabalho pelas margens, e isso implica a suspensão de alguns sentidos. Deixaremos em suspenso o Saussure pai da horda dos linguistas e, do CLG enquanto seu monumento totêmico, o preferiremos como letra, como inscrição num campo que, se marca um lugar, não restringe os sentidos. Desse modo, nos afastamos da religião totêmica que se funda com a morte do pai e “surge da consciência de culpa dos filhos como uma tentativa de acalmar esse sentimento e apaziguar o pai ultrajado mediante uma obediência retroativa”^d (FREUD, 1913 [2007], p. 146-147). O pai, essa imagem de “herói teórico”, criticada por Chiss e Puech (1994, p. 44), é nutrida muitas vezes por uma “biografia dos acontecimentos”, o que promove o apagamento da maior parte do domínio em que se inscreve e lineariza o trajeto na visada por um novo pai, “o Filho do Pai, o que poderia bem se tornar o Pai do Pai”^e.

No caso específico de nossa pesquisa, em que temos como objeto central a escrita na obra saussuriana, termos no CLG nosso ponto de partida tem a ver muito mais com a posição que este ocupa na produção acerca da escrita, nas décadas seguintes, que seu papel fundador *per se*. Ao contrário, como já mencionamos anteriormente, só podemos atribuir ao CLG o caráter de fundador retroativamente, por seus efeitos. Assim, antes de o tomarmos como texto fundador da linguística moderna, tomá-lo-emos como documento²⁰ que se articula numa malha de sentidos, de modo que uma leitura do pé da letra de Saussure nos possibilitará o desembaraçamento de alguns dos sentidos já cristalizados e a possibilidade de um caminho a seguir. Nossa proposta de uma leitura do pé da letra de Saussure não vislumbra o graal da intencionalidade, isto é, compreender o que Saussure *realmente quis* dizer. O pé da letra, longe de ser A verdade a se decifrar, é ele mesmo a cifra que nos permitirá novos/outros encadeamentos.

Leremos o pé da letra, pois é no pé e “apenas aí que eu encontro algo de duro”^f (LACAN, 1975, p. 61); é o pé – o pé da letra – que inscreve essa dimensão de não sentido que demanda interpretação. Ler o pé da letra é seguir um encadeamento mesmo da escrita e não propriamente

²⁰ O documento pensado aqui a partir da crítica que Foucault faz à História e ao tratamento que dispensava ao documento. Para Foucault (1969 [1986], p. 7), “O documento não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações”.

uma construção narrativa pautada pela linearidade cronológica, uma vez que, retomando Lacan (1973a, p. 505), “a função do escrito não constitui o guia, e sim o próprio caminho da estrada de ferro. E o objeto (a), tal como o escrevo, é, por sua vez, o trilho por onde chega ao mais-de-gozar aquilo de que se habita, ou em que se abriga, a demanda de interpretar”. Em outras palavras, é ouvir o que a letra nos faz dizer, uma leitura que se atravessa apenas se colocando algo de si.

Trata-se de uma leitura, portanto, que não se pretende nem ao pé da letra²¹ de Saussure, no sentido corrente, o do literal (sentido infeliz uma vez que remete a uma leitura de um conteúdo e não da letra), nem do espírito de Saussure, de um legado que se carrega. Se for espírito, que não seja *Geist – Heiliger* ou *Zeit*, santo ou do tempo –, mas Witz²², que “também quer dizer espírito” (LACAN, 1957-1958 [1999], p. 22), um *mot-d’esprit*, um espírito em que a palavra está sempre implicada, no sentido de que se trata de um jogo com a palavra, pois é por essa via que algo passa, algo se transmite.

Lacan chamará, em seu quinto ano de seminário, a técnica do chiste, do *mot d’esprit*, investigada por Freud, de técnica do significante. Tal técnica constitui-se de três elementos, quais sejam: i. uma produção significante que, enquanto mensagem, se diferencia do código; ii. o Outro como terceiro, “suportado ou não por um indivíduo” (ibid., p. 28), que sanciona a diferença produzida entre código e mensagem; e iii. “alguma coisa que se situa profundamente no nível do sentido”, a verdade.

Assim, o nó de onde emerge o “significante novo e paradoxal” do chiste exige um terceiro elemento, o Outro, que sancione sua emergência enquanto tal. A sanção surge, retroativamente, quando da assunção da verdade. Dessa técnica, o que nos interessa é que ela só se produz, no “fio da fala”, ou seja, na cadeia significante, num só-depois, quando algo da verdade se transmite. Uma verdade que não se produz pela via do significado, mas pela articulação significante o que a confere um caráter essencialmente de semidizer, pois ela não se diz toda. Há uma falta na palavra que impossibilita que a verdade seja dita toda, como pontua Lacan na abertura de “Televisão”: “Sempre digo a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam palavras. É por esse impossível, inclusive, que a verdade tem a ver com o real” (1973 [2003], p. 508).

Nossa leitura da letra de Saussure buscará se pautar nisso que constitui a essência do chiste e que Lacan formula da seguinte maneira: “ela designa, e sempre de lado, aquilo que só é visto quando se olha para outro lugar” (1957-1958 [1999], p. 29). É precisamente esse gesto de

²¹ Optamos por nomear nossa leitura como sendo “do pé da letra” justamente para nos afastarmos do que se entende no senso comum por leitura “ao pé da letra”, além de enfatizar um ponto material de partida “do pé”, e não um modo “ao pé”, o que, em francês, oporia uma “lecture de la lettre” a uma “lecture à la lettre”. O pé, que só se diz na nossa língua, o mantivemos na medida em que funciona como metonímia desse nosso caminhar.

²² Witz, em português, se traduz, na obra freudiana, por “tirada espirituosa” ou “chiste”.

leitura que buscamos, o de vislumbrar algo quando se olha para outro lugar. É isso também que faz com que Allouch (1994 [2007], p. 65), a partir de Freud, atribua ao chiste um caráter de leitura: “Tal é o estatuto que ler recebe de Freud e que dá conta de que um chiste pode fazer a interpretação de um sonho”.

Pensar a leitura a partir dos elementos que dão sustentação para que um dito funcione como chiste, nos aproxima do que Lacan, no seminário de 1972-73 [2010], dirá do que entende por isso: “ler não é, de modo algum, algo que nos obrigue a compreender” (p. 140). Em nosso caso específico, ler Saussure, um nome já transbordante de sentido, e de lugares preenchidos do que vem a ser “compreender Saussure”, torna pertinente, a nosso ver, a forma de ler que defendemos aqui. Nesse mesmo sentido, falando, agora, de sua leitura de Aristóteles, mais uma vez Lacan contribui para a sustentação dessa forma de leitura:

Que sei eu, afinal, que posso presumir do que sabia Aristóteles? Talvez o leia melhor na medida em que esse saber eu lho suponha menos. Tal é a condição de se pôr estritamente à prova a leitura. E é dessa prova que, em suma, eu não me esquivo (ibid., p. 144).

Assim, a leitura da letra ou, como nomeia Allouch, a leitura com o escrito, implica um esvaziamento do imaginário na medida em que é regida pelo simbólico: o que ao mesmo tempo suspende a apreensão de um conteúdo e impõe a dessuposição de um saber.

2.2 A escrita de Saussure

É comum em textos sobre o linguista genebrino lermos que Saussure não escreveu. Sofia (2015), em sua introdução à *Collation Sechehaye*, faz a conta para mostrar sua baixa produtividade! Foram menos de 600 páginas publicadas em vida; descontados o *Mémoire* e a *Thèse*, são 200 as páginas publicadas, sete páginas por ano! De fato, Saussure pereceria na lógica *publish or perish* da universidade atualmente.

Entretanto, ao passarmos os olhos por suas publicações – para ficarmos nelas, por enquanto – notamos um investimento em diversos campos em que a língua se colocava como questão. Além de seu *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1878) – que o tornou largamente conhecido entre seus pares – e sua tese, *De l'emploi du genitif absolu em sanscrit* (1881), o mestre genebrino publicou cerca de cinquenta textos entre os anos de 1877 e 1912. Bouquet (1997, p. 64) diz que a maioria dessas publicações se restringiam a “*travaux universitaires obligés*”, sendo que a grande maioria dos artigos – curtos – eram exigência para o pertencimento à *Société Linguistique de Paris*. A maior parte deste material publicado em vida foi reunido por Charles Bally e Léopold Gautier e lançado em 1921, com o nome de *Recueil de publication scientifiques de Ferdinand de Saussure* (doravante *Rec.*). Nesses artigos, encontramos temáticas diversas, desde textos sobre sufixos latinos à acentuação do lituano, estudos sobre o grego, o sânscrito, o alto alemão, o

prussiano antigo, o gótico. Um texto publicado em vida e o qual examinaremos mais de perto é o *Inscriptions Phrygiennes*, de 1898, sobre a proposta de leitura de Saussure das duas pedras frígias descobertas em 1893 por M. Chantre em Euyuk. O objetivo do artigo, segundo o próprio autor, é “tentar estabelecer o texto – a sequência material de letras – sem estender muito mais nossa ambição”^g (1898 [1922], p. 542).

É interessante destacar ainda um artigo de 1884 sobre os “Termos de parentesco entre os Aryas”, em que o linguista traça algumas relações entre as designações de parentesco e a organização social dos Aryas. No artigo podemos ler uma interessante articulação entre a língua e seu papel na organização social, uma relação marcada em diversos outros momentos de sua produção, mas que foi apagada – ou ao menos diminuída – em muitas leituras posteriores à publicação do CLG. Tal apagamento caracterizou uma leitura da qual ainda podemos observar seus efeitos e da qual trataremos mais a diante.

No excerto abaixo, observamos como Saussure retoma as relações entre os termos de parentesco a fim de determinar a forma como *potis* e *potni* se inserem nesse sistema e, a partir dessa articulação, inferir sobre a organização social dos Aryas, o povo que supostamente falava o indo-europeu.

Os nomes que serviam para designar o esposo e a esposa entre os Aryas era provavelmente *potis* e *potni*. O sentido fundamental de *potis* é “mestre”, mas esse título, assim como Pictet o nota com razão, não deve levar a concluir que a mulher era escrava, pois que ao seu lado, *potni* significa “mestra”. É pela relação com o resto da família que o esposo e a esposa são mestre e mestra, senhor e dona. Parece-me que tais denominações deixam entrever um estado patriarcal no qual não eram apenas as crianças, mas toda uma família ou todo um clã que se agrupava em torno do *potis* e da *potni*^h (1884, p. 480).

Se contamos as sete páginas anuais publicadas, Tulio de Mauro (1967) nos faz notar que a frequência dessas publicações cai significativamente a partir de 1891, ano em que deixa Paris e suas funções de mestre de conferência na École des Hautes Études para assumir a cadeira de professor extraordinário de línguas indo-europeias criada na Universidade de Genebra.

É importante pontuar que Saussure já gozava de prestígio entre os linguistas. Quando de sua saída de Paris²³, este é homenageado com a *Légion d'honneur*, a mais alta condecoração honorífica francesa. Na justificativa de atribuição do título, lemos que

O senhor de Saussure possuía já uma reputação bem estabelecida de linguista e de filólogo [...]. Ao nos deixar, ele carrega o pesar de todos seus colegas, e os senhores Michel Bréal e Gaston Paris, membros do Instituto, se fazem os intérpretes do pensamento unânime da École ao exprimir o desejo que o senhor de Saussure, por sua nomeação na Legião de

²³ Mounin (1968) sugere que seu retorno tenha relação com a impossibilidade de suceder a M. Bréal no Collège de France que, à época, requisitava que Saussure obtivesse a nacionalidade francesa, o que o genebrino recusou. De Mauro (1967 [2005]) cita E. Favre (F. d. S. 33-34): “ele poderia suceder a M. Bréal no Collège de France se se tornasse francês’ mas ‘esse intelectual permaneceria bem genebrino e bem patriota’ e é por isso que retorna à Genebra”ⁱ (p. 342).

Honra, carregue consigo a prova palpável de nossa estima e de nosso reconhecimento (FLEURY, 1965, p. 41-2 apud DE MAURO p. 342).

Nesses vinte e dois anos que antecedem sua morte, como ainda nos conta De Mauro, o linguista genebrino assume diversos cursos na universidade: línguas indo-europeias, sânscrito, fonologia do francês moderno, língua e literatura alemã, grego, latim, gótico, lituano, além dos três cursos de linguística geral que resultaram no CLG. Entretanto, apesar de seus compromissos docentes, suas participações em eventos acadêmicos, bem como suas publicações se rarefazem – de 1894 até sua morte, em 1913, contam-se apenas nove publicações, versando sobretudo sobre o lituano, o latim e o indo-europeu, o mesmo ocorre com sua correspondência, cada vez mais rara e irregular.

Entretanto, é justamente nesse período de maior isolamento que Saussure empreende duas pesquisas de fôlego: a pesquisa sobre as lendas germânicas que, desenvolvida entre 1903 e 1910, resultou em 814 folhas manuscritas (TURPIN, 2003 p. 352) e a pesquisa com os anagramas, empreendida entre 1906 e 1909 e registrada em cerca de 140 cadernos. Do período genebrino também encontramos três conferências na Universidade de Genebra (1891), o esboço de um livro de linguística geral (1893-4) e notas para um artigo sobre Whitney (1894), todos publicados nos *Escritos de linguística geral*, editados por S. Bouquet e R. Engler em 2002.

Com este percurso um tanto desviante e lacunar sobre sua biografia acadêmica, temos como objetivo, antes de chegarmos ao texto de Saussure, afastarmo-nos da visão, ainda comum, de um autor-defunto, cuja obra lhe é póstuma. Assim sendo, o que significaria dizer, então, que Saussure não escreveu?

Deve-se observar que o que vem a se constituir como legado de Ferdinand de Saussure é o *Curso de linguística geral*, e não os trabalhos que lhe conferiram reconhecimento em vida. É, pois, um texto editado a partir das notas de alunos – uma vez que, como afirmam os editores, “as gavetas de sua [de Saussure] secretária não nos proporcionaram mais que esboços assaz antigos, certamente não destituídos de valor, mas que era impossível utilizar e combinar com a matéria dos três cursos” (BALLY; SECHEHAYE, 1916 [2002], p. 1) – que sustenta seu discurso.

Ao nos aprofundarmos nos estudos saussurianos, faz-se mister estabelecer um trajeto de leitura que coloque a obra editada por Charles Bally e Albert Sechehaye em perspectiva. Nesse sentido, é Puech quem indica um caminho interessante para pensar a inscrição do CLG na história das ideias linguísticas, o de

considerar o texto de 1916 como uma *matriz projetiva e produtiva*, pulsante o suficiente para conduzir uma série de projetos científicos aparentados (a linguística dos Círculos, o estruturalismo ‘generalizado’, as semiologias etc.) aparentados, mas também fundamentalmente concorrentes e dispersos^k (2008, p. 1096 – destaque do autor).

Tal leitura se afasta radicalmente daquela que visa desqualificar ou negar a importância do CLG, que busca nos manuscritos um Saussure ele mesmo, verdadeiro e pleno de intencionalidade²⁴. Seguiremos aqui, então, o caminho proposto por Puech. Entenderemos o livro de 1916 como o produto de uma transmissão, um gesto de Bally e Sechehaye que serve como balança entre as inquietações do mestre genebrino acerca da formalização de uma disciplina e uma dispersão de leituras heterogêneas que se reconhecem filiadas a Saussure. Nessa perspectiva, poderíamos tomar Saussure como um fundador de discursividade, conceito de Foucault (1969 [2001], p. 280-281) para designar autores que produzem “a possibilidade e a regra de formação de outros textos [...], uma possibilidade infinita de discursos”, uma característica que o próprio Foucault não reconhece em Saussure por o inscrever numa tradição que retoma Port-Royal – leitura esta da qual não compartilhamos.

A nosso ver, o gesto de Saussure deve ser compreendido em dois tempos: um de formalização e outro de fundação, tempos que, no caso do genebrino, não coincidem, mas que se reúnem sob seu nome. Seguimos a leitura de Milner quando afirma, em *O amor da língua*, que para Saussure a linguística já existia, era a gramática comparada e que sua tarefa seria, então, formalizar o que já se fazia. O gesto fundador foi-lhe atribuído posteriormente, e com referência ao CLG, o que implica que se considere o papel dos editores nesse gesto fundador. Em outras palavras, se houve um gesto fundador, deste não se pode subtrair o papel de Bally e Sechehaye. Nesse sentido, concordamos com Silveira (2003, p. 27-28) quando a autora afirma que

a edição é mais que reprodução das ideias de Saussure ou deformação dessas ideias pelos editores, ou seja, houve aí um movimento que é próprio da edição e leva a marca tanto de Saussure quanto dos editores. Falar do estatuto da edição é dizer dessa marca. [...] Assim, se o CLG cumpriu a sua função na fundação da linguística geral é porque, embora tenha havido a edição, essa não apagou os efeitos do trabalho de Saussure ao constituir um saber novo sobre a língua.

Ao recolherem as notas dos alunos e de Saussure e editá-las na forma de um livro, os editores optaram por um arranjo que, segundo eles próprios, se tratava

de uma recriação [...]; em cada ponto, penetrando até o fundo de cada pensamento específico, cumpria, à luz do sistema todo, tentar ver tal pensamento em sua forma definitiva, isentado das variações, das flutuações inerentes à lição falada, depois encaixá-lo em seu meio natural, apresentando-lhe todas as partes numa ordem conforme à intenção do autor, mesmo quando semelhante intenção fosse mais adivinhada que manifestada (BALLY; SECHEHAYE, 1916 [2002], p. 3).

Havia, já na proposta inicial de Bally, a produção de um efeito de síntese, livre das “flutuações inerentes à lição falada”, impingindo o “pensamento do autor” a uma “forma

²⁴ Trabant (2005, p. 111) aponta como nomes importantes dessa leitura filológica do saussurismo que busca a reconstrução de um Saussure “autêntico”, Johannes Fehr, Ludwig Jäger e Simon Bouquet.

definitiva”, ao que lemos como sendo o exercício de inscrever a obra de Saussure no discurso da ciência, que à época era o positivismo.

Na introdução à *Collation Sechehaye*, Sofia relata que os editores não eram os únicos desejosos em transmitir a palavra do mestre. Além dos já mencionados CLG (1916) e *Rec.* (1922), publicados por Bally e Sechehaye e Bally e Gautier, respectivamente, Marie de Saussure, viúva do genebrino, publica *Ferdinand de Saussure (1857-1913)*, uma coletânea de falas e notas póstumas sobre o linguista. Há ainda a publicação de dois pequenos textos, o primeiro em 1915, por Paul-Edmond Martin, “La destruction d’Avenches dans les Sagas Scandinaves”, estabelecido “d’après des traductions et des notes de F. de Saussure”, e outro em 1920, por Louis Gauchat, “Le nom de la ville d’Oron à l’époque romaine”, em que Saussure figura como autor e Gauchat como comentador (“annotée par”).

Há ainda o linguista francês Antoine Meillet que, uma dezena de dias após o falecimento de Saussure, escreve à viúva mostrando interesse na publicação das notas do linguista. Alguns dias antes, em sua necrologia de Saussure, Bally também trata da importância da publicação da obra do mestre. Há, então, uma série de cartas trocadas entre Meillet, Bally e Marie de Saussure que mostram uma disputa entre os dois linguistas sobre a forma como as ideias do mestre seriam publicadas. Meillet era favorável à publicação dos manuscritos e dos cadernos dos alunos da forma como se apresentavam, pois, em sua opinião, só assim seria conservada a genialidade do mestre. Bally, por outro lado, defendia a publicação do “todo orgânico” que menciona no prefácio do livro. Marie de Saussure opta por entregar a tarefa de edição à Bally (cf. CS, 2015, p. XX-XXV). Uma opção que não foi muito bem recebida, como veremos mais adiante, nos anos iniciais após a publicação do livro. Uma crítica constante era o desrespeito para com a memória do linguista, tão rigoroso com a condução de suas reflexões que jamais as teria publicado na forma como se encontravam.

Em 1964, Émile Benveniste publica no 21º número dos *Cahiers Ferdinand de Saussure (CFS)* a correspondência do genebrino com seu aluno e colega francês Antoine Meillet. Nas linhas iniciais da carta que abre a correspondência entre os linguistas lemos: “O senhor faz bem em falar, quase no início de sua carta de novembro, de sua epistolofobia, de forma que eu fale a alguém que não será incapaz de desculpar a minha”²⁵ (1894 [2013], p. 194)²⁵. A declarada epistolofobia, compartilhada com Meillet, circulará também para preencher de sentido o “Saussure pouco escreveu”. É nessa mesma carta, ainda, que Saussure confessa seu enfado em escrever sobre linguística – trecho já bastante conhecido, citado por Godel (1957, p. 31), Gadet (1987, p. 16), Normand (2000, p. 21), entre muitos outros. Na carta, o genebrino já parece deixar claro que a

²⁵ Apesar de indicarmos a primeira publicação das cartas no CFS21 por É. Benveniste, as referências à correspondência de Saussure serão dadas a partir do trabalho de Quijano (2013).

linguística geral não seria senão que um desvio necessário dos estudos pelos quais de fato tinha interesse, um desvio que se impunha, incontornável. Abaixo, segue um trecho um tanto longo, mas significativo, da carta:

O começo de meu artigo sobre a entonação será publicado. O 2º. artigo encerrara o que quero dizer sobre a entonação e conterà 2o [sic] minhas observações sobre a acentuação, assim como sobre a *entonação letã*, que é **(eu já lhe disse isso?)** um efeito da *acentuação – sem relação com a entonação lituana!!* Mas **eu estou enojado com tudo isso**, e com a dificuldade que há em geral em se escrever somente dez linhas tendo o senso comum em matéria de fatos de linguagem. Preocupado sobretudo desde muito tempo com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos pontos de vista sob os quais nós os tratamos, eu vejo cada vez mais a imensidade do trabalho que deveria ser feito para mostrar ao linguista *o que ele faz*; reduzindo cada operação a uma categoria prevista; e, ao mesmo tempo, a grande vaidade de tudo que se pode fazer finalmente em linguística.

É, em última análise, apenas o lado pitoresco de uma língua, aquilo que faz com que ela difira de todas as outras como pertencente a determinado povo tendo determinadas origens, **é esse lado quase que etnográfico que conserva para mim um interesse: e precisamente eu não tenho mais o prazer de poder me lançar nesses estudos sem reservas, e de gozar de um fato particular ligado a um meio particular.**

Sem cessar, a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de a reformar, e de mostrar com isso que espécie de objeto é a língua em geral, tem estragado meu prazer histórico, embora eu não tenha nenhum desejo mais caro que o de não ter de me ocupar da língua em geral.

Isso terminará, **à minha revelia**, em um livro em que, **sem entusiasmo nem paixão**, eu explicarei por que não há um só termo empregado em linguística ao qual eu atribua um sentido qualquer. **E apenas depois disso, eu confesso, que eu poderei retomar meu trabalho do ponto onde eu o havia deixado**^m (In *Lettres*, p. 195 – itálicos de Saussure; negritos nossos).

Antes de nos determos em alguns fragmentos da carta, achamos pertinente indicar que é nela em que lemos, da parte de Saussure, um movimento no sentido de um estreitamento de laços entre os dois linguistas. O genebrino, que foi professor de Meillet, propõe-lhe em um “*petit post-scriptum*” o início de uma correspondência entre amigos:

Permita-me um pequeno post-scriptum. O senhor gosta de me chamar de seu mestre, e eu fico lisonjeado de merecer o título de qualquer maneira. Mas eu gostaria mais de um outro, e se o senhor também o quiser, corresponder-nos-emos de agora em diante como amigosⁿ (ibid., p. 196).

O pequeno *post-scriptum* parece escrever o que se articula ao longo da carta: um deslocamento da posição de Saussure em que, abandonando o lugar do mestre de escola, passa a enunciar a partir de um não saber. Esse gesto interpretativo, o de redobrar o *post-scriptum* sobre a carta, *la lettre*, se justifica a partir de Derrida quando fala do *nachträglich* freudiano, que traduzimos por só-depois. O filósofo se estende na etimologia do termo, mas o que nos interessa é o seguinte: “*Nachtrag* tem também um sentido preciso na ordem da letra [*lettre*, carta]: é o apêndice, o codicilo, o *post-scriptum*. O texto que se denomina presente só se decifra no pé da página, na nota ou *post-scriptum*” (1967 [2014], p. 311).

É com o movimento que lemos no pé da carta (*lettre*) que nos voltamos ao seu corpo. Meillet, ex-aluno e sucessor da cadeira deixada por Saussure em Paris, é solicitado em outro lugar.

No corpo da carta é a linguística que se desloca face ao reposicionamento de Saussure. Talvez o contrário: a linguística da época impõe um deslocamento a Saussure, afastando-o da posição do professor universitário em vias de publicar o artigo sobre acentuação lituana para uma posição que o lança sobre o fazer do linguista. Uma posição que o lança ao silêncio, ao “Saussure não escreveu”.

Apesar do entusiasmo inicial ao relatar suas descobertas sobre a entonação letã (“(eu já lhe disse isso?)” e a exclamação enfática “!!”), que lhe renderia seu último texto publicado em vida (GODEL, 1957 [1974], p. 32), Saussure escreve sobre seu desânimo face a falta de rigor metodológico nas pesquisas sobre a linguagem, ele, que há muito tempo já vinha se preocupando “com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos pontos de vista sob os quais nós os tratamos”, vê cada vez mais o enorme trabalho a fazer a fim de “mostrar ao linguista *o que ele faz*”. Esse desvio que lhe supõe imposto produziria, *à sua revelia*, um livro “sem entusiasmo nem paixão”, em que exporia seus desacordos com a terminologia corrente. Para Godel (1957, p. 32), a questão da natureza da língua e dos fundamentos da linguística tinham um “caráter obsessivo, que o pressionava a fixar em um livro, como que para livrar-se disso, das ideias que ele havia elaborado”. O livro em questão, porém, não foi publicado.

Em 1911, em entrevista à Léopold Gautier, Saussure diz ter anotações para um livro de linguística, mas tais notas haviam se perdido e seria um absurdo recomeçar as longas pesquisas para uma publicação (CFS 58, 2005, p. 70). As notas, devidamente perdidas, supõe-se atualmente²⁶, foram encontradas num envelope com a inscrição “Ciência da linguagem”, em 1996, na estufa do hotel da família de Saussure em Genebra.

O ato adiado por Saussure foi levado a cabo, *à sua revelia*, em 1916. Nas palavras de Milner, “podemos considerar que o Curso, redigido de maneira póstuma, é o livro anunciado, ou ao menos se aproxima dele o quanto é possível”²⁷. Entretanto, o livro perdido não é o editado em 1916. Oitenta anos após a publicação do CLG cria-se um duplo, o suposto livro perdido face ao livro editado pelos alunos, o que instaura, como já dissemos, uma busca pelo verdadeiro Saussure.

O gesto de Charles Bally e Albert Sechehaye – alunos de Saussure em Paris, mas não dos cursos de linguística de Genebra²⁷ – põe em causa o projeto perdido do mestre que

²⁶ Para os editores dos escritos publicados pela Gallimard, S. Bouquet e R. Engler, “Saussure parece, na verdade, ter redigido, além dos textos fragmentários conhecidos até então, os esboços consistentes de um livro sobre a linguística geral. É o que se evidencia, hoje, com a leitura do conjunto de manuscritos descobertos em 1996” (In ELG, p. 15-16). Já para R. Amacker, que publicou uma nova versão dos manuscritos pela Droz, “não se trata, de forma alguma, nos textos descobertos em 1996, ‘dos manuscritos de um livro sobre a linguística geral que acreditávamos perdidos’. [...] Prefiro me ater à uma indicação do próprio Saussure, que reuniu, não se sabe quando, uma parte importante de suas notas em um envelope sobre o qual escreveu ‘Ciência da linguagem’”^p (In SAUSSURE, 2011, p. 12).

²⁷ Quando Saussure precisou se afastar da universidade, em 1911, ele confiou a Sechehaye os cursos de linguística e a Bally os de gramática comparada. Sechehaye substituiu Saussure no curso de 1912-1913, no período letivo seguinte é Bally quem assume a cadeira de Saussure, entre 20 de junho de 1913 até 1939. Sechehaye retoma à cadeira em 1939 e segue nela até 1945 (cf. SOFIA, 2015, p. xxviii).

experimentou, nos três cursos genebrinos, uma nova tentativa de escrita. O professor Danielle Gambarara defende a tese de que já era tradição na Universidade de Genebra o arquivamento dos cadernos dos alunos quando Saussure assume a cadeira de linguística geral, e este não ignorava o fato. Para Gambarara, há elementos textuais nas anotações de Constantin que indicam uma preocupação de Saussure na organização do curso enquanto livro (In *Conferência de abertura da III Jornada de estudos saussurianos*, Campinas, 8 set. 2016).

A recepção do CLG por Meillet, entretanto, é cautelosa. Ele abre seu *compte rendu* do livro, também publicado em 1916, dizendo que a família e os alunos genebrinos de Saussure se encontram diante de um caso de consciência delicado. E segue:

F. de Saussure que muito hesitou em redigir suas ideias sob uma forma definitiva, não deixou quando de sua morte nenhum trabalho inédito em estado de ser publicado. Mas ele professou diversas vezes cursos de linguística geral que causou nos ouvintes uma impressão profunda. Esses cursos não eram destinados a ser publicados, e F. de Saussure seguramente teria recusado que publicassem, em vida, as anotações que um de seus ouvintes houvesse feito (MEILLET, 1916, p. 162).

Essa primeira recepção do CLG (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2010)²⁸, sobretudo em Paris, não é positiva. Segundo Mounin (1968, p. 162, nota 1), é particularmente o *compte rendu*²⁹ de Meillet que dará o tom da leitura nesses primeiros anos. Tinha-se em Saussure o eminente comparatista e autor do *Mémoire sur le système des voyelles en indo-européen* e não do CLG, este último visto como incompleto, incoerente e lacunar, não refletindo a complexidade do pensamento do mestre genebrino (NORMAND, 1978; MOUNIN, 1968).

Um último ponto a ser destacado da relação de Saussure com sua escrita, além do hábito de Saussure de rasgar as anotações que preparava para seus cursos (DE MAURO, 1967, p. 344), é a nota com a qual Jean Starobinski inicia seu *As palavras sob as palavras*, de 1971 (p. 11):

Absolutamente incompreensível se eu não fosse obrigado a confessar-lhe que tenho um horror doentio pela pena, e que esta redação me causa um suplício inimaginável, completamente desproporcional à importância do trabalho.
Para mim, quando se trata de linguística, isto é acrescido pelo fato de que toda teoria clara, quanto mais clara for, mais inexprimível em linguística ela se torna, porque acredito

²⁸ Os autores estabelecem quatro fases principais de recepção do CLG na França que muitas vezes se sobrepõe, o que quer dizer que uma forma de leitura não se estingue para que surja uma nova forma de leitura. Os marcos temporais que caracterizam tais recepções são a publicação do CLG, 1916; o Congresso internacional de linguistas em Haia, em 1928; a difusão do CLG para outras áreas, a partir de 1945; as publicações críticas de Godel (1957), De Mauro (1967) e Engler (1968) e, mais recentemente a publicação do que se chamou de Escritos de linguística geral (2002). Cabe ainda ressaltar que não entendemos o termo recepção como um produto adquirido passivamente. Como parece sugerir os autores, a recepção é uma forma de leitura afetada tanto pelo momento quanto pelo lugar em que ocorre, trazendo toda uma rede de filiações institucionais e epistemológicas que imprimem sua marca nessa leitura. Nesse sentido, concordamos com Flores (2016, p. 3) que, em seu conjunto de conferências na École Normal Supérieur, abre sua fala sobre a recepção da linguística saussuriana no Brasil dizendo que “falar da recepção de um pensamento significa contar uma história, ou seja, contar a história de certas ideias em um contexto institucional e mesmo epistemológico que não correspondem necessariamente ao contexto no qual tais ideias foram concebidas. É necessário, também, assumir um ponto de vista para contar essa história, o que implica admitir que o narrador ocupa um lugar muito especial no relato.”^s

²⁹ Sobre os primeiros *comptes rendus* do CLG, cf. MOUNIN, 1968 e NORMAND, 1978.

que não exista um só termo nesta ciência que seja fundado sobre uma ideia clara e que assim, entre o começo e o fim de uma frase, somos cinco ou seis vezes tentados a refazê-la (Texto interrompido, Ms. fr. 3957/2: Rascunhos de cartas de F. de Saussure.)

Todos esses traços são elencados, como dissemos há pouco, para sustentar a tese de que Saussure não escreveu. Gadet (1987, p. 13), por exemplo, parte dessa premissa para propor o que chamou de uma leitura na circulação de escritos, de Saussure, de seus comentadores, das notas dos alunos e de seus manuscritos. Seguiremos o mesmo percurso de Gadet, mas sob premissa diferente. Buscaremos ler esses traços sobre outro prisma, não como justificativa de uma não escrita, mas como processo mesmo de sua escrita. Rastier, apesar de seguir uma direção diferente da nossa na análise do *corpus* saussuriano, toca numa questão que faz eco ao que estamos pontuando: “a hermenêutica dos fragmentos [em referência à leitura das notas autógrafas] deve ser completada por uma hermenêutica do silêncio, ou ao menos da não publicação. O silêncio de Saussure deve, com efeito, ser interpretado”³⁰ (2003, p. 25).

Trouxemos esses elementos relativos à publicação do livro de 1916 a fim de insistirmos em uma leitura em que pese o efeito da transmissão, pensada aqui a partir de uma articulação do que Saussure fala sobre o tema com o que apreendemos da transmissão em Freud, sobretudo em *Moisés e a religião monoteísta* (1939 [2007]). O linguista genebrino, em seu manuscrito sobre a dupla essência da linguagem aponta um fato crucial para pensarmos a transmissão: “o fenômeno primordial da linguagem é a associação de um pensamento a um signo; e é justamente esse fato primordial que é suprimido na transmissão do signo”³¹ (DE-A, p. 70; DE-br, p. 46). Em sua reflexão sobre o que se apreende ao abordar a língua na relação com o tempo, Saussure aponta que lá onde o tempo age³⁰, só se pode depreender o signo suprimido de seu significado.

O genebrino, entretanto, ressalta que se se pode afirmar que “a linguagem vive através do tempo”, ou seja, que “é suscetível de se transmitir”, este fato, “elemento vital da linguagem, porque nada há na linguagem que não seja transmitido”, é “absolutamente estranho à linguagem”³¹ (DE-A, p. 77 ; DE-br, p. 51). Há um endereçamento, no texto de Saussure, à linguística feita à época, em que a distinção entre uma abordagem sincrônica e outra diacrônica da língua não ocorria. O que nos interessa aqui dessa discussão é o fato de que “tudo o que existe na língua provém puramente³¹ dos acidentes de sua TRANSMISSÃO”³¹ (DE-A, p. 78; DE-br, p. 52 – maiúsculas no original).

³⁰ Pereira de Castro (2013, p. 97) investiga em seu “pequeno ensaio” o papel do Tempo na teorização de Saussure, ao que conclui que se o tempo não é agente de mudança na língua, “o tempo intervém na medida em que por ele se revelam dois objetos distintos, criando dificuldades particulares para a Linguística”.

³¹ Amacker indica uma rasura de “des accidents de sa transmission; mais | [fim da linha em branco] de son passage” por “pure~t des accid~ts”. Na edição de Bouquet (DE-BE, p. 55) e, por consequência, na brasileira, o “purement” é substituído por “souvent”, traduzido por “muitas vezes”, o que produz um deslocamento significativo nos efeitos da transmissão sobre a língua.

A esses “acidentes de transmissão” propostos por Saussure, aproximamos as desfigurações e os deslocamentos dos quais trata Freud em sua leitura do Moisés e da religião monoteísta. Na leitura cruzada entre textos bíblicos e aqueles de tradição oral, Freud busca nesses pontos de desfiguração e deslocamento [*Enstellung*] algo de sufocado e desmentido: “em muitos casos de desfiguração e deslocamento de textos podemos esperar que, no entanto, encontremos escondido em alguma parte o sufocado e o desmentido, ainda que modificados e arrancados do contexto”^x (1939 [2007], p. 42). Nesse trabalho nos furos do texto, que Freud atribui, metaforicamente, a um inábil editor [*ungeschickter Bearbeiter*] (ibid., p. 13), o psicanalista se detém muitas das vezes no significante: o nome Moisés, a mudança de nome das cidades, o deslocamento de “*habiru*” para “hebreus” etc.

Freud, partindo de outro lugar, parece tocar na mesma questão: o assassinato do homem Moisés, apagado, se transmite não por sua mensagem, mas pelo traço deixado pelo seu apagamento. Nesse sentido, vemos a importância da noção de transmissão para nossa leitura, pois tal como Saussure ao se debruçar sobre Siegfried e as lendas germânicas ou como Freud e seu Moisés, o trabalho que buscamos realizar tem a ver com isso que se transmite para além do que se convencionou chamar de mensagem.

Betty Fuks (2000, p. 130) aproxima o modo de leitura de Freud daquele característico dos talmudistas e que vai na direção que pensamos o nosso método:

Se na análise cada sentido obedece à história do sujeito e apenas e exclusivamente a suas associações, no judaísmo cada versículo traz um germe de leituras polissêmicas, o que não quer dizer que estas possam ser arbitrárias e incoerentes. A leitura à letra é o denominador comum a estes dois campos e convém lembrar que, sendo deslocável e empunhável, a letra é transmissível e, justamente, por essa transmissibilidade própria, transmite aquilo que ela é no meio de um discurso: o suporte.

A transmissão da letra, tal como propõe Fuks, se articula com o que o psicanalista Jacques Lacan diz em “Estou falando com as paredes [*Je parle aux murs*]”. É pela via daquilo que ressoa que Lacan pauta sua conversa aos residentes do hospital psiquiátrico sobre a transmissão da psicanálise (1971-1972 [2011]). Uma transmissão que se dá não pela racionalização, pela *raison* – de um conjunto de conteúdos, do que é dito –, mas pelo que ressoa, *reson*, daquilo que se diz. É, portanto, da ordem do dizer que se trata: “O que ressoa, seria isso a origem da *res* com a qual se faz a realidade?” (ibid., p. 86).

A formalização de uma linguística geral por Saussure, assim, carrega os efeitos de seu percurso: o mal-estar inicial do linguista com sua disciplina, a elaboração de notas e de um esboço de livro esquecidos na estufa do hotel, a assunção da cadeira de linguística na Universidade de Genebra treze anos depois, a retomada do tema para a elaboração das aulas, as aulas em si, a

recepção e anotação dos alunos, a relação de Saussure com essas notas³², a relação dos editores – que eram também colegas e ex-alunos – com os cadernos dos alunos e as poucas notas de Saussure, a decisão por uma obra com um “todo orgânico”.

Para além da relação da escrita com a língua e a linguística, é mister considerar o papel da escrita na relação com o sujeito se pretendemos esboçar alguma via para pensar a relação possível entre escrita e linguística ao se considerar a hipótese do inconsciente. Em *O amor da língua*, Jean-Claude Milner estrutura sua argumentação sobre a possibilidade de uma ciência da língua a partir da seguinte questão “O que é a língua se a psicanálise existe?” (1978 [2012], p. 25). Com essa questão e com a formulação lacaniana de *lalangue*, que implode qualquer tentativa de unidade da língua (ou de uma língua), o autor examina os movimentos necessários ao linguista para que este possa definir seu objeto à luz dos ideais científicos positivistas. Nesse mesmo caminho, retomo a questão milneriana com uma variação: O que é a escrita se a psicanálise existe? Em outras palavras, se se toma a hipótese de que há inconsciente, ou seja, de que se diz mais além e mais aquém de um suposto querer dizer, se algo se transmite à revelia de qualquer intencionalidade, que lugar a escrita ocupa nos estudos sobre a linguagem?

Assim, a retomada das fontes manuscritas e das notas dos alunos não será um exercício exegético; ao contrário, esse material será utilizado de maneira a deslocar sentidos já bastante estabilizados no que diz respeito ao CLG. Ler Saussure hoje exige um movimento do *Curso* aos cursos a fim de que novos, outros sentidos sejam suscitados. É esta nossa aposta.

2.3 A letra de Saussure

Se caracterizamos nossa leitura como uma leitura do pé da letra, cabe agora interrogarmo-nos sobre qual vem a ser a massa textual sobre a qual efetuiremos tal leitura.

A rede de textos a partir da qual teceremos nossa leitura remonta à publicação dos primeiros manuscritos saussurianos. Robert Godel publica na 12^a edição dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, em 1954, as primeiras notas de Saussure utilizadas por Charles Bally e Albert Sechehaye na confecção do *Curso de linguística geral*. Desde então, um amplo material do próprio Saussure, bem como as anotações de alguns dos alunos que frequentaram os cursos da Universidade de Genebra, vêm sendo publicados nos CFS.

A partir do material publicado em 1954, Godel lança, no mesmo ano, *Les sources manuscrites*, que, além de retomar os manuscritos, expõe seu estudo sobre a confecção do curso pelos editores. Outros dois importantes estudos exegéticos do pensamento saussuriano que nos

³² Além do que dissemos acima sobre a ciência de Saussure quanto ao arquivamento dos cadernos, Gambarara (2005, p. 39) mostra a partir das notas periféricas de Constantin em seus cadernos, o cuidado de Saussure para que os alunos anotassem meticulosamente o que dissera.

serão preciosos para a articulação que buscamos são os trabalhos de Rudolf Engler, *CLG – édition critique* (CLG-E), um rico estudo comparativo em que o linguista dispõe lado a lado o CLG, as notas dos alunos e os manuscritos de Saussure utilizados pelos editores, e o trabalho do linguista italiano Tullio de Mauro publicado juntamente com sua tradução do *Curso* para o italiano e que é composto de denso conjunto notas acerca de diversos pontos do CLG, bem como uma importante biografia de Saussure.

Ainda no que concerne aos estudos de linguística geral, traremos elementos das notas dos alunos editadas por Eisuke Komatsu e publicadas entre 1993 e 1997 em edição bilíngue francês-inglês e a nova edição dos cadernos de Constantin editados por Gambarara e Qujano em 2005, publicada no CFS 58. Outra obra consultada é a *Collation Sechehaye*, editada por Estanislao Sofia e publicada em 2015, que traz a compilação feita por Albert Sechehaye dos cadernos de Georges Dégallier, Marguerite Sechehaye e Francis Joseph referentes ao terceiro curso, primeiro passo na construção do CLG. Os cadernos dos alunos se encontram na Biblioteca de Genebra sob a cota “ms. cours univ. 761”, já a CS é localizada na cota “ms. cours univ. 432”.

Esse conjunto de textos impõe uma questão que é ponto de discussões calorosas no interior dos estudos saussurianos, a questão da autoria. Para ficarmos apenas em um exemplo, a linguista colombiana, biógrafa de Saussure e organizadora do volume contendo a correspondência de Saussure, ao final deste, quando lista as obras consultadas em sua pesquisa diz que:

Deve-se observar uma ausência intencional na lista que segue, estabelecida em ordem cronológica até 2012. Com efeito, por múltiplas razões, eu não considero o livro publicado sob o nome de Ferdinand de Saussure em 1916 e intitulado *Curso de linguística geral* como obra sua. É antes obra de Albert Riedlinger bem como, secundariamente, de Charles Bally e Albert Sechehaye; e embora essa obra, cujo alcance é indubitável, transmitiu, de todo modo, algumas ideias do mestre genebrino ao longo de todo século XX^v (QUIJANO, p. 678-679).

Como nossa leitura visará ao que se transmite da letra de Saussure – o que implica um esforço de esvaziamento da consistência do imaginário em torno da figura do genebrino e sobretudo a ressonância de sua letra no *corpus saussuriano* – entenderemos tanto o CLG quanto a CS e os cadernos dos alunos como lugares em que a letra de Saussure ressoa. Apesar de referenciar os textos, sobretudo os cadernos dos alunos, segundo o nome de quem os redigiu, desse nome não deve ser subtraída a letra saussuriana, se não de maneira literal, ao menos em seu efeito. Nesse sentido a formulação de Trabant (2005, p. 114, 116) nos parece essencial: “Saussure – é preciso lembrar? – não é um autor. Saussure é um texto. Radicalmente. [...] O *Curso de linguística geral* – o que nós designamos por “Saussure” – não possui autor, ele não foi escrito por aquele que é mostrado como seu autor e seus redatores negam sua paternidade literária, é um texto duplamente sem pai”^z. Entretanto, continua o Trabant, “isso não impede, de outro lado, que houve um autor

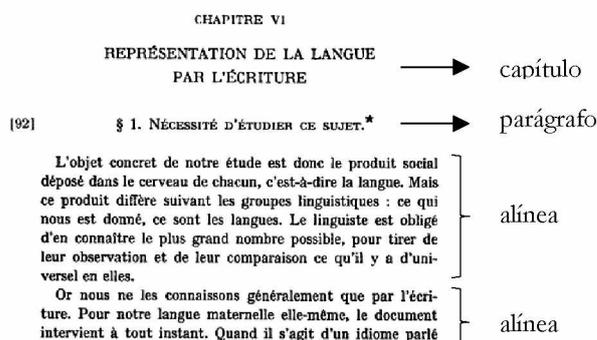
que se chama Saussure, que escreveu livros, artigos e que deixou manuscritos. Mas, da mesma forma, um autor distante desse texto que se escreveu em seu nome^{2aa}.

Tomaremos também como parte desse *corpus*, a última grande descoberta de textos saussurianos, os manuscritos “Sobre a essência dupla da linguagem”, encontrados em 1996 em um baú numa das propriedades da família Saussure. Simon Bouquet (2013) propõe que este novo texto descoberto produza não apenas uma nova chave de leitura para a obra do linguista genebrino, mas que instaure uma leitura da qual o CLG estivesse excluído. Distanciamo-nos profundamente da proposta de Bouquet e compartilhamos da crítica de Trabant (2005, p. 124) sobre tal proposta. Se há um Saussure autêntico nos manuscritos em oposição ao falso do CLG,

Como esses escritos não funcionam senão em virtude do *Curso*, o Saussure autêntico é necessariamente tributário do *Curso*. Ele é condenado a acompanhar o Grande Clássico. Ele é um pouco como o bobo da corte que diz a verdade, certamente, mas que, mesmo dizendo a verdade, não possui a força de agitar o Poder, mas, ao contrário, o confirma. Assim, a versão desconstrutiva de Saussure, o Saussure autêntico, etimológico, verdadeiro, não terá força para eliminar a potência do Grande Clássico, tão usurpada, falsa que seja. O Saussure “autêntico” está tragicamente condenado a permanecer o bobo do *Curso*.^{bb}

Esses novos textos são editados em 2002, por Bouquet e Engler, e publicados com o título de *Écrits de linguistique générale*, pela Gallimard, reunindo, então, todos os manuscritos que versam sobre a linguística geral, inclusive os novos textos descobertos. A edição de 2002 será trazida em nossa leitura sempre na comparação com a edição de Amacker, 2011, intitulada *Science du langage*, que oferece um tratamento diferente do manuscrito, mantendo as rasuras e os brancos deixados por Saussure.

Antes de prosseguirmos, uma pequena nota terminológica que será bastante útil para que se acompanhe o desenvolvimento de nossa leitura do CLG.



Ao que comumente chamamos “subcapítulo” ou “subitem”, quando nos referirmos ao CLG, estes serão tratados por “parágrafos”. Nossos “parágrafos”, por sua vez, no CLG, serão alíneas, como indicado ao lado.

Figura 5 Reprodução do início do capítulo VI do CLG, p. 44.

Visando então a compreender a relação entre escrita e língua na obra de Saussure, iniciaremos nossa leitura com o capítulo VI da Introdução do *Curso*, destinado ao tema; em seguida passaremos para o capítulo seguinte, sobre fonologia devido a sua íntima relação com isso que nos interessa da articulação entre língua e escrita na direção da construção de um saber sobre a língua.

O último texto a ser analisado do CLG será o capítulo IV da segunda parte, dedicado ao valor linguístico, sobretudo o parágrafo intitulado “O valor linguístico considerado em seu aspecto material”, em que a escrita desempenha um papel importante na caracterização da língua.

A leitura desses fragmentos do CLG nos conduziu ainda a outros três textos, os quais abordaremos pontualmente, a fim de sustentarmos nossa leitura do CLG, nosso texto central. Dois desses textos não foram publicados em vida, são eles “Da dupla essência da linguagem” e “Notas para um artigo sobre Whitney”, ambos da década de 1890 e que trazem elementos interessantes para a construção de uma noção de escrita em Saussure. Somar-se-á a esses textos, o “Inscriptions phrugiennes”, texto da mesma época que os anteriores e publicado em vida. Neste texto, apesar de não tratar do que nomeia de linguística geral, o linguista traz um novo olhar sobre a escrita.

Orbitando esse núcleo do *corpus* saussuriano de linguística geral, alguns outros textos importantes serão solicitados, mas pontualmente. Destacamos a extensa biografia de John Joseph, o manuscrito *Souvenir de F. de Saussure concernant sa jeunesse et ses études* (Ms.fr. 3957/1), de 1903, bem como a entrevista de Saussure a Gautier de 1911.

Diante desse *corpus*, buscaremos articular dois pontos de vista: a escrita *na* linguística e a escrita *da* linguística, tal como sugerem Chiss e Puech em seu artigo apresentado no colóquio *Para uma teoria da língua escrita*, organizado por Nina Catach, em 1986, quando afirmam que “uma reflexão sobre a teorização da escrita pelos linguistas não é independente da escrita da própria ciência linguística” (1986 [1996], p. 50). Traremos ainda um terceiro olhar, um que diz respeito à escrita do linguista.

Ao longo de nossa leitura, deslocando-nos do “Saussure não escreveu”, procuraremos articular: **i.** as formulações do autor sobre a escrita – a escrita na linguística, **ii.** a formalização da linguística – a escrita da linguística e **iii.** a relação do autor com sua própria escrita – a escrita do linguista. A partir desses três pontos de articulação, nos perguntamos: Que se transmite da obra de Saussure e que efeitos podem daí ser depreendidos? Dos cursos do início do século às releituras contemporâneas, iniciamos nossa reflexão sobre a transmissão da letra de Saussure pela pertinente observação de Milner:

É permitido se interrogar: dizemos o *Cours*, no singular; ora, o título original não traz artigo; ‘*Cours*’ estaria no plural? Nada o impede; o Prefácio fala repetidamente de três cursos ou de três séries de cursos; mais ainda, ele afasta explicitamente a possibilidade editorial de se limitar a um só curso. [...] os alunos de Saussure evitaram a lógica da coletânea; eles quiseram uma forma unitária^{cc} (2002, p. 16).

Uma peculiaridade da língua francesa que nos possibilita alguns deslocamentos: *le cours* ou *les cours* – o curso ou os cursos? – a questão é uma letra! Entre os três cursos ministrados por Saussure, as anotações dos alunos e o trabalho dos editores, e para além da questão da autoria da qual tratará Milner na sequência do excerto supracitado, é interessante se pensar na transmissão da

letra de Saussure. Uma transmissão a três tempos que tem como efeito (ou produto) uma obra que influenciará a produção intelectual das ciências do homem. Para além da fidedignidade à letra, o que se transmite no CLG?

Nesse sentido, concordamos com Ribeiro (2016, p. 333) ao dizer que, mesmo Saussure não tendo publicado seus textos sobre os anagramas ou sobre a linguística geral, isso não impediu “o efeito de transmissão de sua palavra. Efeito que se produz não por ‘comunicação universitária’, mas como um seixo que caindo no lago produz ondas. Sendo, tanto Saussure quanto Freud, instauradores de discursividades, o efeito de sua palavra é o deslocamento de todo um discurso”.

Traçamos até aqui uma proposta de leitura que, de um lado, busca uma leitura da letra, da qual o encadeamento significativo é que constitui o trilho, por outro, visa a uma inserção numa história; por nenhum dos lados buscamos nem escapar do já-dito, erguer-se pelos cabelos e ler de fora, nem produzir uma leitura arrebatada pelo todo-sentido de um subjetivismo onto-toto-tauto, lógico (Lacan, 1973, p. 507). Assim, nossa leitura da letra de Saussure se abre para aquilo que o texto demanda, interpretação; e com ela, uma tomada de posição.

Marcar essa posição de leitura nos parece fundamental para pontuar nosso distanciamento de uma leitura bastante frequente no que diz respeito ao *corpus* saussuriano que vê nos editores do CLG detratores da palavra de Saussure. A escolha de Marie de Saussure de confiar os manuscritos do linguista à Bally produz um efeito, o que veio a se chamar de filologia saussuriana.

Inaugurada por Godel (1957) e perpetuada pelo monumental trabalho crítico de Engler (1968), a filologia saussuriana vem produzindo uma série de trabalhos no sentido de se aproximar do que Testenoire (2010) chama de *Urtext*, o texto original e sempre perdido de Saussure: seu ensinamento oral. Trabant (2005) chama à atenção uma diferença entre os trabalhos filológicos de Godel, Engler e, num sentido mais amplo, também o de De Mauro, dos trabalhos, por exemplo, de Fehr, Jäger e Bouquet. Se os primeiros seguem a via comum da filologia que visa a mostrar a construção de um pensamento a partir da análise de manuscritos na comparação com o texto publicado, o caminho seguido pelo segundo grupo é diverso: sua filologia se dirige contra o CLG, o trabalho com os manuscritos visa a negá-lo.

A importância desses trabalhos filológicos é indiscutível, de forma que nossa leitura se pautará em diversos apontamentos deles oriundos, sempre tomando em consideração, evidentemente, sua posição face ao CLG. O que muda, no nosso olhar, é a relação com esse texto desde sempre perdido. Nosso movimento não será em direção a ele; ao contrário, será a partir dele, enquanto furo, ou seja, enquanto causa de toda uma produção que se reconhece sob seu o nome, que conduziremos nossa leitura.

É nesse sentido que compreenderemos o CLG como índice de uma transmissão ou, na esteira de Lacan em “A instancia da letra”, tomaremos o CLG como uma “publicação primordial para transmitir um ensino digno desse nome, isto é, que só pode ser detido em seu próprio movimento” (1957, p. 500). Nesse sentido, não produziremos uma leitura sobre o CLG, mas sobre “o movimento de seu ensino”, o que de início exclui considerações do tipo “os editores deturparam a obra saussuriana” ou mesmo “os editores foram fiéis a seu pensamento”. Nosso interesse reside na leitura cruzada do CLG, responsável pelos fundamentos do edifício da linguística moderna, com os escritos de linguística geral em que incluímos, além dos manuscritos saussurianos, os cadernos deixados pelos alunos e o trabalho de compilação desse material nomeado *Collation Sechehaye*.

Num rápido exame da leitura transversal que Engler (1968) nos oferece do CLG, além de observarmos o difícil e audacioso processo editorial de Bally e Sechehaye no sentido de construir um texto homogêneo, vemos como, através das notas dos alunos, os sentidos ressoam e se deslocam, reforçando nossa posição de afastamento da busca pelo *Urtext* saussuriano em direção à leitura dos traços que dele ressoam, evidenciando que qualquer tentativa de reconstrução do que foi proferido naquelas aulas de 1907 a 1910 não pode ser interpretada senão como uma ficção.

Essa ficção se dá por três motivos fundamentais (não que não haja outros ou que estes três não se sobreponham). São eles: i. há de se considerar o caráter indireto pelo qual o pensamento de Saussure é transmitido, via notas de alunos. Se há deslocamentos, há também algo de uma verdade que passa e que é recolhida no livro editado em 1916, as marcas do movimento de Saussure (Silveira, 2003) que instauram um novo saber sobre a língua. É bem verdade, entretanto, que, se a transmissão houvesse sido direta, a publicação de um livro de próprio punho, por exemplo, isso em nada mudaria o caráter ficcional de sua retomada, apenas o encobriria sob uma suposta evidência de sentido, ou seja, a assunção da perda do *Urtext* saussuriano é aqui radical. ii. O trabalho com o arquivo exige, como já dissemos acima, uma tomada de posição do pesquisador, a escolha de um ponto de vista. E. Roudinesco, em *A análise e o arquivo*, trata da “relação trágica e inquietada” do historiador diante do arquivo: da suposição de um arquivo absoluto – “Se tudo está arquivado, se tudo é vigiado, anotado, julgado, a história como criação não é mais possível: é então substituída pelo arquivo transformado em saber absoluto” (p. 9-10) – à negação do arquivo, que “conduziria a um delírio que reconstruiria o espelho do arquivo à maneira de um dogma” (p.10). iii. “A verdade tem uma estrutura, se podemos dizer, de ficção” (LACAN, 1956-1957 [1995], p. 259). A estrutura de que trata Lacan é a da linguagem, furada pelo real, de onde irrompe lalange. Nesse sentido, a verdade, por se estruturar na linguagem, não escapa de seus furos, sendo sempre não toda. Lacan,

em “Televisão” (1973a [2003], p. 503), parece ratificar o aforismo do início de seu ensino ao afirmar que “dizê-la [a verdade] toda é impossível, materialmente: faltam palavras³³”.

Assim, saímos de um trabalho com o conteúdo, o significado, com o que se quis dizer, e nos deslocamos para um trabalho com o significante em sua articulação na rede que constitui o arquivo e que inclui o pesquisador. A ficção, então, é entendida não como invenção ou falseamento, ao contrário, entendemo-la como a possibilidade de algo de verdade, sob meias palavras, que se escreve.

Tendo construído um lugar de entrada nesse universo de leitores de Saussure, passemos então à sua letra e ao que ela transmite com a aposta de fazê-la ressoar, mais ainda.

³³ No vídeo « Psychanalyse I », realizado pela televisão francesa e que originou o texto que conhecemos por “Televisão”, ouvimos « Je dit toujours la vérité, pas toute, parce que tout la dire, on n’y arrive pas. La dire toute c’est impossible matériellement, sont les mots qui manquent » [Eu digo sempre a verdade, não toda, porque dizê-la toda é impossível, materialmente, são as palavras que faltam]. O verbo *manquer* nos permite ler o trecho “sont les mots qui manquent” num duplo jogo entre faltar e falhar (ambas acepções do verbo francês), de modo que interpretamos o enunciado de Lacan não no sentido de que há uma falta **de** palavras (o que poderia ser suprido com o acréscimo de novas palavras), mas com uma falta **na** palavra: as palavras falham. Assim, a falta/falha é inerente a própria estrutura da linguagem.

Capítulo 3 O dentro e o fora da língua: a escrita insiste

“Aqui está, majestade”, lhe disse Tot, “uma disciplina capaz de deixar os egípcios mais sábios e com melhor memória. Está descoberto o remédio para o esquecimento e a ignorância”. Ele a falar, e o rei a responder: “[...] como pai da escrita, pela afeição que lhe dedica, atribuis-lhe ação exatamente oposta à que lhe é própria. [...] Confiante na escrita, será por meios externos, com a ajuda de caracteres estranhos, não no seu próprio íntimo e graças a eles mesmos que passarão a despertar suas reminiscências. Não descobriste o remédio para a memória, mas apenas para a lembrança. O que ofereces aos que estudam é simples aparência do saber, não a própria realidade.

*Fedro
Platão*

Há, no *Curso de linguística geral*, dois momentos em que a escrita é posta em questão de maneira mais desenvolvida. O primeiro momento, o capítulo sexto da introdução do livro, intitulado “Representação da língua pela escrita”, é um capítulo inteiramente dedicado ao tema, sobretudo aos problemas enfrentados pelo linguista quando este toma a escrita como objeto de estudo. O segundo momento aparece na segunda parte do livro, destinada à linguística sincrônica, no capítulo quarto, “O valor linguístico”, mais especificamente, no parágrafo terceiro, “O valor linguístico considerado em seu aspecto material”, em que se apresenta uma analogia³⁴ entre uma série de características do sistema da escrita e da língua. Além desses dois pontos do CLG, há ainda menções esparsas à escrita que serão evocadas à medida que nossa leitura assim o demandar. Tais passagens do CLG são emblemáticas, pois é a partir delas que se desenrola um amplo debate sobre a relação que se estabelece, em linguística, entre língua e escrita.

Como já explicitamos no capítulo anterior, tomaremos o CLG em uma rede de sentidos construída pelo retorno tanto aos manuscritos (saussurianos e de seus alunos) quanto à historicização dos momentos de recepção do *Cours*, o que implica nos determos sobre aspectos do processo de edição do livro, bem como dos de sua circulação. A fim de que essa desmontagem do CLG não se limite a certo preciosismo exegético, encerrando-se em si mesma, buscamos executá-la tendo em vista três questões: i. em que contextos a escrita é trazida à cena por Saussure?, ii. qual relação a escrita estabelece com a dicotomia língua × fala?, e iii. que se pode depreender da noção de “representação” ao que se refere à escrita?

A chave de leitura que trago, portanto, para este capítulo é a inscrição da escrita como terceiro elemento na dicotomia língua x fala. Essa leitura não privilegiará um caminho em que a escrita comporá série com os outros dois conceitos saussurianos, antes trilharei um caminho no

³⁴ O tipo de relação que Saussure estabelece entre língua e escrita, se de analogia ou homologia, é fundamental e será tema de nosso quinto capítulo.

sentido de observar como a escrita, nas diferentes posições em que ocupa na construção saussuriana, afeta e é afetada pela famosa dicotomia.

O ponto de partida dessa leitura será o CLG. Entretanto, como já dito anteriormente, a sequência de leitura não será aquela estabelecida pelos editores, quer dizer, não considerará apenas essa, mas se valerá também de uma certa cronologia, a saber, aquela dos cursos ministrados pelo linguista. A opção cronológica não diz respeito à observação de uma evolução no pensamento de Saussure, que teria seu ápice no final do terceiro curso. O que nos interessa nessa cronologia é buscar uma nova – outra – cadeia à qual se ligam os significantes que constituem a obra editada por Bally e Sechehaye.

3.1 O lugar da escrita na linguística: *les cours, le Cours*

O capítulo sexto da introdução do *Curso de linguística geral*, “Representação da língua pela escrita”, é oriundo sobretudo das aulas de 6, 9 e 13 de dezembro do ano letivo 1910-1911, iniciado em 28 de outubro. A datação do curso, ocorrido às terças e sextas-feiras, foi reconstituída por Godel (1957) e, principalmente, por Komatsu (1993), em sua edição dos cadernos de Émile Constantin. As datas foram reconstruídas a partir de marcações esparsas encontradas nos cadernos de Georges Dégallier e de Marguerite Sechehaye, nascida Burdet, esposa do editor do CLG, uma vez que os cadernos de Constantin não apresentam informação a respeito³⁵.

É nessas três aulas que encontramos os exemplos de desacordo entre língua e escrita bem conhecidos do CLG: a *gageure*, o *roi*, o *oiseau*, os *Lefèvre*, dos quais o segundo e o último são utilizados por Saussure desde o curso de 1907. É nessas aulas também que encontramos os traços de onde os editores trouxeram as tintas fortes com que foi pintada a escrita no CLG, tais como: “incoerências deploráveis” (CLG-br, p. 39; CLG-E, p. 82), “uma aberração do mesmo gênero” (ibid.); ou mesmo a “tirania da letra” (CLG-br, p. 41; CLG-E, p. 88)³⁶. Mais adiante, traremos algumas considerações sobre tais elementos que representam, para muitos leitores de Saussure, sua palavra final sobre o tema.

O capítulo segue quase que integralmente as anotações do terceiro curso (1910-11), com algumas inserções dos cursos anteriores (1907 e 1908-09), e é dividido em cinco parágrafos intitulos “Necessidade de estudar este assunto”, “Prestígio da escrita: causas de seu predomínio sobre a forma falada”, “Os sistemas de escrita”, “Causas do desacordo entre a grafia e a pronúncia”

³⁵ À época da edição do CLG, Bally e Sechehaye não dispunham dos cadernos de Émile Constantin, que reapareceram apenas após a defesa da tese de Godel, em janeiro de 1958, quando o próprio Constantin entregou a Godel seus cadernos (cf. QUIJANO, 2005, p. 51).

³⁶ O termo “deploráveis” é produto dos tradutores brasileiros. No original lemos “malheureux”, um mero “infelizes”, como se traduziu na versão lusitana. O termo “tirania da letra” advém da “Segunda conferência na Universidade de Genebra (novembro de 1891)” (cf. ELG-br, p. 138).

e “Efeitos desse desacordo”. O primeiro e quarto são integralmente oriundos do terceiro curso, já o segundo é construído a partir de fragmentos dos dois cursos anteriores, o terceiro é construído com base no curso de 1910-11, com um pequeno acréscimo sobre a escrita chinesa oriundo dos primeiros cursos; e, finalmente, o quinto parágrafo é também construído quase que integralmente a partir do terceiro curso, com exceção de uma rápida menção à ausência de consoantes duplas no francês e a proliferação delas em sua escrita (GODEL, 1957, p. 107). Vale ressaltar ainda que o capítulo é inteiramente elaborado a partir dos cadernos dos alunos, sem a inclusão de qualquer nota manuscrita de Saussure (à exceção do termo “tirania da letra” cf. nota 36), como podemos observar no CLG-E, fato que produz seus efeitos uma vez que os editores tinham à disposição manuscritos autógrafos em que o mestre genebrino se debruçava sobre o tema, mas que não foram utilizados no capítulo do CLG.

A breve descrição da montagem do capítulo VI aponta dois aspectos editoriais que podem ser estendidos ao livro todo, como os próprios editores relatam no prefácio à primeira edição. A obra de Bally e Sechehaye tem por texto base o terceiro curso de linguística, e fragmentos dos dois cursos anteriores foram costurados ao texto base a fim de que se constituísse “um todo orgânico”. Tal costura produz seus efeitos uma vez que os cursos apresentavam propostas diferentes um do outro. Nosso movimento de leitura tem por objetivo, então, retomar alguns dos sentidos que possam nos auxiliar a pensar a escrita na linguística saussuriana.

No capítulo editado por Bally e Sechehaye, o que se evidencia com cores fortes é o caráter exterior, secundário e, portanto, subordinado da escrita em relação à língua, sendo ela o véu, o decalque – imperfeito – da língua falada: “Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro” (CLG-br, p. 34). É fundamentalmente esse capítulo que dará o tom do que se interpretará como sendo a posição de Saussure sobre a escrita nos anos seguintes, como, por exemplo, a leitura de Vachek, discutida no primeiro capítulo. Na leitura do praguense, Saussure aparece como uma das vozes que reproduziam o pensamento da época com relação à escrita:

pode-se surpreender ao encontrar em Saussure (1916) uma afirmação categórica no sentido de que a única *raison d'être* da escrita (*écriture*) é de 'representar a língua', ou seja, servir de meio para se registrar enunciados orais. [...] O ponto de vista de Saussure aqui registrado não era apenas uma questão pessoal. Ao contrário, deve ser considerada comum da maioria de seus contemporâneos e predecessores, e até dos intelectuais das duas ou três gerações seguintes^a (VACHEK, 1973, p. 10).

Vachek entende, em sua leitura do CLG, que Ferdinand de Saussure estava num momento de virada dos estudos da linguagem: desvencilhar-se da concepção de língua dos estudos filológicos de seus predecessores a fim de dar conta de uma nova massa de dados linguísticos que se apresentava. Como detalham Chiss e Puech (1983), de fato, desde a invenção da prensa de tipos

móveis, a popularização do livro e a necessidade de se estabelecer uma língua nacional com a mudança de regime político com o fortalecimento de Estados Nacionais, a partir do séc. XVII, a escrita foi lentamente ocupando a posição de destaque que é criticada no CLG. Desde meados do séc. XIX, porém, esse lugar que a escrita ocupava passa a ser questionado tanto pelo desenvolvimento da fonética moderna quanto pelo estudo dos falares locais, “tratava-se de denunciar, a partir da música aparentemente livre da língua, a insistência de uma partitura escrita da qual se deveria libertar”^b (1983, p. 15). Esse foi o exercício de Saussure durante os cursos e que os editores transmitiram, a seu estilo, no CLG.

É então tendo em vista esse momento de virada em que se encontravam os estudos da linguagem no início do séc. XX, que levantaremos algumas considerações sobre o capítulo VI da introdução do CLG.

3.2 A escrita como representação da língua

O título do capítulo indica a posição de Saussure com relação à escrita: trata-se de uma “representação da língua”. A expressão é recolhida pelos editores do caderno de Dégallier, “Chapitre VI – Répresentation de la langue par l’écriture”, o mesmo se lê nos cadernos de Francis Joseph e de Marguerite Sechehaye. Nas anotações da última, encontramos também a nota “écriture du langage”, expressão que não se repete em nenhum outro lugar.

Acompanhando os cadernos de Émile Constantin, observamos que o que se delimitou como o capítulo VI do CLG está inserido no que Saussure designou como “primeira parte do curso”, intitulada “Les langues”. Essa parte, que se estendeu até meados de abril de 1911, era composta por uma série de aulas sobre a diversidade geográfica da língua, seguida pela representação da língua pela escrita e, após o recesso de fim de ano, um longo e detalhado mapeamento das famílias linguísticas. A segunda parte do curso, denominada “La langue”, inicia-se no final de abril e segue até a última aula, em 4 de julho.

Um parêntese interessante sobre a estrutura do terceiro curso e que parece indicar algo de uma escrita de Saussure: na segunda aula do curso, após ter dedicado uma aula inteira para expor sua visão geral da história da linguística, Saussure finalmente apresenta a estrutura do curso: “Divisões gerais do curso: 1°. As línguas; 2°. A língua; 3°. Faculdade e exercício da linguagem nos indivíduos”^c (C III-GM, p. 86). O curso, entretanto, não segue como planejado. Após algumas aulas sobre “La langue”, de onde os editores retiram o material que constituirá o núcleo duro do CLG, Saussure interrompe o conteúdo e o retoma do início, revisando-o. Esse processo se estende até o final do período letivo, o que o impede de se deter no que viria a ser a terceira parte do curso.

A anedota nos interessa por dois motivos: esse movimento de Saussure, de retornar sobre o conteúdo dado, editando-o, indica não só um movimento de reformulação teórica³⁷ como também diz de uma escrita, uma escrita sobre a linguística geral que não se concretiza ou que encontra outros destinos que não uma publicação. Nas palavras de Gambarara,

Ele começa a inserir capítulos intercalares, como um autor o faria ao revisar seu texto. Entretanto, ele não consegue apresentar de maneira suficientemente limpa o novo plano, uma vez que nenhum de seus alunos ou de seus comentadores obteve sucesso em recuperar sua lógica^d (2005, p. 36).

O outro motivo que vale ressaltar é o interesse do genebrino pela “faculdade e exercício da linguagem nos indivíduos”, tema que não pôde ser desenvolvido no curso. Na introdução deste, entretanto, Saussure nos deixa um parágrafo bastante revelador de sua posição com relação ao indivíduo, indivíduo na medida em que fala – ou como é conhecido em outros textos saussurianos – ao falante. Esse interesse expresso de Saussure, somado ao conteúdo dos textos descobertos em 1996, refuta a leitura que predominou no estruturalismo e que ainda hoje produz seus efeitos de que Saussure descarta o falante de seus estudos, leitura que com elementos do próprio CLG já poderia ser refutada. Com a palavra, Saussure:

Resta, entretanto, nos ocuparmos do indivíduo pois é claro que é justamente o concurso de todos os indivíduos que cria os fenômenos gerais. É preciso, conseqüentemente, que lancemos um olhar sobre o jogo da linguagem pelo indivíduo. Essa execução do produto social pelo indivíduo não se insere no objeto que definimos. Esse terceiro capítulo faz por assim dizer ver o fundo, o mecanismo individual que não pode deixar de repercutir, ao final, de uma maneira ou de outra, sobre o produto geral, mas que não se deve misturar, no estudo, com o produto geral, que está à parte do produto ele-mesmo^e (C III-GM, p. 92).

O indivíduo, assim, está na gênese dos fenômenos gerais e o objeto da linguística, o produto geral, não é senão uma extração do produto ele mesmo.

Fechemos esse parêntese e retornemos à primeira parte do curso, “As línguas”, em que se encontra o fragmento que deu origem ao capítulo que nos interessa aqui.

No final das anotações de 2 de dezembro, ao concluir suas considerações sobre a diversidade geográfica, o mestre genebrino encerra a aula da seguinte forma:

⟨Nós quisemos partir do primeiro fato aparente que se impõe: a diversidade geográfica.⟩ Faremos uma revisão das diferentes famílias em que há parentesco, mas antes de o fazer, é preciso se ocupar de um intermediário entre elas e nós: a escrita. É por meio da escrita que conhecemos essas diferentes línguas. [...] ⟨Não podemos abstrair a escrita⟩ Que é esse instrumento da escrita que usamos, em que ele é útil ou perigoso pelas armadilhas que pode causar, pelos erros que pode suscitar? ⟨Capítulo IV⟩ É preciso, portanto, destinar um capítulo à representação da língua pela escrita.⟩^f (C III-GM, p. 143).

³⁷ Gambarara, no texto citado, mostra como a dialética entre instituição (a língua) e mudança (o Tempo) fazem com que Saussure rearranje o que antes chamava de linguística geral em linguística estática e linguística evolutiva (cf. Gambarara, 2005, p. 36-7).

A escrita, no programa do terceiro curso, é, portanto, um desvio. Um intermediário entre as línguas e nós, aquilo que *representa* as línguas para nós. A escrita, assim, não compõe o objeto de estudo do linguista, sendo-lhe exterior, entretanto ela insiste, não podendo ser abstraída. O desfecho da aula traz então o que se seguirá, não um estudo da escrita, mas da representação que por meio desta fazemos da língua. A representação, assim, está no centro do que, no capítulo do CLG, se discorrerá sobre a escrita.

3.2.1 *Um parêntese sobre a representação*

Por não ser um termo do vocabulário comum, mas um conceito presente desde os estoicos na compreensão da linguagem, se acompanhamos a leitura de Foucault (1969 [2007]), é mister fazermos algumas considerações acerca da **representação** antes de prosseguir. Segundo o autor, até a idade clássica compreendia-se o signo a partir da relação de três termos perfeitamente distintos, “o que era marcado, o que era marcante e o que permitia ver nisto a marca daquilo; ora, este último elemento era a semelhança – o signo marcava na medida em que ele era ‘quase a mesma coisa’ que o que ele designava” (ibid., p. 88).

Com a *Lógica de Port Royal*, “esta bíblia do mundo da representação que apareceu após os trabalhos pioneiros de Descartes e Pascal” (LE GAUFEY, p. 62), o terceiro termo desaparece, a similitude que garantia a relação entre palavra e coisa dá lugar a uma nova lógica, binária: “o signo encerra duas ideias, uma da coisa que representa, outra da coisa representada; e a natureza consiste em excitar a primeira pela segunda [...] Quando só se olha certo objeto como representando outro, a ideia que dele se tem é uma ideia de signo e esse primeiro objeto se chama signo” (ARNAULD; NICOLE apud FOUCAULT, 1969, p. 88). Na leitura de Foucault, a teoria binária do signo inaugurada em Port Royal se articula intimamente a uma teoria geral da representação, da qual Saussure não é senão um redescobridor.

Quanto à filiação do linguista genebrino a uma teoria das representações, Milner (2002) se distancia da leitura foucaultiana. Para este autor, a relação estabelecida entre o que Saussure designa por significante e significado, nada tem de semelhante à relação entre os elementos do signo dos estoicos ou da doutrina port-royalista. Se nestes a relação era de representação, em Saussure, segundo Milner, a relação será de associação; na primeira, a relação é assimétrica, ou seja, dizer que A representa B não implica seu inverso, isto é, que B representa A, e não é disso que se trata no texto saussuriano. A relação entre os elementos do signo saussuriano é recíproca:

É digno de nota que Saussure não fala exatamente de representação. O termo decisivo na doutrina é o de *associação*; a relação de associação é recíproca: A está associado a B implica que B esteja associado a A. O significante não representa o significado; ele lhe é associado e, ao mesmo tempo, o significado por sua vez é associado ao significante. [...] Assistimos a um deslocamento decisivo: Saussure constrói um modelo de signo que se descola da teoria da representação⁸ (ibid., p. 27-28 – itálico do autor).

Se o signo linguístico não se constrói a partir de uma relação de representação, mas de associação, conforme a leitura de Milner, a relação que o genebrino estabelece entre língua e escrita é de outra ordem. Na reflexão saussuriana é justamente de representação a relação existente entre língua e escrita, relação cuja assimetria fica evidente no CLG: a escrita representa a língua, o que não implica que a língua represente a escrita.

O termo mesmo “representação” não é problematizado por Saussure – ao menos nos textos concernentes à linguística geral, de modo a nos permitir uma leitura de seu uso pelo genebrino como eco da mimesis aristotélica, o de uma imitação, uma representação imperfeita.

A fim de darmos um passo a mais na compreensão do termo e antes, porém, de avançarmos no exame da relação língua e escrita, mais algumas palavras sobre a representação se fazem necessárias, e será Freud, agora, quem nos conduzirá. Esse passo, que nos descola da noção em Saussure, é importante, acreditamos, pois nos permitirá um exame mais apurado do funcionamento da representação na relação que nos é cara.

A noção de representação comparece na obra de Freud desde seus textos pré-psicanalíticos. Em sua proposta de aparelho de linguagem apresentada no estudo sobre as afasias (1891 [2013]), o psicanalista concebe dois tipos de representação distintos, a representação-palavra (*Wortvorstellung*) e a representação-objeto (*Objektvorstellung*). Ambas são formadas, para Freud, a partir de um conjunto de associações: a primeira se forma com a associação de representações da palavra, sua imagem acústica, motora, de leitura e de escrita; a segunda se forma pelo agrupamento de uma série de imagens visuais, acústicas, táteis etc. e ligadas à representação-palavra.

Um ponto importante a se destacar, estamos aqui seguindo a leitura que Garcia-Roza faz de Freud, é que a *Objektvorstellung* não designa o referente ou a coisa, mas na medida em que se articula à *Wortvorstellung*, designa o “significado”. Nesse sentido concordamos com Garcia-Roza (1995 [2002]) de que “a analogia entre a relação *Wortvorstellung/Objektvorstellung* de Freud e a relação significante/significado, que constitui a unidade do signo linguístico para Saussure, é irresistível” (1995 [2002], p. 243). Apesar de irresistível, debruçarmo-nos sobre essa hipótese seria desviar de nosso objetivo nesta tese.

O que nos interessa na compreensão de Freud sobre a representação é seu próximo passo: a *Vorstellungsrepräsentanz*, conceito que visa a pensar a relação entre pulsão e inconsciente como sendo aquilo que sofre o recalçamento e que, na leitura de Garcia-Roza, Lacan teria equivalido a sua noção de significante. Nesse sentido, a *Vorstellungsrepräsentanz* é o que na psique representa uma representação da pulsão. Lembrando que a pulsão é o que Freud coloca no hiato entre o biológico e psíquico, a *Vorstellungsrepräsentanz* seria, assim, “o lado material da representação, em oposição ao seu lado significacional” (LE GAUFEY, 1984 [1992], p. 63). O conceito freudiano

nos inquieta aqui mais pelas possibilidades que o próprio termo coloca de se compreender a representação, do que propriamente o uso que se faz deste na psicanálise, além, é claro, de ilustrar o fato de que tanto Freud como Saussure estavam às voltas com a questão da representação.

O termo nos coloca, de início, um problema de tradução. Quilichini nos esclarece que tanto *Vorstellung*, quanto *Repräsentanz*, e ainda *Vertretung*, se traduzem por representação. A língua alemã permite uma escansão dos sentidos de representação, o que torna difícil a tradução do conceito freudiano: representante da representação, representante-representação, lugar tenente da representação, representação da representância. O que a passagem de uma língua a outra nos traz à cena é a possibilidade de “representação” designar tanto a ação de representar, a *Repräsentanz* (seja ela a de “tornar presente o que está ausente”, “colocar ante os olhos ou o espírito”, “encenar”, ou ainda, “ocupar o lugar de alguém, agir ou falar em seu nome”), quanto seu suporte, a *Vorstellung*, a figura, imagem, signo ou objeto dessa ação (cf. QUILICHINI, 1998, p. 64-65). Isso nos coloca atentos no exame de qual relação se estabelece ao se dizer que a escrita representa a língua.

Além da distinção entre operação e suporte, há ainda uma nuance a se considerar sobre o caráter dessa operação. Segundo Chartier (1991, p. 184), a noção de representação redefinida na idade clássica funciona, de um lado, fazendo ver uma ausência, “o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado”; e de outro, “é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa”. Esse duplo caráter da representação parece ser posto em cena na teorização de Saussure sobre a escrita em diferentes momentos do CLG, e já no título do capítulo ela faz algum ruído.

Se é a partir da primeira acepção de Chartier que Saussure parte para construir sua concepção do signo linguístico³⁸, ao tratar da escrita, a representação enunciada pelo genebrino parece se aproximar da segunda acepção: a apresentação de uma presença. O que nos reenvia a Milner, em *O amor da língua* (1978 [2012], p. 29-30), com a questão da representação e da escrita:

o real ou é concebido como representável ou não. Essa partição não tem, na verdade, nada de específico: ela articula, em sua forma mais geral, o próprio encontro do ser falante com o real. Suponhamos que, de fato, haja real – o que, aliás, nenhuma *lógica* teria como impor –: tudo o que o sujeito *demand*a, caso ele o encontre, é que de alguma maneira uma representação seja possível. Somente a esse preço, pelo qual o imaginário o defrauda, o sujeito poderá suportar aquilo que, de si, lhe escapa. Para tanto, há duas condições: que para o sujeito haja o repetível e que esse repetível constitua rede. Através da primeira funda-se toda escrita; através da segunda toda escrita adquire a consistência de algo representável.

A articulação do real como representável ou não, ou de algo do real que se possa representar parece nos colocar num caminho produtivo para pensar a relação que Saussure

³⁸ Concordamos com Milner, afastando-nos, assim, da leitura de Foucault, de que Saussure não reproduz a representação port-royalista, pois, para além do que já dissemos sobre a associação, a própria noção de cadeia significante instaura um terceiro elemento na relação representante-representação que escapa ao binarismo clássico.

estabelece com a escrita seja ela pensada como instrumento do linguista em seu trabalho de descrição da língua, a escrita fonológica, seja a escrita enquanto não quantificável, o mais próximo da “letra livre de significações” visada na formalização matemática, ambas presentes na produção saussuriana, como mostraremos nos capítulos seguintes. Não se pode ignorar, porém, um resto não representável pela escrita, um real que, por definição, não cessa de não se escrever e insiste na cadeia significante.

Há ainda uma outra dimensão da representação que apenas mencionaremos aqui e que ensaiaremos alguma articulação no último capítulo da tese. Trata-se da dimensão da encenação, a apresentação no sentido mais plástico do termo, daquilo que substancialmente se apresenta como representante em uma representação, seu termo alemão é *Darstellung*.

Fecha parêntese.

Ao justapormos algumas traduções do título do capítulo VI, notamos que foi opção de grande parte dos tradutores a preservação do radical latino de *repraesentāre: rappresentazione*, na versão de Mauro (1967), *representación*, para Amado Alonso (1945), *representação*, tanto para o português Adragão (1970) como para os brasileiros Chelini, Paes e Blikstein (1969), *representation* para o estadunidense Baskin (1959), cujo título é “*Graphic representation of language*”, quanto para o britânico Roy Harris (1986), que optou por uma tradução mais ao pé da letra, mas não sem colocar um *a* mais de seu, “*Representation of a language by writing*”. A última versão consultada foi a alemã, de Lommel (1931), “*Wiedergabe der Sprache durch die Schrift*”, que optou por afastar-se do *repraesentāre. Repräsentation*, como se escreve o substantivo em alemão, já clássico na filosofia, ou *Vorstellung*, utilizado por Freud desde o texto das afasias (1891) ao designar as representações de palavra [*Wortvorstellung*] e representação de objeto [*Objektvorstellung*], são ambos deixados de lado; a opção do tradutor é *Wiedergabe*, que pode ser vertido para o português como “reprodução”, “descrição” (COLLINS, 2004, p. 762). As traduções são numerosas, mas não precisamos nos aventurar em idiomas muito mais distantes para o que pretendemos desenvolver.

Independentemente da felicidade ou infelicidade das traduções, duas delas inscrevem, entrelínguas, as questões que trazemos como chave de leitura: o estatuto da representação e a relação da escrita na dicotomia língua x fala. Da primeira delas, é o alemão que nos convoca, impondo-nos um olhar mais cuidadoso sobre o estatuto da representação no CLG. Da segunda, é a tradução de Harrys que nos inquieta. A fim de se desviar da armadilha conceitual evocada pela palavra *language* – que em inglês pode significar tanto língua quanto linguagem –, Harrys faz a distinção entre os termos franceses *langue* e *langage* marcando o primeiro com um artigo indefinido

a. Entretanto, ao contornar a *language* inglesa, é pego ao fazer *um* da língua, *a language*, uma língua. O que essa tradução põe em cena é de que relação afinal se trata quando a escrita se faz questão: *la langue* ou *les langues*? A relação da escrita se estabelece com a língua enquanto sistema ou com as línguas, sistemas postos em funcionamento pelos falantes?

De partida, seguindo o caderno de Constantin, a escrita é tida como documento, um testemunho, aquilo que se faz presente na ausência das línguas que o linguista tem por obrigação conhecer, sejam elas faladas a alguma distância ou não mais faladas. A escrita funciona, portanto, como suplência de uma distância temporal ou geográfica entre as línguas e o linguista. Interessante apontar a comparação que Saussure faz entre a escrita e os registros fonográficos que começaram a ser realizados na universidade de Viena: é a língua falada, produto ele mesmo, que se registra, se documenta com a escrita e o fonograma. A escrita também se coloca entre o linguista e sua própria língua materna: “é a imagem escrita dessa língua que sempre flutua diante de nossos olhos” (CLG-br, p. 143), sendo ela a própria distância, aquilo que dá a ver a língua materna.

A introdução de Saussure se mostra bastante precisa na articulação entre a escrita e as línguas. Entretanto, o início do capítulo do CLG não corresponde ao início do capítulo que lemos nos cadernos de Constantin. Secheyay, em sua *Collation*, transforma o fragmento que citamos acima, no qual Saussure introduz a temática da escrita, em uma espécie de interlúdio, um “Parágrafo introdutório [Paragraphe d’Introduction]”, entre a linguística geográfica e o que se seguirá como o capítulo sobre a representação da língua pela escrita. Nesse interlúdio, a relação que se estabelece, como já mostramos, é entre as línguas (os produtos eles mesmos) e a escrita. No CLG, entretanto, o arranjo é diferente. Bally desloca a linguística geográfica para a quarta parte do CLG, duas centenas de páginas depois do capítulo sobre a escrita. Essa alteração produz efeitos significativos na recepção do livro uma vez que inverte a ordem pensada por Saussure, *as línguas* a *língua*, ou seja, do “produto ele mesmo” ao “produto geral”, para uma anterioridade da língua. Esse deslocamento faz com que o capítulo tal como o lemos no caderno de Constantin fique desarticulado se inserido *ipsis literis* ao livro. Bally então descarta o interlúdio de Secheyay, traz um fragmento das aulas iniciais do curso sobre a distinção entre *a língua* e *as línguas* e elabora o primeiro parágrafo do capítulo que nomeia de “Necessidade de estudar esse assunto”. Nessa rearticulação do texto saussuriano, o editor insere um termo antes ausente, a língua.

A distinção só se mantém na primeira alínea do parágrafo. Nas alíneas seguintes a escrita é designada tanto como documento/testemunho “das línguas” quanto como processo de representação “da língua”. Estranha ao sistema interno, a escrita é logo em seguida designada como um processo, como diz o texto, “por via do qual **a língua** é ininterruptamente representada [figurée]” (CLG-br, p. 33 / CLG, p. 44). Nesse momento, a relação não se estabelece mais com as

línguas (os idiomas), mas com a língua, “um conjunto de fatos gerais, [comuns] a todas as línguas. A língua é isso que podemos observar nas diferentes línguas”^h, como anota Marguerite Sechehaye (CLG-E, p. 65).

De um lado, a escrita é documento das línguas, “produtos eles mesmos”, de outro, mas ao mesmo tempo, a escrita é um processo de representação da língua, “produto geral”, sendo exterior a ele. Há uma sobreposição dos conceitos. Isso fica evidente ao contrastarmos o trecho do caderno de Dégallier³⁹ com o que foi elaborado por Sechehaye, em sua *Collation*, e por Bally, na edição final do CLG, respectivamente:

D 38 SM III 102
⁴³⁸ [ed.]
⁴³⁹ Não podemos fazer abstração da escrita.
⁴⁴⁰ É necessário ver o que é esse instrumento da escrita, em que bom e útil, e em que nocivo e perigosoⁱ (CLG-E, p. 67).

✕ Não podemos, assim, fazer abstração dessa forma da língua. E é ~~assim~~ necessário ver esse que é o instrumento da escrita, dar-se conta em que ele é ~~necessa~~ bom e útil, e em que ele é também nocivo e perigosoⁱ (CS, p. 115-116).

⁴³⁸ Dessarte, conquanto a escrita seja, por si, estranha ao sistema interno, ⁴³⁹ é impossível fazer abstração dum processo por via do qual a língua é ininterruptamente representada; ⁴⁴⁰ cumpre conhecer a utilidade, os defeitos e os inconvenientes de tal processo (CLG-E, p. 67 / CLG-br, p. 33).

O fragmento 438, criado por Bally, adianta o que Saussure só discutirá na aula seguinte, ao articular dois sistemas de signos distintos: a língua e a escrita. A língua, enquanto produto geral, não é posta em cena nesse momento. É interessante notar a passagem do caderno de Dégallier à *Collation*, em que o termo “forma da língua” é inserido por Sechehaye e acompanhado de uma marca X em azul de Bally. Dando o passo seguinte, da *Collation* ao CLG, notamos que Bally descarta o termo de Sechehaye, formulando um trecho completamente inédito: de “dessa forma da língua” para “dum processo por via do qual a língua é ininterruptamente representada”. Há assim um deslocamento de *escrita*, para *forma da língua* para, finalmente, *processo de representação da língua*. Nesse deslocamento, a relação que no terceiro curso era entre escrita e línguas passa a ser entre escrita e língua, o que se mantém em 439, em que é ao “processo [de representação da língua]” e não mais à “escrita” que se articulam as designações bom, útil, nocivo e perigoso.

Insisto nesse deslocamento, pois, se dermos consequência à formulação saussuriana de que *há línguas e há língua*, no que cada uma se articula com a escrita, podemos pensar que há, já aqui, duas concepções de escrita se delimitando: uma, ligada às línguas, como representação, aquilo que figura no lugar das línguas suprimindo uma distância: um testemunho, o escrito; outra, ligada à língua, como processo, segundo Bally, de representação, mas que, em outros momentos do próprio CLG, podemos pensá-la como processo de formalização da própria língua. Esta última é uma operação fundamental na passagem das línguas à língua, como indica o caderno de Constantin:

³⁹ Neste fragmento, especificamente, optamos por trazer a nota de Dégallier e não a de Constantin, uma vez que as notas deste último não foram consultadas pelos editores, como já dissemos anteriormente.

“mesmo aquele que puder explorar pessoalmente todo um domínio de línguas seria obrigado a passar para o escrito o que ouviu e de se servir de notas escritas”^k (C III-GM, p. 143). É importante marcar uma primeira distinção na compreensão da escrita: a **escrita ordinária**, posta em ato pelos sujeitos falantes, na relação com “as línguas”, e a **escrita enquanto formalização** d’“a língua”.

É importante notar que o excerto trazido por Bally para abrir o capítulo do CLG é precedido por uma afirmação de Saussure sobre a escrita que segue uma direção bastante diferente daquela que aí se delineará:

A escrita é igualmente um vasto sistema de signos. Haverá uma psicologia social, quer dizer que não será senão que social, tratar-se-á da mesma psicologia que é aplicável à língua. As leis de transformação desses sistemas de signos terão frequentemente analogias completamente tópicas com as leis de transformação da língua. É uma observação fácil de fazer para escrita – quaisquer que sejam os signos visuais – que sofrem alterações comparáveis às dos fenômenos fonéticos^l (C III-GM, p. 89).

Uma escrita entendida como um sistema de signos com leis análogas às leis observadas na língua não condiz com o papel que será atribuído à escrita no capítulo VI. A opção por não trazer o fragmento acima parece apontar um movimento dos editores de produzir uma leitura da escrita que a coloca em posição de subordinação à língua. Não se trata, porém, de uma leitura que não exista em Saussure, mas a opção por apresentar um todo orgânico de uma “nova teoria linguística” (Sechehaye, 1917) fez com que se produzisse uma interpretação monolítica da escrita, algo bastante distinto do que se lê nos cadernos dos alunos.

O exercício dos editores em produzir um sentido único para a escrita fica mais evidente no segundo parágrafo, “Prestígio da escrita: causas de seu predomínio sobre a forma falada”.

Uma primeira formulação do título do parágrafo é proposta por Dégallier, “I. Causes de l’ascendant que prend l’écriture”, como indica uma observação de Sechehaye em sua *Collation*⁴⁰ (CS, p. 117). Bally, para compor o título que conhecemos, faz alguns acréscimos e substituições. É inserido um novo sintagma, que funcionará como título “Prestígio⁴¹ de l’écriture”, e a formulação de Dégallier passa a figurar como subtítulo, “causes de son ascendant sur la forme parlée”, não sem alterações. Com a inversão da sintaxe do subtítulo do aluno de Saussure, o editor nos adianta a que a escrita se antecipa, ou seja, à forma falada.

O parágrafo é então aberto por uma formulação axiomática: **“Língua e escrita são dois sistemas de signos; a razão de ser do segundo é representar o primeiro;** o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita com a palavra falada; esta última, por

⁴⁰ Na edição de Engler, o título aparece atribuído aos editores, não havendo indicação alguma dele nas transcrições de Dégallier ou de Constantin.

⁴¹ O termo é encontrado na *Collation* de Sechehaye como uma intervenção de Bally. Onde o primeiro anotou “Comment expliquer ~~a quoi tient~~ cet ascendant que prend l’écriture ? », lemos na pena de Bally a rasura do fragmento « cet ascendant que prend” e a inserção de “ce prestige de” (CS, p. 119).

si só, constitui tal objeto” (CLG-br, p. 34). A justaposição de períodos curtos, todas no presente do indicativo, produzem o efeito de axioma que o livro busca criar. Ao voltarmos ao caderno de Constantin, vemos uma outra costura sintática, menos fragmentada, e que aponta para um distanciamento do que lemos no CLG.

Nossa primeira noção da língua é um todo misto, composto por duas coisas [o que é escrito e o que é falado]. Reciprocamente prestar atenção à escrita e a colocar em seu lugar, isso será retificar nossa ideia da língua ela mesma. <Não descolada da escrita, a língua é um objeto não definido>. **A língua e a escrita são dois sistemas de signos em que um tem por missão <unicamente> representar o outro^m** (C III-GM, p. 89).

Testenoire (2017, p. 120) traz ainda mais uma notação, a de Joseph, que produz um distanciamento ainda significativo: “Francis Joseph anotou: ‘A língua e a escrita são dois sistemas de signos que têm por missão de se representar um ao outro’. A ideia de uma reciprocidade entre os sistemas é confirmada pelos cadernos de Émile Constantin, que não conheceram os editores no momento do estabelecimento do CLG”ⁿ.

O trecho de Constantin é ainda precedido de um breve comentário sobre a forma como o próprio Bopp tomava a língua nesse todo composto e indiscernível, o que no CLG aparecerá na quarta alínea do parágrafo. Há uma inversão na sequência do curso que, mais uma vez, põe em cena a mudança de registro: do curso universitário ao livro fundador da linguística moderna. O que acreditamos ser fundamental destacar é que o axioma que abre o parágrafo do CLG, no caderno, vem introduzido pelo gesto fundacional da linguística, que é a delimitação de seu objeto, justificando assim a compreensão de dois sistemas distintos de signos: “prestar atenção à escrita e colocá-la em seu lugar é retificar nossa ideia da língua ela mesma”. Tal formulação, que já no terceiro curso é bastante condensada, nos reenvia às discussões sobre a escrita presentes no curso de 1907.

Antes de retornarmos a ele, cabe frisar que a questão da escrita se faz presente em todos os cursos, mas, a cada vez, em contextos e de maneiras diferentes, comparecem nuances que não ressoam no CLG senão como furos no “todo orgânico”. Há, para Saussure, uma diferença clara entre os cursos. Em conversa com Albert Riedlinger, em 19 de janeiro de 1909, o mestre diz que seu curso de linguística geral até então não passava de um bate-papo, “*une causerie*”, e que daquele momento em diante (a partir do semestre de verão de 1909) trataria das línguas indo-europeias e dos problemas que elas colocam como uma preparação para um próximo curso, o terceiro (1910-11), sobre filosofia da linguística (cf. Rie. apud SM, p. 30).

Se retomarmos as anotações de Riedlinger referentes ao primeiro curso, vemos que Saussure esboça o que para ele seria um dos grandes erros da linguística da época, o de tomar como objeto a relação entre palavra escrita e palavra falada. É nas aulas iniciais, logo após algumas

palavras introdutórias sobre a relação da linguística com suas ciências conexas (etnologia, filologia, ciências lógicas e sociologia), que Saussure traz à tona o tema da escrita.

Sob o título de « *Analyse des erreurs linguistiques* », Saussure observa que o signo escrito é exterior à língua e, portanto, “a palavra escrita não é coordenada à palavra falada, ela lhe é subordinada”⁴⁰ (RIE I, p.5). Dessa maneira, a escrita não faz senão falsear a língua e, por isso, não deve tomar parte no objeto da linguística. Há aqui em Saussure um gesto de delimitação de um novo objeto linguístico, outro que não aquele da filologia de seus predecessores: é exclusivamente a palavra falada o objeto da linguística. É justamente nesse momento que nos deparamos, pela primeira vez nos cursos, com uma estrutura de formalização, uma escrita algébrica que consagrará Saussure como o pai da linguística moderna. O linguista escreve um algoritmo do que seria o objeto de uma linguística de tradição filológica para imediatamente refutá-lo. Nas notas de Riedlinger (RIE I, p.6), encontramos:

Seria um erro conceber a relação entre palavra escrita e palavra falada assim:

$$\frac{\text{palavra escrita}}{\text{palavra falada}} = \text{objeto (da linguística)}$$

〈Nós teríamos assim uma〉 unidade indefinível que não seria nem a palavra escrita, nem a palavra falada, nem ambas. A verdadeira relação é expressa pela equação:

$$\text{palavra falada} = \text{objeto} \\ \text{(palavra escrita, documento) .}$$

Tomamos o termo “algoritmo” da leitura que Lacan realiza de Saussure em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, de 1957. Para o psicanalista a escrita de um algoritmo é o momento em que se estabelece uma ciência:

Para marcar o surgimento da disciplina linguística, diremos que ela se funda, como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte: $\frac{S}{s}$, que se lê: significante sobre significado, correspondendo o “sobre” à barra que separa as duas etapas (LACAN, 1957 [1998], p. 500).

A escrita matemática ocupa para Lacan um lugar central em sua teorização. O algoritmo matemático é o que resiste de um texto “carregado de sentido” quando este desfaz-se em “bagatelas insignificantes”, pois “como seria de se esperar, são sem sentido algum” (ibid., p. 501)⁴².

É pela via do escrito que Saussure inscreve seu lugar. Essa é uma tomada de posição que reflete não só suas inquietações que vêm sendo formuladas desde a última década do século anterior, como veremos mais adiante, mas também a assunção da cadeira antes pertencida ao

⁴² Discutiremos mais detidamente a formalização e a escrita matemática no capítulo seguinte.

professor Joseph Wertheimer⁴³. O abandono do que chamamos de “signo pré-linguístico” é, para Saussure, essencial para o estabelecimento de seu ensino. Após esse movimento de exclusão da escrita dos estudos linguísticos, o curso passa a abordar os elementos da evolução fonética, culminando na reinscrição do algoritmo, dessa vez mais próximo da forma como o conhecemos:

forme
idée (RIE I, p.66).

Nas aulas que seguem sobre o tema, vemos bastante da visão que será cristalizada no CLG. Entretanto, a *causeurie* saussuriana põe em causa aquilo que não teria lugar quando não se fala bestamente, se o lemos na esteira de Lacan, que afirma que “O significante é besta” (1972). Seguir por essa via é dar consequência à articulação significante, ou seja, dar ouvidos à besteira saussuriana, àquilo que nomeou de *causeurie*. Para o psicanalista, “o sujeito não é aquele que pensa. O sujeito é, propriamente, aquele que engajamos, não, como dizemos a ele para encantá-lo, a dizer tudo – não se pode dizer tudo –, mas a dizer besteiras, isso é tudo.” (1972, p. 28). Andrade (2016, p. 114) sintetiza de forma bastante interessante essa escuta que estamos nos propondo da besteira saussuriana: “Ao se escutar as voltas de um discurso, é possível extrair dele seu ponto de gozo, a *escrita* que o determina sem ainda ter sido lida; neste caso, o mais-de-gozar não seria apenas a causa, mas também um efeito de discurso”. Vemos então nessa *causeurie* justamente uma fala a se dar ouvidos e não as costas. Vamos a ela:

O erro sugerido pela escrita sendo geral, pode-se dizer que as leis fonéticas se transformam quando a língua falada se une a um sistema de signos escritos. **Tem-se então na língua dois eixos semiológicos**, mesmo se se considera os fenômenos de falsificação como regulares e não como patológicos, **tem-se duas ciências linguísticas** e deve-se considerar a língua falada separadamente da língua escrita. [...] Esse estudo seria evidentemente muito interessante, mas (com a condição de) ser separado da semiologia falada (que não se pode unir a ela) em uma unidade imaginária. **Nós nos confinaremos resolutamente, portanto, na língua falada** (RIE I, p.10-11, sublinhado do autor; negrito nosso).

O trecho é riquíssimo, mas nos deteremos apenas nos fragmentos destacados. Neles, podemos ler uma abertura na compreensão do lugar da escrita na linguística. Ela não seria tanto o decalque imperfeito da fala, mas um sistema de leis próprias, relacionado diretamente à língua (e não à fala, como dizia anteriormente). Esse esboço para uma linguística da escrita se assemelha ao que propôs Vachek em 1939. Para Testenoire (2016, p. 40), entretanto, a concepção de dois eixos semiológicos é abandonada nos cursos seguintes após a publicação dos *Mélanges de linguistique offerts à M. Ferdinand de Saussure*, em 1908, por Louis Havet, que se mantém radical à exclusão da escrita

⁴³ Wertheimer, teólogo e grande rabino de Genebra, ocupou a cadeira de “linguística e filologia” de 1873 a dezembro de 1906; seu antecessor, “un certain Krauss” (DE MAURO, 1967, p. 324) lecionou entre 1869 e 1873 a mesma disciplina antes sob o título de “filologia” e depois de “linguística comparada”. Segundo De Mauro, o antecessor direto de Saussure “não estava longe da ignorância total em linguística”, seu discurso de abertura do curso de linguística, em 1877, “não passava de um plágio mal disfarçado de uma lição de M. Bréal”⁹ (cf. SM, p. 29; DE MAURO, p. 324).

dos estudos linguísticos. Em resumo, para Havet, “O gramático é o homem da língua escrita e o linguista, o homem da língua falada”^s (HAVET, 1908 [1910], p. 8).

Há, no primeiro curso, portanto, uma inscrição de Saussure na linguística. Ele se afasta da filologia de Wertheimer, instaurando um novo lugar para se pensar a língua. A assunção da disciplina de “Linguística geral e história e comparação das línguas indo-europeias” por Ferdinand de Saussure em 1906, após a aposentadoria do professor Joseph Wertheimer, é o evento a partir do qual iremos pensar a escrita na produção teórica do mestre genebrino. Há, na cadeira recém-ocupada por Saussure, uma tradição linguística com a qual este não estava de acordo e da qual já manifestara sua insatisfação na carta, já mencionada, ao amigo e colega francês Antoine Meillet em 1984. O curso serve então de palco para a exposição da reflexão linguística que Saussure vinha elaborando desde a época da carta e que ainda não havia vindo a público.

Assim, mesmo propondo uma abertura para pensar a escrita – mais próxima, inclusive, dos escritos de 1894 –, Saussure “se *confinará resolutamente*” na língua falada – um confinamento que produzirá impasses e exclusões. Ao enfatizar a língua falada, Saussure por vezes toma o som como elemento constituinte do signo, o que promoverá embaraços ao longo dos cursos. Entretanto, o recorte de objeto que passa a ser fundamentado sob a língua falada só é possível com a exclusão da escrita logográfica, como lemos no início do primeiro curso: “O objetivo do alfabeto é o de fixar por meio de signos convencionais o que existe na fala [parole]. Não há dois tipos de palavras (ao menos em todas as escritas fonéticas e não puramente ideológicas (sic) como o chinês”^t (RIE I, p. 5).

O abandono da escrita nesse momento de formalização da linguística é fundamental, sobretudo tendo em vista a disciplina nascente, a fonologia. Como afirmam Puech e Chiss (1983), no fim do século XIX e início do XX, o estudo dos dialetos locais, em que a musicalidade se mostra livre, vinha ganhando cada vez mais força com os neogramáticos, aumentando a necessidade de um rompimento com a imobilidade da instância visual. “Para sair desse caos, precisa-se de um outro ponto de apoio que não a escrita; precisa-se poder definir o som nele mesmo”^u (RIE I, p.11).

Com essa digressão ao primeiro curso, vemos que o segundo parágrafo do capítulo que analisamos introduz uma outra questão: é da “forma falada” da língua que a escrita deve se (des)articular para que se delimite o signo linguístico. Assim, a fim, então, de justificar a dissociação entre palavra falada e palavra escrita, ou seja, a independência desses dois sistemas, o CLG traz do primeiro curso os exemplos do lituano e do alto alemão antigo. São análises de fatos de língua que mostram como, apesar de haver alguma interferência de um sistema no outro, a escrita não contribui nem para a conservação nem para a transformação da língua, estas acontecem à sua revelia.

3.3 Uma representação que manca

Se a dissolução do que chamamos de signo pré-linguístico foi determinante para o estabelecimento de uma nova forma de se fazer linguística, o resultado desse movimento gerou uma sobreposição de conceitos que só intensificará o caráter monstruoso que se atribui à escrita no CLG. Após a inserção de uma nova constelação de conceitos ligados à fala, que tem ela própria uma definição difusa e irregular ao longo tanto do *Curso* quanto dos cursos, a distinção feita no início do capítulo entre línguas e língua fica ainda mais apagada. A oposição que se fazia entre os termos dá lugar à articulação que se consagrará no movimento estruturalista derivado do curso, a dicotomia língua – fala. Há uma sobreposição dos termos língua, línguas e língua falada, todas elas referindo-se ao sistema, ao objeto da linguística, ao qual à escrita só cabe representar. Calcadas nessa sobreposição, as causas do prestígio da escrita são, então, estabelecidas.

A primeira delas se dá na comparação entre duas materialidades físicas, os liames visual e auditivo da língua. A existência temporal do primeiro em detrimento da do segundo faz com que se recorra à imagem gráfica – apesar de “superficial” – e não ao som – “o liame natural, único e verdadeiro” – para se fixar a unidade da língua, mesmo que essa unidade seja “puramente factícia” (CLG-br, p. 35). A segunda causa diz respeito à materialidade psíquica, a impressão visual se mostra mais nítida e duradoura que a impressão acústica. É interessante observar que há uma distinção clara da natureza material dos elementos em questão. A natureza física da escrita, que constitui um “objeto permanente e sólido” (ibid., p. 35), não se sobrepõe à sua natureza psíquica, a impressão visual, ambas guardam um caráter durativo em relação ao seu par auditivo/acústico, o que é utilizado para reforçar a compreensão de que a escrita funciona como documento da forma falada, representando-a. Nas notas de Constantin lemos que “É a imagem que parece ser a coisa de carne e osso, porque ela é fixa, tangível, visível, enquanto que a fala parece inapreensível, fugidia, uma vez que pare de ressoar”^v (C III-GM, p. 143).

Ao seguirmos o dito de Saussure, acabamos nos restringindo a uma concepção de escrita bastante reduzida, a de mero decalque da língua. Entretanto, seu dizer aponta para uma abertura dessa concepção. A escrita, ao representar a língua, torna-a tangível, observável para o linguista. Dito de outra forma, se a escrita não compõe o objeto linguístico, como vimos acima, ela é fundamental na criação desse objeto na medida que o dá a ver ao linguista. A escrita retorna como condição da ciência.

As duas últimas causas de predominância da escrita, segundo Saussure, se relacionam “não com o fato nu da escrita, mas com tudo o que constitui o que se chama língua escrita”^w (C III-GM, p. 143). Essa pontuação de Saussure, deixada de fora do CLG, traz uma nova camada ao que se vinha articulando acerca da representação da língua pela escrita. Se para Bally a língua escrita

“aumenta ainda mais a importância imerecida da escrita”, afinal é dessa forma que ele introduz a questão no livro, para Saussure, tal como o podemos ler no caderno de Constantin, não é disso que se trata. Trata-se, sim, de evidenciar que a língua escrita chega a possuir “⟨uma esfera de existência independente da esfera normal que está na boca dos homens⟩ uma esfera de difusão separada”^x (C III-GM, p. 143-144). Essa nova esfera, institucionalizada nas gramáticas e dicionários e regulamentada por um código ortográfico, faz com que se associe à ideia de palavra escrita à de palavra correta. Não é, portanto, “a língua literária que aumenta a importância imerecida da escrita” (CLG-br, p. 35), antes, é a posição que o linguista ocupa diante de seu objeto que faz com que a língua escrita não se sobreponha à língua.

A escrita, nesse sentido, ao tornar tangível a língua, coloca ao linguista a questão do objeto: de um lado, filológico, levando ao engodo da similitude – “a escrita é a língua”, que se desdobra em “a gramática é a língua”, “o dicionário é a língua” –, o que caracteriza o pensamento linguístico até meados do século XIX, ou, como propõe Saussure, a escrita torna a língua tangenciável, não concretizável. A escrita não reproduz a língua, antes, ela possibilita um fazer com a língua que a torna objeto, um objeto que é construção do linguista e não dado do mundo. Essa é a advertência de Saussure: a palavra escrita não é a língua, mas é a via pela qual se pode pensá-la. Ou, como lemos no caderno de Riedlinger referente ao segundo curso, “a classificação ⟨da língua⟩ no tempo apenas é possível pois a língua se escreve”^y (RIE II, p. 5).

Estabelecidas as causas do predomínio da escrita, tanto as notas dos alunos quanto o livro de 1916 passam a tratar d’“Os sistemas de escrita”. Desse momento até o fim do capítulo, há um direcionamento de Saussure, que é amplificado pelos editores, em explicitar o que foi definido anteriormente como a exterioridade da escrita em relação à língua. Esse movimento de Saussure não pode ser lido fora do contexto em que se insere, o do crescente desenvolvimento da fonologia, que à época passava a contar com instrumentos de registro de som, os fonogramas de Viena, mencionados pelo linguista em todos os anos de curso.

Tal contexto parece fundamental para compor nossa leitura uma vez que o capítulo destinado à escrita é imediatamente seguido pelo capítulo “A Fonologia”, que analisaremos no próximo capítulo. Agora cabe apenas destacar que o capítulo não é construído como tal no correr das aulas do mestre genebrino. O que encontramos tanto nos cadernos de Constantin referentes ao terceiro curso, quanto nos de Riedlinger, referentes ao primeiro, é uma continuidade entre os temas, não havendo, assim, uma divisão entre as aulas sobre escrita e as aulas sobre fonologia. Essa articulação estabelecida por Saussure dá a dimensão de seu projeto: a escrita e a fonologia são articuladas visando a promover uma ruptura com a filologia da época, não constituindo, assim, temas distintos. Trata-se fundamentalmente de um movimento epistemológico, da delimitação do

objeto da linguística, em que se toma a “palavra falada” nela mesma, muito mais que um projeto teórico-conceitual em que se definiria a escrita.

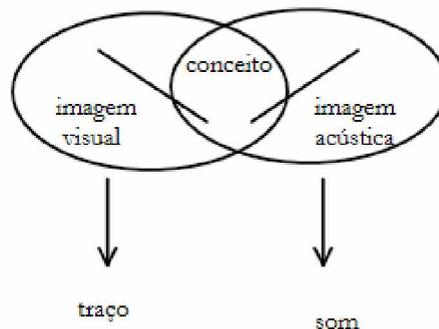
No terceiro parágrafo do capítulo, quando o linguista, portanto, estabelece os dois grandes sistemas de escrita, podemos ler em seu texto alguns movimentos que confirmam seu projeto. No CLG (p. 36) lemos:

1º. O sistema ideográfico, em que a palavra é **representada** por um signo único e estranho aos sons de que ela se compõe. Esse signo se relaciona com o conjunto da palavra, e por isso, indiretamente, com a ideia que exprime.

2º. O sistema dito comumente “fonético”, que visa a **reproduzir** a série de sons que se sucedem na palavra. As escritas fonéticas são tanto silábicas como alfabéticas, vale dizer, baseadas nos elementos irredutíveis da palavra.

Se no primeiro sistema o “signo gráfico”, segundo Saussure, se relaciona com a palavra como um todo e, assim, com a ideia que esta exprime, no segundo encontra-se uma etapa a mais. Neste, o “signo gráfico” relaciona-se com um som e este, justaposto a outros sons, compõe a palavra.

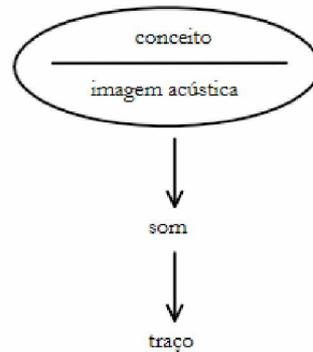
Se propuséssemos uma escrita para o que Saussure depreende da língua chinesa⁴⁴, pensaríamos em algo como o diagrama que segue:



Nele, podemos observar que a ideia, ou conceito, se articula tanto com um significante visual quanto com um significante de ordem acústica. É importante lembrar que estamos no âmbito daquilo que Saussure chama de materialidade psíquica, trata-se da impressão que tanto o traço quanto o som causam no falante e não do traço e do som em sua materialidade física. O signo, portanto, incorpóreo, é representado tanto por uma materialidade visual quanto por uma acústica. A materialidade física, continuando o pensamento de Saussure, é o que representa o signo. Esse modo de articulação entre língua e escrita indica um funcionamento coordenado, cada uma delas tem um funcionamento independente, mas se afetam mutuamente. “Para o chinês, o ideograma e a palavra falada são, por idêntico motivo, signos da ideia; para ele, a escrita é uma segunda língua [...]” (CLG-br, p. 36).

⁴⁴ Interessante trazer um comentário de Godel sobre Saussure e o chinês: “o sr. L. Gautier me informa que, quando a doença o surpreende, ele havia começado a se interessar pelo chinês”^{2z} (SM, p. 29).

Com os sistemas fonéticos, o funcionamento, segundo Saussure, é outro. O traço *reproduz* a série de sons que, por sua vez, *representam* o signo. Define-se assim a escrita como decalque, como tendo por única razão representar a língua, conforme lemos no início do capítulo. Uma escrita possível para compreender o enunciado citado acima seria:



A relação entre língua e escrita que se depreende do diagrama é de subordinação. A escrita é escrita da língua falada, trata-se de uma transposição de meio, do sonoro para o visual. Nessa concepção, o signo gráfico é corpóreo: o traço é o significante do significado-som. Outra possibilidade de interpretação, devido à inconstância do próprio Saussure na definição do signo linguístico, seria considerar o som ele mesmo como parte integrante do signo, sendo o traço, a letra, a reprodução da língua. Diferentemente do que ocorre nas escritas logográficas, a relação entre língua e escrita fonética⁴⁵ é sempre de subordinação, no entender de Saussure, seja o signo incorpóreo ou não. Dessa forma, para o genebrino, a escrita – fonética – não se articula diretamente com a língua, sua articulação é sempre mediada de forma biunívoca, ou seja, uma letra representa um som – pelo recorte sonoro da massa amorfa do pensamento.

Ambos os sistemas, entretanto, apresentam ressalvas no CLG. De um lado, o sistema ideográfico é facilmente transformado em um sistema misto à medida que um signo gráfico se desloque de seu valor inicial, passando a representar um som. Do outro lado, nos sistemas fonéticos, “a palavra escrita tende a substituir, em nosso espírito, a palavra falada” (CLG-br, p. 36), como já afirmara na página anterior do livro ao tratar da predominância da escrita e que vai ratificar algumas páginas à frente ao dizer que “a imagem da palavra adquire valor ideográfico” (ibid., p. 44). A diferença entre eles é a de que os sistemas ideográficos são mais felizes nessa substituição, chegando a suplantam a palavra falada por completo, ao passo que os sistemas fonéticos, por se manterem articulados ao som, produzem “consequências deploráveis”. O que lemos nas ressalvas de Saussure é que, na tentativa de encerrar ambos os sistemas de escrita na relação com a língua, algo falha. Há sempre um resto não articulável de um sistema ao outro que produz seus efeitos na

⁴⁵ Traremos os termos tais como utilizados por Saussure.

língua e, portanto, na linguística. Esse resto aponta para um impasse: um impasse de Saussure, uma vez que a escrita ao mesmo tempo que – de alguma forma – representa a língua, resiste à representação, mas sobretudo um impasse à formalização. Se retomamos Lacan, em “O aturdido” (1972), vemo-lo tocar nessa mesma questão com relação à formalização na psicanálise. Há um impossível de se escrever, um limite à formalização. O impasse, nesse sentido, é aquilo que de mais próximo chegamos do real. Lacan, entretanto, insiste que se há um impossível de se escrever, há uma escrita possível que seja índice dessa impossibilidade.

O linguista, a fim de legitimar a ruptura que vem construindo, exclui esse resto não articulável: “Limitaremos nosso estudo ao sistema fonético, e especialmente àquele em uso hoje em dia cujo protótipo é o alfabeto grego” (CLG-br, p. 36). Tal exclusão parece ratificar o projeto epistemológico de Saussure. A escrita chinesa não sustentaria um projeto calcado numa primeiridade sonora, tampouco as escritas fonéticas silábicas que prescindem da notação das vogais. Dito de outro modo, é apenas a partir do prototípico alfabeto grego que se pode avançar o projeto.

Em seu *Em busca de Ferdinand de Saussure*, Michel Arrivé atribui o “fundamental do problema” da crítica de Saussure à escrita ao fato de que o genebrino “encerra a escrita como secundária quando comparada ao significante oral, dado nesse ponto do texto como o único significante”. Para Arrivé, a crítica de Saussure à escrita procede de uma confusão do significante com a substância sonora que, num segundo momento do curso, se dissipa, fazendo com que a escrita ocupe outro lugar na obra. Há, então, o capítulo da escrita em que o significante é sonoro e um segundo momento, sobretudo no capítulo sobre o valor linguístico, que discutiremos mais à frente, em que

Sobrevém a desmaterialização do significante: ele deixa de se confundir com a substância sonora. A desmaterialização tem consequências imediatas. A escrita não é mais serva (dócil ou indócil) do som. Ela chega até a perder todo o contato imediato com ele, dado que o significado que ela assume não é mais o som, mas o significante incorpóreo (ARRIVÉ, 2007 [2010], p. 84)

A leitura que vimos fazendo nos aponta outra direção. De fato, Saussure tropeça em diversos momentos do *Curso* e dos cursos no que diz respeito à materialidade do significante e à relação que estabelece entre a escrita e a língua. Entretanto, encontramos formulações saussurianas que supõem um significante incorpóreo tanto nos textos da década de 1890, dos quais trataremos no quinto capítulo, quanto nos anos iniciais do curso de linguística. A formulação mesma de que “nenhuma relação existe entre a letra *t* e a coisa a designar” (CLG-E, p. 269 apud Arrivé, 2007, p. 85), em que se percebe o caráter incorpóreo do significante em “coisa a designar” aparece no segundo curso, em 1908, e não na segunda metade do terceiro curso, de onde advém grande parte dos axiomas saussurianos. Antes ainda, no primeiro curso, lemos no caderno de Riedlinger que “a

matéria propriamente dos sinais pode ser considerada como indiferente”, o que importa, para o linguista, é que se considere apenas uma matéria, a do som, mas ainda que os “sons mudem, a linguística não se ocuparia disso, desde que as relações permaneçam as mesmas”^{aa} (RIE II, p. 23).

Como temos tentado mostrar, a reflexão saussuriana não é linear, tampouco progressiva. A crítica à escrita se justifica mais, em nossa leitura, pelo movimento de ruptura com a filologia da época. Dois pontos do capítulo da escrita que já discutimos e que se sustentam numa concepção incorpórea do signo são: **i.** a distinção de dois fatores de predominância da escrita sobre a língua, um de ordem psíquica e outro de ordem física, e **ii.** a própria concepção do funcionamento do sistema ideográfico, como não tendo relação com o som – o ideograma não é uma representação do som, mas da palavra (onde podemos ler “do significante”).

Se o que vigora no capítulo da escrita, como propõe Arrivé, é uma concepção de significante atrelada ao som, a descrição do sistema ideográfico não se daria como a vemos no CLG. Com efeito, há em Saussure uma primeiridade do som sobre o traço, o primeiro tido como natural em oposição ao segundo, que é tomado como secundário, artificial. É essa hierarquização, e menos o caráter incorpóreo, que parece dar o tom da crítica saussuriana tendo sempre no horizonte seu novo objeto. Há momentos, entretanto, em que de fato, ao subordinar a escrita à fala, tanto o *Curso* quanto os cursos, apresentam-se formulações em que se depreende que o significante seja sonoro, e é justamente essa concepção que se mostra mais evidente nos dois últimos parágrafos do capítulo em que são apresentadas as causas (quarto parágrafo) e os efeitos (quinto parágrafo) do desacordo entre língua e escrita.

Tendo então descartado a escrita ideográfica e, nas escritas fonéticas, se limitado às escritas provenientes do alfabeto grego, Saussure aponta três grupos principais de desacordos entre os sistemas da língua e da escrita. A partir desse recorte bastante específico, torna-se mais rápida a sobreposição entre som e significante, de modo que, já no título do parágrafo em que suporíamos ler “Causas do desacordo entre a escrita e a língua”, encontramos os termos “grafia” e “pronúncia” substituindo aqueles que até esse momento do capítulo protagonizavam a discussão.

Há aqui um fechamento na construção do texto saussuriano em que a vacilação sobre a relação entre os dois sistemas é reduzida à subordinação e o som integra o significante. Acreditamos ser apenas por meio desse gesto que se conseguiria sustentar o que se segue como as causas do desacordo entre língua e escrita. Dessa forma, o linguista destaca três grandes causas além de algumas “excentricidades” cuja “causa nos escapa” (CLG-br, p. 38).

A primeira das causas é o descompasso entre o modo como cada sistema é afetado pelo tempo, “a língua evolui sem cessar, ao passo que a escrita tende a permanecer imóvel”, em

que se apresenta como exemplo o grafema *oi*, pronunciado /wa/ no francês moderno, nas variações das palavras *roi* e *loi* (rei e lei) desde o século XI.

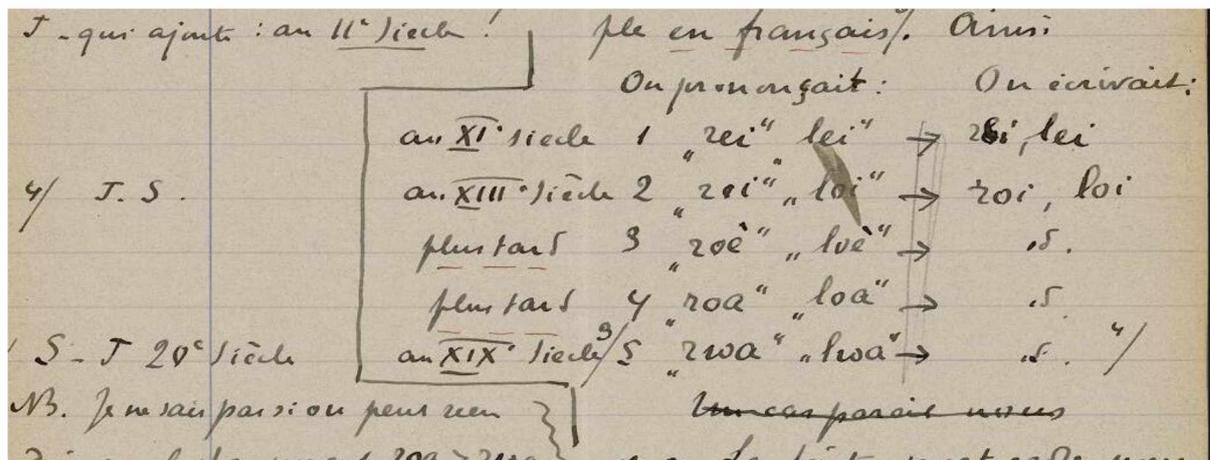


Figura 6 Reprodução de fragmento do manuscrito *Collation Seebeyne*, p. 131. Conservado na BGE, sob a cota Cours univ. 432-433.

Há um primeiro momento, na análise de Saussure, em que a língua é registrada pela escrita, havendo correspondência entre letra e som, e um segundo momento em que os sistemas se distanciam, fazendo com que o que se escreve não corresponda mais ao que se pronuncia: “a expressão gráfica *oi* assumiu um valor estranho aos elementos de que se formara” (CLG-br, p. 37). No caderno de Constantin, entretanto, encontramos um desenvolvimento diferente. Se no CLG o distanciamento na representação letra-som é suficiente para justificar o desacordo, no caderno, Saussure enfatiza que há desacordo, mas não divórcio. A partir do desacordo, um novo signo gráfico surge, não mais *o* e *i*, mas *oi* representando /wa/.

Um fato de língua e de escrita que nos indica a coordenação entre os dois sistemas – se houvesse subordinação, a alteração fonética exigiria uma mudança gráfica – é interpretado por Saussure como imperfeição da escrita. O linguista destaca, entretanto, a independência da língua: “Esse exemplo mostra bem por que a escrita deve se tornar fatalmente falsa, e mostra a independência da língua face à escrita”^{bb} (C III-GM, p. 146). A forma como Saussure analisa tal fato segue a linha argumentativa de seu projeto, o de redefinir o objeto mesmo da linguística. A diacronia dos sistemas é tida por Saussure como a principal causa dos desacordos e, portanto, o maior argumento em favor da independência da língua: “Este é sem dúvida um dos grandes fatores, talvez o maior, de perturbação na relação da língua com a escrita”^{cc} (CS, p. 133).

A outra causa de desacordo é a insuficiência de um sistema tomado de empréstimo de outra língua, a falta de signos para representar os sons da nova língua produziria signos duplos, como o *ch* do francês e o *th* inglês. O exemplo de Saussure é interessante, pois mostra como também a escrita constitui um sistema com leis próprias. Sobre o *th*, o linguista nos diz que houve uma tentativa do rei merovíngio Chilperic de forjar um novo caractere para o som sem representante

no alfabeto latino, entretanto, “não teve êxito e o uso consagrou o *tb*” (CLG-br, p. 38). O mesmo fato pode ser observado nas gramáticas das línguas nacionais quinhentistas de Nebrija ou João de Barros, em que soluções gráficas eram pensadas para suprir o alfabeto latino, deficitário em representar as línguas vernáculas, mas tais inovações não foram consagradas pelo uso, como o caso do *ɛ*, utilizado por Barros (1540, p. 44) para representar a vogal *e* tônica.

O que para Saussure é uma das causas do desacordo, parece-nos justamente, mais uma vez, indício da **in**subordinação da escrita. Assim como a língua, a escrita pode ser compreendida como um sistema, organizado por leis próprias, sendo afetado de maneira particular tanto pelo tempo quanto pela intervenção individual, mas legitimado pelo uso.

Finalmente, a última causa do desacordo é a etimologia. Os traços de língua que restam nas palavras escritas acabam por aumentar o desacordo por não encontrarem representação na língua falada, independentemente da acuidade da etimologia, como mostra Saussure com o *poids*, que se supôs oriundo de *pondus* quando na verdade sua origem é *pensum*, não devendo, assim, escrever-se com *d*. Para o linguista, entretanto, “pouco importa que a aplicação do princípio seja correta ou não: é o próprio princípio da escrita etimológica que está errado” (CLG-br, p. 38). Esse peso carregado pela escrita, mais uma vez parece escrever sua temporalidade e sua autonomia enquanto sistema, elementos mais uma vez descartados no projeto saussuriano.

O descompasso diacrônico, o empréstimo de alfabeto, a etimologia e ainda as causas que escapam ao linguista, como o *h*, cujo uso não corresponde à alegada marca de aspiração, uma a uma as particularidades da escrita que comprovariam sua independência são utilizadas como argumento para o estabelecimento do novo objeto linguístico, a “palavra falada”. O movimento de Saussure se sustenta devido à definição de seu ponto de partida no alfabeto grego primitivo, que se mantém ao longo dos três cursos e é registrada no CLG. É numa das aulas iniciais do primeiro curso, ao tratar do desacordo entre a palavra escrita e a palavra falada, que Saussure introduz o tema⁴⁶:

Para julgar [o deslocamento do valor dos signos], é preciso tomar um ponto de partida em que a escrita ainda não foi submetida a uma mudança indireta. Esse momento é encontrado apenas uma vez na história de um povo: quando, pela primeira vez, se registra a língua pelo escrito, e ainda somente se for possível fazê-lo, se não se tomou de empréstimo os hábitos fonéticos de outros povos. [...] Na ortografia primitiva dos gregos, a consequência se vê sobretudo na consecução dos sons: tantos elementos falados, tantos signos escritos. Assim, para:

ps não se tem Ψ mas ΦΞ
ks não se tem ξ mas ΧΞ
ph não se tem Φ mas ΓΘ (RIE I, p. 7).

⁴⁶ O trecho todo compõe uma alínea do apêndice de fonologia. As três linhas finais compõem uma nota dos editores na forma de ressalva à possível falta dos gregos (cf. CLG-br, p. 50).

O mestre genebrino retorna a um ponto zero, “em que pela primeira vez se registra a língua por escrito”. É justamente esse o ponto fundamental para Saussure, o registro, a notação. No terceiro ano do curso, volta à questão:

Pode-se admirar o alfabeto grego primitivo: a cada som que é simples, um só signo gráfico e invariável (para o mesmo som), tal é seu princípio. E reciprocamente, não há signo simples que valha dois sons consecutivos. Esse princípio compreende toda a escrita fonética *stricto sensu*^e (C III-GM, p. 144).

A escrita finalmente reduzida à notação fonética: há aqui uma ideia de língua grega e, conseqüentemente, de alfabeto grego, homogêneo e livre de falha: uma língua em que se escreve tudo o que se diz, som a som, letra a letra. Nesse movimento Saussure alça o grego antigo à categoria de língua, a que faz *Um*, idêntica a si própria, bastante distante do que vemos, por exemplo, quando Saussure disserta sobre as línguas elas mesmas, ao tratar da linguística geográfica, chegando a questionar o que faria de uma língua idêntica a ela mesma: “as ondas, nós as podemos desenhar sobre os territórios que abrangem diversas línguas. Mesmo em uma unidade estendida como a do indo-europeu, há ondas isoglossemáticas que correm por sobre uma série de línguas”^{ff} (ibid., p. 123).

Nesse gesto em direção ao alfabeto grego primitivo, Saussure acaba por aglutinar duas dimensões da escrita: a escrita ordinária e a escrita fonética, científica. Nesse momento originário, e apenas nele, para Saussure, essas duas dimensões se corresponderiam. Se num caso a escrita é posta em funcionamento pela massa falante, noutro, ela é instrumento de objetivação da língua. Trata-se do momento em que algo da língua se transcreve na forma de signos visuais. Neste caso, há notação, a escrita se limitaria a seu caráter reprodutivo, estando subordinada à língua, de modo que o alfabeto grego primitivo coincidiria com um sistema de descrição fonológica, ambos estando fora do uso, das massas, sem sujeito. À medida que a escrita atinge as massas, a subordinação à língua não se sustenta, pois, uma vez constituída enquanto sistema e possuindo suas leis internas, esta não se comporta mais a partir de leis externas a ela, o que não significa que estas não a afetem, produzindo os desacordos descritos nos cursos, o que caracteriza a escrita que chamaremos de ordinária.

Esse trabalho com a escrita com que Saussure faz coincidir a escrita ordinária, a transcrição, é a operação que Allouch (1994 [2007], p. 17) define como “escrever regulando o escrito com base em alguma coisa fora do campo da linguagem”. A transcrição, assim, como operação real, toca no impossível. Nas palavras de Allouch (ibid., p. 17):

A partir do momento em que se transcreve, entra-se no campo da linguagem, e que o objeto produzido pela transcrição nunca é mais que objeto determinado, ele também, pela linguagem. Entretanto a transcrição vai contra essa determinação, quer notar a própria coisa, como se a notação não intervisse na consideração do objeto notado. Há um obstáculo real para a transcrição, já que o objeto visado jamais será o objeto obtido,

pois é impossível que ela produza o tal e qual do objeto. A transcrição esbarra (no sentido em que não desiste) neste ponto e, chocando-se com ele, tropeça. Daí sua definição como operação real no sentido em que Lacan, com Koyré, define o real pelo impossível.

Adotando, então, a premissa da representação biunívoca, ou seja, um signo gráfico representa um som e vice-versa, o CLG passa a tratar dos efeitos causados pelo desacordo entre os sistemas. São eles “a multiplicidade de signos para representar o mesmo som”, as “grafias indiretas” – o duplo *l* ou o duplo *t* para indicar que a vogal seguinte será aberta, no caso do alemão, ou o *e* final do inglês cuja função é alongar a vogal precedente –, e “as ortografias flutuantes” resultantes da “tentativa de diversas épocas de fixar os sons” (CLG-br, p. 39).

Diante de tais efeitos produzidos pelo desacordo entre língua e escrita, o linguista conclui então que a “escrita obscurece a visão da língua” e “quanto menos a escrita representa o que deve representar, tanto mais se reforça a tendência de tomá-la por base” (CLG-br, p. 40). A lógica deôntica se sobrepõe à observação da língua: a letra deve representar o som, e o que escapa à imposição de um grego mítico é teratológico. É nesse momento que encontramos o ápice da argumentação de Saussure e também os termos mais recorrentes na crítica de seus leitores: fórmula vazia de sentido, ser fictício, tirania da letra, monstruosidade ortográfica, deformação, casos teratológicos. Tais termos, à exceção de “tirania da letra”, como já dissemos, aparecem dispersos nos três cursos, tendo sido apenas condensados pelos editores. A tirania, ausente nos cadernos dos alunos e também da *Collation*, é trazida da “Segunda Conferência” para nomear a constatação da coordenação dos sistemas: “à força de impor-se à massa, [a escrita] influi na língua e a modifica” (CLG-br, p. 41). É interessante que inúmeros fatos de alteração da língua por afetação da escrita são elencados, mas não se legitimam como alterações da língua. Antes, são tratados como desvios, desacordos, efeitos da tirania da letra.

Diante, então, do engodo em que coloca a escrita, “é sempre completamente vão se dirigir à escrita para uma questão de língua”⁸⁸ (C III-GM, p. 148), ou seja, diante da incapacidade da escrita – ordinária – em escrever o repetível da língua (o *o* que se escreve em *boeuf* não se ouve em *roi*, e se ouve onde não se escreve em *oiseau*), há o direcionamento a um outro modo de aproximação da língua ou, falando propriamente, um outro modo de escrita da língua, essa sim letra a letra, uma escrita literalizada, a fonologia. Trata-se justamente do processo de literalização da língua, ou seja, de “reter” aquilo que é da ordem do repetível. Nesse momento, o CLG termina o capítulo da escrita e inicia o seguinte, “A fonologia”. Nos cursos, como já adiantamos, não há tal divisão, trata-se ainda da representação da língua, agora, entretanto, de um outro lugar:

Não se deve esquecer que se a escrita é nosso meio de chegar à língua, deve-se manejá-la com precaução. Sem a escrita, não teríamos absolutamente nada das línguas do passado, mas para conhecer a língua por meio desses documentos escritos, é necessária uma interpretação. (Diante de cada caso) deve-se construir o sistema fonológico do idioma,

que é a realidade da qual os signos são a imagem. A única realidade que interessa ao linguista é o sistema fonológico^{hh} (C III-GM, p. 149).

A leitura que fizemos do capítulo VI do CLG nos permite concluir até aqui que o movimento de Saussure desde a escrita do signo pré-linguístico e sua deposição até o esvaziamento de qualquer representação semântica da escrita constitui um deslocamento fundamental para a elaboração de um novo objeto de estudo, a palavra falada, desarticulada de qualquer relação com a palavra escrita, consolidando assim um rompimento com os trabalhos filológicos da época.

Se houve de fato um movimento por parte de Saussure de exclusão da escrita, houve também um saber fazer com isso que insiste da escrita na língua. Se num primeiro momento a forma como lidar com esse retorno é denegatório, no capítulo seguinte veremos um novo lugar de interpretação do linguista.

Capítulo 4 Da escrita à fonologia: literalização e formalização da língua

A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o Universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras: sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto.^a
Il Saggiatore.
Galileo Galilei

O movimento de Saussure apresentado no capítulo anterior – o de deslocar a escrita enquanto componente do objeto da linguística, ancorando-se, para isso, na exclusão das escritas logográficas e alfabéticas silábicas, e resumi-la ao alfabeto grego primitivo – pode ser lido, e é o que faremos agora, na esteira de Milner (1978, 1989, 1995), como um gesto de literalização e, assim, um primeiro passo para a formalização da linguística, ou seja, para sua inscrição no campo da ciência.

O que queremos propor neste momento é que a leitura do capítulo sobre a fonologia⁴⁷ e de seu apêndice no CLG, num batimento com a rede de textos que o produziu, nos permite uma outra interpretação do capítulo sobre a representação da língua pela escrita. Nessa releitura, pode-se interpretar que o que sustenta o texto saussuriano não é uma descrição e análise do funcionamento da escrita, mas um encaminhamento para a produção de um instrumento que desse conta de uma descrição científica da língua, uma descrição que lhe pudesse conferir o estatuto de objeto científico.

A fim de nos enveredarmos por essa questão, é mister trazermos algumas considerações editoriais sobre o CLG. O corte produzido pelos editores ao apresentarem um capítulo para a escrita e outro para a fonologia afeta a leitura que se faz da escrita em Saussure. O gesto de Bally, ao trazer a fonologia num capítulo apartado daquele da escrita e suplementá-lo com um apêndice de três dezenas de páginas dividido em dois capítulos⁴⁸, apaga o movimento que lemos nos cadernos dos alunos.

⁴⁷ Os termos fonética e fonologia em Saussure diferem do uso corrente que se faz deles em linguística. Para Saussure, em linhas gerais, a fonologia é uma disciplina anexa à linguística que tem como objeto os sons da língua, sendo, portanto fisiológica e fora da história; a fonética, por outro lado, compõe a linguística e trata do sistema da língua e de sua variação na história (cf. CLG-br, p. 42-43). Utilizaremos os termos tais como propostos pelo mestre genebrino.

⁴⁸ Como alertam os editores no início do Apêndice, este foi construído a partir das três conferências de Saussure sobre a Teoria da Sílabas, de 1897, além de alguns manuscritos. Cabe destacar que este é o único apêndice digno do nome ao longo do livro. Há, na terceira parte do livro, “Linguística Diacrônica”, um outro apêndice, este, entretanto, não é senão resultado da realocação de fragmentos dos cadernos dos alunos que não se inseriam como um “todo orgânico” ao corpo do livro. A diferença entre eles é substancial, tipográfica, mesmo. Tanto na Table de matières da edição da Payot, quanto no Índice da nossa Cultrix, o peso da fonte utilizada não é o mesmo nos dois casos. No apêndice que segue o capítulo da fonologia, este é impresso com o mesmo peso das divisões das partes do livro, todo

Como dissemos brevemente algumas páginas atrás, o último parágrafo do capítulo da escrita é sucedido, nos cadernos de Constantin, por um outro, “Cuidados a se tomar face à escrita / Como se deve estabelecer o sistema fonológico de um idioma”^b, e, depois dele, segue todo o desenvolvimento concernente à fonologia. O capítulo apenas se encerra, como podemos observar na tabela A, em anexo, na aula de 9 de janeiro, quando se inicia o quinto capítulo da primeira parte do curso destinado a “As Línguas”^c, intitulado “Tabela das famílias de línguas”^d, em que o linguista passa em revista as características das principais famílias de línguas, do celta ao sânscrito, das famílias iranianas às semíticas (ficam de fora, entretanto, as línguas do extremo oriente). Cabe, portanto, ao quarto capítulo, “Representação da língua pela escrita”, as questões concernentes não apenas à escrita ordinária, discutidas em nosso capítulo anterior, mas também à fonologia e à sua escrita. Essa nova configuração ressignifica o próprio título do capítulo, que poderia então ser lido num sentido mais amplo: como escrever a língua, como torná-la objeto? A representação da língua, assim, deve então “se formular como *teoria*, na qual os retalhos de escrita, que escrevem algumas pontas de real, recosem-se numa figura que vale como um certo todo e para todos” (MILNER, 1978 [2012], p. 30).

Godel (SM, p. 79, notas 84 e 85), ao trabalhar sobre as fontes manuscritas do curso, já apontava o gesto de Dégallier de subdividir os longos capítulos de Saussure em capítulos intermediários, o que foi incorporado por Sechehaye à sua *Collation* e, por fim, ao livro de 1916. É interessante destacar, no que concerne especificamente à articulação entre escrita e fonologia, que essa mesma leitura compartimentada é realizada pelo próprio Godel (ibid., p. 54, nota 46) no exame dos cadernos de Riedlinger do primeiro curso. Neles, encontramos a seguinte divisão⁴⁹:

- Preliminares
- § 1 – Introdução
 - Linguística e etnologia
 - Linguística e filologia
 - Linguística e ciências lógicas
 - Linguística e sociologia
- § 2 [sem título]
 - Análise dos erros linguísticos
 - Princípios de fonologia

Linguística

Primeira Parte – As evoluções [...]e

Chamemos à atenção o segundo parágrafo, sem título, que compreende tanto a análise dos erros, em que encontramos algumas considerações saussurianas sobre a escrita, quanto a fonologia.

em maiúsculas. Ao passo que o segundo apêndice, quase imperceptível no índice, tem peso menor que o dos capítulos, caixa alta-baixa e itálico.

⁴⁹ A fim de não nos estendermos em demasia em tais tecnicidades, descreveremos apenas a parte do curso nomeada *Preliminares*, seção em que se encontra o ponto que nos concerne (cf. anexo A). Para a apreciação da segmentação integral do primeiro curso, reenvio à edição de Komatsu e Wolf dos cadernos de Riedlinger, 1996.

Em sua exposição do material anotado pelo aluno, Godel adiciona ao título “Princípios de fonologia” a seguinte nota de rodapé: “Sem número de parágrafo. O retorno aos erros (R. 1.46) indica que essa exposição não passa de um apêndice do § 2. Mesma disposição III 103-104”^f (SM, p. 54). Godel supõe um erro de notação na falta de indicação de parágrafo para os princípios de fonologia, o que os separaria do parágrafo em que se trata da “Análise dos erros linguísticos”, que concerne basicamente à escrita, como já mostramos no capítulo anterior. O mesmo ocorre ao trabalhar com o material do terceiro curso, separando o capítulo da escrita das considerações sobre a fonologia. É interessante o gesto de Godel que se repete, tanto no material do primeiro quanto no do terceiro curso, o autor insiste numa ruptura: há, na análise do material do terceiro curso, uma nota de rodapé que faz referência ao mesmo “erro” ocorrido no primeiro curso⁵⁰. A decupagem suposta por Godel é a mesma realizada por Dégallier no terceiro curso e também a estampada no CLG, a fonologia apartada da escrita, apresentada na forma de apêndice.

Com a aparição dos cadernos de Constantin, vemos que, diferentemente do que notou Dégallier, escrita e fonologia constituem um mesmo capítulo. Gambarara (2005, p. 35, nota 21), em seu texto introdutório à publicação dos *Cahiers Constantin*, apresenta uma nota sobre a questão: “O tratamento da escrita fonética lhe é parte integrante [do capítulo da escrita]: não há um ‘anexo’ específico sobre a fonologia como acreditava Dégallier, retomado por Godel 1957, p. 79”^g.

Se levamos em consideração, com Gambarara (2005), como aventamos anteriormente, que Saussure considerava o arquivamento dos cadernos dos alunos na biblioteca universitária e que exercia sobre o curso um gesto editorial, entendemos que a atenção à forma como se estrutura o curso não é perfumaria tipográfica. Antes, essa escrita nos fornece elementos para relermos os capítulos VI e VII do CLG de um outro lugar. Basta passarmos os olhos pelo capítulo VII do CLG para notarmos que se trata ainda de escrita, sendo os princípios de fato de fonologia deixados para o apêndice. Tomados então como um único e extenso capítulo, podemos ler o percurso de construção de um aparato científico de descrição da língua.

Dadas as idiosincrasias de ambos sistemas, língua e escrita, e seus irremediáveis desacordos, Saussure retorna ao alfabeto grego primitivo para dali retirar seu princípio, a notação letra a letra, som a som. Estabelece-se assim o momento de literalização da linguística, a passagem da escrita ordinária, semântica (BOUQUET, 2000, p. 109), a uma escrita matemática do empírico (MILNER, 1989, p. 24-25), uma operação de escrita que produz um objeto – científico. Milner pontua dois momentos de formalização da linguística por Saussure: o primeiro, este que discutimos agora,

⁵⁰ No segundo curso, a escrita é articulada de forma significativamente distinta, num primeiro momento. Sobre essa articulação, nos deteremos no próximo capítulo. Num segundo momento, a escrita retorna tal como é articulada nos outros dois cursos, ligada à fonologia e a uma tentativa de notação da língua, sobre essa articulação, trataremos na última seção deste capítulo.

o de literalização da língua, ou seja, uma escrita da língua baseada no empírico, e um segundo momento, de formalização propriamente, que discutiremos mais adiante, em que a letra não é mais tomada na relação com o empírico, mas a partir do discurso matemático. Uma vez que se trata, portanto, de um movimento de entrada num discurso que se sustenta enquanto científico, é preciso traçarmos as bases dessa sustentação.

4.1 A fonologia no percurso acadêmico de F. de Saussure

A fonologia e a busca por uma escrita científica da língua não são inovações saussurianas. Lemos nos cadernos dos alunos dos três cursos, sempre que a fonologia é trazida à discussão, a referência aos alemães e à sua *Lautphysiologie*, uma disciplina “fundada sobre isso que se produz nos nossos órgãos quando pronunciamos um som”^h (RIE I, p. 12).

É importante destacar que não é exatamente a fonologia que nos interessa aqui, mas o que daí se coloca como escrita. Dessa forma, nossa passagem pelo tema será tangencial, extraindo apenas os elementos que nos permitirão seguir com nossa leitura do CLG.

Saussure acompanhara *in loco* – mas não tão de perto⁵¹ – as discussões sobre o tema no período de sua formação acadêmica, em Leipzig, de 1876 a 1880, que resultam na publicação de seu *Mémoire sur le système primitif de voyelles indo-européennes* (1879) e de sua tese, *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit* (1880). Já no primeiro ano, seu professor de persa antigo, Heinrich Hübschmann, indica ao jovem aluno um texto⁵² de Karl Brugmann recém-publicado no periódico *Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik*, que tinha Georg Curtius como editor-chefe (cf. *Souv.* 1903 [1960], p. 20-21).

Em um texto de 1903, transcrito e publicado por R. Godel nos CFS 17 (1960), e intitulado *Souvenirs de F. de Saussure concernant sa jeunesse et ses études*, o genebrino, em uma espécie de memorial, retraça alguns episódios de sua formação, sobretudo a seu período leipzigiano em que lemos: “Eu não fiquei muito impressionado ao lê-lo”ⁱ. A tese apresentada no artigo de Brugmann, de que havia sonantes nasais no indo-europeu, estava sendo bem recebida no meio alemão, mas para Saussure “não parecia muito extraordinário ou novo”^j (ibid., p. 21). Sobre a recepção do artigo

⁵¹ Como nos conta John Joseph (2012), apesar de frequentar os cursos de Brugmann e Osthoff, por exemplo, e manter boa relação com estes, Saussure não participava ativamente da vida acadêmica de Leipzig, preferindo se restringir à pequena comunidade de estudantes genebrinos lá existente.

⁵² Brugmann, Karl (1876), „Zur Geschichte der stammabstufenden Declinationen, Erste Abhandlung: Die Nomina auf -ar- und -tar-,, *Studien*, 9: 361–406. É justamente este texto que causará a celeuma entre o renomado Curtius e o recém-doutor e recém co-editor da revista, Brugmann. Curtius deixa seu aluno encarregado da publicação do número 9 de seu periódico e este publica um artigo de própria autoria sem o aval do mestre. Tanto o ato de Brugmann quanto o conteúdo do texto desagradam Curtius, que o retira do corpo editorial do periódico. Brugmann então funda sua própria revista, *Morphologische Untersuchungen*, em parceria com Osthoff. É no prefácio do primeiro número da nova revista que surge o termo cunhado por Brugmann, *junggramamtische Richtung*, a ordem neogramática (cf. JOSEPH, 2012 p. 225) que consistia substancialmente em estabelecer leis fonéticas gerais, um passo que Curtius hesitava dar.

por Saussure, seguimos a leitura de Joseph (2012), que aponta um duplo efeito em sua vida acadêmica. De um lado, Saussure sentira-se autor da ideia publicada pelo alemão, tendo feito anos antes um rascunho sobre o tema a ser enviado à Société Linguistique de Paris, mas desencorajado por seus professores, por não trazer nada de novo aos estudos comparatistas; de outro lado, ainda seguindo a leitura do biógrafo de Saussure, o jovem linguista que sempre teve em baixa conta o desenvolvimento da linguística em Genebra, via que em Leipzig havia “essa comunidade que reciclava um fato da fonologia do indo-europeu já há muito conhecido, talvez até mesmo óbvio, em uma descoberta de grande importância”^k (JOSEPH, 2012, p. 186), levando-o então a escrever em seus *Souvenirs* (p. 21n – trecho riscado do manuscrito) que

foi a partir desse momento, ao perceber de uma vez por todas que minhas ideias não eram tão ruins quanto aquelas que eu via circular ao meu redor, eu ousaria, mesmo na falta de todo conhecimento necessário dos idiomas indo-europeus, estudá-los sob o ponto de vista analítico, apreendendo cada idioma.¹

Saussure, apesar da impressão inicial, desenvolve uma relação amistosa com Brugmann, frequentando inclusive alguns de seus cursos. O fantasma da autoria – e do plágio –, entretanto, persegue o genebrino a tal ponto que, no outono de 1877, este comunica a Brugmann que não mais frequentaria seu curso, pois o que o alemão trazia era muito próximo das descobertas que o próprio Saussure publicaria no *Mémoire* e, portanto, para evitar embaraços com relação à autoria de tais ideias, Saussure prefere se afastar do curso, como podemos ler no fragmento abaixo, conservado na BGE sob a cota AdS 369, envelope 10, *Brouillons de lettres à caractère personnel s.d.*, folha 3.

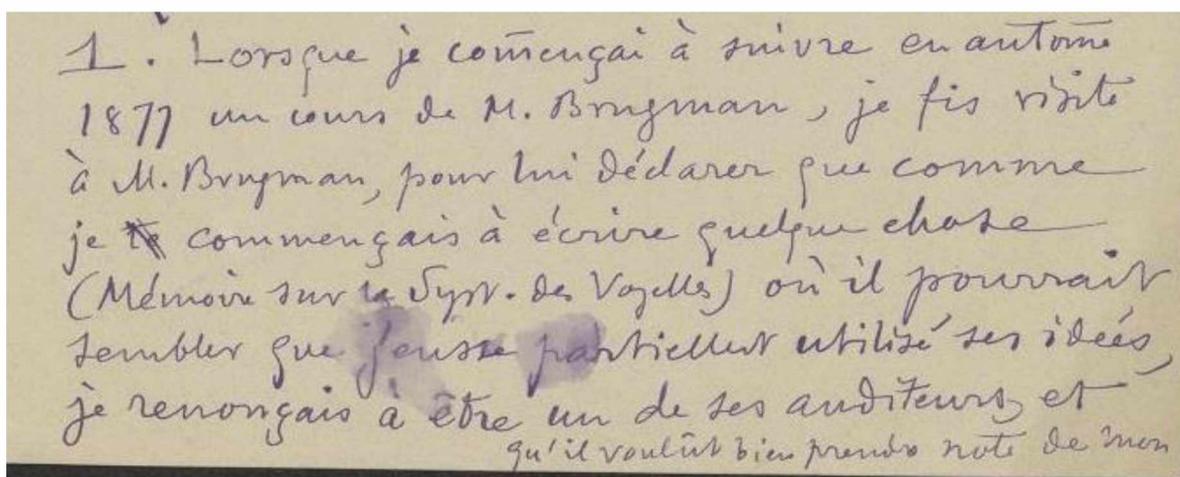


Figura 7 Reprodução de fragmento do manuscrito *Brouillons de lettres*. Conservado na BGE, sob a cota AdS 369/10 f.3.

1. Quando eu comecei a frequentar, no outono de 1877, um curso do Sr. Brugmann, eu o visitei para dizer-lhe que como eu havia começado a escrever alguma coisa (Mémoire sur le Sys. des voyelles) em que poderia parecer que eu estivesse usando parcialmente suas ideias, eu desistiria de ser um de seus ouvintes e que ele por favor tomasse nota de meu []

Entretanto, mesmo com o afastamento e a preocupação de Saussure com a autoria, o *Mémoire* não foi bem recebido em território alemão, sofrendo inclusive críticas de plágio, sobretudo de Osthoff (cf. JOSEPH, 2012, p. 242 ss). É interessante marcar ainda que nessa retomada que Saussure faz do evento, em 1903, como pontua Silveira (2018), o genebrino não atribui aos anos de Leipzig sua grande descoberta, mas às horas gastas, durante a infância, na biblioteca de seu avô materno e às trocas com o notável vizinho Adolph Pictet. Esse fato dá a ver, segundo a autora, uma posição incomum para um linguista e que se perpetua em sua obra:

Sua relação com a língua não deve sair necessariamente das teorias já formalizadas, mas devem ir até elas para sabermos da sua possibilidade de existência. O fato de ela [a hipótese das nasais sonantes] não se sustentar como hipótese pode não ser o seu fim, apenas um indício de que esse aspecto não era a hipótese propriamente, mas parte dela. Foi o que se revelou no seu *Mémoire*. Percorrer a língua e depois a linguística é o que se recolhe aqui (grifos da autora).

Essa breve incursão biográfica nos interessa em dois pontos, o primeiro que Saussure, apesar de estar em Leipzig quando do manifesto dos neogramáticos, não se engajou ao movimento, tampouco se ligava fortemente ao comparatismo de Curtius, que, apesar da admiração, lhe tecia críticas.

O segundo ponto era o fantasma da autoria, razão pela qual escreve seu *Mémoire* a toque de caixa, enviando a seu editor os capítulos à medida que os finalizava, não havendo a possibilidade de uma leitura do todo e de possíveis alterações nos capítulos já impressos, com receio de que suas ideias fossem publicadas por outra pessoa antes que seu texto estivesse finalizado. Há aqui um Saussure bastante distinto daquele “que não escreveu”. A escrita, que na universidade quer dizer publicação, não lhe era alheia.

Quanto ao conteúdo do trabalho das *nasalis sonans*, cabe-nos trazer o comentário de Marchesi (CFS 62, 2009 p. 52), que aponta o caráter original de Saussure em relação a Brugmann, não no sentido de tê-las proposto anteriormente (uma vez que não foram publicadas), mas na forma como o jovem genebrino sustenta tal proposta. Para a autora,

Deve-se destacar que o jovem Saussure, que no Collège de Genève não conhecia o sânscrito, formula a equivalência entre α e N segundo um método que podemos definir como reconstrução interna, ou seja, no interior mesmo da língua grega; essa equivalência entre α e N, formulada sobre a base da constatação da existência de uma forma grega $\tau\epsilon\tau\alpha\chi\alpha\tau\alpha\iota$ [tetachatai] correspondente a uma outra forma grega $\lambda\acute{\epsilon}\gamma\omicron\nu\tau\alpha\iota$ [légotai], revela um espírito matemático, sistemático.

A formulação da descoberta da *nasalis sonans*, publicada por Brugmann em 1876, é diferente pois está fundada na comparação indo-europeia que compreende o germânico e também o sânscrito.^m

O que Marchesi assinala é o elemento abstrato, a partir de uma ideia ainda não formulada de sistema (interior da língua), de que o jovem linguista precisa supor para sustentar a equivalência entre α e N, ao passo que Brugmann se baseia na observação empírica do sânscrito

para tal. Assim, ao mesmo tempo em que Saussure apresentava um pensamento deslocado do que se produzia em Leipzig, o genebrino parecia colado a Brugmann ao ponto de precisar abandonar o curso do alemão para escrever seu *Mémoire*. Dessa experiência um tanto desgastante em Leipzig, há um saldo positivo, o fato fonético. Pelo fragmento de seus *Souvenirs* que trazemos abaixo, vemos que o trabalho dos neogramáticos marcou Saussure enquanto linguista:

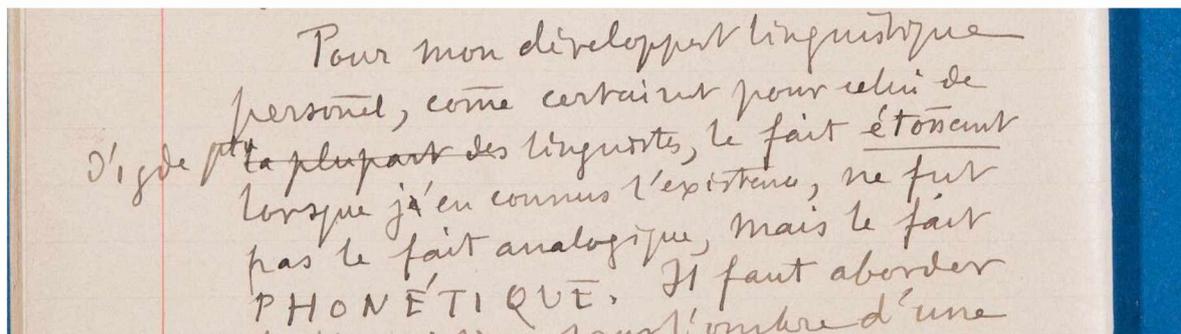


Figura 8 Reprodução de fragmento do manuscrito *Souvenirs...* (1903). Conservado na BGE, sob a cota Ms. fr. 03957/01 f020v.

Para meu desenvolvimento linguístico pessoal, como certamente para o de grande parte dos linguistas, o fato surpreendente quando tomei conhecimento dele, não foi o fato analógico, mas o fato FONÉTICO.

Há, portanto, um movimento crescente em Leipzig que investe numa outra forma de escrita da língua, não mais se fiando ao que estamos aqui designando como escrita ordinária, mas buscando uma notação passível de cálculo, um trabalho com as letras com o qual se possa formular leis, determinar modos de funcionamento, em suma, uma escrita quantificável da língua. Esse modo de trabalhar a língua não era de todo novo a Saussure. Como pudemos ler no comentário de Marchesi trazido há pouco, o texto do genebrino sobre as sonantes nasais já apresentava um olhar matemático sobre a língua, assim como seu primeiro ensaio, considerado por ele próprio uma *enfantillage* (*Souv.*, p. 17), escrito aos catorze anos e confidenciado a Pictet.

Nesse pequeno ensaio, o jovem Ferdinand buscava reduzir as palavras do grego, do latim e do alemão a um sistema primitivo de nove raízes composto de apenas três consoantes – *p*, *t*, *k* – e uma vogal – o *a*. O que se destaca desse ensaio, apesar da ingenuidade e da radicalidade de certas suposições universalizantes, é a visada matemática com que Saussure busca “pegar o touro pelos chifres”ⁿ (*Souv.* p. 17), como relembra o próprio genebrino sobre o comentário de Pictet ao texto. Já nesse ensaio há uma tentativa de estabelecer não a cronologia ou a variação histórica dos sistemas analisados, mas a distribuição dos sons num contexto (cf. DAVIS, CFS 32, p. 74). Essa tomada de posição face à língua se dava, por exemplo, ao utilizar

a letra *a* algebricamente, para indicar, não o som [a] especificamente, mas ‘qualquer vogal’ ou o caráter ‘vocálico’. O som real da vogal não importa [...] Essa abordagem matemática da vogal, abstraindo-a do som real, não é característico dos linguistas contemporâneos a

Saussure. É, porém, uma abordagem que perdurará em seu próprio trabalho^o (JOSEPH, 2012, p. 155).

Há em Saussure uma visada matemática da língua que os anos em Leipzig de certa forma amplificaram. Para Mounin (1968, p. 26-27), inclusive, diferentemente do psicologismo e do sociologismo presentes no pensamento de Saussure, “o gosto pronunciado pela introdução das matemáticas em linguística”^p do genebrino se devia mais a sua formação pessoal que ao espírito de seu tempo.

Desde sua saída de Leipzig, em 1890, rumo a Paris, até o início dos cursos de linguística geral em 1907, os estudos fonéticos e fonológicos apresentaram um desenvolvimento importante e Saussure não estava alheio a ele. Entretanto, é apenas após a morte do genebrino, que a disciplina vislumbra seu grande momento, se desembaraçando da “crise do empirismo na fonética experimental na virada do século XIX para o XX”^k (SÉRIOT, CFS 55, 2002, p. 5) com os trabalhos de Edward Sapir (*Language: An introduction to the study of speech*, 1921) e Roman Jakobson (*Remarques sur l'évolution phonologique du russe comparée à celle des autres langues slaves*, 1929). O *Grundzüge der Phonologie* de Trubetzkoy sai apenas em 1939. (cf. HALLE, CFS 42, 1988).

Apesar de o estabelecimento da disciplina ter ocorrido na década de 1920, a produção anterior a esta data foi significativa. O próprio *Mémoire* escrito pelo genebrino e as noções de sistema e fonema aí aventadas ressoam em Baudouin de Courtenay e seu “*Essay on a Theory of Phonetic Alternation*”, de 1895. Os três grandes precursores dos estudos fonológicos têm suas teses defendidas nessa época: Otto Jespersen (Copenhague, 1891), Eduard Sievers (Halle, 1870), Daniel Jones (estuda com Passy e Sweet no início dos anos de 1900). Há na comunidade linguística da qual Saussure fazia parte um movimento em direção à fonologia como forma de cientificação dos estudos da linguagem.

Entre sua saída de Leipzig e a chegada em Paris, Saussure passa um período não muito maior que um mês, no verão de 1880, na Lituânia⁵³ (PETIT; QUIJANO, 2008, p. 135). A viagem rendeu a Saussure dois artigos publicados nos anos seguintes e numerosas páginas manuscritas de registro do lituano, material que lhe servirá de base, como supõe De Mauro (1967 [2005], p. 332), para os cursos de lituano que ministrará em Paris (1888-89) e Genebra (1901-02).

De Mauro, a partir do testemunho de três contemporâneos de Saussure, Bally, Favre e Muret, entrevê três aspectos importantes dessa viagem que dizem respeito justamente ao que vimos discutindo, o lugar da escrita na teorização de Saussure. Para o italiano,

1) o lituano era importante por seu aspecto arcaico e, assim, na relação com o indo-europeu; 2) mais importante ainda é o fato de Saussure ter ido a campo; 3) dessa maneira, um dos primeiros, ele cria um método que substitui a prova escrita pela prova falada, o

⁵³ O interesse pelo lituano não era uma idiossincrasia saussuriana. No mesmo ano Leskien e Brugmann empreendem viagem semelhante ao pequeno país à época dividido entre a Prússia e o Império Russo.

estudo indireto, pelo estudo direto da língua, ou seja, que ele funda esse estudo sobre o testemunho falado, sobre a fala humana^r (ibid., p. 332).

A observação de De Mauro nos aponta um movimento inovador de Saussure no seio da ciência linguística: a vinculação do empirismo – a própria viagem e as notas de campo no lugar da “prova escrita” – a uma escrita de outra ordem, literal – à escrita fonológica que, de alguma forma, já vinha sendo desenvolvida na Alemanha. Isso permite a Saussure inscrever a linguística no discurso da ciência moderna, como discutiremos mais adiante. Nas notas de viagem, vê-se o interesse do genebrino pelos aspectos fonéticos da língua estudada, como podemos ler no fragmento abaixo:

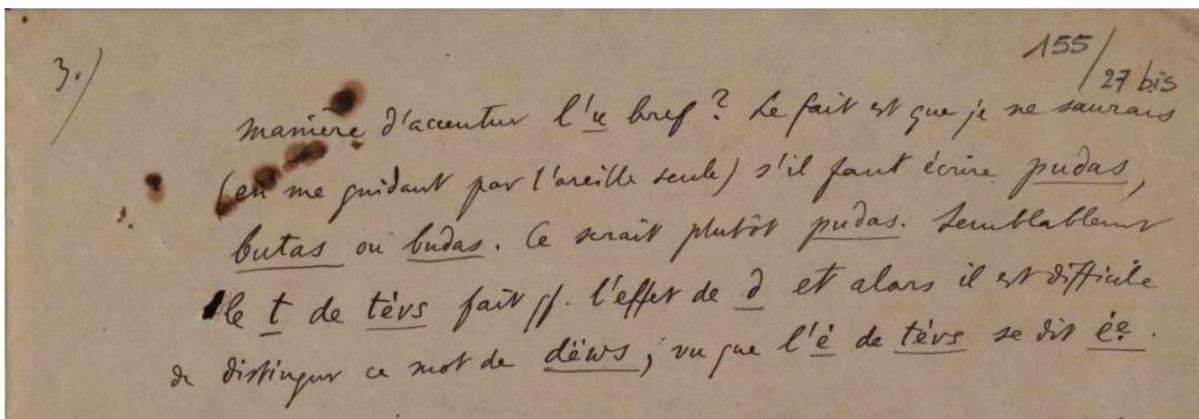


Figura 9 Reprodução de fragmento superior da página do manuscrito *Lithuanien*. Conservado na BGE, sob a cota AdS 386 f155 27bis.

Maneira de acentuar o *u* breve? O fato é que eu não sabia (ao me guiar apenas pela orelha) se se deveria escrever pudas, budas ou ludas. O mais provável seria pudas. De forma semelhante, o *t* de tèvs faz [t] o efeito de *d* e então é difícil de distinguir a palavra de dèvs, visto que o *e* de tèvs se diz èe.

Como acentuar o *u* breve? Como escrever o que a orelha recolhe da língua? Há, da parte do linguista, uma preocupação extrema com o registro do lituano. No fragmento seguinte, Saussure anota a reprodução fonética (“voici la daina tout phonétiquement”) de uma *daina*, canção popular lituana, ouvida da jovem Buše, em Paskalwen, em que podemos ver, nas linhas 5, 6, 7 e 10 da *daina*, o esforço de precisão de Saussure ao retornar às notas, acrescentando-lhes outras possibilidades de registro: sobrescrito a *draba* lemos “c’est: *dreba*”, da mesma forma, na linha seguinte, à *denyni* sobreescreve-se *es*.

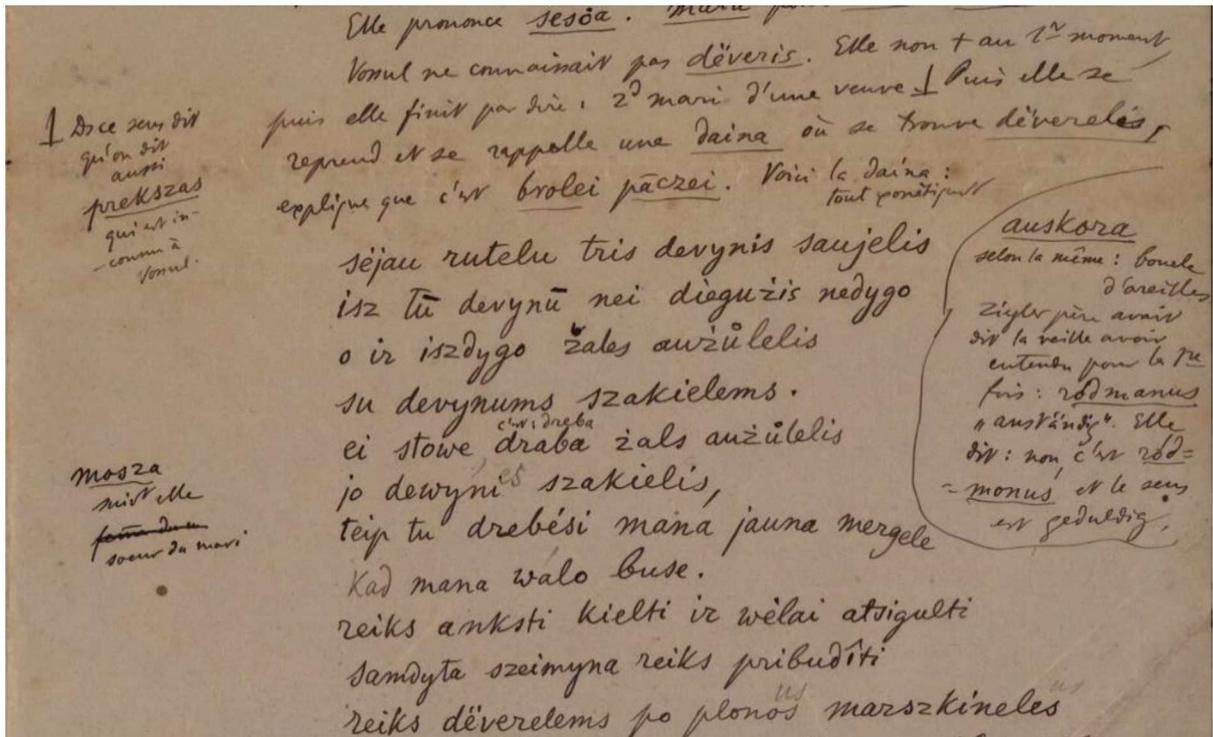


Figura 10 Reprodução de fragmento central da página do manuscrito *Lithuanien*. Conservado na BGE, sob a cota AdS 386 f155 27bis.

Vossul não conhecia dėveris. Ela [Buše] também não num primeiro momento, depois ela termina por dizer: 2º marido da viúva. ⟨[??]⟩ que se diz também prekszas que é desconhecido a Vossul). Depois ela se corrige e se lembra de uma daina em que se encontra dėverelės, explica que é brolei pãczei. Eis a daina: *fonėtiqumt*.

Segundo Petit e Quijano (2008, p. 149),

Todas essas questões [a pronúncia das vogais fechadas *i* e *u*, a pronúncia dos ditongos lituanos *ie* e *uo*, uma certa indistinção de surdas e sonoras] conduzem Saussure a abandonar, em seus registros de palavras lituanas, as grafias tradicionais que ele poderia encontrar em outros autores como Schleicher ou Kurschat e a utilizar grafias pessoais, estritamente fonéticas.⁸

Já em Paris, após alguns meses frequentando os cursos da *École des Hautes Études*, Saussure é nomeado “maître de conférences de gothique et de vieux-haut allemand”, por indicação de Bréal, em 1881. Entre 1885-87, Paul Passy frequenta as aulas de Saussure. Na nota biográfica de De Mauro (1967 [2005], p. 338), lemos o comentário de M. Fleury, aluno de Saussure e editor dos *rapports* que Saussure elaborava de seus cursos, de que, no ano de 1885-6, como grande parte dos alunos já havia frequentado o curso do ano anterior, Saussure decide dedicar algumas aulas a generalidades sobre o método linguístico e a vida da linguagem. É desse ano a fundação, por Passy, da Associação Fonética Internacional, que também colaborou na elaboração do alfabeto fonético internacional, dois anos mais tarde (cf. GALAZZI. CFS 46, p. 115-129).

Há ainda os trabalhos do próprio Saussure sobre questões fonológicas, dos quais destacamos, a partir da leitura de Marchesi (2009): o manuscrito *Phonétique*, conservado na Houghton Library da Harvard University, cuja datação proposta pela autora é entre 1883-85; *Sur*

un point de la phonétique des consonnes en indo-européen, publicado nas “Mémoires de la société de linguistique de Paris”, de 1889; os manuscritos sobre a *Théorie des sonantes*, escritos entre 1895-97; e a publicação do compte rendu de Saussure na *Indogermanische Anzeiger* sobre o livro de Schmidt, *Kritik der Sonantentheorie*, em 1897. Pode-se notar, assim, mesmo que não nos debruçemos sobre esses textos, que Saussure não passou alheio ao tema. A fonologia fazia parte do giro metodológico de Saussure, afastando-se do escrito, a fim de mostrar ao linguista o que ele faz.

4.2 A literalização e a ciência moderna

O movimento de busca por uma escrita literal da língua que se desenrolava nos anos finais do século XIX e do qual ensaiamos um esboço na seção anterior se insere num movimento mais amplo do pensamento científico que remonta a Galileu e caracteriza o que se convencionou chamar de ciência moderna. Esse novo modo de articular o pensamento científico estabelecido pelo físico florentino rompe com a tradição aristotélica na medida em que nesta o saber se constituía pela via da evidência, da unicidade do objeto e da redução axiomática e naquela se vale da experimentação e da técnica, ou, nas palavras de Milner, “substitui o objeto por letras e por símbolos a partir dos quais ela raciocina” (1978, p. 30).

A fim de traçarmos algumas considerações epistemológicas sobre o percurso de Saussure e entendermos como isso se articula ao manejo da escrita pelo linguista, seguiremos o caminho trilhado pelo linguista francês Jean-Claude Milner numa reflexão teórica que se estende por mais de duas décadas e compreende as seguintes obras *O amor da língua* (1978), *Introduction à une science du langage* (1989), *A obra clara* (1995) e o artigo “Saussure” (1994 revisado em 2002), publicado em *Le périple structural* (2002).

É a Gramática comparada, segundo Milner, que possibilita uma escrita uma vez que permite “*notar* formas por definição não observáveis, desempenhando a função de matriz para um conjunto de formas observadas” (1978 [2012], p. 31 – itálico do autor). A afirmação do autor parece sustentar a leitura que vimos fazendo do percurso teórico de Saussure, pois é justamente essa a construção que encontramos no *Mémoire* em que o genebrino, a partir da comparação das línguas indo-europeias, *calcula* uma forma não observável, as *nasalis sonans*.

O que inquietava Saussure com a produção teórica de sua época era o fato de ela ignorar aquilo que a possibilitava. Era preciso distinguir os fenômenos das coisas em si (ibid., p. 51), e a forma de fazê-lo era através de uma escrita. Essa escrita, entretanto, diferia daquilo que podemos ler nas gramáticas gerais e razoadas que, apesar de se pautarem num ideal de ciência cartesiano, não lograram em construir uma escrita.

Dessa forma, é válido questionar: em que medida essa nova – outra – forma de escrita, essa *notação*, estabelece um corte⁵⁴ com a produção de conhecimento anterior a Galileu e no que ela consiste? Primeiramente, vale ressaltar que “anterior a Galileu” não estabelece uma pontuação cronológica, antes, diz de um discurso, de forma que “anterior” marca apenas um discurso que não tinha Galileu como seu outro possível. Isso posto, afastamos uma leitura continuísta que suporia uma história de sucessão de discursos. O corte promovido por Galileu instaura um novo discurso – o da ciência moderna –, o que não impossibilita a emergência da episteme aristotélica. O que o corte promove é que tal emergência, caso ocorra, não passe incólume ao discurso científico, mesmo que seja por sua negação, mesmo que seja contraditória.

Ao relacionar a hipótese copernicana às leis da mecânica, Galileu propõe uma leitura do mundo não mais ligada ao eterno. Quando escreve que $d = \frac{g \times t^2}{2}$, o físico não só estabelece a lei da queda livre, mas também que qualquer corpo independentemente de suas qualidades tem sua distância calculável, dadas a gravidade e o tempo de queda, ou seja, o objeto deixa de ser único, qualificável, e passa a ser medido, quantificado, calculável. O físico apresenta, assim, um uso das letras de forma a não possuírem relação necessária com aquilo que podem eventualmente designar. É isso que observamos nos exercícios comparatistas e nas proposições fonéticas dos neogramáticos. É isso que observamos nos trabalhos de Saussure: se lhe foi possível supor um *a* indo-europeu, isso ocorreu pois tomou a língua literalizada, calculável, não mais um organismo vivo de qualidades eternas.

O fato de o cálculo falhar, no que diz respeito à língua, não é o que nos interessa neste momento – discuti-lo-emos nos capítulos seguintes. O que queremos enfatizar é que é essa nova percepção da língua – enquanto objeto de uma ciência, portanto, escrita matematicamente – que caracteriza a forma como Saussure afasta⁵⁵ a escrita do centro do objeto linguístico para que possa fazer outro uso dela, justamente o de escrever um novo objeto.

Como bem aponta Mounin, o “gosto pronunciado pela matemática” de Saussure não aparece no CLG senão como raras alusões metafóricas ou na explicação de alguns fatos linguísticos pela fórmula da quarta proporcional. Entretanto, nas fontes manuscritas, o recurso à matemática se faz mais presente: “não há, não pode haver expressões simples para as noções linguísticas. A expressão será algébrica ou não será.”^t (SM, p. 49), “As quantidades da linguagem e suas relações

⁵⁴ Seguimos aqui a leitura que Milner faz de Koyré e Kojève: “Ora, a combinação das proposições de Koyré e de Kojève parece realmente afirmar que certo corte é próprio a afetar não apenas dois discursos (por exemplo a ciência e a metafísica), mas *todos* os discursos possíveis. É o que implica, evidentemente, o uso dos termos totalizantes *mundo* e *universo* (‘o mundo do quase’, ‘o universo da precisão’). Chamemos maior tal corte. O doutrinal da ciência será então reformulado: ‘o corte entre *episteme* e ciência moderna é um corte maior” (1995, p. 66 – itálicos do autor)

⁵⁵ Esse afastamento é, ele próprio, um movimento de escrita, como mostramos no capítulo anterior com a escrita do signo pré-linguístico e sua recusa.

são regularmente exprimíveis, em sua natureza fundamental, por fórmulas matemáticas”^u (ibid., p. 44).

A matemática, por si só, não é garante da condição da ciência moderna. Havia matemática antes de Galileu! O que torna a matemática condição, promovendo um corte com a episteme euclidiana é o cálculo, ou seja, uma escrita literal que possibilite a inscrição do diverso. Como aponta Milner, “a matemática herdada dos gregos deriva do necessário e do eterno. Figuras e Números não podem ser outra coisa do que são, e ao mesmo tempo não podem nem vir a ser nem deixar de ser – sendo como são, de toda eternidade” (1995 [1996], p. 40). Daí o fato de os teoremas e proposições não serem calculáveis, mas demonstráveis. A matemática aqui marca o eterno e o necessário, o corte se dá quando esta é articulada ao empírico e ao contingente.

Nesse sentido, o que institui a virada galileana é o fato de a matemática poder “soletrar *todo* o empírico, sem levar em conta nenhuma hierarquia do ser” (ibid. p. 42-43 – destaque do autor) e com isso intervir através do que ela tem de mais literal, ou seja, os números deixam de funcionar como Números, ligados ao eterno e ao mesmo, e passam a funcionar como letras, e como tais, “devem apreender o diverso no que ele tem de incessantemente outro” (ibid., p. 43). O que, em Saussure, toma corpo quando de sua viagem à Lituânia, em que abre mão da documentação escrita em favor da descrição da fala local recolhida *in loco* (cf. De Mauro, 1967 [2005], p. 332).

A escrita literal de Saussure não é exatamente aquela que se observa entre seus contemporâneos de Leipzig. Não é exatamente a mesma, mas também não é completamente distinta. Nesse primeiro momento da reflexão saussuriana, o genebrino compartilha com os alemães uma escrita da língua que se localiza na observação empírica e, portanto, numa descrição fonética. É por seu caráter extrínseco, ou seja, por uma relação com o empírico, que Saussure se inscreve na ciência moderna. Por outro lado, seu trabalho com a letra o diferencia dos neogramáticos. Mesmo em seus textos iniciais, a escrita matematizada da língua já apresentava um caráter abstrato, com alguma desvinculação do objeto descrito, funcionando como uma posição num cálculo⁵⁶.

Esse manejo da letra se radicalizará, ainda que não encontremos nenhuma reflexão de Saussure explicitamente sobre tal movimento, nos anos em que leciona os cursos de linguística geral e que pode ser lido sobretudo no terceiro curso. Trata-se de um “galileísmo de tipo novo, mais extensivo que o antigo, já que inclui a cultura, baseado como ele nos ‘caracteres matemáticos’ de que fala Galileu. Mas essas letras não são as da *medida*, são as de um *cálculo*” (MILNER, 1995 [1996], p. 78). Soma-se a esse galileísmo de tipo novo o que Milner considera o paradoxo do estruturalismo: a adoção de princípios fundamentalmente euclidianos. “o estruturalismo europeu

⁵⁶ Falamos, mais acima, da diferença entre as formas como Brugmann e Saussure *calculam* as sonantes nasais e que podem ilustrar o que queremos enfatizar aqui.

consiste essencialmente em um renascimento da epistemologia de critérios intrínsecos e notadamente do mínimo absoluto. [...] o *Curso* de Saussure supõe tal epistemologia”^v (MILNER, 1989, p. 37). Essa nova direção, paradoxal em sua essência, culmina no que Lacan chamou de algoritmo saussuriano, o $\frac{S}{S}$. Há uma mudança de direção epistemológica, “não se trata mais da medida, *stricto sensu*, mas de literalização e de uma dissolução não quantitativa do qualitativo” (MILNER, 1995, p. 75). A discussão que pretendemos desenvolver neste capítulo circunscreve-se no que estamos chamando de primeiro momento da escrita da língua em Saussure. A passagem para um outro modelo de fazer ciência será considerada no último capítulo da tese.

A matematização do empírico, portanto, estará, nisso que nos interessa, e como o faz Saussure, menos ligada ao quantificável que ao seu caráter literal, o que quer dizer que as letras possam ser tomadas sem se ter em conta aquilo que eventualmente designem, que seu uso se dê em virtude de suas próprias regras – que possuam um funcionamento cego (cf. MILNER, 1989, p. 24). Esse modo de funcionamento é precisamente aquele que determina o princípio fonético no primeiro curso de linguística geral. No caderno de Riedlinger, lemos o seguinte:

É necessário dizer duas palavras sobre o caráter cego do princípio fonético, pois é um caráter essencial das alterações [fonéticas] consideradas nelas mesmas. O efeito, portanto, das alterações fonéticas se faz sentir sobre toda espécie de palavra e não distingue entre substantivo ou adjetivo, radical ou desinências. Ele deve ser assim, pois se ele dependesse da natureza gramatical da palavra para se opor às alterações, nós poderíamos muito bem falar de alterações gramaticais, mas não fonéticas^w (RIE I, p. 37 – destaque no original).

Ainda segundo Milner, é este funcionamento da letra que assegura a transmissibilidade integral, ou seja, sabidas as regras de seu manejo, estas se movimentarão sempre da mesma forma. É importante destacar que o que Milner chama de “integral” não é por nós lido pela via da “totalidade”, uma “transmissão total”, o que recairia, a nosso ver, a uma noção de saber e de verdade que não é a nossa. Entendemos o “integral” de Milner como um funcionamento matemático. Em matemática, a integral de uma função diz respeito ao limite de ação de tal função. Quando dizemos, então, de uma transmissão integral, nos referimos de um dizer regulado pelo escrito ou, nas palavras de Milner, “a letra se torna necessária e suficiente para a transmissão, não mais existe par mestre-discípulo, com seu cortejo de fidelidades e traições; os únicos acasalamentos são literais” (1995 [1996], p. 103).

É o que se esperava das leis fonéticas. Entretanto, ao se debruçar sobre tais leis, há algo que não se escreve e o cálculo falseia, o que Milner sintetiza no fragmento abaixo:

Nas ciências humanas, os programas mais interessantes são ligados a indivíduos – a homens, e é essa talvez a única razão de seu nome. Isso deveria ser facilmente compreendido; enquanto ciências, elas buscam literalizar seus objetos, mas se descobre justamente que, este objeto, tudo conduz a supor que ele não se presta à literalidade^x (MILNER, 1989, p. 15).

O que é importante reter deste pequeno percurso epistemológico é que a fonologia, enquanto uma escrita da língua, possibilitará a Saussure realocar seu objeto, eliminando a necessidade da relação com a escrita tal como apresentada no capítulo anterior do CLG. Esse giro nos interessa, pois, a escrita, não mais componente do objeto da linguística, pode ser pensada de outros lugares: o da representação fonológica e do testemunho escrito. É o que leremos no capítulo VII da introdução do CLG.

4.3 O CLG e uma escrita fonológica

O capítulo VII da introdução do CLG, “A fonologia”, é aberto com um fragmento do segundo curso:

Quando se substitui a escrita pelo pensamento, aqueles que são privados dessa imagem sensível correm o risco de não perceber mais que uma massa informe com a qual não sabem o que fazer. É como se se tirassem os flutuadores de cortiça ao aprendiz de natação (CLG-br, p. 42).

Bally prefere a retomada do segundo curso à sequência do que vinha sendo utilizado do terceiro, opção de Sechehaye, como podemos observar em sua *Collation*. Nos três cursos, a introdução da fonologia como sendo uma saída possível à questão da escrita se dá de forma semelhante, de maneira que a escolha de Bally nos interessa mais pela figura dos aprendizes de natação que resgata de Saussure do que por algum deslocamento teórico do que teria proferido o mestre genebrino.

Um ponto anterior a se destacar é o que se lê na primeira oração do fragmento, a que determinaria o afogamento dos iniciantes nas vagas da língua: a substituição da escrita pelo pensamento. Essa é uma consideração delicada de se propor quando se tem por base a reflexão saussuriana. Trata-se de bases distintas, seria como se o pensamento assumisse o caráter material da língua. Retomamos então o original e encontramos o seguinte: “Quand on supprime l’écriture par la pensée” (CLG-fr, p. 55). Podemos inferir que nossos tradutores investiram numa suposta relação especular estabelecida entre escrita e pensamento, relação não sustentada pelo verbo “suprimir”, sendo adotado então o “substituir”, que se presta a tal relação. É curioso notar que tal opção de tradução é adotada também por Adragão (CLG-pt, p. 68) e Alonso (CLG-ar, p. 83). São as traduções alemã e italiana que propõe uma saída mais pertinente: “Wenn wir im Geist die Schrift ganz ausschalten” (CLG-al, p. 37) e “Quando mentalmente si sopprime la scrittura” (CLG-it, p. 44), em que “pelo pensamento” é um qualificativo do verbo “suprimir”, o que parece mais conforme ao percurso que estamos construindo. Ou seja, quando, por meio de um exercício do pensamento – estou lendo aqui a atividade do filólogo e do linguista – suprime-se a escrita, não há nada de material em que se apoiar, uma vez que se desconhecem os sons da língua, estes não passando de

uma massa informe “enquanto não tenham sido estudados” (CLG-br, p. 42). A analogia entre as boias de natação e a escrita aponta para como o estudioso da língua usa a escrita e como a fonologia vem para substituí-la.

Estamos justamente no momento de passagem de um objeto de que a escrita era constituinte para um objeto de que a escrita estava excluída. Devia-se substituir “o artificial pelo natural” (CLG-br, p. 42). Ao retomarmos os cadernos de onde foi retirada a abertura do capítulo do CLG, notamos que esta é um fragmento do quarto de uma lista de oito “erros principais” que caracterizam o primeiro momento da linguística, a gramática comparada.

O fragmento se localiza nas aulas do semestre de verão do segundo curso, em 1909⁵⁷, quando Saussure faz uma retomada do estado da arte da linguística da época, o que nomeia de “Visão geral da linguística indo-europeia como introdução à linguística geral”^y. Nele, podemos ver como Saussure compreende e classifica a produção intelectual de seu campo: de Bopp a Schleicher (1816-1870-75) – “período <de juventude ou> de infância, de <tateamentos [...]>” e pós-Schleicher (os neogramáticos), “período em que, <após um exame atento dos fatos,> tendo reconhecido seu objeto e em posse de seu método, uma direção inteiramente nova é dada a essa ciência”^z (Rie II, p. 72).

Para o mestre genebrino, um dos principais equívocos da jovem ciência que tem como marco inicial a publicação de *Sobre o sistema de conjugação do sânscrito comparado aquele das línguas latina, grega, persa e germânica*⁵⁸, de Franz Boop, em 1816 – um século anterior ao CLG –, era justamente o lugar que a escrita ocupava no objeto de análise:

4) pode-se dizer que todo o primeiro período da linguística indo-europeia permaneceu muito incompletamente desembaraçado da escrita e que ela tomou, a todo momento, um por equivalente do outro, ou em todo caso <que ela não acreditava> que seu único objeto é o que é falado^{aa} (Rie. II, p. 82-83).

Tal como fizera no primeiro curso e fará no terceiro – trabalhados em nosso capítulo anterior –, Saussure mais uma vez coloca o lugar da escrita no ponto de virada da linguística: “<Abandonar a letra>, era para ela [a linguística primitiva] perder o pé, enquanto que para nós é tomar pé.”^{bb} No CLG, a oração é recuperada, mas sofre sensível alteração pela pena de Bally, passando a: “desapegar-se da letra era, para eles, perder o pé; para nós, constitui o primeiro passo rumo a verdade” (CLG-br, p. 42; CLG-fr, p. 55) – uma alteração que dá a ver o caráter de vulgata do livro de 1916, em que as oscilações e incertezas se tornam convicções e evidências.

⁵⁷ No semestre anterior, o semestre de inverno de 1908-1909, semestre inaugural do segundo curso, Saussure trata de questões semiológicas.

⁵⁸ BOOP, F. *Über das Konjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache*. Frankfurt am Main, 1816.

O *Cours* prossegue trazendo a distinção que Saussure estabelece – nos três cursos – entre fonologia e fonética⁵⁹. Dessa articulação, que corresponde às alíneas finais do primeiro parágrafo do capítulo do CLG, intitulado “Definição”, destacamos o caráter fundamentalmente exterior à linguística da fonologia, tão exterior quanto a escrita. Ora, não é justamente a escrita a possibilidade da fonologia, já que, com a instituição desta, passa-se de uma escrita a outra? Segue o fragmento do CLG:

O primeiro [a Fonética] é uma das partes essenciais da ciência da língua; a Fonologia, cumpre repetir, não passa de disciplina auxiliar e só se refere à fala (ver p. 26). Sem dúvida, não vemos muito bem de que serviriam os movimentos fonatórios se a língua não existisse; eles não a constituem, porém, e explicados todos os movimentos do aparelho vocal necessários para produzir cada impressão acústica, em nada se esclareceu o problema da **língua**. Esta constitui **um sistema baseado na oposição psíquica dessas impressões acústicas**, do mesmo modo que um tapete é uma obra de arte produzida pela oposição visual de fios de cores diferentes; ora, o que importa, para a análise, é o jogo dessas oposições e não os processos pelos quais as cores foram obtidas (CLG-br, p. 43 – grifos nossos).

O caráter exterior da fonologia é fundamental para sustentar a posição de que o som não compõe o signo linguístico. Este é produto da oposição psíquica das impressões acústicas percebidas pela fonologia. Nesse sentido, o som, tanto quanto a letra, se relacionam com a língua na medida em que ambos fornecem uma base física para a escuta das oposições que a constituem. O fato de uma ser classificada como natural em oposição à outra, artificial, é contingente⁶⁰. Assim como na tapeçaria de Saussure, em que é a oposição visual dos fios coloridos que interessam, as línguas de sinais são um exemplo produtivo para se pensar o signo desvinculado da matéria sonora, é a relação diferencial entre os movimentos que compõe os gestos que recortam a massa amorfa do pensamento, produzindo o signo linguístico. O termo recuperado por Milano (2016; 2017), “fonética semiológica”, do manuscrito saussuriano *Phonétique*, traz uma leitura interessante da exclusão da substância material na composição do signo linguístico. Para a autora, “para que se possam proporcionar efeitos contrastivos, precisamos de uma materialidade que carregue e sustente essas diferenças” (2016, p. 148), e é a partir do que Saussure define como “fonética semiológica” que a linguista busca pensar o lugar do concreto, do fônico, na obra do genebrino. Esse campo da semiologia se ocuparia “dos sons e das sucessões de sons existentes em cada idioma enquanto tendo um valor para uma ideia”^{cc} (SAUSSURE apud MILANO, 2016, p. 148 – a tradução é nossa). Retomaremos a questão em nosso último capítulo, quando tratarmos da dimensão concreta da escrita.

⁵⁹ Cf. De Mauro (1967, p. 430-431, n. 103). Tratamos brevemente dessa distinção na primeira nota de rodapé deste capítulo.

⁶⁰ Cf. LEROI-GOURHAN, A. 1964 [1985]. Em sua obra, o antropólogo-paleontólogo se dedica a uma análise dos fatores fisiológicos que permitiram o surgimento da voz articulada.

Passemos ao segundo parágrafo, “A escrita fonológica”. Nele, todo retirado do terceiro curso, Saussure reforça sua hipótese da eficácia inequívoca do sistema do grego primitivo em que cada signo gráfico deve representar apenas um elemento da cadeia falada. O tema é ainda retomado pelos editores no apêndice “Princípios de fonologia”, composto fundamentalmente pelas conferências sobre a teoria da sílaba de 1897. Como já nos detivemos sobre essa questão no capítulo anterior, mencionaremos apenas a nota 105 de Tulio de Mauro (1967 [2005], p. 431). Para o linguista italiano, “Saussure parece aqui convencido de que é possível alcançar uma transcrição fonética [...] ‘sem equívocos’”^{dd}, entretanto, para que isso pudesse ser possível, continua De Mauro, os fenômenos fisioacústicos teriam de possuir alguma capacidade intrínseca e uma razão qualquer de se reunir em classes distintas, e isso apenas se, nas sequências fônicas, houvesse limites de natureza fisioacústica, o que o próprio Saussure demonstrará, ao longo de seu ensino, que não ocorre.

Lemos nessa busca de Saussure por uma escrita sem equívocos da língua justamente sua inscrição no modelo galileano de ciência, a circunscrição de um objeto plenamente analisável. Porém, e aqui damos um passo em nossa leitura do genebrino, há sempre algo da língua que escapa à representação ou que pode se fazer representar de outra maneira.

A alínea três desse capítulo nos fornece novos elementos para sustentarmos nossa leitura. Saussure lança a questão: “Haveria razões para substituir por um alfabeto fonológico a ortografia usual?”. Sua resposta é negativa. A quantidade elevada de signos diacríticos presente num alfabeto que representasse todas as línguas teria um “aspecto desolador” na página, “obscureceria aquilo que se quisesse esclarecer”, “atrapalhando o leitor”. A isso os editores adicionam: “Fora da ciência a exatidão fonológica não é muito desejável”⁶¹ (CLG-br, p. 44). Embora os editores adicionem uma frase de fechamento, todos os elementos anteriores podem ser lidos nos cadernos dos alunos (Cf. CLG-E, p. 94). Nesse sentido, a frase dos editores parece estenografar o movimento de exclusão que Saussure executa com a escrita, movimento este que diz respeito a uma operação científica.

É interessante destacar que, tendo demarcado o lugar da escrita – externo à linguística –, abre-se um espaço, tanto no CLG quanto no que lemos dos cursos de Genebra, para uma nova entrada para a escrita, de um outro lugar, do lugar do falante. Nesse sentido, observamos na alínea seguinte, a última do parágrafo, uma nova questão: a leitura. Se uma escrita fonológica atrapalharia o leitor, o que a facilitaria? É Saussure⁶² quem responde:

⁶¹ No caderno de Constantin lemos “esse sistema é necessário para os linguistas”^{ee}

⁶² O que consta no CLG pode ser recuperado, sem grandes perdas ou alterações, dos cadernos dos alunos. Cf. CLG-E, p. 94, fragmento 662.

Lemos de dois modos: a palavra nova ou desconhecida é soletrada letra por letra; abarcamos, porém, a palavra usual e familiar numa vista de olhos, independentemente das letras que a compõem; **a imagem dessa palavra adquire para nós um valor ideográfico**. Neste caso, a ortografia tradicional pode reclamar seus direitos; é útil distinguir em francês *tant e temps*, — *et, est e ait*, — *du e dii*, — *il devait e ils devaient* etc.

Na leitura, a palavra escrita – tal como no chinês, mencionado no capítulo anterior – tem *valor ideográfico*, ou seja, nesse caso estabelece-se uma relação que não considera o aspecto fônico, a imagem visual liga-se diretamente ao que Saussure chamará de conceito. E tal como a imagem acústica, seu caráter é fundamentalmente diferencial, sendo útil, por exemplo, para diferenciar signos homófonos. Vale lembrar que o falante de chinês, tal como compreendido por Saussure, recorre à escrita, numa conversação, “quando duas palavras faladas têm o mesmo som [...] para explicar seu pensamento” (CLG-br, p. 36).

Há uma outra relação entre língua e escrita que extrapola a representação. Se um ideal de escrita fundamentado na inequivocidade só é “desejável” para a ciência linguística, a relação que se estabelece do ponto de vista do falante (do escrevente?) é toda outra. Entretanto, essa compreensão da escrita surge apenas após a sua exclusão do núcleo do objeto linguístico. Um exemplo produtivo de tal movimento é o que lemos nas aulas iniciais do primeiro curso, antes de se efetivar tal exclusão, em que a não relação entre som e letra é abordada, mas trazida como lateral:

Observemos um fenômeno lateral: como dissemos mais acima, a escrita se encontra mais ligada à palavra, eis por que, quando falamos de ortografia, é a palavra e não o som que se apresenta a nosso espírito, pois um som somente imprime um signo na palavra^{ff} (RIE I, p. 7).

Essa lateralidade se desloca para “inconsequência [inconséquence]” (ibid., p. 8) e “corrupção e falsificação [corruption et falsification]” (ibid., p. 9), logo em seguida. Nesse primeiro momento, portanto, o que é apontado como característico do funcionamento interno da escrita (ligar-se à palavra e não ao som) passa a ser utilizado como argumento de sua ineficácia para representá-la. Após, então, a saída de cena da escrita e consequente adoção da fonologia na representação da língua, a escrita é retomada de outro lugar, em outra forma de relação.

No terceiro e último parágrafo do capítulo sobre a fonologia, “Crítica ao testemunho da escrita”, podemos recolher alguns elementos para sustentarmos essa outra relação.

O primeiro fragmento que trazemos para nossa leitura encontra-se na primeira alínea do parágrafo, “O **testemunho da escrita** só tem valor com a condição de ser interpretado” (CLG-br, p. 44).

Esse fragmento está inserido numa alínea que trata do lugar da escrita para os estudos da língua uma vez que se considere a fonologia. O argumento desenvolvido no livro de 1916 é o de que a fonologia explicitou “o caráter falaz da escrita”, entretanto, esta ainda continua sendo o único acesso às línguas antigas. Nesse sentido, o trabalho do linguista deve ser o de interpretar a

escrita a fim de “traçar o *sistema fonológico* do idioma estudado” (ibid., p. 44). O efeito de evidência que a escrita possuía numa linguística primitiva está definitivamente descartado. O trabalho com o escrito, portanto, deve ser agora de outra ordem.

Retomemos dois fragmentos dos cadernos de alunos utilizados pelos editores na formulação do que lemos no CLG. O primeiro, de Dégallier, diz que “Nós devemos sempre ver em língua operação de interpretação (sic)”; já Constantin anota que “Sem a escrita, nós não teríamos de forma alguma, as línguas do passado, mas por possuir a língua através desses documentos escritos, é necessário uma interpretação”⁸⁸ (CLG-E, frag. 669, p. 95). Se o contexto de tais formulações nos força a uma leitura mais restrita, *deve-se interpretar o documento escrito em uma determinada língua para se extrair seu sistema fonológico*, uma leitura de outro lugar nos permite perguntar o que se pode extrair dessas formulações sobre a relação da língua (e não das línguas, do “idioma estudado”) com a escrita. A interpretação impõe um novo trabalho, um trabalho com a letra, um trabalho sobre aquilo que da língua se escreve.

Nesse sentido, o termo introduzido pelos editores, “testemunho [témoignage]”, parece uma escolha feliz. Para além de uma escolha, “testemunho” parece transmitir algo da letra saussuriana: a relação de representação, anunciada no capítulo anterior do CLG, não se sustenta, dando lugar à ideia de testemunho – um escrito a ser interpretado, lido ao pé da letra. A escrita, assim, como testemunho da existência das línguas.

Na verdade, o termo pode ser lido nos cadernos dos alunos, mas em outra articulação. Testemunho, lá, se refere àquele dos gramáticos do séc. XVI, *o testemunho dos gramáticos* (“*témoignage des grammairiens*”, cf. CLG-E, p. 96: Marguerite Secheyne frag. 675 e 676; Joseph frag. 675). O giro promovido pelos editores é interessante e nos dá mais um elemento para sustentar nossa leitura: de “testemunho dos gramáticos” para “testemunho da escrita”. A operação não se volta ao dito dos gramáticos, mas ao que da língua se transmite pelo escrito, um trabalho com a letra.

O caminho que traçamos esbarra no que se lê no *Curso* e nos cursos como sendo da ordem de uma cientificação da língua: “A única realidade que interessa ao linguista é esse sistema [o fonológico]” (CLG-br, p. 44). Isso de científico que faz frente a uma outra possibilidade de trabalho com a escrita não pode, entretanto, servir de elemento de crítica a Saussure. O modelo galileano exige a circunscrição de um objeto e, nesse momento, é justamente essa a busca de Saussure. Entretanto, o que bordejia esse objeto não é alheio ao mestre genebrino, como discutiremos mais adiante.

O capítulo se encerra com a exposição do método de determinação do sistema fonológico de uma língua. Dos diversos estágios de análise, o mais celebrado, “o único método racional” (ibid., p. 47), é a observação empírica. Pela pena de Constantin, lemos que “Todas as gramáticas-manuais

partem da escrita e são muito insuficientes para nos dar o **valor real** que está na boca dos sujeitos falantes”^{hh} (C III, p. 91; CLG-E, frag. 708, p. 99). É justamente desse valor real que se trata na delimitação do novo objeto da linguística, que se encontra na boca dos sujeitos falantes. Há, portanto, um movimento em direção a um fato empírico, extrínseco à teoria, que reforça a inserção desse passo inicial da linguística na ciência moderna ou, como lemos no caderno de Riedlinger (RIE I, p. 11): “Para sair desse caos, é necessário um outro ponto de apoio que não a escrita; é preciso definir o som nele mesmo”ⁱⁱ.

Ao se aproximar da *Lautphysiologie* dos neogramáticos, porém, Saussure não o faz sem reservas: “Ela [a fonologia da época] esquece que há na língua não apenas sons, mas as extensões dos sons falados [...]; é pela orelha que sabemos o que é um *p*, *b* etc.”ⁱⁱⁱ (ibid., 12).

Se se deve, portanto, buscar recolher o “valor real” que sai da boca dos falantes, como escreveu Constantin, o mestre genebrino nos lembra que não é sem a orelha que se pode fazê-lo. É pela orelha que Saussure instaura o lugar do linguista; a escuta, ou seja, o som tomado na cadeia falante, é o que o linguista recolhe (que podemos dizer “é o que o linguista escreve”) como objeto de estudo.

Essa compreensão tanto da posição do pesquisador como do objeto da linguística põe Saussure a estabelecer o que é externo e o que é interno à língua⁶³, o que o leva a constatar que a fonologia, tal como a escrita, não faz parte da linguística, por ser externa e variável. Com isso, Saussure torna então a linguística para seu interior, traçando as bases de uma linguística geral.

Tornar-se para o interior produz seus efeitos: se, num primeiro momento, seu objetivo era *transcrever* a língua, som a som, letra a letra, com a escrita fonológica, uma operação real, como define Allouch; num segundo momento, a escrita – ainda como instrumento de trabalho do linguista, mas vista agora de um outro lugar – passa a *escrever o funcionamento interno da língua*.

Podemos dizer, portanto, que um primeiro movimento com a escrita parece se concluir. Saussure exclui a escrita do objeto da linguística e faz dela uma notação – uma escrita galileana, logo, quantificável – da língua. Essa forma de escrever a língua face a um objeto empírico, de literalizá-la, ou seja, de escrevê-la letra a letra, instaura um repetível localizável na língua, a fonologia permite assim que a língua seja contabilizada, inscrevendo-a no discurso científico.

Tendo determinado o lugar da escrita, enquanto objeto de estudo, fora da linguística, Saussure forja um novo campo para a escrita, no qual “a palavra se lê ideograficamente”. Nesse novo campo, a subordinação da escrita à língua parece então não se sustentar. A exclusão da escrita,

⁶³ O capítulo V da introdução do CLG, “Elementos internos e elementos externos da língua”, mostra de forma reduzida, porém suficiente para o que queremos marcar, o trabalho de Saussure em estabelecer o que, em sua visão, deveria concernir as preocupações do linguista. Para um exame mais detalhado, as páginas iniciais do caderno de Riedlinger referentes ao primeiro curso são produtivas.

assim, ao mesmo tempo em que delimita e determina o objeto da linguística, instaura um novo campo, a semiologia, em que sua relação com a língua é deslocada.

No que concerne à escrita da ciência, há ainda outro movimento. Ao tornar a linguística para seu interior, a escrita empírica da fonologia dá lugar a uma novo fazer com a letra, pautado no cálculo, não mais na medida. A letra se desvincula do empírico e passa a funcionar algebricamente, os gestos de matematização que vimos em Saussure desde sua *enfantillage* endereçada a Pictet ganham corpo e tem por elaboração última o algoritmo saussuriano, cujas consequências teóricas sustentarão o vasto e heterogêneo campo do estruturalismo francês.

Temos, até aqui, alguns pontos percorridos em nossa leitura: i. a negação do signo filológico; ii. a construção de um signo linguístico do qual a escrita está excluída; iii. uma mudança de instrumento de análise linguística: da escrita ordinária para a escrita fonológica e iv. um retorno da escrita, não mais enquanto objeto, mas como testemunho da língua, à condição de ser interpretada. Alguns outros pontos se mostraram como próximos passos a seguir, são eles: i. fora da linguística, a instauração de um novo campo, a semiologia, em que a escrita é tomada a partir de outra relação com a língua; ii. uma operação com a escrita da língua que não passa pelo fato empírico, uma formalização matemática do funcionamento interno da língua e iii. o que resta da operação de escrita da língua, aquilo da língua que não cessa de não se escrever. A esses próximos passos dedicaremos os três capítulos seguintes.

Para finalizar este capítulo, nunca é demais repetir que, se há um efeito de linearidade e sucessão nos movimentos de Saussure, este se deve unicamente à construção deste texto que impõe que se diga uma coisa depois da outra. A análise do *corpus* saussuriano indica – e eu me esforcei para não encobrir – justamente a não linearidade desses movimentos. Se a escrita do algoritmo se mostra consolidada no terceiro curso, vemos desde as primeiras aulas de 1907 um exercício nessa direção, ao mesmo tempo em que vemos o esforço de Saussure em outra direção, a da transcrição fonológica.

Capítulo 5 De uma outra relação entre língua e escrita

*Nas homologias, os contornos podem partir de um ponto inicial qualquer.
Analysis situs
H. Poincaré*

Chegamos finalmente ao que, na introdução da tese, chamamos de “segundo momento da escrita no CLG”, aquele localizado no terceiro parágrafo do capítulo IV, “O valor linguístico”, da segunda parte do livro, a “Linguística sincrônica”. Esse momento, em contraste ao que se lê no capítulo sobre a representação da língua pela escrita, é tido como o ponto contraditório (Derrida, 1967 [2013]), ou ponto de virada (Arrivé, 2007 [2010]), que passou a matizar a leitura que se fazia da posição saussuriana, sobretudo a partir da proposta gramatológica de Derrida e, depois dele, de seus críticos (Chiss e Puech, Anis, Harris, Testenoire entre outros).

O questionamento sobre o lugar da escrita em Saussure data já dos primeiros linguistas leitores do CLG e também recae sobre os mesmos trechos do livro – o capítulo VI da introdução e o parágrafo terceiro do capítulo IV da segunda parte. O praguense Josef Vachek, por exemplo, em 1936, como tratamos no capítulo segundo, propõe uma reformulação daquilo que lê em Saussure como subordinação da escrita em relação à língua, apresentando um modelo em que escrita e fala se articulam com a língua enquanto constituintes desta. Vachek se fixa no capítulo VI para então reformular o que lá entende como escrita, língua e fala.

Por um outro caminho, o dinamarquês Louis Hjelmslev⁶⁴, considerado um continuador (extremado) de Saussure, ao levar às últimas consequências a tese lida no CLG de que “a língua é uma forma e não uma substância” (CLG-br, p. 141 | CLG-fr, p. 169), abandona a concepção de escrita como representação. Para o fundador da glossemática e importante nome do Círculo linguístico de Copenhague, se é a forma que diz respeito à língua, sua substância pode ser diversa. Nas palavras do autor, a aceitação “da distinção saussuriana entre forma e ‘substância’ (sentido)” é uma “necessidade lógica [...] da qual resulta que *a ‘substância’ não pode em si mesma definir uma língua*”. Ao que completa: “Deve ser possível imaginar substâncias radicalmente diferentes do ponto de vista da hierarquia da substância que estejam ligadas a uma e mesma forma linguística” (HJELMSLEV, 1943, p. 110 – itálicos do autor).

Já num texto de 1939, “Nota sobre as oposições suprimíveis”, sua posição com relação à tese saussuriana sobre a forma e a substância estava desenhada de modo que som e grafia haviam sido deslocados: “A ‘oposição’ [...] permanece por definição um fato de substância, que se definiria

⁶⁴ Para uma compreensão mais detalhada do percurso de Hjelmslev pela escrita, cf. *O Curso de linguística geral e seus efeitos: a escrita em Hjelmslev*. FARIA; LIMA, 2017.

de modo completamente diverso ao passar-se de uma substância a outra – por exemplo, da substância fônica à substância gráfica” (1939a, p. 98). O mesmo se lê em “A estrutura morfológica”, do mesmo ano, “Tudo na língua é forma. Toda linguística é morfologia. A forma se define pelas funções e opõe-se à *substância*⁶⁵: no plano do conteúdo, à substância das ideias; no plano da expressão, à dos sons (ou de outros meios de expressão)” (1939b, p. 149 – itálico e nota do autor).

É por essa via que o dinamarquês critica os desenvolvimentos da linguística da época, marcada pelo “império da fonética tradicional”, que limitou a compreensão dos linguistas sobre a linguagem “natural”, pois “acreditou-se que a substância da expressão da linguagem falada devia consistir exclusivamente de ‘sons’” (ibid. p. 110-111). Nesse sentido, portanto, a tarefa do linguista seria, para Hjelmslev

não apenas descrever o sistema de expressão efetivamente constatado, como também calcular quais são os sistemas de expressão possíveis de um determinado sistema de conteúdo e vice-versa. É fato que se pode com facilidade demonstrar experimentalmente que um sistema de expressão linguística pode manifestar-se através de substâncias de expressão extremamente diferentes (ibid., p. 112).

O fragmento acima termina com uma nota de rodapé em que o autor enumera alguns estudos referentes à relação entre escrita e fala, dos quais encontramos os nomes de Uldall, Baudouin de Courtenay, Vachek e Saussure, ao que adiciona a este último uma referência pontual ao CLG: “principalmente p. 165”. A nota termina com “Ainda não foi feita uma análise da escrita que faça abstração dos sons” (1939b, p. 112).

A página do CLG destacada por Hjelmslev, relativa à segunda edição francesa (e que é mantida pelas tiragens posteriores da Payot), diz respeito exatamente ao momento em que Saussure traz a escrita não mais como representação da língua, mas como sua análoga. É o fragmento do CLG que analisaremos neste capítulo.

Outros dois eminentes linguistas que trataram da escrita nesse segundo momento de recepção do CLG, posterior ao congresso de Haia e anterior ao “estruturalismo generalizado”, são Roman Jakobson e o príncipe Nicolai Trubetzkoy, ambos moscovitas e fundadores do Círculo linguístico de Praga.

Para Faria e Lima (2017), o caminho seguido por Jakobson é distinto do de Hjelmslev. Lá onde o dinamarquês vê em Saussure um ponto produtivo de se pensar a escrita, para o poeta da linguística, esse é o ponto onde o genebrino perde a mão. Nas palavras do autor,

A tese do *Cours de linguistique* – ‘Les phonèmes sont avant tout des entités oppositives, parentes et négative’ – tornou-se o ponto de partida da fonologia. Mas Saussure desacelerou a própria descoberta significativa de unidades puramente opostas, relativas e negativas no campo dos valores fonéticos linguísticos, transferindo mecanicamente os

⁶⁵ « Cf. F. DE SAUSSURE, *Cours de linguistique générale*, 2^{ed.} p. 169. »

resultados de sua análise fonológica para todo o mundo da língua e do signo^a (JAKOBSON, 1939, p. 294).

Para Jakobson, o erro de Saussure foi o de expandir a tese da unidade negativa e diferencial para os demais sistemas de signo que não o sistema linguístico (fonêmico). Sobre tal equívoco teórico, é justamente o sistema alfabético que Jakobson utiliza para mostrar o mal passo saussuriano, referindo-se, ele também, ao capítulo sobre o valor: “Ele afirma, por exemplo, que o valor das letras é meramente negativo e diferencial, e a única coisa essencial é que UM signo não coincide com outro”^b (ibid., p. 294-295). Entretanto, para o moscovita, “a letra α deve ser diferente das letras β , γ , etc., mas o essencial é que a letra a denota o fonema / a /, e cada letra tem seu valor positivo e autônomo. A imagem ótica funciona como o significante e o fonema como o significado”^c (ibid., p. 295).

Em outras palavras, Jakobson retoma o modelo inicial de Saussure de que a letra tem por única função representar os sons da língua, fazendo do fonema o significado da letra, seu significante, como no esquema que construímos em nosso terceiro capítulo. Essa leitura de Jakobson do CLG, como pontuaram Faria e Lima, ao retomarem Chiss e Puech (1983), radicaliza ao mesmo tempo a língua como língua de fonemas e a escrita como sua representante secundária, o que o autor deixa ainda mais claro em texto de 1955, *Phonology and Phonetics*, ao afirmar que “A escrita, obviamente, pode exibir algumas propriedades autônomas mas sempre permanece uma superestrutura, uma vez que nenhuma comunidade falante e nenhum de seus participantes pode adquirir ou manipular o padrão gráfico sem possuir um sistema fonêmico”^d (ibid., p. 475).

Diferentemente de Jakobson, o também importante fonologista Nicolai Trubetzkoy, em 1935, parece se aproximar das concepções de Vachek e, até certa medida, de Hjelmslev, ao propor uma ciência pura da escrita, uma vez que o que se fazia à época era um estudo aplicado. Trubetzkoy abre seu pequeno artigo “Nota para uma ciência pura da escrita” distinguindo *psaní* (ato de escrever) de *písmo* (sistema de signos gráficos), o primeiro seria concernente à “manifestação atualizada, como ato individual”, enquanto que o segundo seria uma “instituição social”.

O linguista alerta para o fato de que as pesquisas contemporâneas acerca da escrita tratam do primeiro elemento, ignorando o segundo, e lembra que: “Há bastante tempo, porém, a linguística moderna apercebeu-se de que o estudo da *parole* (fala) não pode ter êxito sem o estudo da *langue* (língua)” (1935 [1978], p. 129). Ora, a referência a Saussure é clara. O que o russo parece buscar nesse artigo é dar à escrita (*písmo*) o mesmo estatuto dado por Saussure à língua, o de objeto de sua própria ciência. Para isso, segue Trubetzkoy, essa nova ciência deverá buscar apoio na “moderna linguística estrutural e sobretudo na Fonologia”, e não na Fonética, uma vez que “os

ramos do estudo da escrita que hoje vigoram (e na medida em que são científicos), aparentam-se metodologicamente com a Fonética⁶⁶ (ibid., p. 130).

Em uma nota dos editores da revista em que o texto de Trubetzkoy foi publicado, vemos que a primeira conferência dada pelo fonologista ao entrar para o Círculo linguístico de Praga tratava precisamente “da autonomia da escrita, apoiada na distinção entre fonema e grafema” (ibid., p. 131)⁶⁷. Assim, à exceção de Jakobson, ainda nos anos do entre-guerras, já se fazia uma leitura a partir de Saussure da escrita descolada da representação da língua.

Com a expansão do estruturalismo linguístico (calcado no CLG) para além de suas fronteiras, sobretudo a partir de Jakobson já sediado em Nova Iorque, em 1945, um novo momento de leituras sobre a escrita no CLG (PUECH et al., 2010) se constitui. Isso ocorre quando notáveis pensadores se debruçaram sobre o tema para além de um estudo diacrônico e nas mais diversas perspectivas, dos quais se destacam Roland Barthes, Julia Kristeva, Phillippe Sollers e Jacques Derrida. No campo da linguística, a escrita se manteve, em grande medida, no lugar atribuído a ela pelo capítulo do CLG sobre a representação da língua. Uma hipótese que levantamos para compreender esse encaminhamento que a linguística deu à escrita é a da força com que os estudos fonológicos, cujo grande nome era Jakobson, assumiu no período. Entretanto, graças à publicação, em 2012, das últimas aulas de Émile Benveniste no Collège de France, entre 1968 e 1969, vemos que a escrita ocupou uma parte importante das últimas reflexões do linguista⁶⁸ e que se descolava da visão representacionista corrente.

Desses autores, a leitura que Derrida faz de Saussure é de longe a mais comentada. O filósofo inscreve Saussure numa linhagem que remonta a Aristóteles tanto no que diz respeito ao signo quanto à escrita (como representação da representação), acusando-o de fonologocêntrico⁶⁹.

⁶⁶ No texto de Trubetzkoy, os sentidos dos termos fonética e fonologia diferem daqueles atribuídos por Saussure. Enquanto que o primeiro nomeia o campo responsável pelo “estudo do som pertencente ao acontecimento da fala”, o segundo nomeia “o estudo do som pertencente ao sistema da língua [*language*]”, ou, em outras palavras, “a fonética seria um estudo puramente fenomenalístico dos sons da fala, com a fonologia o estudo pertence à função linguística dos mesmos sons”^e (1939, p. 12).

⁶⁷ Infelizmente não tivemos acesso sequer ao título do texto. Outro texto que comporia esta pequena retomada mas não foi encontrado é um texto de Meillet publicado em 1919 na revista italiana “Scientia”, vol. XXVI, ano 13 – out. 1919, intitulado “La langue et l’écriture”.

⁶⁸ O material publicado é riquíssimo e uma análise da leitura que Benveniste faz da escrita em Saussure exige um fôlego que extrapola o desta tese, sendo deixado para um outro momento. O texto recente de Pierre-Yves Testenoire (2018), “Sulla lettura e la scrittura: ciò che Benveniste ha letto in Saussure, e ciò che non ha letto” traz um minucioso percurso pelos manuscritos de E. Benveniste em busca de marcas que indiquem a leitura que este fez do genebrino acerca da escrita.

⁶⁹ Cf. HARRIS, 2001, p. 171-172. Segundo o linguista britânico, Derrida aproxima o significante saussuriano da ideia de *symbolon* em Aristóteles e faz silêncio sobre a diferença entre *symbolon* e *semeion* apresentado em *Da Interpretação* e de símbolo e signo no CLG. Com relação à escrita, ainda seguindo Harrys, “a exegese de Derrida da passagem de Aristóteles é tão dúbia quanto sua interpretação implícita da passagem do CLG. Na tradução francesa do grego de Derrida, Aristóteles afirma que palavras escritas (*mots écrits*) são símbolos de palavras faladas (*mots émis par la voix*). Mas Aristóteles não afirma nada do tipo. No texto grego não há nada que corresponda à unidade linguística ‘palavra’ (*mot*). Qualquer um que percebe essa interpolação perguntará por que Derrida a introduz. A resposta não

Em outras palavras, para Derrida, Saussure restringe a língua à representação sonora, tendo a escrita a função de representá-la. Derrida leu Jakobson. De fato, pode-se ler isso no CLG. Pode-se também ler o CLG apesar disso, como o fizeram os linguistas mencionados acima.

Estas páginas iniciais, com a retomada de algumas leituras que se fizeram de Saussure, buscaram introduzir o giro dado pelo genebrino na reflexão sobre a escrita. Um giro resultante da exclusão da escrita de dentro do objeto da linguística. Trata-se de um fora, que como buscaremos construir daqui em diante, com Lacan, não é um não dentro. Esse lugar Saussure chama de semiologia.

5.1 “Esse outro sistema de signos que é a escrita”: entre a analogia e a homologia

Seria impreciso dizer que é apenas no segundo parágrafo do capítulo IV da segunda parte do CLG que a escrita aparece descolada da ideia de representação da língua. Um outro fragmento significativo é aquele lido na página 24 da edição brasileira do CLG:

²⁷⁵A língua é um sistema de signos ²⁷⁶que exprime ideias, ²⁷⁷e é **comparável**, por isso, à **escrita**, ²⁷⁸ao alfabeto dos surdos-mudos, ²⁷⁹aos ritos simbólicos, ²⁸⁰às formas de polidez, ²⁸¹aos sinais militares etc., etc. ²⁸²**Ela é apenas o principal desses sistemas** (CLG-br, p. 24 | CLG-E, p. 45-46 – negritos nossos).

À língua, somam-se diversos outros sistemas de signos, sendo ela “apenas o principal”. Ao mesmo tempo que há uma tentativa de equivaler a língua aos outros sistemas, há um movimento de destacá-la. Ele equivale e distingue, ou seja, busca mostrar o lugar da língua na relação com os outros sistemas de signos, mas destaca sua particularidade. Para De Mauro, na nota 72, referente ao trecho, tal particularidade se justifica, pois “uma língua histórica, e é isso que a diferencia dos sistemas semiológicos não linguísticos, é construída de maneira a tornar semantizável cada experiência humana possível”^g. Dito de outro modo, as experiências humanas são significadas por serem construídas a partir do campo da linguagem, de modo que não há fora da língua⁷⁰. Nesse sentido, a leitura que Bouquet (1997, p. 197) faz de Saussure se mostra pertinente:

Se um sistema semiológico fundado sobre o *arbitrário interno do signo* – a língua – e um sistema não fundado sobre esse arbitrário – um costume – são tratados aqui [por Saussure] sob a mesma insígnia, é pois, mesmo em um sistema tão diferente do primeiro quanto o é o segundo, permanecem tanto as duas outras propriedades do arbitrário (o que podemos chamar, mais geralmente, o *arbitrário do sistema do significante*, correspondendo ao arbitrário do sistema fonológico da língua, e o *arbitrário do sistema do significado*, correspondendo ao arbitrário do sistema semântico da língua) quanto a propriedade de mutabilidade.^h

está longe. Tal interpolação facilita o estabelecimento de uma continuidade histórica entre Aristóteles e Saussure”^f (p. 173).

⁷⁰ Nesse mesmo sentido, a escrita, como vimos tentando mostrar ao longo da tese, ocupa também um lugar particular dentro da semiologia se concordarmos com Benveniste quando este afirma que “A escrita foi sempre e por toda a parte o instrumento que permitiu à língua semiotizar a si mesma” (1969 [2014], p. 155).

O comentário de Bouquet nos interessa, pois, ao trazer o arbitrário na relação com a dupla articulação da língua, lança luz para entendermos o movimento de Saussure quando da localização da língua dentro da semiologia. Mais adiante veremos que tal distinção o genebrino a atribuirá ao caráter puro, não natural do signo linguístico em oposição ao que chama de caráter natural e impuro da relação dos demais sistemas. Com Bouquet, portanto, podemos inferir que a impureza dos demais sistemas se deve à forma já natural (ou naturalizada) da segunda articulação, a fonológica, enquanto que a língua se constitui na radicalidade desse arbitrário.

Na edição sinóptica de Engler (cf. Anexo B), vemos que o duplo movimento de equivalência e distinção está presente nas notas de todos os alunos. O que gostaríamos de destacar é a observação de Constantin, lida também nas notas de Dégallier, referente ao funcionamento de tais sistemas:

Quase todas as instituições, poder-se-ia dizer, têm por base os signos, mas eles não evocam diretamente as coisas. Isso ocorre em todas as sociedades, esse fenômeno, que para diferentes fins, os sistemas de signos, evocando diretamente as ideias que se deseja, se encontram estabelecidosⁱ (CLG-E, p. 46).

Não apenas a língua, mas “quase todas as instituições” têm por base o signo e não se relacionam diretamente com o referente (as coisas), mas com as ideias. De um só golpe, Saussure reafirma seu rompimento com a noção de que a língua é uma nomenclatura: não há relação direta entre signo e referente, qualquer que seja o sistema de signos, incluindo a escrita (“a escrita é igualmente um vasto sistema de signos”ⁱⁱ (ibid. p. 46)); mas também que os sistemas de signo evocam *diretamente* as ideias, ou seja, mesmo a língua ocupando um lugar privilegiado dentro da semiologia no sentido de tornar possível a produção de outros sistemas de signos, a relação que se estabelece entre o signo e a ideia ocorre sem intermediários.

Pensando, assim, no funcionamento do sistema da escrita, tal proposição vai de encontro àquela discutida em nosso terceiro capítulo, em que a letra representa um fonema e que este, por sua vez, evoca uma ideia. O que se lê nesse fragmento parece descrever mais o que Saussure entende como o sistema de escrita chinês do que aquele das escritas fonéticas, em que o signo escrito se articulava diretamente à ideia: “Para o chinês, o ideograma e a palavra falada são [...] signos da ideia” (CLG-br, p. 36).

Dando um passo na interpretação do texto saussuriano, talvez possamos afirmar que a escrita, quando tratada no capítulo sobre a representação da língua, no CLG, não poderia ser tomada como sistema de signos, mas como um conjunto de sinais idênticos a si mesmos que tinham como função, justamente, representar a língua. É essa a proposta de Saussure no capítulo sobre a fonologia: uma escrita que produzisse uma transferência de base material, o som pela letra.

Ao tratar língua e escrita no seio da semiologia, ou seja, como sistemas de signos, o funcionamento da escrita não pode ser descrito da mesma forma, passando a ser, então, comparável ao da língua. Nesse sentido, outra nota de Constantin, ausente no livro de 1916, reforça esse outro ponto de vista de Saussure sobre a relação entre língua e escrita:

²⁸² Nenhuma série de signos terá uma importância mais considerável nessa ciência que as dos fatos linguísticos. Podemos buscar o equivalente na escrita disso que são os fatos fonéticos na língua^k (ibid. p. 46).

Se a língua, enquanto sistema de signos, se destaca dentre os demais sistemas, seu funcionamento lhes é equivalente, uma vez que se pode observar, em outros sistemas, como na escrita, fatos semelhantes aos fatos fonéticos. A tomada da escrita a partir de um ponto de vista semiológico reconfigura a relação estabelecida quando considerada do interior da linguística. Se, de dentro da linguística, a escrita transcrevia os fatos fonéticos, desde fora, esta apresenta fatos semelhantes aos fatos fonéticos.

Cabe aqui, mais uma vez, nos contrapormos à leitura de Arrivé (2007 [2010], p. 84) que afirma que é a partir da desmaterialização do significante que a escrita se liberta da servidão à língua. A ruptura não é cronológica e nem se trata do mesmo objeto. Há, sim, uma mudança de ponto de vista, portanto, novo objeto, e ambos pontos de vista podem ser lidos nos três cursos assim como nos manuscritos dos anos de 1890. Se a desmaterialização contribui para a percepção da escrita como um sistema significante, isso não impede Saussure, desde outro ponto de vista, de manter a relação de representação da escrita enquanto instrumento para a análise linguística.

O trecho do CLG analisado algumas páginas acima, “A língua é um sistema de signos que exprime ideias...”, compõe o terceiro parágrafo do capítulo “Objeto da linguística”, intitulado “Lugar da língua nos fatos humanos. A semiologia”. Essa nova ciência, a semiologia, é apresentada logo na sequência do trecho trazido acima, articulada por uma conclusiva: “Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social* [...]; chamá-la-emos de *Semiologia* (do grego *seméion*, ‘signo’)” (CLG-br, p. 24 – itálicos no original), o que ratifica a equivalência (e distinção) do sistema linguístico em relação aos demais sistemas de signos. Voltaremos a ela mais adiante.

É, assim, a partir desse ponto de vista, o semiológico, que a escrita é reintroduzida no CLG, no capítulo sobre o valor linguístico. E é desse lugar que se desenrolam as leituras feitas da noção de escrita em Saussure das quais tratamos na abertura deste capítulo.

O próximo fragmento que analisaremos constitui as cinco últimas alíneas do parágrafo terceiro, “O valor linguístico considerado em seu aspecto material”, do capítulo IV, “O valor linguístico”, inserido na segunda parte do livro, “Linguística sincrônica”. Tal capítulo tem por objetivo apresentar o que muitos dos estudiosos da obra do genebrino tomam como o cerne de

seu trabalho, a teoria do valor. Um dos nomes que seguem esse caminho, com o qual concordamos, é Milner (2002, p. 37). Para o autor,

[...] o conceito de signo é de pouco peso na linguística uma vez que ela é constituída: esta última apenas se estabelecerá como ciência ao considerar seu objeto do ponto de vista diferencial e negativo, ora, o signo fecha todo acesso a esse ponto de vista. Saussure também propôs não o nome *signo*, mas o nome de *valor*; ao se inspirar na teoria da moeda (cf. CLG, II, 4, §2) De forma que Saussure parte do signo para o abandonar, mas ele não o pode abandonar porque ele colocou o signo em seu ponto de partida.¹

É, portanto, num dos momentos-chave do CLG que a escrita retorna. Vale observar, porém, que o movimento não é de Saussure, mas dos editores. Seguindo as informações dadas por Godel (SM, p. 107) e Engler (CLG-E, p. 255 ss.), observamos que os primeiros dois parágrafos do capítulo, “A língua como pensamento organizado na matéria fônica” e “O valor linguístico considerado em seu aspecto conceitual”, provêm quase que integralmente das últimas aulas do curso interrompido em 1911, apenas com inserções pontuais de material do curso de 1908-1909. O mesmo ocorre com o quarto parágrafo, “O signo considerado na sua totalidade”, em que lemos o material das últimas aulas do terceiro curso e, pontualmente, material do segundo curso e de notas autógrafas de Saussure.

No primeiro parágrafo do capítulo, encontramos a metáfora da vaga, em que som e pensamento são massas amorfas e a língua é a articulação dessas massas, de onde se produz a fórmula-chave de Hjelmslev: “*esta combinação produz uma forma, não uma substância*” (CLG-br, p. 131 – itálico no original). O segundo parágrafo é onde lemos o desenvolvimento da noção de valor propriamente dito a partir da teoria da moeda, como destacou Milner no excerto acima. Já o quarto e último parágrafo retoma e reforça os pontos principais da teoria do valor: “*na língua só existem diferenças*” (ibid., p. 139 – itálico no original); “dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem” (ibid., p. 139); e, novamente, “*a língua é uma forma e não uma substância*” (ibid., p. 139 – itálico no original).

Ao consultarmos a *Collation* de Secheyne, vemos que esta segue o curso anotado por Dégallier até a última página, em que lemos a observação de Bally reproduzida a seguir:

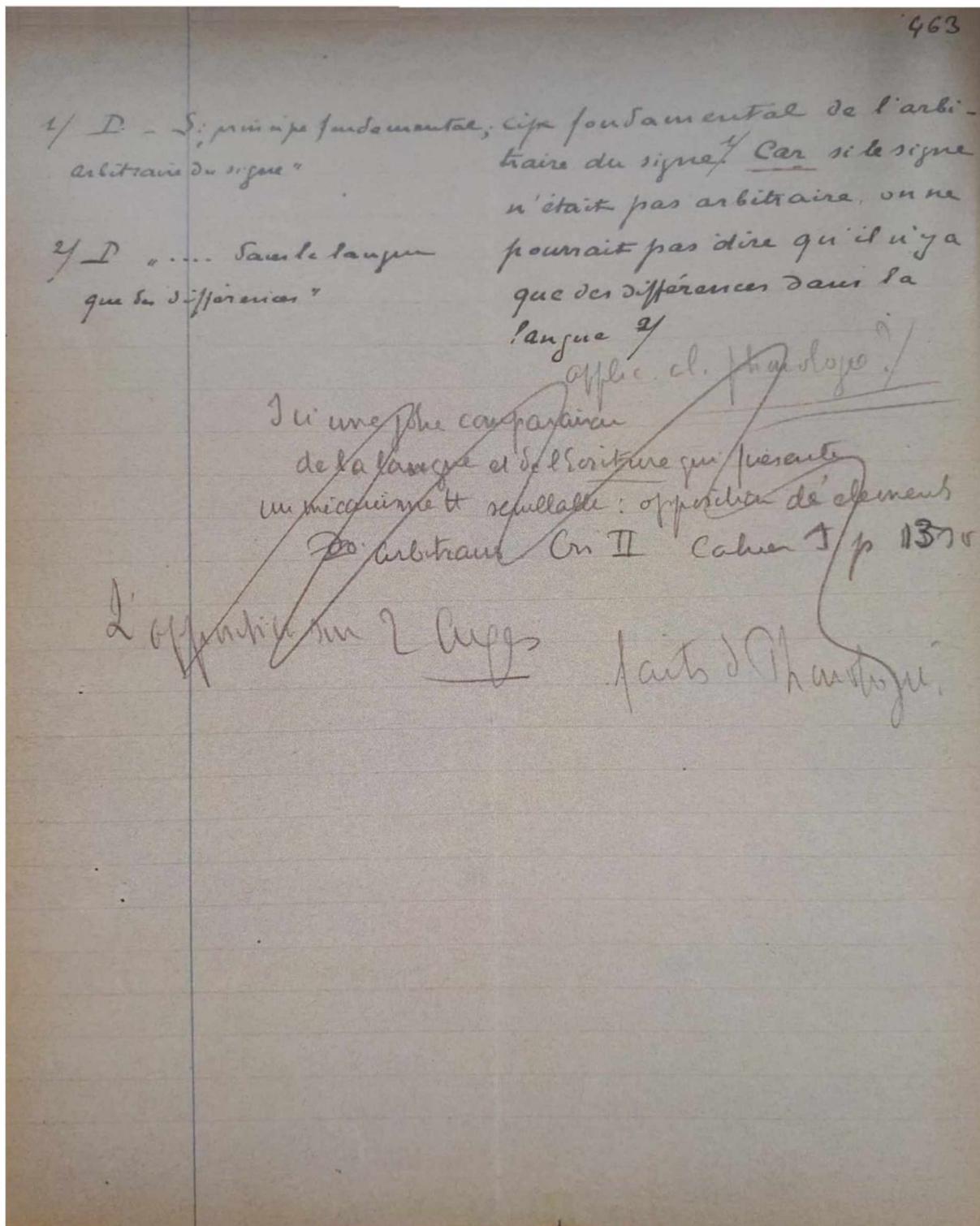


Figura 11 Reprodução de fragmento do manuscrito *Collation Sechehaye*, p. 463. Conservado na BGE, sob a cota Cours univ. 432-433.

Segundo a transcrição diplomática de Sofia (2015), temos: “Aqui uma bela comparação da língua com a Escrita que apresenta um mecanismo inteiramente semelhante: oposição de elementos arbitrários Crs II Caderno 1 p. 13 sv^m”.

É então a partir dessa observação que os editores retomam o texto do segundo curso em busca da “bela comparação” que dará corpo ao terceiro parágrafo do capítulo do valor, “O valor linguístico considerado em seu aspecto material”. O parágrafo não é composto exclusivamente de material do segundo curso. As três primeiras alíneas têm como fonte o material do terceiro curso que seguia aquele utilizado no parágrafo anterior articulado a notas autógrafas de Saussure, de onde se extrai que “*Arbitrário e diferencial são duas qualidades correlativas*” (CLG-br, p. 137 – itálico no original).

O texto do CLG passa, então, a se fundamentar no segundo curso a partir da quarta alínea, em que os editores trazem da aula do dia 12 de novembro de 1908 mais um exemplo para justificar “o que há de sistemático no jogo de diferenças fônicas”, dando continuidade à alínea anterior, proveniente do terceiro curso.

As alíneas 5, 6 e 7 provêm da aula do dia 23 do mesmo mês, em que Saussure buscou estabelecer o lugar do som na relação com a língua. Nesse ponto, a tentativa de promover um todo orgânico dá indícios de sua impossibilidade. Onde se lê, nos cadernos dos alunos, um movimento bastante nuançado, o CLG é categórico. Trazemos a seguir a nota de Constantin que pode ser lida, com pequenas variações, também nos cadernos de Riedlinger, Gautier e Bouchardy, sendo a do primeiro apenas a mais sintética: “Não se pode tratar a língua sem falar de sons. E, contudo, num certo sentido, o som é estranho à essência da língua”ⁿ (CLG-E, p. 266), ao que a pena dos editores escreve “Ademais, é impossível que o som, elemento material, pertença por si à língua” (CLG-br, p. 137). Os editores então concluem, com base nas notas dos alunos da mesma aula do segundo curso, que

Ele [o som] não é, para ela [a língua], mais que uma coisa secundária, matéria que põe em jogo. [...] Isso é ainda mais verdadeiro no que respeita o significante linguístico; em sua essência, este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras (ibid., p. 137-138).

De um movimento desde fora, ou seja, da semiologia apresentada no segundo curso, é que Saussure propõe a radical incorporeidade do significante, sendo ele puro valor, e o faz expandindo a noção para os demais sistemas de signos, “não é o metal da moeda que lhe fixa o valor” (CLG, p. 131). Este passo de Saussure é fundamental para o avanço da linguística. Entretanto, há um efeito produzido a partir dessa substância material (seja ela o som, a letra, o gesto, o metal) que é negligenciado. Hjelmslev, parece-nos, buscou dar consequência a essa substância material ao propor, para além do estudo das formas de conteúdo e de expressão, o estudo de suas substâncias. Derrida, apesar da leitura equivocada de Saussure, parece ir nesse mesmo caminho. É, porém, Lacan que, na leitura dos estudos saussurianos sobre os anagramas, aponta o trabalho desenvolvido pelo genebrino ao se haver com esse real que irrompe na língua.

É nesse encadeamento que vimos pontuando que a escrita surge no capítulo do valor. Passemos, enfim, ao fragmento:

Como se comprova existir **idêntico estado de coisas** nesse outro sistema de signos que é a escrita, nós o tomaremos como **termo de comparação** para esclarecer toda a questão.

De fato:

1º os signos da escrita são arbitrários; nenhuma relação existe **entre a letra t e o som que ela designa**;

2º o valor das letras é puramente negativo e diferencial; assim, a mesma pessoa pode escrever t com variantes tais como:



A única coisa essencial é que este signo não se confunda em sua escrita, com o do l, do d etc.;

3º os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido, composto de um número determinado de letras. Esse caráter, sem ser idêntico ao segundo, está estreitamente ligado com ele, pois ambos dependem do primeiro. Como o signo gráfico é arbitrário, sua forma importa pouco, ou melhor, só tem importância dentro dos limites impostos pelo sistema;

4º o meio de produção do signo é totalmente indiferente, pois não importa ao sistema (isso se deduz também da primeira característica). Quer eu escreva as letras em branco ou preto, em baixo ou alto relevo, com uma pena ou com um cinzel, isso não tem importância para a significação (CLG-br, p. 138-9).

Tal como o texto é apresentado pelos editores, a escrita é trazida à baila para confirmar os pontos nucleares da teoria elaborada por Saussure: 1. a arbitrariedade e a não referencialidade do signo; 2. seu caráter negativo e diferencial; 3. a necessidade de um sistema fechado para o funcionamento do signo e 4. a incorporeidade do significante. Mais do que isso, ao verificar as características do signo linguístico também na escrita, o fragmento legitima o lugar da semiologia como uma ciência mais ampla, que compreenderia os estudos dos diversos sistemas de signos, inclusive a linguística.

O movimento de Saussure aqui é bastante diferente daquele apresentado no capítulo sobre a representação da língua pela escrita. Se lá esta ocupava um lugar secundário, no capítulo do valor ela é tomada como um sistema de signos com “idêntico estado de coisas” ao da língua. O que fica apagado pelos editores é o local de onde o fragmento foi retirado, de forma que, onde há uma mudança de *ponto de vista* (no sentido saussuriano do termo), no encadeamento do CLG pode-se ler uma retificação, uma reformulação da parte de Saussure com relação ao lugar da escrita. Entretanto, quando nos debruçamos nas notas dos alunos, tal interpretação, a de uma retificação, parece não se sustentar. Como buscaremos mostrar neste capítulo, se antes o que interessava a Saussure era a *função* representativa da escrita, nessa mudança de ponto de vista o genebrino passa a tratar do *funcionamento* da escrita. Esse novo ponto de vista, apesar de exterior – ou talvez por isso mesmo –, afeta a essência do funcionamento da língua.

Ao retomarmos as anotações dos alunos de Saussure utilizadas para a edição do CLG, observamos alguns deslocamentos promovidos pelos editores. Engler, em sua hercúlea edição

sinóptica, nos indica como fontes do fragmento acima destacado um trecho dos cadernos de Albert Riedlinger (RIE II, p. 7-8) – no qual nos deteremos mais demoradamente – além das notas de Léopold Gautier (G), François Bouchardy (B) e Émile Constantin (C), referentes à aula do dia 12 de novembro de 1908 (SM II 53) cuja transcrição está no anexo C.

Dessa leitura comparada, destacaremos dois elementos que merecem ser investigados. O primeiro ponto a se destacar é apontado por Arrivé, em *Em busca de Ferdinand de Saussure*, e diz respeito ao primeiro termo da comparação. Lá onde no CLG encontramos “nenhuma relação entre a letra t e o som que ela designa” (CLG-br, p. 138), nos cadernos dos alunos, à exceção de Gautier, que não traz anotação a respeito, lemos “não há relação entre o signo e a coisa a designar”^o (CLG-E, p. 269). Há uma diferença importante. Para Arrivé (2007, p. 85),

não é o som que deve ser assumido a título de significado pela letra, mas uma “coisa”. Coisa inominável por alguma outra palavra que não seja “coisa”: reconhecemos aqui, sem a menor dificuldade, o significante incorpóreo, efetivamente difícil de subtrair de seu resíduo fônico ou gráfico.

A observação de Arrivé reitera a radicalidade do incorpóreo do significante já tratada no CLG e reinsere a questão da contraparte do significante gráfico. Se mais uma vez retomarmos a diferenciação que o próprio Saussure estabeleceu entre os sistemas fonéticos e ideográficos, é o modelo chinês que se aproxima dessa concepção: não é o som, mas a “coisa a designar” que funciona como significado.

O segundo ponto, logo no início do fragmento, diz respeito ao “idêntico estado de coisas”. O que os editores estenografam como uma identidade do estado de coisas entre os dois sistemas, em Riedlinger lemos que os sistemas são “similares”, já Gautier diz que ambos os sistemas pertencem a “um mesmo domínio” e, finalmente, Bouchardy e Constantin anotam “uma mesma ordem de coisas” (cf. Anexo C, fragmento 1930). De acordo com o texto, não há, à exceção de Riedlinger, uma comparação entre sistemas distintos com um funcionamento semelhante, o que se pode ler é um mesmo funcionamento presente em sistemas que compartilham uma mesma ordem de coisas. A inversão é sutil, mas em nossa leitura produz efeitos significativos. Em outras palavras, qual tipo de relação que se estabelece entre esses dois sistemas de signo? Trata-se de uma relação de analogia ou de homologia?

Tomar esse caminho, o da homologia, reinsere a escrita, desde fora, no interior da língua, no sentido de que ambas compartilham um mesmo funcionamento interno.

O outro caminho também é possível, o da analogia. Por aqui, entretanto, a exclusão da escrita parece radical, não funcionando senão como uma “bela comparação”, ou, como Saussure reitera no curso de 1911, “As leis de transformação desses sistemas de signos [língua, escrita, sinais

de trompete militar etc.] terão frequentemente analogias bastante tópicas com as leis de transformação com a língua”^p (C III-GM, p. 89).

Saussure, nesse sentido, ensaia ambos os caminhos, o da analogia e o da homologia. É em dois textos autógrafos de Saussure, escritos ambos na década de 1890, que veremos mais claramente esses movimentos⁷¹. Antes, porém, cabe delimitarmos algumas diretrizes sobre o que entendemos por analogia e homologia.

5.1.1 Homologia não é analogia

Um primeiro contato com os termos, e que já serve para esboçar um contorno dos conceitos, é aquele ginásial, das aulas de biologia: há órgãos homólogos e análogos, os primeiros possuem uma mesma origem embrionária, mas desempenham funções diferentes (a nadadeira dos golfinhos e as asas dos morcegos eram um exemplo comum); os segundos, ao contrário, desempenham função semelhante, mas provêm de material embrionário distinto (o exemplo era o das nadadeiras dos golfinhos em relação às nadadeiras dos tubarões). Na homologia, o que permite a comparação não é exatamente a forma final, mas sua estrutura, enquanto que na analogia a comparação se estabelece pela forma (ou funcionalidade) final.

No campo dos estudos da linguagem, a analogia é uma noção bastante profícua e presente em trabalhos anteriores ao próprio Ferdinand de Saussure. Nosso objetivo, neste momento, não é o de fazer uma retomada histórica e epistemológica do conceito, mas apenas o de trazer alguns elementos significativos com os quais possamos circunscrever alguns usos do termo analogia de forma a pensar a relação entre língua e escrita quando essa é dita analógica.

Em *Essai de Sémantique* (1897), do linguista Michel Bréal, encontramos um capítulo inteiro dedicado ao tema. De partida, Bréal já aponta a proficuidade do conceito sobretudo na segunda metade do século XIX. Diz o linguista (1897, p. 67):

Nos livros de linguística publicados há quinze ou vinte anos, a analogia ocupa um grande lugar, não sem razão, pois o homem é naturalmente imitador, e se ele tem qualquer expressão para inventar, é mais rápido que ele a modele sobre um tipo já existente do que se submeter a uma criação original. Mas nos enganamos quando apresentamos uma analogia como causa. A analogia é um meio.^q

O autor destaca a importância do estudo da analogia justificando-a pela natureza humana da imitação, uma vez que a analogia se apoia numa estrutura existente para operar, e ressalta que esta analogia é um meio, e não a causa da evolução da língua. E conclui: “É preciso, portanto olhar a analogia como uma condição primordial de toda linguagem”^r (ibid., p. 86).

⁷¹ Testenoire (2017) apresenta uma análise minuciosa dos dois fragmentos e que será seguida em grande medida por nós. Afastamo-nos de sua leitura apenas na não diferenciação do autor entre homologia e analogia, o que para nós terá um papel fundamental.

Ao inserir a analogia numa história dos estudos da linguagem, Bréal marca, nessa construção, um desvio de rota: se “em alguns livros recentes” a analogia não passaria de “uma grande esponja passeando ao acaso pela gramática, misturando as formas”^s (ibid., p. 84), isso passa a ser contestado, pois a analogia “está a serviço da razão, razão um pouco curta, um pouco carente de memória, mas que não é menos o verdadeiro e necessário motor da linguagem”^t (ibid., p. 84). Apesar de não mencionar as referências, podemos situar a mudança de rota na ruptura que institui os estudos neogramáticos⁷².

Houve uma forte investida de Georg Curtius sobre os neogramáticos em que a analogia era o centro da questão. O eminente professor da Universidade de Leipzig publica o texto *Zur Kritik der neuesten Sprachforschung*, em 1885, tecendo severas críticas às novas ideias que surgiam sobre os estudos da linguagem. O texto tinha como ponto focal a crítica à nova compreensão do fenômeno da analogia. Segundo Jordan (1937, p. 25 – destaques no original),

Analogia, segundo Curtius, não é uma descoberta atual, mas é tão antiga quanto os gregos, e estava presente nas mentes dos fundadores dos estudos linguísticos no início do século XIX. Entretanto, os predecessores dos neogramáticos eram pessoas prudentes, e buscaram evitar trabalhar excessivamente um fator que, apesar de *possível* em qualquer parte, não é *necessário* em lugar algum.^u

É inserido nessa discussão que Ferdinand de Saussure se debruça sobre o tema, dedicando-lhe algumas aulas, sobretudo dos dois primeiros cursos de linguística geral (1907, 1908-1909), além de uma preciosa menção durante sua segunda conferência na Universidade de Genebra, em 1891. Tais elaborações foram editadas e se tornaram os capítulos “Analogia” e “Analogia e Evolução” que encontramos no CLG entre as páginas 187 e 201 da edição brasileira⁷³.

Saussure, assim como Bréal, vê na ruptura dos neogramáticos uma reformulação produtiva. Durante uma de suas aulas do segundo curso, ao tratar do programa resultante da “luta entre a antiga e a nova <escola>”^v, podemos ler nos cadernos de Riedlinger que

Da mesma forma que reconhecemos que a língua é a obra do espírito das sociedades, reconhecemos que a língua é obra permanente, <contínua,> das sociedades: e esse trabalho contínuo de renovação é este que reunimos <sob o nome de fenômeno de analogia.> Esse capítulo foi reconhecido pela primeira vez em sua verdadeira importância, <enquanto as analogias eram outrora chamadas falsas analogias ;> a legitimidade e a universalidade desse fenômeno foi pela primeira vez claramente aceito e proclamado.^w

Em sua reflexão, Saussure produz ainda alguns deslocamentos com relação aos neogramáticos. Para o genebrino, é fundamental distinguir as mudanças fonéticas, produzidas a

⁷² No capítulo anterior, tratamos brevemente da questão ao nos referirmos dos anos em Leipzig de Saussure.

⁷³ Traremos aqui apenas poucos elementos para nos permitir situar Saussure nessa acalorada discussão de fim de século e delinear sua posição frente a ela. Para uma compreensão mais aprofundada do conceito em Saussure, cf. Castro (no prelo) em que a linguista faz uma leitura cruzada do CLG, dos manuscritos e das notas dos alunos sobretudo para destacar o lugar do sujeito falante na operação analógica e como esta pode ser absorvida ou não pelo sistema.

partir de leis invariáveis, da analogia, em que não se pode falar de leis, “ela é a obra ocasional de uma pessoa isolada” (CLG-br, p. 192). Com a analogia, como aponta Pereira de Castro (2018), Saussure reforça a distinção entre língua e fala, uma vez que a analogia, operação criativa do sujeito falante – portanto, da ordem da fala –, não é necessariamente incorporada ao sistema, como ocorre com as criações da fala de crianças.

O genebrino, ao definir o conceito, utiliza o mesmo termo de Bréal, “imitação”: “A analogia supõe um modelo e sua imitação regular. Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada” (CLG-br, p. 187). Trata-se, portanto, de um cálculo, o da quarta proporcional: “*réaction* : *réactionnaire* = *répression* : x” dessa forma “x = *répressionnaire*” (CLG-br, p. 191).

Uma analogia, assim, busca a produção de um quarto elemento que mantenha a proporcionalidade das relações já estabelecidas. Tal é o princípio fundamental da analogia desde Pitágoras. No *Grand Dictionnaire de la Philosophie* (Larousse ; CNRS, 2003), encontramos a referência a uma definição de Aristóteles que descreve o cálculo realizado pelo sujeito falante: “Entendo por analogia todos os casos em que o segundo termo estabelece com o primeiro a mesma relação que o quarto com o terceiro”^x (Aristóteles apud Larousse ; CNRS, 2003, p. 45). Ora, a relação estabelecida entre *réaction* e *réactionnaire* é a mesma criada entre *répression* e *répressionnaire*.

Algo a se ressaltar é o fato de que na analogia se estabelece uma “semelhança de relação e não uma relação de semelhança”^y (ibid., p. 46). Isso é fundamental para determinar o funcionamento operatório da analogia tal como utilizado por Saussure. O que ocorre, porém, é que num sentido mais amplo, a analogia passa a ganhar “o sentido de equivalência parcial, até a assimilação da semelhança superficial e da transposição abusiva de conceitos”^z (ibid., p. 46). Parece ser essa a diferença entre os usos do termo *analogia* quando articulado à operação criativa realizada pelo sujeito falante e quando utilizado para designar a relação estabelecida entre a língua e a escrita, ou entre a língua e os demais sistemas de signos, como discutiremos mais adiante neste capítulo.

Desse modo, ao tratarmos da analogia, estaremos nos referindo a esse uso expandido do conceito pitagórico e não àquele utilizado por Saussure e os neogramáticos para o estudo das variações linguísticas. O conceito de analogia é altamente produtivo no campo dos estudos da linguagem, porém, ao tratar da relação entre língua e escrita não é esse o uso que Saussure parece fazer do termo, tomando-o, sim, no sentido lato.

Passemos, então, ao conceito de homologia.

Nesse caso, o caminho será um tanto mais árduo, tanto pela falta de referências – não há entrada para o termo nem *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, de Lalande, nem no

Vocabulaire européen des philosophies, de Cassin – quanto pela complexidade operatória que a homologia caracteriza.

Recorremos, então, para iniciarmos uma compreensão do conceito, aos dicionários gerais Aurélio (FERREIRA, 2004, p. 1054) e Houaiss (2009, p. 1033). Em ambos, para além do uso em biologia que já mencionamos, encontramos uma acepção ligada à retórica e que designa o uso repetido de palavras, figuras e imagens. Para o termo *homólogo*, além das acepções derivadas de *homologia*, temos um uso no campo da geometria, “diz-se dos lados, vértices [...] ou qualquer outro elemento correspondente em figuras semelhantes” (Houaiss, p. 1033) e outro uso no campo matemático, “que tem o mesmo valor relativo, como, p.ex., os antecedentes ou os consequentes numa proporção” (ibid., p. 1033). Uma última acepção, esta apenas presente no Aurélio (p. 1054), diz do uso extensivo do termo “equivalente, correspondente, embora mais ou menos diverso”.

A partir dessas delimitações mais gerais fornecidas pelos dicionários, podemos esboçar uma diferença mínima com a analogia: há um grau maior de semelhança entre elementos homólogos que entre elementos análogos, sem, entretanto, que os objetos sejam idênticos, por serem “equivalentes, embora mais ou menos diversos”. Por outro lado, o que nos impediria de equivaler ambos conceitos quando tomados na acepção da geometria apresentada pelos dicionários?

O *Dicionário de etimologia* nos indica que o termo *homólogo* surge em 1813, acompanhando uma série de novas palavras surgidas na mesma época a partir do radical grego *homós* (igual, semelhante), como homofonia, homófono, homomorfo, homotipia etc. A datação do termo é interessante pois mostra a proximidade de seu primeiro registro com o uso feito por Saussure (em 1891), além de apontar seu contexto de surgimento: uma constelação lexical bem familiar aos estudos fonológicos encabeçados pelos neogramáticos. Se fechássemos os olhos para o que Saussure diz da etimologia e nos lançássemos, por um instante, em seu jogo especulativo, poderíamos supor um momento em que o termo analogia era muito produtivo, como dissemos acima, e que coincide com a proliferação de neologismos criados a partir do radical grego *homós*, surgindo assim um novo termo que, na relação com a analogia, designasse uma maior semelhança entre elementos.

Entretanto, sabemos, com Saussure, que a etimologia “é somente uma aplicação especial dos princípios relativos aos fatos sincrônicos e diacrônicos. Ela remonta o passado das palavras até encontrar algo que as explique” (CLG-br, p. 219). Dessa forma, nossas suposições servem apenas para nos indicar que sigamos adiante.

Na mesma época em que Saussure, já de volta à Genebra, se encontra em meio aos problemas teóricos da linguística – o manuscrito *Sur la double essence du langage*, de 1891; as notas

para um texto sobre Whitney, de 1894 (dos quais trataremos na próxima seção); e a famosa carta à Meillet, de 1894 (discutida em nosso segundo capítulo), o atestam –, o matemático francês Henri Poincaré publica seu *mémoire* no *Journal de L'École Polytechnique*, intitulado *Analysis situs* (1895), em que desenvolve o conceito de homologia no campo que viria a se chamar topologia algébrica.

Buscaremos, a partir das reflexões do matemático francês, trazer alguns elementos para compor o que entenderemos por homologia. Nossa escolha por esse percurso se deve mais a sua maneira de pensar a matemática, que se afasta da lógica pura e se aproxima do que chama de intuição geométrica (POINCARÉ, 1912, p. 59), que à proximidade temporal com o mestre genebrino. Isso é interessante se tivermos em mente o tipo de matematização performada por Saussure e que ganha força com Lacan, ao que Milner nomeou de galileísmo ampliado, em que se abandonam os cálculos quantitativos em detrimento das variantes qualitativas.

Segundo Poincaré, num artigo de 1912 intitulado “Pourquoi l’espace a trois dimensions [Por que o espaço tem três dimensões]”, há três geometrias distintas. A primeira, a geometria métrica, fundada sob a noção de distância, é erigida a partir do cálculo quantitativo. A segunda, a geometria projetiva, centrada na noção de linha reta, inclui ao cálculo quantitativo uma análise qualitativa, na medida em que, para duas figuras serem consideradas equivalentes, elas não precisam ser metricamente idênticas, basta que uma seja a projeção da outra. “Mas é uma terceira geometria, da qual a quantidade é completamente banida e que é puramente qualitativa, é a *Analysis Situs*”^{aa} (ibid., p. 58). Isso a que o autor nomeia, em latim, de *Analysis Situs*, análise dos lugares, será posteriormente rebatizado com o nome de Topologia algébrica.

Para o matemático francês (ibid., p. 60), é na topologia algébrica, portanto, que a intuição geométrica intervém verdadeiramente, uma vez que se abandonam as propriedades métricas e projetivas, atendo-se apenas a suas propriedades qualitativas. Para o autor, a topologia algébrica “descreve a situação relativa dos pontos, das linhas e das superfícies, sem nenhuma consideração de suas grandezas”^{bb} (POINCARÉ, 1895, p. 2). Ao abandonar as grandezas métricas, a topologia se vale fundamentalmente das bordas, dos furos, das torções e dos cortes. É nesse campo em que operam apenas as propriedades qualitativas dos objetos que é possível pensar a homologia tal como formulada por Poincaré.

Sua formulação é apresentada no texto de 1895, tornando-se uma das principais ferramentas da topologia algébrica (HENRI-PAUL, 2018a). Há atualmente uma série de teorias de homologia (poliedral, singular, simplicial) articuladas num campo extremamente denso e de uma escrita bastante singular, o que dificulta nosso acesso a desdobramentos teóricos que poderiam ser interessantes. Restringir-nos-emos, por isso, ao levantamento de alguns elementos gerais da homologia que podem ser produtivos para pensarmos a relação entre língua e escrita.

O intuito do matemático francês era o de poder estabelecer relações entre objetos algébricos e matemáticos de ordens distintas (geométricos, topológicos) a partir de um cálculo qualitativo. Nesse sentido, a homologia é uma forma de cálculo que permite “medir a complexidade da forma de uma variedade de dimensão arbitrária”^{cc} (HENRI PAUL, 2018b). O que quer dizer que um grupo homológico pode ser estabelecido a partir da análise de formas (arcos, círculos, linhas) em uma figura topológica dada⁷⁴, independentemente do número de dimensões que ocupa.

Segundo o coletivo Henri Paul⁷⁵ (2018c), o termo homologia é elegido por Poincaré para nomear esse novo tipo de equação

Provavelmente a fim de indicar que não se trata de uma identidade de objetos de um lado e de outro do signo \sim de similitude, mas sobretudo de um tipo de semelhança. Essas homologias são, entretanto, suficientemente próximas de “equações ordinárias” da álgebra e da aritmética para se combinar como elas.^{dd}

É interessante a suposição de Henri Paul, uma vez que marca uma distinção entre identidade e semelhança, fundamental para o que buscamos articular mais a frente, quando retornarmos à nossa questão central. Esse cálculo, que é a homologia, permite localizar semelhanças entre objetos a ponto de classificá-los em grupos de homologia.

Um exemplo bastante comum do funcionamento da homologia é a demonstração do homomorfismo existente entre um *doughnut* e uma caneca, uma vez que o homomorfismo, em figuras de poucas dimensões, é uma característica de grupos homólogos. Dessa forma, tendo o *doughnut* (e a caneca) a estrutura topológica de um toro, desde que desconsideremos seu recheio, podemos representá-los topologicamente da seguinte maneira:

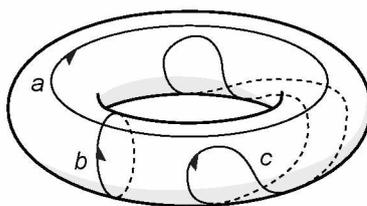


Figura 12 *Homology cycles on a torus* [Ciclos homólogos em um toro]. STEELPILLOW.
Disponível em: <commons.wikimedia.org/wiki/File:Toruscycles1.svg>.

A partir da figura topológica acima, com a orientação dos círculos *a*, *b* e *c*, os objetos de nosso exemplo são escritos com o diagrama T^2 a seguir, em que são mantidas as orientações das setas (o 2 sobrescrito indica o número de dimensões do objeto. Por se tratarem de superfícies, os objetos topológicos aqui arrolados possuirão sempre duas dimensões). Essa propriedade de se

⁷⁴ Variedade é o termo utilizado para designar a abstração de uma figura topológica. O toro, a garrafa de Klein e o plano projetivo são *variedades*.

⁷⁵ Henri Paul é um coletivo composto de matemáticos, amparado pelo CNRS, que tem por objetivo recuperar e divulgar a obra de Henri Poincaré.

escrever um objeto topológico na forma do que aqui chamamos de diagrama é denominada, na topologia, decomposição poliedral:

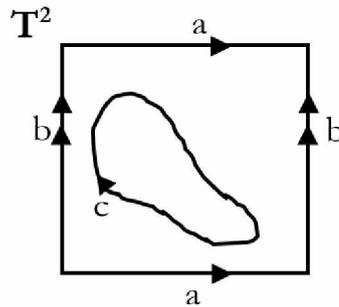


Figura 13 Decomposição poliedral do toro. Autoria nossa.

Nele, os lados a e b do poliedro representam a orientação dos círculos na superfície do objeto topológico. Ao deformarmos os círculos traçados no toro, observamos que a e b podem ser expandidos ou reduzidos, mas nunca se reduzem a um ponto, a zero, enquanto que c , ao ter sua área reduzida, pode atingir a dimensão de um ponto. É interessante observar aqui o papel fundamental do furo para impedir a redução a zero: a e b o circundam, diferentemente de c . É por isso que é possível descrever tal objeto a partir da orientação apenas de a e b ao passo que c , por ser redutível a zero⁷⁶, não se configura enquanto elemento distintivo.

Por outro lado, se operarmos um corte a partir do círculo c produzimos dois objetos distintos (figura abaixo, à esquerda), ao que se diz que c é fronteira, enquanto que um corte a partir dos círculos a e b (figura abaixo, à direita) não destituem o toro de suas características topológicas iniciais.

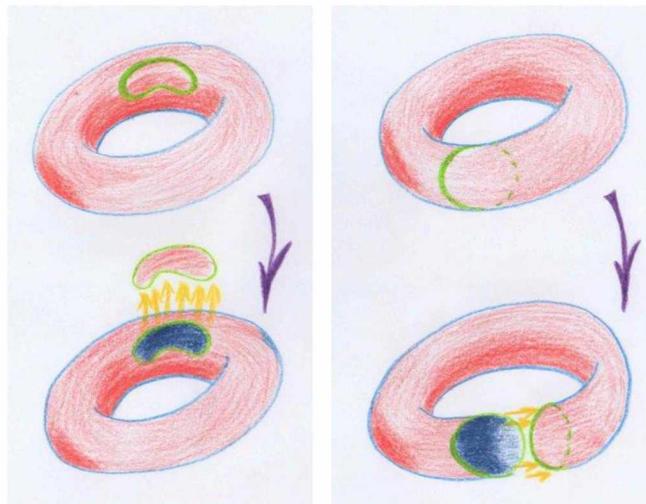


Figura 14 Cortes e determinação de fronteira. In Henri Paul, 2018b.

Tendo em mente, assim, as possibilidades de manuseio das figuras (deformação das bordas sem alteração da orientação das setas do diagrama), podemos deformar os círculos a e b de

⁷⁶ Essa propriedade de reduzir-se a zero é chamada de homotopia. Cf. Amster, 2015, p. 81 ss.

modo a produzir dois objetos pertencentes a um mesmo grupo homológico, pois respondem ao mesmo cálculo, por exemplo o *doughnut* e a caneca⁷⁷, como mostra a imagem abaixo realizada por Segerman, da Oklahoma State University.



Figura 15 Topology joke. SEGERMAN, H. 2015. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=9NlqYr6-TpA>.

É a partir desse tipo de operação – passível de ser escrita algebricamente –, com os cortes e torções em torno de bordas e furos, que se estabelecem os grupos de homologia. E é precisamente aí que podemos delimitar um alcance para o termo no que diz respeito a nossa questão central **dois objetos** (obviamente esse uso por nós será metafórico) **que operam com cortes e torções sobre bordas e furos a partir de um cálculo comum.**

Essa pontuação do que, em linhas gerais, pode ser entendido por homologia em topologia já nos é suficiente para retornarmos para onde a topologia se fez presente de início em nossa leitura e de lá alinhar mais algumas conclusões. Esse lugar é a psicanálise. Ao tomarmos a topologia a partir da leitura de Lacan, é preciso ainda destacar o uso que Lacan faz desta, movimento semelhante ao que ocorre com a “linguística lacaniana”, sua linguística. Amster (2015, p. 18-19), retoma Miller para chamar à atenção o fato de a topologia lacaniana não se constituir como uma disciplina *sui generis*, mas que só pode ser apreendida imersa em seu ensino. É esse o gesto que buscaremos fazer.

No ensino de Jacques Lacan, o termo *homologia* pode ser lido desde seus seminários iniciais. É, entretanto, no seminário sobre a identificação, ocorrido entre os anos de 1961 e 1962, quando a topologia passa a ocupar um lugar mais central em sua teorização, que o conceito de homologia começa a ganhar consistência. Uma definição, ou ao menos uma referência epistemológica do termo, só é formulada quatro anos depois, durante seu seminário intitulado *O objeto da psicanálise* (1965-1966). Antes disso, e em algumas ocasiões posteriores, o termo pode ser

⁷⁷ Neste caso, além de homólogos, os objetos são homeomorfos. Não existe, porém, garantia (em objetos com um número maior de dimensões) de que todos os objetos de um grupo homológico sejam homeomórficos.

interpretado num espectro que vai da sinonímia com a analogia a uma espécie de “semelhança estrutural”.

Nos centraremos na definição apresentada na sessão de 15 de dezembro de 1965 e, a partir dela, buscaremos elementos para delinear o uso que faremos de tal conceito. Lacan, então, diz:

Como é necessário para que eu avance, farei apenas uma alusão ao fato de que o Sr. Brouwer... personagem considerável no desenvolvimento moderno das matemáticas ... demonstrou esse teorema topologicamente, que topologicamente é o único a nos dar o verdadeiro fundamento da noção de centro, uma homologia topológica: duas figuras, quaisquer que sejam, desde que providas de uma borda, podem ser, por deformação dessa borda, demonstradas homeomórficas^{ee} (LACAN, 1965-1966, p. 32).

A referência trazida pelo psicanalista é a do matemático holandês L.E.J. Brouwer, adepto do intuicionismo na matemática, assim como Poincaré. Lacan traz também uma das consequências da homologia: duas figuras de um mesmo grupo homológico, se tiverem suas bordas deformadas, adquirem a mesma forma. Lacan, nessa sessão, constrói, a partir de um escrito do monge japonês Jioun Sonja, a banda de Moebius. Com a banda, numa montagem em que a associa a um plano projetivo, demonstra topologicamente seu funcionamento enquanto corte e, por esse motivo, por ser ela própria o corte, funciona como “suporte estrutural da constituição do sujeito como divisível”^{ff} (LACAN, 1965-1966, p. 33).

Resumir uma aula de Lacan em duas linhas é deixar de fora o essencial, ou seja, o percurso. Deste, gostaríamos de destacar o uso que o psicanalista faz de elementos topológicos e de como os articula com a função do escrito:

Um traçado que chamei de círculo e não de disco deixa em suspenso a questão *do que ele limita*. Para ver as coisas aí onde estão traçadas, sobre um plano, o que ele limita: é talvez o que estava *dentro*, é talvez também o que está *fora*. Na verdade, é aí que devemos considerar o que ele pode ter de original na função do escrito^{gg} (ibid., p. 27 – destaques no original).

É pela via do escrito, disso que Lacan traça e que chama de círculo, que se impõe a questão do limite, do que está dentro e também do que está fora. Há, assim, uma relação intrínseca entre topologia e escrita no sentido de que é a partir desta que se pode pensar a topologia. Ao que prossegue, mais adiante:

Então aqui estamos nós, sobre essa função da falta no sentido de que ela está ligada a essa alguma coisa de original que se chama *corte*, que se situa *em um ponto em que é o escrito que determina o campo da linguagem*. Se eu cuidei de escrever “*Função e campo da fala e da linguagem*”, é, pois, *Função* se relaciona à *fala* e *campo* à *linguagem*. Um campo, *isso tem uma definição matemática bastante precisa*^{hh} (ibid., p. 27 – grifos no original).

Lacan estabelece uma relação fundamental entre escrito, topologia e linguagem. Retomemos dois pequenos fragmentos de Lacan do início dos anos de 1970 para nos auxiliar nessa articulação: “Não há topologia sem escrita” (1971 [2009], p. 76) e “A topologia não foi ‘feita para

nos guiar’ na estrutura. Ela é a estrutura – como retroação da ordem de cadeia em que consiste a linguagem” (1972 [2003], p. 485). A topologia, para Lacan, não funciona como metalinguagem, não se trata de um dizer sobre a linguagem, “ela é a estrutura” e, como tal, é determinada pela via do escrito.

Isso nos é precioso pois ao colocar o escrito como determinante do campo da linguagem, não no sentido que a origina, mas que, com o traçado, faz limite, Lacan põe em cena um arranjo com o qual vemos operar Saussure em sua aventura por “mostrar ao linguista o que ele faz” e que trataremos no capítulo seguinte.

Com esse nosso percurso em busca de alguma delimitação dos termos analogia e homologia, podemos estabelecer que há uma diferença fundamental entre tais termos que os impedem de ser reduzidos à sinonímia. Por outro lado, também não se reduzem, como sugere o senso comum, a “idêntico”, no caso da homologia, e “semelhante” para a analogia. É nesse sentido que no fragmento do CLG que analisávamos acima – “um idêntico estado de coisas” que estenografa “um mesmo domínio” e “uma mesma ordem de coisas” – leremos a construção de uma homologia entre os sistemas, uma vez que extrapolam a similitude de casos particulares, como supõe uma analogia, compartilhando um cálculo, uma ordem de coisas.

Nossa leitura parece se sustentar ainda a partir do que Benveniste chama de “tipos de relação entre sistemas semióticos” (1968 [1989], p. 61), quais sejam, a relação de engendramento – em que um sistema semiológico pode gerar um outro; a relação de homologia – “que estabelece uma correlação entre as partes de dois sistemas semióticos” (ibid., p. 62); e a relação de interpretância – quando há entre dois sistemas, um interpretante e outro interpretado. Sobre a segunda relação, o linguista ressalta não se tratar de uma relação constatada, mas instaurada “em virtude de conexões que se descobrem ou que se estabelecem entre dois sistemas distintos” e podem ser de natureza “intuitiva ou racional, substancial ou estrutural, conceptual e poética” (ibid., p. 62). Ao nos enveredarmos pela topologia e compreendermos a homologia como sendo um *cálculo comum a dois sistemas*, apontamos para a natureza da relação que propomos sustentar.

É importante dizer que não se trata de anacronismo quando propomos uma leitura da homologia saussuriana a partir da topologia. Esse nosso movimento contrário (*ἀνὰ*) ao tempo (*χρόνος*) diz respeito de uma releitura que implica tanto uma retroação (o que, hoje, podemos ler em Saussure, e não o que Saussure quis dizer) quanto uma leitura com, ou, como propõe Allouch, uma leitura do escrito com o escrito: uma leitura de Saussure com Lacan.

Na próxima seção, veremos em alguns excertos de textos saussurianos como esses dois modos de relação, a homologia e a analogia, são postos em cena pelo linguista genebrino. Nos

valeremos, essencialmente, de fragmentos de dois textos autógrafos escritos na última década do século XIX, com três anos de diferença um do outro.

5.1.2 Homologia e analogia em F. de Saussure

O primeiro texto autógrafo, *De la double essence du langage*, de 1891, foi encontrado apenas em 1996 e publicado seis anos depois, de modo a não figurar entre os textos consultados pelos editores do CLG. A descoberta desse texto é tida por muitos dos estudiosos saussurianos como um ponto de virada nas pesquisas que vinham se fazendo acerca do linguista genebrino, seja no sentido de que este seria o verdadeiro Saussure ou de que este permitiria um retorno ao próprio CLG. O que é ponto pacífico entre os estudiosos de Saussure, entretanto, é que a descoberta e a publicação desse texto de 1891 instauram um novo momento de trabalhos sobre o genebrino.

Amacker (2011, p. 17) nos explica que a caixa encontrada na *orangerie* da família de Saussure e catalogada pela BGE como “Arch. De Saussure 372” apresenta um conjunto de 274 folhas esparsas cuja maioria estava envolta em um papel de embrulho com a inscrição “Science du langage”, de punho de Ferdinand de Saussure. Dentro do embrulho, as folhas estavam divididas em doze envelopes com inscrições que variavam de “De l’essence double” a “De la double essence”. O fragmento que nos diz respeito encontra-se num envelope com a inscrição “De l’essence etc.”, numerado por Engler como 10a, mais precisamente na página 6⁷⁸.

O texto traz uma densa reflexão sobre o funcionamento da linguagem, e por se tratar de um texto não publicado, algumas questões se impõem. Há de se pensar uma maneira de ler não só os fragmentos, mas o silêncio de Saussure. Nesse sentido, Rastier (2003) propôs sua hermenêutica, como mencionamos em nosso segundo capítulo. Entretanto, sua busca pelo verdadeiro Saussure nos afasta de sua perspectiva. Jäger (2003, p. 205) propõe que os fragmentos não sejam tomados como um pensamento inacabado de Saussure, mas como uma escrita que é apropriada aos problemas filosóficos da linguagem e que foi, posteriormente, consagrada por Wittgenstein, uma escrita aforismática. Para o autor, o aspecto fragmentário das notas deixadas pelo genebrino corresponde “a um estilo e a uma escrita conscientemente escolhidos para examinar isso que Saussure nomeia de ‘pontos delicados’ da teoria da linguagem”ⁱⁱ. A proposta do autor é produtiva, mas insiste numa intencionalidade que evitamos em nossa leitura.

É, finalmente, Claudine Normand (2006) que propõe uma via interessante. Para evitar uma interpretação a qualquer custo dos fragmentos e silêncios de Saussure, a linguista parte da formulação de Starobinski de que “a interrupção produz um efeito de verdade” (STAROBINSKI

⁷⁸ Na classificação mais recente realizada pela BGE, a folha aqui estudada encontra-se sob a designação *Arch de Saussure 372 f. 82*.

(2003, p. 304) apud NORMAND, 2006). Evitando o preenchimento dos brancos com psicologismos ou comentários literários, a linguista se fia ao método filológico, pautando-se na materialidade do texto. Dessa forma, tomando os brancos como lugares de verdade do sujeito, a autora propõe ver “nos brancos da voz, nas interrupções dos gestos da mão, a presença insistente de um corpo que não se deixa tão facilmente abater pela reflexão teórica”¹¹. Passemos ao manuscrito:

10a©

le fait qu'on lit une écriture con-
 = ramment sans se douter de la forme
 des signes: ainsi la ^{majorité} ~~part~~ des ^{personnes} ~~personnes~~
^{travaillent à tracer} ~~travaillent à tracer~~ ^{très} ~~travaillent à tracer~~ ^{embarrassée de redresser}
^{de pouvoir} ~~travaillent à tracer~~ ^{un q} ~~travaillent à tracer~~ ^{imprime} ~~travaillent à tracer~~ ^{sur les} ~~travaillent à tracer~~ ^{lignes} ~~travaillent à tracer~~ ^{de} ~~travaillent à tracer~~ ^{travaillent à tracer}
^{appréhender} ~~travaillent à tracer~~ ^{exactement} ~~travaillent à tracer~~ ^{la forme}
 les jours ~~quelques~~ ^{quelques} ~~certains~~ ^{certains} ~~de~~ ^{de} ~~fois~~ ^{fois} ~~vingt~~ ^{vingt}
 fois ^{par} ~~par~~ ^{mille} ~~mille~~. Le phénomène paraît être
 très ~~ex~~ ^{ex} ~~acté~~ ^{acté} le même que celui de l'inconscience
 du son des mots en lui-même, ~~et d'une~~
 manière + générale il ~~est~~ ^{me} ~~est~~ ^{semble} ~~est~~ ^{semble} ~~est~~ ^{semble} ~~est~~ ^{semble} ~~est~~ ^{semble}
 que ~~se~~ ^{se} ~~trouve~~ ^{trouve} ~~trouve~~ ^{trouve} ~~trouve~~ ^{trouve} ~~trouve~~ ^{trouve} ~~trouve~~ ^{trouve}
 dans le champ de l'effet
 individuel (= sémiologique), mais aussi
 dans la ~~série~~ ^{série} ~~de~~ ^{de} ~~ses~~ ^{ses} ~~phases~~ ^{phases} ~~historiques~~ ^{historiques},
 perspective historique, les faits relatifs
 à l'écriture présente l'homologue une
 face ~~à~~ ^à ~~son~~ ^{son} ~~homologue~~ ^{homologue} peut-être pour tous les faits
 sans exception qui sont dans le langage une
 mine d'observations intels, et de faits
~~complètement~~ ^{complètement} ~~homologues~~ ^{homologues} ~~non-~~ ^{non-} ~~seulement~~ ^{seulement} ~~analogues~~ ^{analogues},
 mais complètement homologues à ceux qu'on
 peut discerner de le langage parlé.
 Pour l'écriture le son ~~devient~~ ^{devient} le seus,
 et le seus est représenté par le son,
 pendant que le son est représenté par
 les traits graphiques; mais le rapport entre le
 trait graphique et le son parlé est le même ^{seulement}.
 le son parlé est véritable

Figura 16 Reprodução de fragmento do manuscrito *Double essence*. Conservado na BGE, sob a cota AdS 372bis 010 f006, gentilmente cedida pela Profa. Dra. Eliane Silveira. Destaque nosso.

Saussure introduz a relação entre língua e escrita na página anterior a que reproduzimos acima, ao tratar da “inconsciência do próprio som das palavras”⁷⁹ (DE-A, p. 134 | ELG-br, p. 48⁸⁰). À inconsciência dos sons, Saussure compara um fato relativo à escrita, “a ~~part~~ <maioria> das pessoas interrogadas ~~seria~~ fica muito embaraçada ao reproduzir exatamente a forma de um g (minúsculo ro[mano]) impresso que ~~eles leem~~ que cada um lê, todos os dias, cinquenta vezes, se não mil”⁸¹ (DE-A, p. 134 | ELG-br, p. 48). E conclui, como podemos ler no trecho destacado do manuscrito, e transcrito abaixo:

De uma maneira + geral ~~é muito provável~~, <me parece> que, ~~não somente~~ seja – no campo do efeito individual (= semiológico), ~~mas também~~ <seja> a ~~série de fases históricas~~ na perspectiva histórica, os fatos relativos à ~~eser~~ <escrita> apresentam o ~~homólogo um <e> easo <face>~~ **homólogo**, talvez, a respeito de todos os fatos que existem na linguagem, sem exceção, uma mina de observações incessantes e de fatos **completamente homólogos não apenas análogos, mas homólogos, <de um extremo a outro,> aos que se pode discernir na linguagem falada**^{mm} (DE, p. 134-135 | ELG-br, p. 48 – itálico do autor).

Apesar de o termo *homologia* (e seus correlatos) figurar apenas uma vez nos escritos saussurianos, ao menos naqueles sob os quais nos debruçamos, essa aparição não pode ser desprezada ou mesmo tomada como sinonímia de *analogia*. Lendo as marcas de escrita deixadas por Saussure, podemos notar um trabalho em torno do termo que ensaia sua inscrição: “~~Homologue un~~”, “~~homologue~~” e “~~complètement homolog~~”, bem como do estatuto dessa relação (“<e> eas <face>”) até chegar à formulação final: “fatos não apenas análogos, mas completamente homólogos, de um extremo a outro”. Tais marcas são índice de um movimento de formulação teórica que culmina não apenas na assunção de uma homologia radical, mas também numa clara distinção entre analogia e homologia (“não apenas análogos, mas completamente homólogos”).

No trecho, a homologia se dá entre os fatos da escrita e aqueles da “linguagem”⁸¹ falada”, o que nos remete ao esquema de Vachek em que *Schriftäußerungen* e *Sprechäußerungen* possuem um mesmo status em relação à língua. Os fatos da escrita e os da *parole* – é importante aqui a inclusão do sujeito falante (escrevente) em ambos os sistemas – são homólogos uma vez que funcionam⁸² a língua. É nesse sentido que entendemos a homologia: tal como o *doughnut* e a caneca,

⁷⁹ Um morador da cidade de Cher pode passar a vida sem se dar conta de que o som do nome da cidade não difere do som de quando diz “cher ami”.

⁸⁰ A menção à publicação de Bouquet e Engler é apenas para situar o leitor que queira acompanhar o encadeamento do texto estabelecido pelos editores. Nossa referência será sempre a edição de Amacker (2011) por manter as marcas da escrita de Saussure.

⁸¹ Há flutuação, tanto nesse texto como no próximo que trataremos da mesma época, entre os termos linguagem e língua. Apesar da flutuação terminológica, não parece haver flutuação conceitual, ou seja, apesar de lermos “linguagem” nos fragmentos destacados, não há, no texto saussuriano confusão conceitual entre o que hoje entendemos por um e por outro.

⁸² A construção pode soar estranha, mas a preferimos em detrimento de “põem em funcionamento”, para evitarmos uma interpretação de que a língua pudesse ser apreendida fora desses sistemas ou que a função destes fosse a de dar corpo a língua.

escrita e “linguagem falada” têm seu funcionamento regido a partir do mesmo número mínimo de axiomas.

Tal homologia permite a Saussure concluir em nota, na página seguinte do manuscrito, a proficuidade de uma disciplina que tome a escrita como objeto:

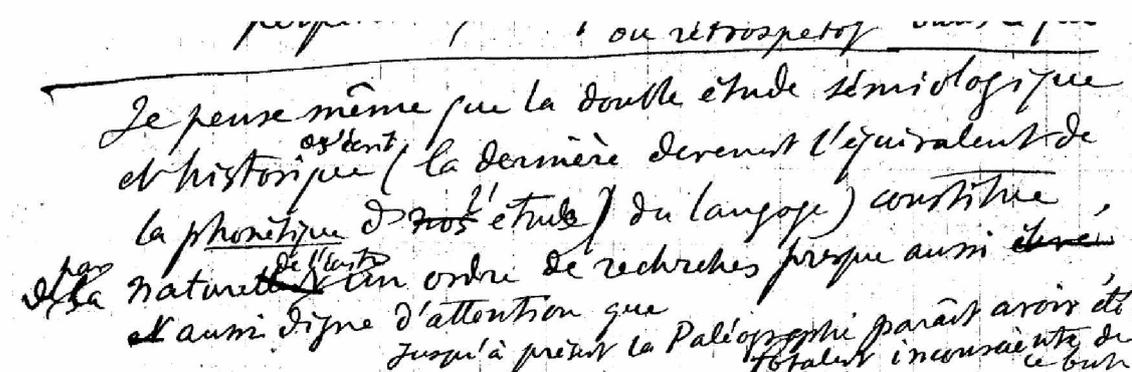


Figura 17 Reprodução de fragmento do manuscrito *Double essence*. Conservado na BGE, sob a cota AdS 372bis 010 f007, gentilmente cedida pela Profa. Dra. Eliane Silveira.

Eu penso que o duplo estudo, semiológico e histórico, <da escrit.> (sendo que o último se torna equivalente à fonética n(o) ~~os~~ estudo) da linguagem) constitui de, <pela> natureza <da escrit> uma onda de pesquisas quase tão digna de atenção quanto []. Até o presente, a paleografia parece estar totalmente inconsciente desse objetivo (ELG-br, p. 48).

O genebrino reafirma enfaticamente – “eu penso [*je pense même*]” – a proposta que se repetirá durante o primeiro curso de linguística geral, como tratamos anteriormente, “tem-se duas ciências linguísticas e deve-se considerar a língua falada separadamente da língua escrita” (RIE I, p.10-11). Se há ênfase o suficiente para se propor uma ciência da escrita, o branco no fim da nota deixa em suspenso a relação. Uma suspensão que pode ser lida por um viés fonologocentrista, para usarmos o termo de Derrida (1967 [2013]), qual seja o da primeiridade da língua falada em relação à escrita, o que impediria a comparação. De um outro ponto de vista, o da leitura que fazemos da letra de Saussure, lemos que a escrita ocupa um lugar incomodo para o genebrino, um lugar que ele próprio não consegue nomear, mas do qual consegue ouvir os efeitos.

Em sua proposta, o linguista parece ver na paleografia sua possibilidade de realização, entretanto esta ainda se mostra alheia à empreitada. O interessante é que Saussure, mesmo não estando alheio à potencialidade de um estudo do escrito, apresenta um ensaio paleográfico igualmente “inconsciente desse objetivo”. Como mostraremos em nosso último capítulo, o “Inscriptions Phrygiennes” apresenta um saber fazer com a escrita, apesar de não produzir nenhuma teorização sobre ela.

Saussure em diversos momentos de sua obra estabelece analogias entre a língua e os mais diversos sistemas de signos (os sinais marítimos, as formas de polidez, os ritos simbólicos etc. (cf. e.g. CLG-br p. 24)), entretanto, é apenas a escrita que, graças a sua natureza, constitui “uma

ordem de pesquisas quase tão digna de atenção quanto [?]. De qual natureza se trata que faz com que seja a escrita e não outro sistema que possua ordem de pesquisas digna o suficiente para ser alçada a objeto de uma disciplina?

Nossa aposta é justamente no fato de a relação entre língua e escrita não ser analógica, como é a relação entre os demais sistemas, e, sim, homológica. Isso quer dizer que língua e escrita compartilham não apenas um funcionamento, mas uma mesma natureza de fatos.

O segundo fragmento que analisaremos, escrito três anos depois, compõe as *Notas para um artigo sobre Whitney*. Como aponta Testenoire (2017), nesse texto, Saussure desenvolve de forma mais demorada a questão da escrita. No primeiro trecho, lemos:

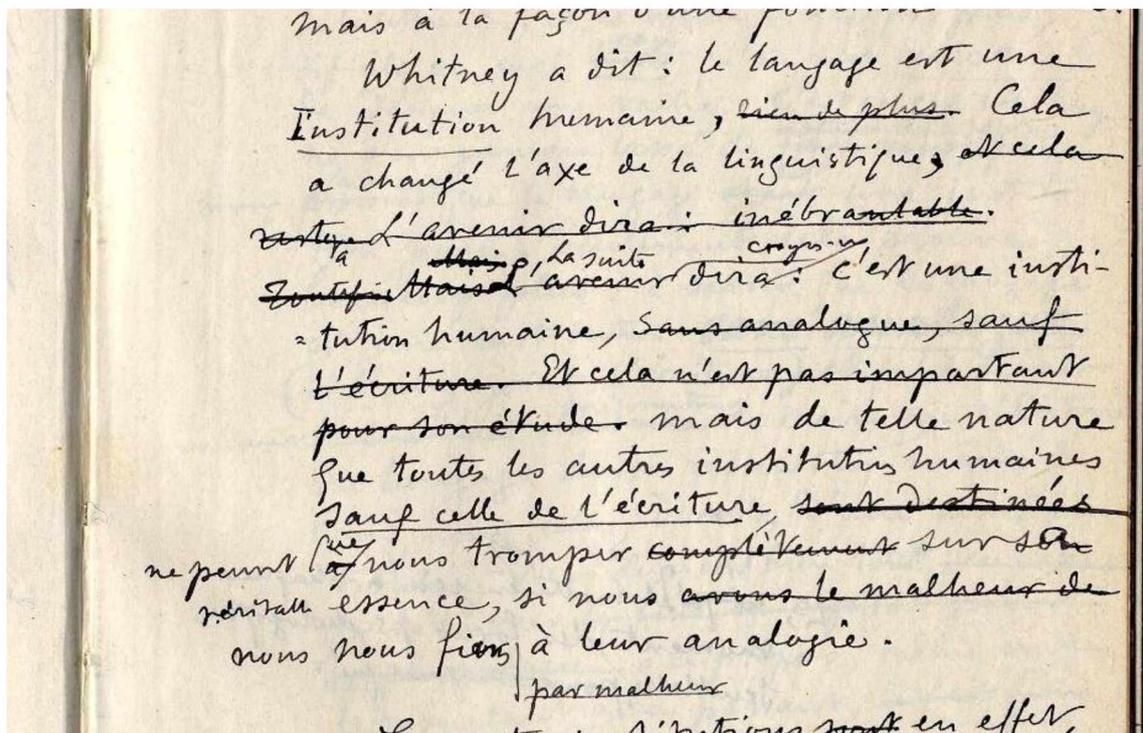


Figura 18 Reprodução de fragmento central da página do manuscrito *Notes pour un article sur Whitney*. Conservado na BGE, sob a cota Ms. fr. 3951/10, f 17.

Whitney disse: a linguagem é uma Instituição humana, nada mais. Isso alterou o eixo da linguística, e permanecerá [?]. O futuro dirá: inabalável. Mas o futuro (A posteridade) dirá (acreditamos): é uma instituição humana, ~~sem análogo, salvo a escrita~~. E isso não é importante para seu estudo, mas de natureza tal que todas as outras instituições humanas ~~salvo a da escrita~~, são destinadas a (podem apenas) nos enganar completamente sobre seu a (verdadeira) essência, se nós temos a infelicidade de (nós) nos fiarmos (por infelicidade) a sua analogia^m (Transcrição a partir de “A sequência...” estabelecida por Testenoire (2017, p. 124)).

Saussure, seguindo a orientação convencionalista, não naturalista, de Whitney, reafirma o caráter da língua enquanto instituição humana. O que se segue, se lemos o movimento da escrita de Saussure, é um reposicionamento da escrita. No trecho rasurado “~~sem análogo, salvo a escrita~~. E isso não é importante para seu estudo”, após a aproximação com a escrita, o genebrino

destitui de importância o estudo desta. O trecho é então rasurado e a expressão “salvo a escrita” é retomada num outro lugar, aproximando-a da língua e afastando-a de “todas as outras instituições humanas” que nos enganam se confiarmos em suas analogias. Diferentemente do que lemos no capítulo sobre a representação da língua pela escrita no CLG, em que é a escrita, tomada do interior da linguística, a que engana, de um ponto de vista semiológico, nesse outro momento, língua e escrita se constituem como instituições humanas diferentes das demais.

Para Saussure, as outras instituições são estabelecidas a partir de uma relação natural das coisas, o que não ocorre com a língua e a escrita. É curiosa e um tanto enigmática a diferença estabelecida pelo linguista calcada na *naturalidade*, uma vez que um sistema de signos pressupõe a não referencialidade.

Em oposição, então, às relações naturais, Saussure localiza a linguagem (que lemos *língua*) e a escrita, que “não são BASEADAS numa relação natural das coisas” (Ms. fr. 3951 p. 18 | ELG-br p. 181), o que as torna instituições sem análogo, como lemos na reprodução do manuscrito abaixo:

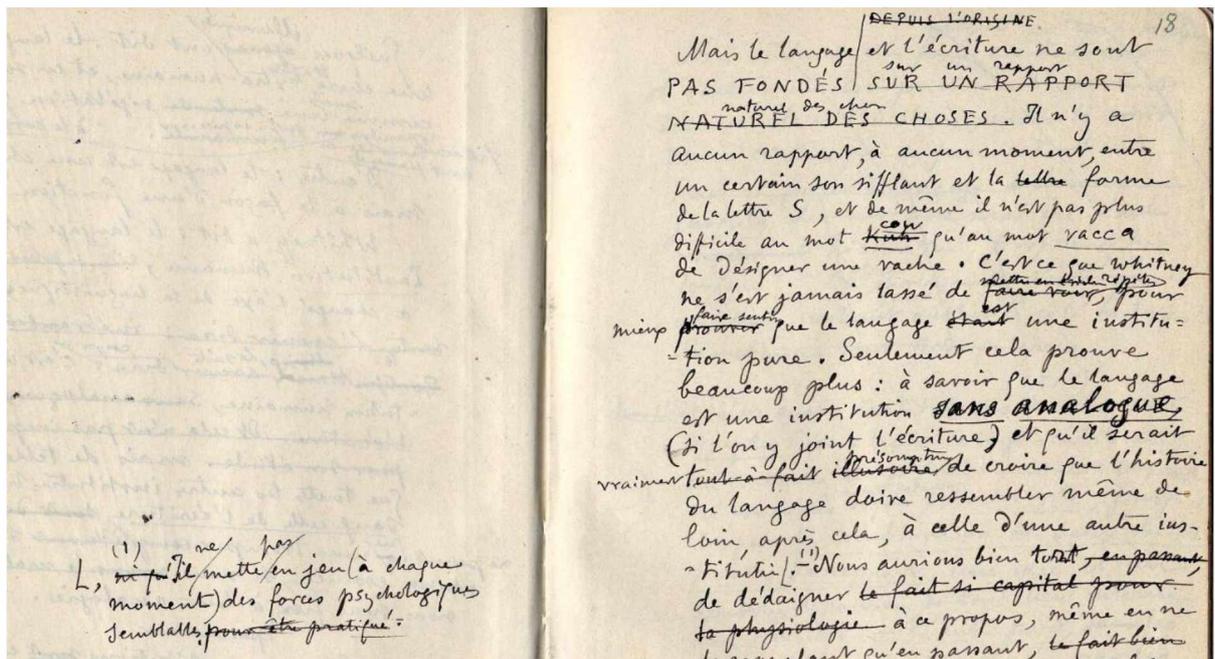


Figura 19 Reprodução de fragmento do manuscrito *Notes pour un article sur Whitney*. Conservado na BGE, sob a cota Ms. fr. 3951/10, f 17, verso – f 18, recto.

Nos apoiaremos, novamente, na transcrição de Testenoire (2017, p. 124-125):

Mas a linguagem e a escrita não são BASEADAS (DESDE A ORIGEM) SOBRE UMA RELAÇÃO NATURAL DAS COISAS (sobre uma relação natural de coisas). Não há relação alguma, em momento algum, entre um certo som sibilante e a ~~letra~~ e a forma da letra S e, do mesmo modo, não é mais difícil à palavra ~~vacca~~ ^{cow} do que à palavra vacca designar uma vaca. É o que Whitney jamais deixou de fazer ver (colocar em evidência) (repetir) para provar (melhor) (fazer sentir) que a linguagem era (é) uma instituição pura. Só que isso prova muito mais: a saber que a linguagem é uma instituição SEM ANÁLOGO, (juntando-se a ela a escrita) e que seria ~~totalmente~~ (verdadeiramente) ~~ilusório~~ (presunçoso) acreditar que a

história da linguagem deva se parecer, mesmo de longe, com a de uma instituição ~~(nem que que ela~~(não) põe em jogo (a cada momento) forças psicológicas semelhantes ~~para ser praticada~~).^{oo}

O corte feito por Saussure para distinguir as demais instituições da língua e da escrita é, portanto, o que será conhecido no CLG por arbitrariedade – tanto do signo quanto do referente. Se no primeiro grupo há, para o autor, “uma relação natural das coisas”, no outro, tal relação não é natural, mas convencional, como dirá mais adiante no mesmo texto, ou ainda, como já dissera em sua primeira conferência na Universidade de Genebra, em 1891, “tudo o que parece orgânico na linguagem é, na realidade, contingente e completamente acidental” (PCG, p. 131).

Essa contingência é exemplificada, logo em seguida, pela escrita e, depois, pela língua: a forma da letra S não tem nenhuma relação com o som sibilante com que se relaciona, assim como não é mais difícil para “cow” que para “vacca” designar uma vaca. Foi essa relação não natural, uma *irrazão*, como dirá algumas páginas adiante, que permitiu a Whitney chamar a língua de uma instituição pura, a que Saussure ratifica incluindo também a escrita.

A pureza que os dois linguistas conferem à língua – e Saussure também à escrita – se sustenta na arbitrariedade, fazendo haver apenas elementos complexos, justamente por se tratar de “uma combinação de duas coisas privadas de relação”, como diz Saussure na sequência do texto. As outras instituições, por outro lado, possuem elementos simples por já haver uma relação entre as coisas. Essa relação, entretanto, que mais acima o genebrino chama de natural, só pode ser estabelecida – e esta é uma tentativa nossa de decifração do que Saussure propõe como relação natural – a partir da língua, ou seja, trata-se de uma relação não arbitrária, naturalizada pela língua, daí sua não pureza, como já discutimos mais acima a partir de Bouquet (1997).

Estabelece-se então, no texto de Saussure, a aproximação entre língua e escrita: “a linguagem é uma instituição SEM ANÁLOGO, (juntando-se a ela a escrita)”. A partir da construção textual dessa aproximação, Testenoire (2017, p. 118) propõe uma interpretação interessante: se se considera que o parêntese introduz uma relação analógica com a língua, a proposição anterior fica invalidada, uma vez que a língua deixaria de ser uma instituição sem análogo; dessa forma uma leitura que nos parece mais produtiva e que é igualmente apresentada por Testenoire (ibid., p. 118) é a de que o parêntese estabelece um grupo de instituições sem análogo, não declarando, porém, qual relação tais instituições desempenham entre si.

Há um pequeno fragmento manuscrito de Saussure, *Item 3316.1* (ELG-br, p. 98), doado pelos filhos do linguista à biblioteca de Genebra em 1958 e catalogado por Godel (cf. CFS 17, 1960, p. 5-6), que reforça a segunda interpretação apresentada por Testenoire, a de que a língua é uma instituição sem análogo:

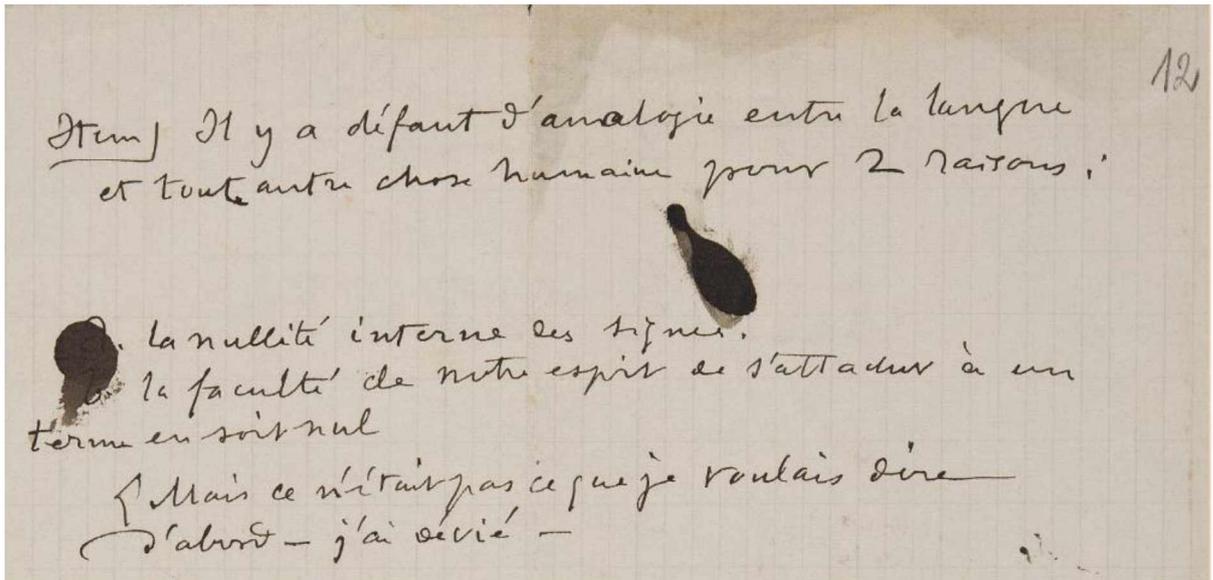


Figura 20 Reprodução de fragmento do manuscrito *Notes Item*. Conservado na BGE, sob a cota Ms. fr. 03951/15 f012.

Item. Há falta de analogia entre a língua e qualquer outra coisa humana, por duas razões:

- 1° a nulidade interna dos signos;
 - 2° a faculdade de nosso espírito de se ligar a um termo, em si, nulo.
- (Mas não era isso que eu queria dizer primeiro. Eu me desviei.)

Na nota *Item*, produzida entre 1897 e 1900 (ENGLER, 1975, p. 840), o genebrino se vale do mesmo argumento tal como apresentado no texto dedicado a Whitney, para enfatizar a excepcionalidade da língua: sua arbitrariedade radical, que aqui lemos *nullidade*.

Voltando ao texto sobre o linguista americano, logo na sequência do fragmento analisado acima, Saussure retoma o caráter convencional das relações internas a ambos sistemas para legitimar o agrupamento dessas instituições no conjunto “sem análogo”, como lemos no que segue:

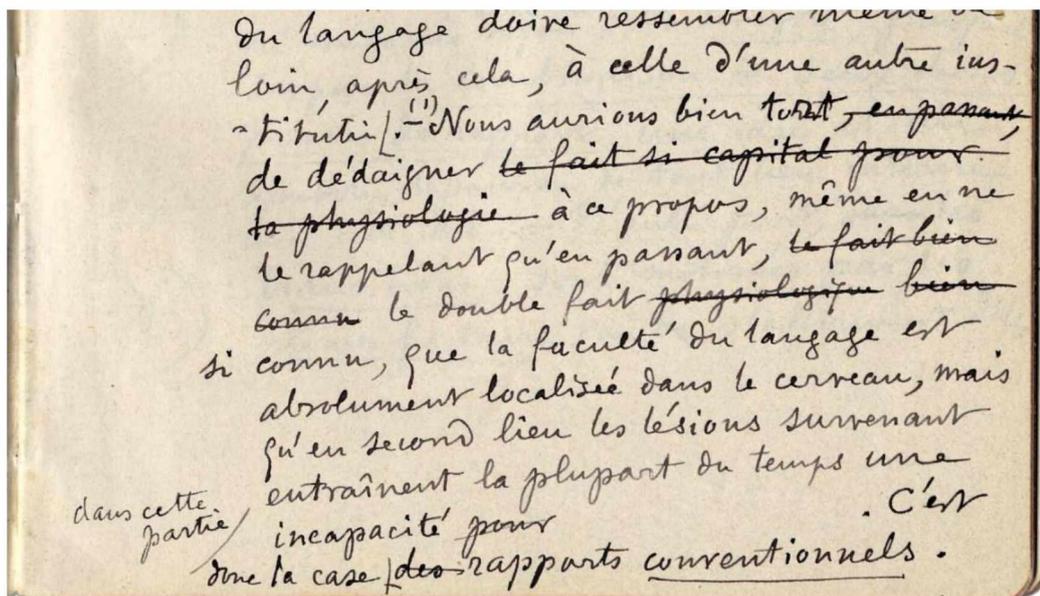


Figura 21 Reprodução de fragmento inferior da página do manuscrito *Notes pour un article sur Whitney*. Conservado na BGE, sob a cota Ms. fr. 3951/10, fº 018, recto.

⁽¹⁾ Estaríamos bastante equivocados, ~~brevemente~~, ao desprezar ~~o fato tão capital para a fisiologia~~ a esse propósito, mesmo que ao lembrá-lo apenas brevemente, ~~o fato bem conhecido~~ o duplo fato ~~fisiológico bem~~ tão conhecido, que a faculdade da linguagem é absolutamente localizada no cérebro, mas que em segundo lugar as lesões ocorridas conduzem, na maior parte do tempo, uma incapacidade para [...]. É, portanto, o caso <nessa parte> ~~de~~ relações convencionais.

Saussure lança mão da localização cerebral da “faculdade da linguagem” responsável pela articulação de ambos sistemas, língua e escrita. A referência é aos trabalhos de Pierre Paul Broca, médico anatomista francês que na segunda metade do século XIX desenvolveu estudos com pacientes com problemas de linguagem e localizou na porção esquerda do córtex frontal do cérebro a região que atribui ser responsável por tal faculdade mental. A referência torna a aparecer no início do segundo curso de linguística de Saussure e, novamente, no início do segundo semestre do terceiro curso, em que o médico é devidamente referenciado (cf. CLG-E, p. 35-36, nota de Marguerite Sechehaye (2º curso) e Dégallier e Constantin (3º curso)). As passagens são combinadas e inseridas no CLG, podendo ser lidas na edição brasileira à página 18⁸³.

Um movimento a se observar no fragmento manuscrito acima é a rasura de todas as menções à fisiologia, o que pode ser um índice da evitação de se produzir uma leitura biologizante da linguagem. Isso se materializa no trecho impresso no livro de 1916: “também nisso [localização cerebral da faculdade da linguagem] se apoiaram alguns para atribuir à linguagem um caráter natural” (CLG-br, p. 18).

O branco deixado pelo linguista no manuscrito poderia ser preenchido, sem grande hesitação, por “a escrita”. É isso que fazem os editores do ELG, que, na edição brasileira, pode ser lido à página 182. Seja pelo próprio desenrolar da argumentação de Saussure, seja pelo que lemos do assunto quando tratado nos cursos de linguística⁸⁴, a escolha por inserir aí “a escrita” parece ser ponto pacífico. O que poderia gerar algum questionamento é o fato de justamente haver um espaço em branco no lugar em que leremos “a escrita”.

Entretanto, o que nos interessa mais de perto é a forma como Saussure constrói, no encadeamento de seu texto, os elementos que aproximam língua e escrita em oposição às demais instituições: as relações convencionais que, inclusive, são produzidas a partir de uma mesma região cerebral para ambos sistemas. Tal articulação, não a circunvolução descoberta por Broca em si, mas a forma como Saussure elenca tal característica, nos permite ler uma ratificação da homologia

⁸³ É inevitável aqui a aproximação com Sigmund Freud, sobretudo com seu texto *Sobre a concepção das afasias*, publicado 1891. Nesse texto, o então docente de neuropatologia da Universidade de Viena faz uma extensa revisão de literatura e análise dos diversos tipos de afasia. Sua leitura distancia-se, porém, de uma abordagem neurológica e já esboça alguns dos conceitos que percorrem toda sua produção intelectual, culminando na proposição de um aparelho de linguagem (1891 [2013], p. 102). Uma leitura cruzada desse texto com os textos saussurianos é fascinante, mas foge ao escopo desta tese, tal proposta, se mantém, entretanto num horizonte de pesquisa

⁸⁴ Marguerite Sechehaye escreve: “Pela descoberta de Broca, a localização da **faculdade de falar** é feita [...] Mas essa mesma circunvolução comanda também **o exercício da escrita**”^{PP} (CLG-E, p. 35).

enquanto forma de relação entre língua e escrita. Não se trata de estabelecer comparações entre fatos de língua e de escrita (analogias, portanto), mas de enfatizar um funcionamento comum.

Em textos posteriores aos que trouxemos nesta seção, sobretudo no que lemos nos cadernos dos alunos, a relação entre esses dois sistemas sem análogo perde fôlego, funcionando como analogia, ao lado de outros sistemas de signo, ou, quando tomada de dentro da linguística, como representação da língua. No fragmento que segue, retirado dos cadernos de Riedlinger referentes ao primeiro curso, lemos uma construção analógica: “Poderíamos levar essa **comparação** [entre língua e escrita] muito mais longe <até o detalhe> e também encontrar **analogias entre os sistemas de signos** <outros além da escrita – mesmo os sistemas de sinais marítimos – e o da língua>”⁹⁹ (RIE I, p. 9). Aqui a operação analógica incide sobre “os sistemas de signo” que, para além da escrita, inclui “até os sinais marítimos”. O fragmento é anotado na mesma aula em que Saussure estabelece os princípios do funcionamento da língua por meio da escrita e que figura no capítulo sobre o valor no CLG.

O enfraquecimento da relação entre língua e escrita é o que uma leitura cronológica dos textos de Saussure dá a ler. Quisemos buscar, porém, com uma leitura que não se desenrola cronologicamente, mas pela inscrição dos significantes numa rede de sentidos, uma outra forma de ler a homologia e a analogia em Saussure. Essa nossa forma de leitura nos aponta a pertinência da retomada da homologia, esquecida no texto de 1891, mas que produz efeitos ao longo de toda obra do genebrino, culminando no que lemos no capítulo sobre o valor, em que a escrita comparece para apresentar o funcionamento da língua, funcionamento este que também lhe é próprio, o que, em nosso ver, não é compatível com o que se designa por analogia, mas por homologia. Lembrando ainda que, segundo Benveniste (1969 [2012]), como dissemos acima, a homologia (e não a analogia) é um modo de relação entre sistemas semiológicos distintos.

Nesse sentido, mesmo havendo um esvaziamento do lugar da escrita, concordamos com Testenoire (2017, p. 129) quando este afirma que

nenhum outro objeto semiológico desempenha papel comparável àquele exercido pela escrita. Ela permanece como sistema de signos referente para pensar a língua, mesmo uma vez exercida a radical singularidade desta. O signo gráfico, particularmente na introdução do segundo curso e no terceiro, serve para esclarecer as características do signo linguístico.¹⁰⁰

Mesmo com um esvaziamento da relação entre os dois sistemas, a escrita insiste, desde fora, na delimitação do objeto e do funcionamento linguístico.

Acreditamos, nesta seção, ter justificado nossa posição de que é de uma homologia que se trata quando se pensa a relação entre língua e escrita. No capítulo seguinte retomaremos nossa análise do fragmento do capítulo sobre o valor do CLG e buscaremos examinar os efeitos que a suposição de uma homologia causa.

Capítulo 6 A semiologia como campo possível: a escrita ex-siste

Em primeiro lugar, gostaria de reafirmar um ponto fundamental: o que significa formalizar? Às vezes ouvimos que não é possível formalizar a dialética, que não é possível formalizar a linguística. Repito para os meus alunos, sistematicamente, que formalizar não significa colocar uma disciplina numa camisa-de-força. Formalizar significa algo distinto.
Newton da Costa

Antes de termos iniciado a discussão sobre a analogia e a homologia no que diz respeito à escrita na obra saussuriana, e que constitui as duas subseções do capítulo anterior, trazíamos elementos que nos permitiram ler o texto do CLG de outro lugar. A leitura cruzada dos cadernos dos alunos, do CLG e da *Collation Sechehaye* nos permitiu situar o fragmento da obra de 1916 referente ao valor linguístico em seu aspecto material – o fragmento dos tt – no interior do segundo curso, mais precisamente, na aula do dia 12 de novembro de 1908. Esse gesto de leitura nos reposicionou frente às relações que Saussure estabelece entre língua e escrita. Se, num primeiro momento (o capítulo sobre a representação da língua), Saussure enunciava de dentro da linguística, nesse novo fragmento (o capítulo do valor), é de fora, da semiologia, que o genebrino enuncia. Trataremos, portanto, neste capítulo, de compreender que novo lugar é esse de onde enuncia Saussure e quais as consequências dessa mudança de posição.

A fim de avançarmos na leitura dos *dentros* e *foras* produzidos pelo gesto teórico de Saussure, a noção lacaniana de ex-sistência nos parece fundamental. Dessa forma, em nossa próxima seção, buscaremos expor, em linhas gerais, a pertinência dessa noção lacaniana, bastante produtiva para o psicanalista, sobretudo nos anos iniciais da década de 1970, e alguns elementos que nos auxiliam a entender seu funcionamento. Será, então, na seção seguinte, a 6.2, que retomaremos nossa leitura da letra saussuriana de onde a deixamos.

6.1 Dos efeitos do pertencimento a um campo: a ex-sistência

O estabelecimento de *dentros* e *foras* percorreu o pensamento saussuriano durante boa parte de sua reflexão linguística, sendo fundamental para que desenvolvesse seu projeto, o de “mostrar ao linguista o que ele faz”. Esse gesto de Saussure, que visa à inscrição da linguística no discurso das ciências, compreende desde a delimitação de um objeto – o que o constitui e o que não o constitui – bem como a determinação de um conjunto de axiomas que estabeleça seu funcionamento, conferindo-lhe um campo, conseqüentemente, o que está dentro e o que está fora dele. Entretanto, a língua, objeto visado por Saussure, parece escapar a essa apreensão ou, para retomarmos uma citação de Milner já mencionada em nosso quarto capítulo, não “se presta à literalidade”. Há sempre algo que resiste à inscrição num campo.

Fehr, em *Saussure entre linguistique et sémiologie* (2000), busca fazer uma leitura desses movimentos, dos quais destacamos o que se configura a partir do axioma de que “a língua é um sistema fechado e a teoria deve ser um sistema tão fechado quanto a língua”^a (SM, p. 29 apud FEHR, 2000, p. 69). Na entrevista de Saussure a Riedlinger citada por Fehr, o próprio genebrino atribui a tal proposição um “ponto difícil” (ibid., p. 69) que é sintetizado por Fehr nos seguintes termos: “como poderia ‘a língua’ ser ‘um todo em si’, ou ainda ser apreensível como um todo, se ‘seu conceito se apresenta a nós apenas na série das diversas línguas?’”^b (ibid. p. 70). Um ponto que, segundo o autor, até os editores do livro de 1916 tentaram evitar. Ao seguirmos a leitura de Fehr, notamos que esse impasse inicial de Saussure desemboca na “distinção mais paradoxal” entre o que é interno e externo ao sistema. Trata-se da linguística geográfica: “o fenômeno geográfico é estreitamente associado à existência de toda língua, e, entretanto, na verdade, ele não toca o organismo interior do idioma”^c (CLG-E, p. 61-62 apud FEHR, 2000, p. 72). Há, no âmbito do discurso científico, uma dificuldade de inscrição, “externo, porém interno” como estenografa Fehr (ibid., p. 71).

Esse mesmo movimento é observado com relação à escrita que buscamos descrever até aqui. No capítulo do CLG em que Saussure trata da representação da língua pela escrita, há um gesto de Saussure em reduzir esta à mera reprodução dos sons da língua, nem que para isso o bebê seja descartado junto com a água da bacia, como se diz popularmente: vão-se as escritas logográficas – o chinês – e mesmo as fonéticas silábicas, caso do hebraico e do árabe, por exemplo. Resta, na bacia, o que a tradição impregnou, um certo alfabeto grego que teria uma correspondência unívoca com os sons da língua que representa, ou seja, para cada som, uma letra. Tendo dado esse passo, Saussure se vê diante de uma série de desacordos: são letras que não representam som algum – ou sons em demasia – além dos sons órfãos de representação. São esses desacordos que legitimam, no texto do linguista, a necessidade de se reformular o objeto da disciplina. A palavra escrita não compõe o signo linguístico, é unicamente a palavra falada que se faz objeto, sendo a primeira, documento da segunda. “A escrita é subordinada à língua e tem por única função representá-la”, é o que lemos nos cadernos dos alunos de Saussure.

No capítulo seguinte do CLG, destinado à fonologia, já tendo estabelecido que a maneira mais adequada de se aproximar da língua é pelo estudo dos sons, vemos certo embaraço ao se dissociar o que é escrita, ou língua escrita, do que é notação fonética. É mesmo do ralo que vem a resposta: “a imagem da palavra adquire para nós um valor ideográfico” (CLG-br, p. 44). Nesse momento percebemos o gesto de Saussure. Não se tratava de excluir a escrita dos estudos da língua, mas de torná-la uma forma possível de escrever um repetível da língua, ou seja, inscrever a linguística no campo das ciências.

Se no interior da linguística a escrita retorna como a possibilidade de objetivação da língua, fora da linguística – na semiologia – a escrita comparece enquanto sistema e, como tal, relacionável ao sistema da língua. Nessa relação, que tipificamos como da ordem de uma homologia, no capítulo anterior, comparece, no livro de 1916, ao se tratar do aspecto material do valor linguístico, como modelo para o estabelecimento dos axiomas desse sistema, ou seja, comparece no que há de mais interno ao sistema linguístico: seu funcionamento.

Se assim podemos resumir o que discutimos ao longo desta tese até aqui, podemos perceber que as noções de dentro/fora, interno/externo em jogo na teorização de Saussure sobre a língua não se sustentam quando pensados a partir da lógica cartesiana, “ou dentro ou fora”. Trata-se de uma outra operação “fora, porém dentro”. Uma operação que apenas se sustenta se abandonarmos o regime da lógica clássica e adotarmos o modelo paraconsistente, em que uma proposição e sua negação podem ser ambas verdadeiras, ou seja, um regime em que o princípio da não contradição é derogado⁸⁵. Nesse sentido, a psicanálise nos dá condição de pensar o movimento que lemos em Saussure ao propor, a partir desse novo lugar, a noção topológica⁸⁶ de ex-sistência.

Essa noção com a qual ensaiaremos uma leitura do movimento de Saussure surge já nos textos iniciais de Lacan. No parágrafo inicial de “O seminário sobre ‘A carta roubada’”, de 1956, lemos:

Nossa investigação levou-nos ao ponto de reconhecer que o automatismo de repetição extrai seu princípio do que havíamos chamado de *insistência* da cadeia significante. Essa própria noção foi por nós destacada como correlata da *ex-sistência* (isto é, do lugar excêntrico) em que convém situarmos o sujeito do inconsciente, se devemos levar a sério a descoberta de Freud (LACAN, 1956 [1998], p. 13)

Lacan estabelece uma correlação entre *insistência* da cadeia significante e *ex-sistência*, ou seja, o lugar excêntrico em que se situa o sujeito do inconsciente. Compreendemos, dessa correlação, a posição deslocada do sujeito do inconsciente na cadeia significante. Ele está suspenso, ele não consiste na cadeia, mas insiste na relação entre um significante e outro. A ex-sistência, nesse sentido, não se restringe apenas a seu caráter posicional, excêntrico, fora do centro, mas também a um movimento de deslocamento e retorno, uma insistência. Essa nossa leitura da ex-sistência não apenas como posição, mas como movimento parece se sustentar com um fragmento do texto “A direção do tratamento”, de 1958, quando Lacan, ao se referir à “*Entstellung* do desejo no sonho” (ibid., p. 635) opta por traduzir o termo freudiano por “ex-sistência” em vez do termo utilizado no texto de 1956, “deslocamento”, ou ainda à tradução clássica⁸⁷, “distorção”, sentido que, em nota,

⁸⁵ Cf. COSTA, N.C.A. (1985) “Psicanálise e lógica. Entrevista de Newton Costa a Marcio Leite e Oscar Cesarotto”.

⁸⁶ Referimo-nos aqui não à ciência topológica, mas ao uso que Lacan faz dessa ciência, sua “topologeria” (AMSTER, 2015, p. 19), uma topologia imersa em seu ensino.

⁸⁷ Cf. LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1967 [1997], p. 93)

Lacan adiciona à sua tradução. A ex-sistência, assim, nesse primeiro momento da teorização lacaniana, parece desenhar uma noção que, ao mesmo tempo em que aponta uma posição, marca também um movimento em relação a essa posição, uma insistência.

A noção ganha novos contornos conforme sua retomada, sobretudo nos textos da década de 1970, momento em que também a topologia ocupa maior espaço na teorização lacaniana. Acreditamos, entretanto, que essas ponderações iniciais continuam pertinentes.

Na aula de 15 de março de 1972, a noção de ex-sistência retorna à reflexão lacaniana num gesto de distinção entre o Um que definira no seminário da identificação como *traço unário* (traço que marca a diferença e institui o sujeito pela via da identificação (1961-1962), que faz um e é passível de cálculo), do *uniano*, um Um não dedutível logicamente, apenas suposto por um dizer. Para sustentar tal distinção, Lacan retoma Frege:

Na lógica de Frege, aquela que se inscreve nos *Grundlagen der Arithmetik*, vocês verão ao mesmo tempo a insuficiência de qualquer dedução lógica do 1, já que ela tem que passar pelo 0, que afinal não se pode dizer que seja o 1, embora seja desse 1 que falta no nível do 0 que provém toda a sequência aritmética. Porque já de 0 a 1 temos dois. A partir daí, teremos três, porque haverá 0, 1 e 2 (LACAN, 1971-72 [2012], p. 128-9).

A fim de compreendermos a referência a Frege, seguiremos o texto de Miller, *A sutura*, de 1966. Em seu texto, Miller destaca o sistema ternário do discurso fregeano, que se constitui por *conceito*, *objeto* e *número*. Esse sistema “tem como efeito deixar à coisa apenas o suporte da sua identidade consigo, na qual ela é objeto do conceito operante e numerável” (MILLER, 1966 [1967], p. 216). O que o autor sintetiza nesse pequeno enunciado precisa de alguns passos para que o compreendamos. Na lógica fregeana, um conceito, para que seja tomado como tal, deve ser idêntico a si mesmo, ou seja, dada uma coisa *X* no mundo, o conceito de *X* não é sua apreensão empírica, mas aquilo que a reforça, sua identidade a si mesmo. Essa é a condição de verdade instaurada por Frege. Em um passo seguinte, a fim de que um objeto seja englobado por um conceito, este deve ser o próprio *X* enquanto unidade e, a essa unidade, atribui-se o número 1. Há aqui dois problemas: i. o 1 que se atribui ao objeto refere-se a sua unidade e não a sua posição particular; e ii. para que o sistema se estruture, exige-se a convocação da “coisa do Mundo”, o que, para Frege, não deve ocorrer, pois o sistema lógico deve limitar-se a si mesmo.

A maneira de, ao mesmo tempo, fazer com que o 1 do idêntico passe ao 1 da posição particular e que a “coisa do Mundo” não seja convocada para a operação é a assunção do zero sem nenhuma relação com o real. Ao repetirmos a operação fregeana para o zero, temos que, a ele, atribui-se o conceito de “não idêntico a si mesmo”. Tal conceito, por sua vez, subsume um objeto, que é *nenhum*. O zero, assim, “figura um espaço vazio para tornar visível uma ausência” (ibid., p. 218). Essa operação, Miller chama de sutura do discurso lógico. Ocorre que, ao conceitualizar o não conceitualizável, ele adquire unidade, “o zero conta como 1”. Assim, a operação do sucessor,

descrita por Frege como $n+1$, indica sempre a não identidade entre o objeto e seu lugar particular, “porque já de 0 a 1 temos dois. A partir daí, teremos três, porque haverá 0, 1 e 2...”.

Frege, então, com a sutura de seu discurso, ou seja, com a escrita da ausência, instaura um paradoxo, pois “o traço do idêntico representa o não idêntico, donde se deduz a impossibilidade da sua duplicação, e por esse mesmo caminho a estrutura da repetição, como processo de diferenciação do idêntico” (ibid., p. 221).

Esse pequeno, porém, tortuoso, desvio é fundamental para compreendermos a passagem de Lacan do unário para o *uniano*. Se o Um do unário se constitui pela via da identificação, o *uniano* só pode ser concebido a partir da sutura, da escrita do vazio, ou seja, da inscrição da não identidade a si, não sendo, portanto, demonstrável logicamente, mas apenas suposto por um dizer, o que Lacan chama de Há-um [*Yad'lun*].

A existência, portanto, do *uniano*, “desde sua emergência primeira, [em Aristóteles,] enuncia-se prontamente por sua inexistência correlativa. Não há existência senão contra um fundo de inexistência e, inversamente, *ex-sistere* é extrair a própria sustentação somente de um exterior que não existe” (LACAN, 1971-1972 [2012], p. 131). É, portanto, de uma operação que se trata. Por meio de uma asserção antecipada⁸⁸ – a suposição de um exterior que não existe –, Lacan dá consistência ao campo do *uniano*.

Seguindo o texto de Lacan, lemos:

É justamente disso que se trata o Um, pois, na verdade, de onde ele surge? De um ponto em que Platão consegue circunscrevê-lo. Não se deve crer que seja apenas a propósito do tempo que ele chama de *to esaiphnes*. Traduzam isso como quiserem, o de repente, o instante, o súbito. Na verdade, esse é o único ponto em que ele pode fazê-lo subsistir. [...] o Um parece justamente perder-se e levar ao cúmulo o que se dá com a existência, a ponto de confiná-la, como tal, como algo que surge do mais difícil de atingir, do mais fugidio no enunciável. Foi isso que me fez reportar a esse *to esaiphnes* no próprio Aristóteles, para perceber que, afinal de contas, houve a emergência do termo *existir* (ibid., p. 131).

O que compreendemos com isso é que a operação escrita pelo *uniano*, o $+1$, marca da existência surge apenas no “mais fugidio do enunciável”. É por meio de um dizer, que aqui tomamos pela precipitação de uma asserção antecipada, portanto de emergência de um sujeito, que se circunscreve a *ex-sistência*.

Como já dissemos em alguns outros momentos da tese, não é nossa tarefa, neste momento, fazermos uma exegese do termo na obra de Lacan. A fim de delimitarmos seu uso, portanto, faremos apenas mais algumas pontuações.

⁸⁸ Referimo-nos à certeza antecipada que se precipita da asserção subjetiva descrita por Lacan (1945 [1998]), e que compreende três instâncias do tempo, o instante de olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir. A certeza antecipada, em oposição à dúvida cartesiana, “não é o da experiência na verificação de uma hipótese, mas antes o de um fato intrínseco à ambiguidade lógica” (ibid., p. 202).

Além da articulação da noção de ex-sistência ao *uniano*, Lacan, nos seminários do início da década de 1970, a retoma ao tratar do gozo feminino⁸⁹ e da formalização. O que nos chama à atenção é o fato de, em todos os casos, a ex-sistência se colocar como uma relação específica com o universal. Como uma barreira, um fora desse universal. Isso se dá a ver tanto nas fórmulas da sexualização, ao escrever o feminino do lado do não todo, quanto na formalização, ao não a tomar como metalinguagem, fazendo com que ela não prescindia de um dizer.

No seminário de 1972-73, *Mais, ainda*, ao falar da escrita da psicanálise, o psicanalista se depara com uma “objeção”: “nenhuma formalização da língua é transmissível sem uso da própria língua” (p. 241). Não há metalinguagem! Ao que continua: “É pelo meu dizer que essa formalização, ideal metalinguagem, eu a faço ex-sistir”. Assim, pode-se afirmar, que a escrita existe à fala e, devido a essa ex-sistência, inscreve-a num campo. Nossa leitura parece se aproximar da de Andrade (2016, p. 114) quando diz que “a escrita é um dos fundamentos da não existência da metalinguagem. Não se fala a respeito da fala, se fala a partir de uma escrita”. Se, de um lado, não se pode prescindir da escrita para “falar da fala”, de outro, o escrito exige que se diga. Não se trata, na formalização, de um escrito sobre..., mas de um escrito que faz dizer.

Um último ponto que destacaremos sobre o tema, é um comentário de Lacan em seu vigésimo segundo seminário, intitulado *RSI*. Na aula de 14 de janeiro de 1975, o psicanalista amarra alguns sentidos à noção de ex-sistência e que nos permitirá articulá-la ao que estamos dizendo:

- se a ex-sistência se define pela relação à uma certa consistência,
- se a ex-sistência não é, no fim das contas, senão o fora que não é um “não dentro”,
- se essa ex-sistência é de alguma forma, o em volta do qual se evapora uma substância,
- se a ex-sistência é, tal como Kierkegaard nos adianta, essencialmente patética,
- ... o fato é que a noção de uma falha, que a noção de um furo, mesmo em algo tão extenuado como a ex-sistência, mantém seu sentido^d (LACAN, 1974-75, 14 jan. 1975).

Nesse excerto, Lacan retoma alguns pontos que viemos construindo neste subitem: i. a ex-sistência é o que, de fora, atribui consistência a um campo; ii. o fora que concerne a ex-sistência só pode ser pensado a partir de uma lógica paraconsistente, na medida em que é “um fora que não é ‘um não dentro’”; iii. a dessubstancialidade da ex-sistência, ela é o “em volta do qual se evapora uma substância”, o que reafirma seu caráter operatório, não substancial.

A ex-sistência, assim, será entendida aqui como uma “operação topológica” na disjunção entre dizer e dito que tem por produto a circunscrição de um campo, o que lhe confere consistência.

Ao trazermos essa noção lacaniana para pensar a escrita na produção saussuriana, podemos estabelecer que a ex-sistência da escrita permite a Saussure construir, dar consistência, ao

⁸⁹ “Esse gozo que se experimenta e do qual não se sabe nada, não é ele que nos coloca na via da ex-sistência?” (LACAN, 1972-1973 [2008], p. 82).

objeto da linguística. Mesmo a escrita funcionando como instrumento de objetivação da língua, sua condição ex-sistente faz frente ao universal e aponta para o particular da língua, do que não faz Um, de um real que não cessa de não se escrever e que diz do impasse da formalização.

Parece ser esse fora de lugar em que Saussure coloca a escrita que o possibilita escrever a linguística. A escrita, assim, ex-siste à língua, permeia o furo da língua, aponta a falha... A partir da ex-sistência da escrita, Saussure consegue escrever a des-substância da língua que ele lê noite e dia, nos anagramas e na linguística geral: a teoria do valor. Essa nossa leitura, acreditamos, vai no mesmo sentido do que afirmam Chiss e Puech (1983, p. 6):

A questão da escrita delimita, em alguma medida, do interior, o que a linguística estrutural quis reconhecer como sendo seu objeto “próprio”, fundando assim a possibilidade de uma escrita específica que a constitui enquanto ciência.⁶

6.2 A semiologia, “um fora que não é um não dentro”

Ao analisarmos o fragmento dos tt a partir da comparação do que cada aluno anotou na relação com o que se lê no CLG, como fizemos no capítulo anterior, apesar de ser extremamente produtivo, isso não reinsere o fragmento no momento de sua enunciação, ou seja, o fragmento assim como foi articulado durante a tal aula do segundo curso. A obra de Engler, apesar de nos fornecer grande material de consulta, por obedecer a ordem do CLG tal como foi estabelecido pelos editores, acaba por não evidenciar a ordem dos cursos, fazendo com que o retorno aos cadernos dos alunos permaneça fundamental.

Nesse sentido, retomemos o fragmento utilizado pelos editores, tal como foi anotado nos cadernos de Riedlinger na sequência da aula de 12 de novembro de 1908:

Para atribuir um lugar à linguística, não é necessário tomar a língua por todos seus lados; é evidente que assim diversas ciências, psicologia, fisiologia, antropologia, (gramática e filologia) etc., poderão reivindicar a língua como seu objeto. Essa via analítica nunca levou a nada. Nós seguiremos uma via sintética. Precisa-se tomar o que parece essencial ao sentimento, e então nós poderemos atribuir ao resto seu verdadeiro lugar na língua. É muito difícil? Não é evidente que antes de tudo a língua é um sistema de signos e que se deve recorrer à ciência dos signos que nos mostra em que pode consistir os signos, suas leis etc.? **Essa ciência não existe dentre as disciplinas conhecidas. Ela seria a semiologia** (sem nenhuma relação à semântica: ciência dos sentidos (das palavras) na língua por oposição a suas formas!) É evidente também que a língua não engloba toda espécie de sistema formado por signos. **Uma ciência de signos mais ampla que a linguística deve existir (sistemas de signos: marítimos, dos cegos, surdos-mudos, e enfim (o mais importante:) a própria escrita!)** Mas imediatamente é necessário dizer que a língua ocupará o compartimento principal dessa ciência; (ela será seu padrão geral.) Mas o será por acaso, teoricamente ela será apenas um caso particular. (Não se pode dizer o que será essa ciência dos signos, mas) o grupo (de ciências semiológicas) tem o direito de existir tanto quanto a própria linguística que julgamos digna de estudo, e reclama seu lugar de antemão.

Na escrita, temos um sistema de signos similar ao da língua. Suas principais características são:

- 1) o caráter arbitrário do signo (não há relação entre signo e coisa a designar);
- 2) valor puramente negativo e diferencial do signo. (Ele adquire seu valor apenas pelas diferenças.) (Para t por exemplo em uma mesma pessoa:

mas o que se exige dele é que não seja idêntico a um l ou n!)

3) Os valores da escrita agem apenas como grandezas opostas (em um sistema definido); elas são opositivas, são valores apenas por oposição. (Há um limite no número de valores.) (Não é de forma alguma igual a 2) mas se resolve bem finalmente no valor negativo. Exemplo: o que é p para um russo será r para um grego etc.)

4) Indiferença total do meio de produção do signo – resulta igualmente de 1) – que eu os escreva em branco, preto, baixo ou alto relevo etc., (é indiferente.)

Nós encontramos todas essas características na língua:

à 1): a palavra “apfel” é bem capaz de designar [...] à 2) e 3) tudo consiste em diferenças e oposições [...] à 4) (é menos evidente) [...]

Poderíamos levar essa comparação ainda mais longe (até o detalhe) e (também) encontrar analogias entre os sistemas de signos (diferentes da escrita - como o sistema de sinais marítimos -) e o da língua. Sentimos que estamos na mesma ordem de fatos^f (RIE II p. 7-9; sublinhado do autor; negrito e itálico nosso).

Ao reinserirmos o extrato utilizado pelos editores (em itálico) no encadeamento apresentado no caderno de Riedlinger, observamos que não se trata apenas de uma “bela comparação”, como anota Bally na *Collation* de Sechehaye. Nos cadernos, a referência à escrita se insere na formulação teórica da natureza da língua definida desde o exterior (SM, p. 66 – nota 66; RIE II⁹⁰, p.17). Ali são indicados os diversos pontos de vista dos quais a língua pode ser observada e estabelece-se uma “ciência mais geral” na qual a linguística estaria inserida, a semiologia⁹¹.

A primeira publicação em que o termo *semiologia* pode ser lido é a segunda edição de *Nouvelle classification des sciences*, de Adrien Naville, de 1901⁹². Dentro do item classificatório “*Sociologie*”, definido como “a ciência das leis da vida dos seres conscientes – especialmente dos homens – em sociedade”^h (p. 113 – destaque do autor), encontramos um longo parágrafo dedicado à semiologia. No fragmento, o mestre genebrino é trazido como única referência:

O Sr. Ferdinand de Saussure insiste sobre a importância de uma ciência bastante geral, que ele chama *semiologia* e cujo objeto seria as leis da criação e da transformação dos signos e de seus sentidos. A semiologia é uma parte essencial da sociologia. O mais importante desses sistemas de signos é a linguagem convencional dos homens, a ciência semiológica mais avançada é a *linguística* ou ciência das leis da vida da linguagem [...] (ibid., p. 114 – destaques do autor).

A nota de Naville nos chama à atenção a circulação que possuíam as ideias do genebrino mesmo sem uma publicação a respeito. De fato, se observamos os manuscritos saussurianos, encontramos rascunhos sobre a semiologia desde a DE, de 1891, até as anotações para os cursos de linguística.

⁹⁰ “Até aqui, tentamos compreender a língua e o lugar da língua mas por uma tentativa externa, pelo que ela não é: aproximando-a de um sistema de signos [...], ou ainda mais amplamente do valor”^e.

⁹¹ No CLG, o trecho está fragmentado e distribuído nas páginas 16 e 24 da edição brasileira, capítulo III, “Objeto da linguística”, do qual tratamos mais acima. O trecho em negrito que ressalta a “escrita ela mesma” como sistema de signos “mais importante” não aparece no livro.

⁹² Segundo Fehr (2000, p. 105-106), a primeira edição, de 1888, não trazia menção alguma à semiologia ou a Saussure. O mesmo ocorre na terceira edição da obra, de 1920, em que a referência a semiologia e ao genebrino desaparecem.

É a partir de uma leitura conjunta da nota de Naville, dos manuscritos, sobretudo o texto à Whitney, e dos cadernos dos alunos que Fehr (2000) observará uma grande flutuação com relação ao lugar ocupado pela semiologia tanto no que diz respeito à linguística, em seu interior, como à sociologia (seu continente) e a psicologia, em seu exterior. O autor atribui tal flutuação a “uma circularidade manifestamente insuperável no sentido da relação entre língua e signo”⁹¹ (FEHR, 2000, p. 109).

Há um conjunto de obras bastante significativo acerca da semiologia saussuriana e de seu desenvolvimento nas décadas posteriores das quais destacamos, além do livro de Fehr, o texto de Rudolf Engler, *Sémiologies saussuriennes*, de 1974-1975. Nele, a partir de uma análise crítica da obra de Avalle, Engler pontua as principais reflexões do genebrino sobre a semiologia realizadas dentro da linguística, e também fora, como no estudo das lendas germânicas. Restringir-nos-emos, entretanto, ao que poderíamos chamar de uma topologia do pensamento saussuriano, ou seja, a semiologia e suas bordas, seus *dentros e foras*, seus limites, torções e furos, sempre, claro, pensados na relação que nos concerne: a da língua com a escrita.

A forja de uma nova disciplina, mais geral, é fundamental para que Saussure exerça o que ele chamou de síntese, uma extração das leis fundamentais que constituem todos os sistemas de signos, a língua e a escrita incluídas, em oposição ao que acusou ser improdutivo: uma análise, que, em sua concepção, consistiria em abordar o sistema por meio dos diversos pontos de vista possíveis.

Ao compararmos com o primeiro curso, a forma como a escrita comparece no ano seguinte é fundamentalmente distinta. Em 1907 era-nos apresentado o movimento de exclusão da escrita do interior do objeto linguístico, que nesta tese consideramos crucial para o estabelecimento de uma nova forma de se fazer linguística, entretanto esse movimento de exclusão do objeto da linguística não a excluía da linguística, uma vez que haveria, para Saussure, dois eixos semiológicos e que a cada um, uma linguística seria atribuída: uma linguística da língua falada e outra da língua escrita. No curso de 1908-1909, a partir da nova disciplina – a semiologia – a escrita passa a ser entendida como um sistema de signos fora da linguística e, enquanto tal, possuidor de um funcionamento próprio.

No segundo ano de curso, após distinguir e conceituar língua e fala, Saussure introduz um alerta ao linguista⁹³: é a escrita que permite fixar, classificar a língua no tempo, mas “deve-se distinguir cuidadosamente a palavra escrita da palavra falada e que é apenas a palavra falada o verdadeiro objeto da linguística”^k (RIE II, p. 6). Diante desse impasse, Saussure recorre ao antigo

⁹³ Isso deve ser enfatizado. O alerta é dirigido para aqueles que buscam tomar a língua enquanto objeto de uma ciência e não para o sujeito falante, o que destaca o movimento de Saussure com a escrita no que diz respeito à constituição da linguística e não à escrita enquanto sistema de signos.

amigo e filólogo francês Louis Havet para destacar a relação que este estabelece entre escrita e filologia, de modo que a linguística, ao lançar mão da escrita (como objeto de estudo) se aproximaria da filologia, chegando a incorporar-se a ela, como podemos ler na sequência das notas de Riedlinger:

A importância da escrita (para a língua) não pode ser ignorada. Ela é tal que nos perguntamos se a linguística não é uma ciência filológica. O sr. Louis Havet diz que teríamos visto (a linguística) caminhar constantemente em direção à filologia e se confundir com ela. O Sr. Havet é, antes de tudo, filólogo (latim) mas em linguística merece (também uma grande) consideração¹ (RIE II, p. 6).

A menção que Saussure faz ao filólogo francês ocorre uma semana antes da publicação da primeira parte do *Mélanges de linguistique offerts à M. Ferdinand de Saussure*, no Journal de Genève⁹⁴. Nesse longo *compte rendu* da carreira do genebrino, Havet toca de forma enfática na discussão sobre o lugar da escrita nos estudos da linguagem. Para Havet (1908, p. XXV), o lugar da escrita não é apenas uma questão técnica, mas definidora de tradições linguísticas distintas: enquanto a tradição helenística – a gramática – tem por objeto a língua escrita, a linguística, de filiação indiana, tem por objeto a língua falada: “Consideradas como objetos de estudo, as duas línguas [falada e escrita] diferem singularmente, e seu dualismo não faz senão se acusar”^m (ibid. p. XXVI). O linguista francês é radical ao excluir a escrita da linguística, considerada, desde Bopp, de tradição indianista e, portanto, fonológica.

A posição de Havet vai de encontro àquela de Saussure de que poderia haver na linguística duas ciências, uma linguística da língua falada e outra da língua escrita. Mesmo Saussure tendo excluído a palavra escrita do objeto da linguística desde sua aula inicial, no primeiro curso ainda havia lugar dentro dessa ciência (uma linguística própria à escrita, é verdade) que comportasse o resto da operação de exclusão. Apesar de conflitantes, suas posições apresentavam um ponto em comum: a escrita não compõe o objeto linguístico, o que não era ponto pacífico era justamente qual seria então o lugar de onde tomá-la por objeto.

Na aula seguinte, em 12 de novembro de 1908, Saussure introduz a semiologia e enumera quatro axiomas que regeriam a nova disciplina. Essa dedução axiomática é feita tendo como modelo o sistema da escrita, ao que conclui afirmando que “nós encontraremos todas essas características na língua” (RIE II, p. 7). Trata-se do famoso excerto inserido pelos editores do CLG no capítulo do valor. Aqui a escrita já aparece deslocada: a noção do duplo eixo semiológico presente no primeiro curso não retorna e a escrita volta a figurar como sistema distinto da língua a fim de preservar esse novo objeto linguístico. Entretanto, a escrita insiste. De sistema subordinado,

⁹⁴ O texto de Havet foi publicado em quatro partes nos dias 16, 18, 20 e 23 de novembro de 1908.

a escrita retorna servindo de modelo para o estabelecimento das características do sistema linguístico.

A primeira parte do artigo de Havet é publicada quatro dias depois. Em seu texto, língua e escrita constituem não apenas objetos, mas tradições epistemológicas tão distintas que

pode ocorrer de um homem especialista sobre o falar ser um medíocre conhecedor da língua escrita, ou o inverso. Isso quer dizer que um bom linguista pode ser um mau gramático, e um bom gramático mau linguista. Conseguimos, com efeito, ver claramente, enfim. O gramático é o homem da língua escrita e o linguista, o homem da língua faladaⁿ (ibid. p. XXVI).

No mesmo dia da publicação do artigo, seguindo as notas de Riedlinger, encontramos uma aula inteiramente dedicada à semiologia, em que se menciona inclusive o livro de Naville e se questiona: “(Onde terminará a semiologia? É difícil dizer.) Essa ciência verá seu domínio se estender sempre mais”^o (RIE II, p. 10). Aponta-se ainda uma diferença nas relações dos signos dos diversos sistemas a serem estudados pela semiologia, sendo tarefa da nova ciência, tipificar essas relações que podem ser desde “*totalement arbitraire*”, no caso das línguas, até o ponto em que o caráter arbitrário é abandonado, aproximando-se da noção de símbolo. Uma outra questão ainda surge: “Que se fez que a semiologia não se impõe como ciência a parte?” ao que se responde “É que o sistema principal de signos é a língua e é apenas estudando os signos da língua que conheceremos seus lados essenciais, sua vida”^p (RIE II, p. 10).

A aula é inteiramente dedicada a questões gerais da semiologia, delimitando seu alcance e colocando a língua como seu principal sistema, sem menção alguma à escrita. No dia seguinte, o linguista escreve uma carta a Havet agradecendo a publicação no jornal que, pelo seu teor, indica que Saussure não conhecia o conteúdo do *Mélanges* até o ler no periódico. Na carta, Saussure levanta a questão da escrita, ao que diz:

Fiquei fortemente interessado, e creio que outros linguistas genebrinos o ficarão como eu, pelo paralelismo e a oposição que você estabelece entre *língua escrita – gramática – sintaxe* e de outro lado: *língua falada – linguística fonética*. Se não me engando, uma ideia mais ou menos vizinha da sua se encontrava naqueles pelos quais eu mesmo me vi conduzido, e que acabo de professar a propósito da língua, mas sem que pudesse ver infelizmente se a coincidência é tão perfeita como eu gostaria, - seria, de qualquer maneira, quase vão querer expor em duas palavras esse ponto de vista e as divergências possíveis com o que você expôs apenas para leitores não especialistas^q (*Lettres*, p. 512)

O genebrino marca, na carta, que sua posição frente ao tema não coincide com a de Havet, apesar de próximas. Observamos, entretanto, que se já havia um deslocamento, em 1908, por parte de Saussure, sobre ao lugar da escrita em relação ao que proferira no ano anterior, após o texto de Havet, com sua radicalidade acerca da questão, a posição do primeiro curso não retorna. Em uma análise bastante detalhada da influência do texto de Havet sobre as formulações saussurianas, Testenoire (2016, p. 41) conclui que:

É digno de nota que após a publicação do artigo de Havet, a oposição do oral e do escrito não é mais mencionada por Saussure como uma dualidade da língua. Também é possível que o texto, com sua confusão entre língua escrita/língua falada e sincronia/diacronia, houvesse contribuído para apagar do projeto saussuriano a autonomia de uma “linguística da língua escrita” aventada no primeiro curso de linguística geral.^r

Apesar de a radicalidade de Havet ser questionada pelo próprio Saussure, como nos diz Testenoire, tanto a dualidade entre oral e escrito, enquanto dualidades da língua, quanto a autonomia de uma ciência linguística da escrita não retornam mais na obra do genebrino. Ao mesmo tempo que observamos esse movimento de afastamento da escrita do cerne da linguística, a escrita insiste e surge no texto saussuriano como “termo de comparação” em diversos momentos.

O que queremos mostrar com nossa leitura é que o gesto inicial de Saussure de excluir a escrita do objeto linguístico permite com que esta atue no mais fundamental da língua, demonstrando seu funcionamento. Em nossa leitura, é justamente a homologia que se estabelece entre os dois sistemas que permite essa dobra da escrita sobre a língua. É, pois, por compartilharem um cálculo comum, uma escrita sem análogo, que os sistemas em questão se dobram um sobre o outro, a ponto, por exemplo, de serem tomados um como representação do outro⁹⁵. Tais torções só foram possíveis a Saussure, em certa medida, mesmo sem o saber, no plano da semiologia.

Nesse sentido, destacamos a importância da semiologia para a relação entre língua e escrita e como isso produz efeitos quando deslocado, como o foi pelos editores. Ao realocarem esse fragmento fundamental para a delimitação da semiologia – o dos tt – no capítulo sobre o valor, Bally e Sechehaye tomam uma decisão editorial e teórica: reforçar os axiomas da linguística por meio de uma “bela comparação” em detrimento de uma maior visibilidade à nova ciência vislumbrada por Saussure, a semiologia.

Se na Introdução os editores compilam as teorizações saussurianas sobre a escrita, formuladas – vale lembrar – num quadro epistemológico de ruptura com a filologia, no capítulo do valor a escrita entra em cena como “termo de comparação” (CLG-br p.138). Como buscamos mostrar, a maior parte do capítulo sobre o valor linguístico deriva do terceiro curso, enquanto que o fragmento em que Saussure “compara” língua e escrita para reafirmar o caráter do valor nos reenvia ao início do segundo curso, quando a semiologia é introduzida enquanto “uma ciência mais ampla que a linguística [...] [da qual] a língua ocupará o compartimento principal”^s (RIE II, p. 7).

Com tal gesto dos editores, a semiologia fica enfraquecida e reduzida a duas páginas na introdução do livro de 1916, e a escrita, tal como reintroduzida no capítulo do valor, passa a figurar como uma “bela comparação”, não mais enquanto sistema privilegiado de uma teoria geral dos signos ao lado da língua. O trabalho dos editores, no entanto, deixa marcas. O próprio efeito

⁹⁵ É a própria homologia a permitir que se diga que a escrita representa a língua, e que isso funcione até certo ponto.

de ruptura com o capítulo sobre a representação da língua, quando lido como uma dessas marcas, nos permite uma abertura para pensar a escrita de um outro lugar.

Para Chiss e Puech (1988 [1996]), por exemplo, é justamente nesse ponto do capítulo sobre o valor que há uma “inversão inesperada” do que Saussure compreenderia como escrita: “Enquanto a lógica do capítulo VI, ‘Representação da língua pela escrita’, deveria levar a situar a escrita em relação à língua, [no trecho acima] é a escrita que ‘figura’ [...] o núcleo da concepção saussuriana da língua, isto é, a teoria do valor” (ibid., p. 46). Apesar de nos aproximarmos da interpretação dos autores, nossa leitura evitaria o termo “inversão”, uma vez que se trata de pontos de vista distintos, objetos distintos, portanto. A escrita do capítulo VI não é a mesma escrita que encontramos no trecho sobre a teoria do valor ou, mesmo fazendo uma leitura cronológica, ambos pontos de vista podem ser observados no segundo curso, não havendo, assim, uma sucessão de concepções de escrita, mas a escrita tomada sob diferentes pontos de vista.

Na leitura de Derrida, por outro lado, Saussure defenderia a subordinação/exterioridade da escrita em relação à língua durante todo o CLG. Seria, porém, justamente no capítulo VI da “Introdução” que este daria margem, na interpretação do filósofo, para questionar o lugar atribuído à escrita:

“[...] por que daria ele tanta atenção a este fenômeno externo, a esta figuração exilada, a este fora, a este duplo? Por que julga ele ‘impossível fazer abstração’ do que é, entretanto, designado como o próprio abstrato em relação ao dentro da língua? [...] A escritura teria, pois, a exterioridade que é atribuída aos utensílios; sendo, além disso, ferramenta imperfeita e técnica perigosa, diríamos quase que maléfica. Compreendemos melhor por que, em vez de tratar desta figuração exterior num apêndice ou nas margens, Saussure a ela consagra um capítulo tão trabalhoso quase que na abertura do Curso. É que se trata, mais do que de delinear, de proteger e mesmo restaurar o sistema interno da língua na pureza de seu conceito contra a contaminação mais grave, mais perversa, mais permanente que não parou de ameaçá-lo, até mesmo alterá-lo, no decorrer do que Saussure quer, de qualquer forma, considerar como uma história externa, como uma série de acidentes afetando a língua, e lhe sobrevivendo do fora, no momento da ‘notação’ (p. 34), como se a escritura começasse e terminasse com a notação” (DERRIDA, 1967, p. 41-42).

Nossa leitura não poderia estar mais distante da de Derrida. O movimento de Saussure com relação à escrita no capítulo da “Introdução” do CLG está diretamente ligado à ruptura com a filologia de Wertheimer e diz respeito exclusivamente ao trabalho do linguista. Ao seguimos o texto de 1916 até o capítulo da fonologia, por exemplo, vemos que o uso que o genebrino faz da escrita é distinto para o linguista e para o sujeito falante. Para este, como tratamos em nosso capítulo quarto, a escrita é ideográfica, enquanto que para o linguista ela serve para transcrição da língua. A redução que o filósofo faz da compreensão de Saussure sobre a escrita para permitir a elaboração de sua ideia de “arquiescritura” pode ser questionada a partir de elementos presentes no próprio CLG, sem a necessidade de uma leitura dos manuscritos autógrafos ou dos cadernos dos alunos.

A edição de Bally e Sechehaye, como qualquer trabalho editorial, com seus cortes, torções e deslocamentos, não apaga o fazer de Saussure com a escrita. É fundamentalmente a partir do fragmento realocado no capítulo do valor que Chiss e Puech (1986) leem uma alternativa para se pensar, com Saussure, a escrita para além da representação. É enquanto operação de formalização que a escrita assumiria um papel no capítulo do valor. Para os autores (1986, p. 49):

De fato, se a língua é apenas ‘uma máscara arbitrariamente construída e que não atinge real algum’ (Saussure, 1972, p. 24), por qual outro meio senão por uma escrita mostrar suas características próprias, suas divisões, suas operações? Vemos assim o que sugere em termos fundamentais o capítulo sobre o valor, e que poderíamos resumir com a fórmula lapidar extraída de M. Safouan: “Para saber como é feita a língua é preciso em primeiro lugar escrevê-la e não o inverso” (1982, p. 29). Se convém extrair as implicações metodológicas dessa tese, podemos também dar-lhe sua extensão máxima: **‘A linguagem não seria o que é se não implicasse** (a título de consequência e não, como parece ser a tese de Jacques Derrida, a título de origem, de essência ou de causa formal) **a possibilidade da escrita’** (1982, p. 7).

Nesse sentido, a homologia que sustentamos haver entre os dois sistemas nos possibilita pensar a proposta de Chiss e Puech como essa dobra da escrita, desde fora, ao estrutural da língua. Essa dobra, porém, se dá a partir disso que o psicanalista Moustafa Safouan, trazido pelos autores, considera uma consequência da linguagem, o fato de esta implicar a possibilidade da escrita, uma proposição que parece estenografar o movimento que lemos em Saussure de uma delimitação exterior da escrita, mas que não exclui um dentro.

Também na leitura de Harris (2000), linguista inglês que dedicou grande parte de sua obra ao estudo da escrita e também tradutor da versão inglesa do CLG, o fragmento dos tt é fundamental para instaurar uma nova forma de pensar a escrita no ocidente. O linguista inglês acredita ser justamente essa a passagem chave em que o

estruturalismo faz sua entrada no *scriptorium* ocidental, em um momento cuidadosamente escolhido e com um objetivo bem específico em vista [...] Então se, apesar da natureza ‘material’ da escrita, pode-se mostrar que o valor *formal* do signo escrito é puramente negativo, expandir essa conclusão para o signo linguístico seria um corolário natural¹ (2000, p. 49-50 – itálico do autor).

O momento escolhido e o objetivo específico em vista a que se refere Harris são justamente o parágrafo “O valor linguístico considerado em seu aspecto material” e a necessidade de sustentar o caráter puramente negativo do signo. Ao atribuir esse status ao signo escrito – puramente negativo e diferencial – Saussure reforça a crítica que faz desde o início de seu ensino à Bopp e seus antecessores, e que Harris estende a Platão, de que não se distinguia letras e sons. Para Harris, esta é uma crítica não apenas a uma visão de escrita, mas a todo um pensamento acerca da língua(gem) [*language*, no original]. Na interpretação do linguista inglês, “não é apenas uma questão de corrigir uma visão equivocada da escrita, mas de organizar todo nosso pensamento sobre a linguagem [*language*]. A semiologia da escrita é sobre muito mais que a escrita”^u (ibid., p. 52).

Também em Harris, percebemos uma leitura que atribui grande importância ao movimento de Saussure com a escrita no sentido mesmo de rearranjar todo o pensamento ocidental sobre a língua. Esse rearranjo, como observamos em nosso terceiro capítulo, ocorre logo na primeira aula do primeiro curso em que Saussure é categórico em negar o “signo pré-linguístico” logo após o escrever: $\frac{\text{palavra escrita}}{\text{palavra falada}}$ (Rie I, p. 6).

A leitura de Harris não é, porém, isenta de críticas. Para o autor, se o movimento de Saussure insere o estruturalismo no *scriptorium* ocidental, quando o próprio linguista o põe em funcionamento, como no caso dos tt, “ele não cumpre com o que promete”^v (ibid. p. 58). Após uma análise minuciosa da extensão do caso dos tt (ibid., p. 58-63), apesar de questionável em alguns pontos, podemos depreender duas considerações significativas e dignas de nota.

A primeira diz respeito ao fato de que ao mesmo tempo em que Saussure toma a escrita como um sistema separado da língua, ele também o toma como um conjunto de “metassignos que servem para significar os signos da fala”^w. Isso ocorre de forma flagrante no manuscrito *Sobre a dupla essência da linguagem* em que, logo após estabelecer a homologia entre língua e escrita, o genebrino tenta dar conta de articular os dois sistemas, ao que lemos:

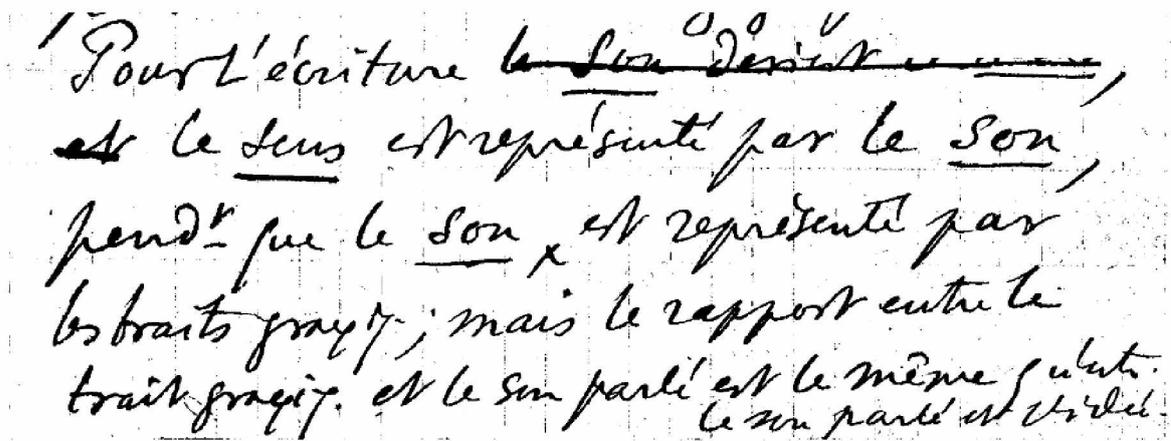


Figura 22 Reprodução de fragmento inferior da página do manuscrito *Double essence*. Conservado na BGE, sob a cota AdS 372bis 010 f006, gentilmente cedida pela Profa. Dra. Eliane Silveira.

Para a escrita o som se torna o sentido, e o sentido é representado pelo som, enquanto que o som é representado pelos traços gráficos; mas a relação entre o traço gráfico e o som falado é o mesmo que entre o som falado e a ideia.

Entretanto, no que tange os cursos de linguística geral, bem como aquilo que se lê no livro de 1916, há contextos bastante específicos para cada uma dessas abordagens da escrita, como já discutimos anteriormente. De dentro da linguística e voltada aos linguistas, a escrita, de fato, é pensada por Saussure como um conjunto de metassignos que servem para significar os signos da língua falada; a partir de outro ponto de vista, o semiológico, isso não ocorre, e um exemplo disso é o próprio caso dos tt: “os signos da escrita são arbitrários; nenhuma relação existe entre a letra *t*

e o som que ela designa” (CLG-br, p. 138). O excerto só nos serve de contraexemplo se tivermos em mente a observação de Arrivé mencionada neste capítulo, na seção 5.1, quando o autor marca uma substituição dos editores, de “a coisa” como se lê nas notas dos alunos para “o som”, como aparece no CLG. Dessa forma, parece-nos que, apesar da crítica de Harris, ainda conseguimos sustentar nossa leitura sobre a apreensão que Saussure faz da escrita a partir de dois pontos de vista diferentes, sem, de um modo geral, tomar um pelo outro.

Um segundo ponto interessante da análise de Harris é precisamente o da materialidade do signo escrito:

E a discussão de Saussure de que “o modo real de inscrição é irrelevante? A letra *t* em preto ou em branco, em tinta ou giz, ainda é a letra *t*. Correto. Mas isso é uma mera tautologia não um princípio de análise semiológica. Do ponto de vista do semiólogo, uma letra preta ou uma letra branca, uma marca em tinta ou uma marca em giz, podem muito bem ser signos diferentes com significações diferentes^x (ibid., p. 63).

De fato, Saussure constrói sua teoria linguística a partir da relação negativa e diferencial dos signos excluindo do campo da linguística qualquer relação com o aspecto material de seu suporte: “a língua é uma forma e não uma substância” (CLG-br, p. 141 | CLG-fr, p. 169). É dessa maneira que ocorre com o som, não seria diferente com a letra. O trabalho de Hjelmslev, por exemplo, ao tomar como lema o axioma saussuriano, busca desdobrar forma e substância a partir da noção de signo do mestre genebrino. Há, então para o dinamarquês, um desdobramento do signo que poderia ser ilustrado a partir da vaga saussuriana da seguinte maneira:

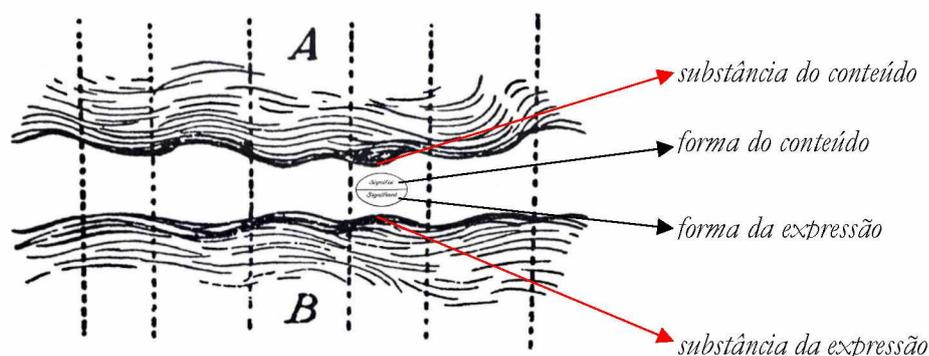


Figura 23 Forma e substância em Hjelmslev. Esquema adaptado de CLG-br p. 131. Autoria nossa.

Se A indica um “plano indefinido de ideias confusas” e B um “plano não menos indefinido de sons” (CLG-br, p. 130) em que as linhas tracejadas marcam os pontos em que tais massas se tocam produzindo uma vaga, ou seja, um signo, este, assim como a vaga, não são senão o ponto de união de A e B, sem que estes componham a natureza do elemento criado. Com esse esquema, Saussure elimina a materialidade das massas justamente por não comporem o elemento formado a partir de sua união. Para a análise do sistema linguístico ou, antes ainda, para se poder tomar a língua enquanto sistema, a operação de exclusão de A e B é fundamental pois permitiu ao

mestre genebrino estabelecer o caráter negativo e diferencial do signo, o que seria impossível se houvesse uma materialidade que o identificasse por si.

Porém, ao navegarmos pelas vagas da língua, a nós, sujeitos falantes, nos interessa saber se navegamos em mares calmos ou de vendavais. Talvez não seja de um “saber que interessa”, mas dos efeitos que dele sofreremos. O projeto de Hjelmslev vai nessa direção. Ao incorporar à sua teorização a substância, ou seja, o ponto material em que A e B se tocam, ele abre um novo campo de investigação sem, no entanto, comprometer o núcleo do pensamento de Saussure, a teoria do valor.

Se seguirmos a leitura de Milano (2017) sobre o fônico em Saussure, sobretudo a partir de sua retomada da “fonética semiológica” proposta pelo genebrino no manuscrito *Phonétique*, podemos dizer que, da mesma maneira como ocorreu com a escrita, o fônico, excluído da língua, encontra um campo profícuo na semiologia: “Saussure identificou a necessidade de produzir uma semiologia das unidades fônicas da língua ancoradas sobre a determinação dada pela impressão acústica” (MILANO, 2017, p. 95). Com essa leitura, a linguista afirma que “a materialidade acústica não desempenhou um papel secundário no projeto semiológico de Saussure”. (ibid., p. 95).

No caso dos tt, a operação de exclusão executada por Saussure é a mesma. Não é a materialidade visível que determina *per se* o valor da letra, mas sua relação com as demais letras dentro de um sistema. Fica de fora – e esse movimento é fundamental para que se constitua o sistema – sua matéria: branca, preta, em alto ou baixo relevo, feita a pena ou cinzel.

É precisamente nesse ponto que se desfaz a homologia que vimos até aqui sustentando. A homologia só pode ser estabelecida no registro do simbólico, enquanto língua e escrita funcionam como sistemas de signo, apreendidos em sua relação negativa e diferencial. A relação homológica se desfaz quando consideramos a substância que dá corpo a tais sistemas. Tomados nesse registro, desprovidos absolutamente de qualquer significação, som e letra produzem efeitos distintos.

Trazermos de volta o que Saussure excluía de início, o “aspecto material do signo” em sua dimensão de substância não é ir contra Saussure e propor algum tipo de relação lá onde o linguista vislumbrou a *irrazão*. Ao contrário, retomá-lo é ir com Saussure e fazer valer a *irrazão*, buscando entender seus efeitos. Foi precisamente essa *irrazão* que o próprio Saussure soube ler e ouvir nos anagramas e nas inscrições frígias. Foi também por meio dessa *irrazão*, dessa radicalidade material que permitiu a operação e a transmissão da letra de Saussure.

Nossa tentativa de retomada dessa dimensão “substancial”⁹⁶ não visa a sua reinserção no signo, mas na medida em que essa substancialidade ganha consistência imaginária e faz corpo. É a partir dessa dimensão da letra – e do som – que nos lançaremos no próximo e último capítulo.

⁹⁶ Os termos “material” e “concreto” são escorregadios, uma vez que o próprio Saussure os utiliza para descrever o significante e o signo em sua dimensão estritamente psíquica, sem nenhuma relação com a “materialidade física”, a “substância” do som e da letra.

Capítulo 7 Do que se escreve e do que não se escreve da língua

*Imaginar que se pode prescindir, em linguística, dessa salutar
lógica matemática, sob o pretexto de que a língua é uma coisa
concreta que “vem a ser” e não uma coisa abstrata que “é”; é,
segundo creio, um erro profundo, inspirado, no início, pelas
tendências inatas do espírito germânico.
Sobre a dupla essência da linguagem
Ferdinand de Saussure*

*Como poderia Saussure ter feito sua pequena barra, da qual
usei e abusei suficientemente, com o troço de baixo e os troços
de cima, se não houvesse escrita?
De um discurso que não fosse semblante
Jacques Lacan*

Durante nosso percurso de leitura da letra de Saussure, insistimos na relação homológica entre língua e escrita. Ou seja, enquanto sistemas, ambas apresentam um funcionamento comum, distinto dos demais sistemas de signos. Para que isso fosse feito, o que até aqui chamamos de “dimensão substancial” da escrita foi excluído. Operação fundamental para se pensar o sistema tal como proposto pelo mestre genebrino, estruturado por relações negativas e diferenciais.

Nosso último passo, será, portanto, uma tentativa de pensar essa substância exterior ao sistema que, mesmo externa (ou talvez por isso mesmo), incide sobre ele. Para isso, um primeiro gesto é o de examinar o estatuto dessa substância e diferenciar algumas formas de como esta age sobre o sistema.

Nosso ponto de partida será uma reflexão que nos parece bastante produtiva de Hjelmslev sobre a substância. Como já dissemos em capítulos anteriores, o linguista dinamarquês desenvolve uma leitura bastante particular do CLG, tendo como chave a formulação de que a língua é forma e não substância. A radicalidade com a qual Hjelmslev trata o axioma o permite, num primeiro momento, a exclusão completa dessa “substância” para o estudo da língua. Nessa exclusão radical, o linguista questiona o caráter de liame natural com que o som é compreendido, sobretudo, pelos linguistas de Praga. A partir disso, som, letra e gesto apresentam o mesmo estatuto face à forma, o que também pode ser lido, em alguns momentos, em Saussure, como já pontuamos.

Cabe ressaltar que o objeto de estudo de Hjelmslev era a forma, mas a radicalidade com que tratou do axioma saussuriano abriu um novo campo de possibilidades para se pensar a substância com a qual a língua ganha corpo. O que gostaríamos de destacar da leitura do dinamarquês, que acreditamos pertinente para nossa discussão, diz respeito a um deslocamento teórico que pode ser localizado num texto de 1957, “Por uma semântica estrutural”, em que o caráter radicalmente externo da substância é matizado. Nossa leitura se guiará pelo trabalho de Dayanne Lima (2016), “Forma pura e forma material: oralidade e escrita a partir de Hjelmslev”, em

que retraca o percurso teórico do autor, chamando atenção para o deslocamento em relação à substância.

É preciso ressaltar que mesmo tendo Saussure como referência, o desenvolvimento da glossemática, teoria postulada por Hjelmslev, apresenta conceitos de língua e do lugar do sujeito distintos daqueles do genebrino. Nesse sentido, traremos as considerações do dinamarquês apenas pontualmente e com cautela a fim de não inviabilizar a concepção de língua que defendemos na tese.

Partiremos então da releitura que Hjelmslev faz da forma e da substância saussurianas cujo esboço apresentamos na figura 23, no sexto capítulo. O dinamarquês desdobra os termos saussurianos em forma da expressão (que corresponderia ao significante saussuriano), forma do conteúdo (relativo ao significado), substância da expressão (referente à matéria em que se sustenta o significante) e substância do conteúdo (relativo ao pensamento). Tal proposta se dá porque, para o autor, segundo Lima (2016, p. 77):

o modo como Saussure distinguiu forma e substância dá margem para a ideia de que a substância da expressão e do conteúdo existem independentemente da forma linguística, são anteriores a ela. Por isso, ainda que conserve a terminologia saussuriana, Hjelmslev distingue-se do genebrino ao defender que “[...] a substância depende exclusivamente da forma e que não se pode, em sentido algum, atribuir-lhe uma existência independente” (HJELMSLEV, 2013 [1943], p. 55).

É interessante a concepção de Hjelmslev de que a substância é sempre já o resultado de uma operação da forma. Ou seja, o som – ou o traço – que sustenta o significante é já o resultado de uma apreensão da língua, eles não lhe são anteriores, não sendo também, conseqüentemente, independentes.

Nesse momento de sua reflexão, apesar de pontuar a operação da forma sobre a substância, o dinamarquês enfatiza o caráter extralinguístico desta. É na década de 1950 que o linguista retornará ao tema com outro olhar ao propor haver uma imposição da substância sobre a língua. Assim, o caráter extralinguístico da substância é revisto, o que produz uma nova distinção. É essa distinção que nos interessará para seguirmos nossa reflexão.

Hjelmslev, nessa retomada, observa que “a substância é, pois, afetada pela semiótica e, por isso, a substância está além da condição de pura matéria” (2016, p. 93). Com isso, o dinamarquês se vê diante de duas “substâncias”: uma “afetada pela semiótica”, ou seja, recortada pela forma, e a “matéria pura”. Estabelecem-se, assim, três níveis: forma, substância e matéria. A articulação que Hjelmslev proporá entre tais níveis, de acordo com Lima, é o da *manifestação*. Ducrot (1972, p. 33 *apud* Lima, 2016, p. 94) sintetiza tal articulação da seguinte maneira: “a substância é a manifestação da forma na matéria”. É nesse ponto que interrompemos nossa entrada pela glossemática. Se entendermos essa relação como uma manifestação, a escrita – aquela que estamos

chamando de ordinária – correria o risco de ser reduzida a um suporte material e não mais, como vimos defendendo, um sistema de signos que, enquanto tal, possui uma ordem própria.

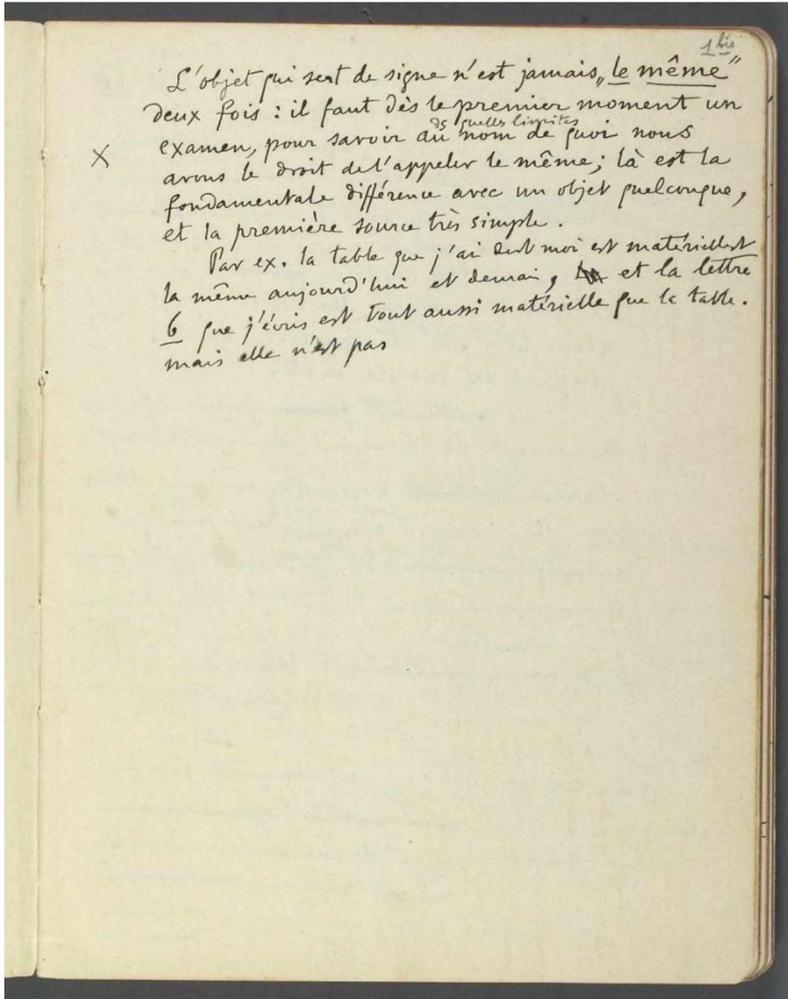
O que nos interessa, portanto, na teorização do dinamarquês, é a introdução⁹⁷ da distinção entre substância semiótica (que, em 1957, chamará de forma material) e matéria pura, estritamente física, e a conseqüente introdução da forma material no campo da linguística. Retomemos, mais uma vez, a leitura de Lima:

Não é a matéria, mas a substância semiótica (ou matéria transformada) que atinge sensorialmente e *linguisticamente* os sujeitos. Ao distinguir forma, substância e matéria, Hjelmslev coloca em evidência o sujeito da linguagem: Tudo que o afeta é da ordem linguística. Para que ele interprete uma unidade como sendo linguística, não basta que esta se apresente apenas como matéria (um som ou uma grafia aleatória que não manifesta nenhuma combinatória, por exemplo), mas como algo que se desloca do mundo puramente físico e entra no jogo da língua.

A *forma material* (ou substância semiótica) é o que afeta o sujeito falante, sendo, assim, de ordem linguística. O percurso do dinamarquês que trouxemos aqui parece ecoar, de outro lugar, o que Milano (2016; 2017) retoma do manuscrito saussuriano *Phonétique*, qual seja, uma dimensão do fônico passível de análise cujo campo o genebrino chamou de fonética semiológica. Parece haver, portanto, um campo que ex-siste à língua em que uma dimensão da matéria é passível de análise.

O aspecto material se constitui, de fato, como um impasse na teorização saussuriana. Se retomarmos as “Notas para um artigo sobre Whitney”, documento já trabalhado em capítulos anteriores, podemos perceber a dimensão desse impasse. Saussure abre suas notas tratando da questão da identidade: “o objeto que serve de signo jamais é o mesmo duas vezes” e, para ilustrar o axioma, é a escrita que é posta em cena: “a mesa que tenho diante de mim é materialmente a mesma hoje e amanhã, e a letra b que eu escrevo é tão material quanto a mesa, mas não é []” (ELG-br, p. 175). Branco. Segue abaixo o manuscrito desse fragmento:

⁹⁷ Chamamos de introdução pois foi a partir da glossemática que esse caminho se mostrou produtivo. Entretanto, como pontuamos em alguns momentos de nossa leitura, Saussure já ensaiava essa distinção, como no manuscrito *Phonétique* e nas críticas à fonologia dos neogramáticos, que, para o genebrino, suprimiam a orelha, ou seja, a apreensão pelo sujeito falante da matéria fônica.



O objeto que serve de signo jamais é o “o mesmo” duas vezes: é preciso, desde o primeiro momento, um exame (ou uma convenção inicial) para saber em nome do que, dentro de que limites, temos o direito de chamá-lo o mesmo; é essa a diferença fundamental com relação a um objeto qualquer, e a primeira fonte muito simples.

Por ex. a mesa que tenho diante de mim é materialmente mesma hoje e amanhã, e a letra b que eu escrevo é tão material quanto a mesa, mas não é []

Figura 24 Reprodução de fragmento do manuscrito *Notes pour un article sur Whitney*. Conservado na BGE, sob a cota Ms. fr. 3951/10, f 01.

Saussure busca estabelecer uma relação entre identidade e materialidade, o que funciona para a mesa. Ao propor uma analogia com a letra *b*, a fim de evidenciar a radical diferença entre um objeto “no mundo” e o signo de um sistema semiológico, o impasse se estabelece e se mostra no branco da página. O que a edição da Gallimard nos indica apenas com um “[]”, ao que, na linha seguinte, lemos a continuação do texto, no manuscrito observamos o abandono da página. Saussure só retoma sua escrita na página seguinte, sem nenhuma retomada do tema articulado na página anterior. Qual é então o caráter material da letra *b* que apontou para a impossibilidade de articulação com a mesa? Se a mesa é materialmente a mesma hoje e amanhã, o que faz com que a letra *b* não o seja – ou, ao menos, que isso seja impedido de ser formulado?

Parece ser justamente esse o ponto em que Hjeltslev se mostra pertinente. Há, no fragmento saussuriano, uma não disjunção entre matéria e forma material (ou substância semiótica). Se há, de um lado, algo na letra *b* que seja “tão material quanto a mesa”, há, de outro, algo de material que se inscreve “no jogo da língua”, fazendo com que sua identidade não seja estabelecida isoladamente.

A partir dessa disjunção entre matéria e forma material, lançaremos alguns elementos para se pensar a escrita em três direções distintas e que corresponderão às três seções deste capítulo: i. a escrita enquanto forma material na relação com o sistema linguístico; ii. o aspecto material da escrita que faz face ao sentido e se presta à formalização da língua e iii. a escrita frente ao impasse na formalização, ou seja, frente a algo da língua que resiste à inscrição. Cabe enfatizar que o que se propõe a seguir não são senão elementos inacabados de uma articulação a ser retomada posteriormente. Nesse sentido, este capítulo se caracteriza não apenas como uma tentativa de fechamento da discussão aqui proposta, mas, sobretudo, aponta para fora, para um caminho ainda a ser trilhado.

7.1 Uma matéria que insiste

O estabelecimento de um campo para se pensar a “substancialidade” da escrita – o que Hjelmslev chama de forma material – na relação com o sistema sem, entretanto, retornarmos a uma ligação à materialidade puramente física, nos permite agora algumas elucubrações sobre essa substância. Nossa leitura de Saussure até aqui delineou um funcionamento da escrita enquanto sistema que permite, nessa dimensão, atribuir à letra o estatuto de significante. Na escrita ordinária, as letras são encadeadas a fim de que, nas relações – negativas e diferenciais – produzidas nesse encadeamento, o sentido emergja.

Há, entretanto, uma outra dimensão que a escrita impõe e que, a nosso ver, diz de sua forma material, ou seja, da matéria física recortada pela forma, pelo sistema. Esse elemento, que não se encontra mais na massa amorfa da matéria, mas que tampouco se integra ao sistema, produz efeitos sobre este. A fim de refletirmos sobre esse aspecto da escrita, traremos uma pequena análise do texto autógrafo de Saussure, publicado em 1898, intitulado “Inscription phrygiennes”.

O texto sobre as inscrições frígias é elaborado a convite do arqueólogo Ernest Chantre, responsável pela descoberta das pedras, em Alacahôyük, na Capadócia, em 1893. A obra publicada por Chantre em 1898, *Mission en Cappadoce*, contava, além dos relatos de viagem, com textos analíticos dos “especialistas mais eminentes de nossa época” (CHANTRE, 1898, p. XVI), dos quais o paleógrafo Alfred Boissier e o assiriólogo Joachim Menant, que se encarregaram dos textos assírios, e Ferdinand de Saussure, “um de nossos mais distintos linguistas”^a (ibid., p. 12), que apresenta o estudo sobre as inscrições frígias.

Apesar da publicação apenas em 1898, a troca de correspondência com Boissier e Menant atestam o interesse de Saussure pelo material já em setembro de 1895 (cf. *Lettres*). Na primeira das cartas, endereçada a Boissier, Saussure expõe suas primeiras impressões e dúvidas sobre o sentido da leitura das inscrições e diz da dificuldade da leitura por meio das cópias que lhe

foram entregues, “Embora, por enquanto, eu não compreenda muito mais desses textos do que se eles estivessem redigidos em chinês”^b (In *Lettres*, p. 236). A falta de legibilidade é questão recorrente:

o enigma que eu busco em vão resolver [...] é o de compreender como um tal desacordo pode existir entre o que se lê sobre essa pedra e o que parece legível sobre sua imagem fotográfica. [...] Eu hesito entre o testemunho de meus olhos e o testemunho evidentemente bastante forte daquele que pôde examinar e tocar com suas mãos os traços da inscrição^c (ibid., p. 237).

A precária legibilidade das imagens que lhe foram providenciadas⁹⁸ – cabe ressaltar que Saussure não teve contato direto com as peças, arquivadas no museu de Constantinopla – colocaram Saussure num embate intenso com a materialidade da escrita.

Nesse mesmo período, entre 1894 e 1896, o linguista genebrino ministra cursos em que trabalha inscrições gregas arcaicas e inscrições persas (cf. GODEL, 1957, p. 24; LINDA, 1995-6, p. 77). É desse mesmo período o opúsculo “Sobre a essência dupla da linguagem”, que, segundo Joseph (2012, p. 380), teve sua escrita iniciada nos últimos meses de 1891 e sua retomada em 1894-5, durante a elaboração do artigo em homenagem ao linguista americano William Dwight Whitney (cf. JOSEPH, p. 411). Em ambos os textos – o opúsculo e o artigo à Whitney –, como já mostramos anteriormente, encontramos formulações sobre a escrita, formulações estas que ressoam nos cursos de linguística e que também nos auxiliaram na leitura do ensaio paleográfico.

O extenso trabalho de Saussure para a publicação do texto sobre as inscrições frígias nos deixou, de acordo com Marchese e Murano (2015, p. 101), páginas manuscritas que mostram um vivo interesse pela escrita em si e pela grafia desses textos. Entretanto, no artigo publicado, encontramos apenas o resultado desse movimento de leitura, uma série de descrições minuciosas. Nas palavras de Joseph, os comentários de Saussure sobre as inscrições são “tristes e absurdos, o tipo de comentário ridicularizado por Nabokov em *Pale Fire*. Ainda assim, apesar de sua superficialidade, ao menos os comentários de Saussure são verdadeiros”^d. (JOSEPH, 2012, p.426). As linguistas italianas, entretanto, atestam a atualidade desse trabalho de Saussure ressaltando sua menção, em 1984, por Lejeune e Brixhe, tendo alguns de seus questionamentos confirmados.

Uma hipótese para a falta de uma reflexão teórica sobre a escrita no texto publicado é o caráter do texto encomendado. Saussure é solicitado por Chantre enquanto especialista, um dos mais eminentes linguistas da época, o que pode ter resultado num texto mais contido nas reflexões teóricas e repleto de análises do material em questão.

O objetivo do ensaio é delimitado logo de início: “Tentaremos estabelecer o texto – a sequência material de letras – sem estender muito mais nossa ambição”^e (*Insc. Ph.*, p. 542). Apesar

⁹⁸ Cópias feitas *in loco* por Chantre e Boissier; estampagens feitas com as pedras já limpas; as réplicas [*moulages*] depositadas no museu do Trocadéro (no caso das faces IIB e IIC); fotografias de réplicas (no caso das faces I e IIA) e fotografias diretas (cf. *Insc. Ph.*, p. 543).

de se tratar de inscrições que utilizaram uma versão arcaica do alfabeto grego, a língua era ainda incerta: “Parece que esta língua é o frígio, ou se não for exatamente o caso, ao menos um dialeto tão próximo a esta última que a coisa, no estado restrito de nosso conhecimento, resulta absolutamente no mesmo”^f (ibid., p. 544). Outra dificuldade logo relatada por Saussure é a falta de pontuação entre as palavras, como ocorre nas inscrições midianas. Tal recurso gráfico, segundo o linguista, foi decisivo para a decifração destas últimas. A pontuação estava ausente também nos textos chineses clássicos, como nos conta Andrade (2016, p. 38). Fato apontado também por Lacan (1953 [1998], p. 315): “a pontuação colocada fixa o sentido, sua mudança o transforma ou o transtorna e, errada, equivale a alterá-lo”. Saussure busca, em vão, pontos de sentido para ancorar sua análise. Não os encontrando, parte para um minucioso trabalho com a forma material das letras, sua figuração visual.

O que nos interessa nesse ensaio é justamente o processo de estabelecimento das letras que, para Joseph, “beira o excessivo” (2012, p. 425), mas que remonta, *après-coup*, ao que lemos no CLG: “os signos da escrita são arbitrários”, “o valor das letras é puramente negativo e diferencial”, “os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido” (CLG-br, p.138-9).

No deciframento de Saussure, ou seja, na passagem da cifra à letra, o mestre genebrino se detém justamente na determinação das relações de valor encontradas no texto. Vejamos os fragmentos abaixo:

O κ [kapa] de -μεκασ [mekas] tem **uma forma que não se repete** em parte alguma nas duas inscrições, e que, a rigor, poderia levar a concluir ser outra letra que não κ (braços muito curtos, ligeiramente torcidos em forma de chama, ligando-se no mesmo ponto à haste vertical). É necessário, entretanto, observar que a forma do κ é em geral variável nas duas inscrições (*Insc. Ph.*, p. 547).^g

As cópias possuem ν [ni] em -κενε- [kene]. Já a estampagem me pareceria mais favorável ao μ [mi], [...]. Não apenas o traçado do quarto traço que compõe o m pode ainda se surpreender, mas podemos afirmar que um Ν [ni] nunca teria comportado uma distância semelhante entre a letra que o precede e a seguinte; **esse intervalo é ele próprio uma prova do m** (ibid., p. 548).^h

Os exemplos poderiam se seguir *ad nauseam*. Com esse minucioso e quase excessivo trabalho decifratório de Saussure, o autor levanta elementos fundamentais sobre a escrita (pontuação, bidimensionalidade, direção de leitura, espaços entre letras). Infelizmente, a “inconsciência paleográfica” não faz com que haja qualquer formulação teórica nesse sentido; aqui, esses elementos não aparecem senão como ferramentas decifratórias.

Por outro lado, o que nos mostra Saussure – sem o formular – é o efeito de evidência que o sistema proporciona às suas unidades, que no fragmento trazido do CLG sobre os diferentes tt já nos são apresentadas enquanto entidades. Na leitura de Pereira de Castro, apoiada em Milner

(2002), “uma entidade pode permanecer idêntica a si, mesmo se sua substância material mudar. Por outro lado, é possível alterar uma entidade cuja substância material não tenha mudado”²¹ (2017, inédito). Diante disso, podemos pensar a noção de entidade ligada diretamente à sua posição no sistema. Essa noção de entidade, a *mise en système*, é justamente o que falta às inscrições a serem decifradas. E é esse o esforço de Saussure. Seu trabalho minucioso põe em cena, portanto, aquilo que será formalizado no segundo curso de linguística geral, tornando-se um dos exemplos capitais sobre a teoria do valor.

O trabalho de Saussure, nesse texto, nos parece duplo. Num primeiro momento, o genebrino busca estabelecer a incidência da forma sobre a matéria, ou seja, a maneira como o sistema recorta a matéria, os sulcos na pedra, tornando-lhes letras, forma material. Na análise da primeira linha da primeira inscrição, um traço barra a leitura de Saussure:

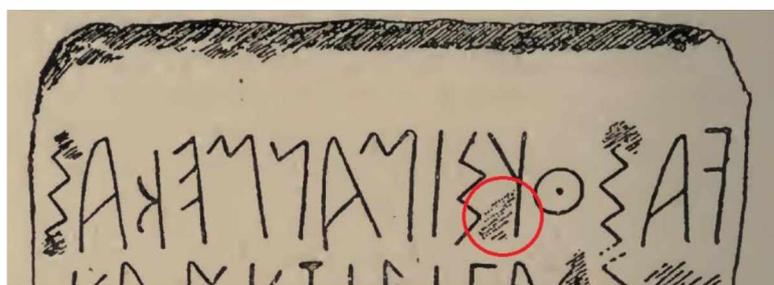


Figura 25 Fragmento superior de *Inscription I*. In *Insc. Ph.* p. 546.

Nota. – Embaixo do υ de $\text{F}\alpha\sigma\sigma\upsilon$ existe um pequeno quarto de círculo (X) visível com um pouco de esforço em todas as reproduções. Mencionemo-lo para evitar um erro àqueles que tentarão ler aí $\text{F}\alpha\sigma\sigma\kappa$ -. O traço apenas teria importância se pudesse se passar pelo resto de um traço mais profundo, mais ou menos obliterado, mas este não é o caso ao examiná-lo, e o traço, de onde ele provém, tinha que ser sempre tão pálido quanto agora. Ele não tem significação possível desde então.†

Há de se decidir o que é e o que não é letra. Um exercício de leitura que visa a imprimir à matéria a forma, extraíndo-se assim a forma material, o que se dá a ler. Um movimento semelhante pode ser observado na aquisição da escrita pela criança quando o outro atribui uma legibilidade aos traçados infantis. Segundo Bosco (2005, p. 272), que desenvolveu uma extensa análise da escrita infantil a partir do nome próprio,

A leitura permite costurar um sentido a partir do não sentido das realizações gráficas infantis, produzindo para elas uma textualidade. Essa legibilidade tecida pelo outro sob efeito de cadeias manifestas e latentes, ainda que resulte de consistência imaginária, mostra que, apesar de o escrito infantil apresentar-se como um excesso em relação à língua normatizada, não impede o movimento do outro na busca de uma interpretação possível.

É precisamente sobre esse excesso que Saussure executa seu primeiro movimento. Existe, nesse sentido, um trabalho com o escrito que Allouch chama de transcrição, “escrever regulando o escrito com base em alguma coisa fora do campo da linguagem” (1994 [2008], p. 17). Em seu

texto, Allouch atribui ao som esse lugar fora da linguagem. Apoiamo-nos na leitura que Bosco (2005, p. 129) faz da obra do psicanalista francês incluindo aí o traço escrito. Com essa operação, “entra-se no campo da linguagem”, e “o objeto produzido pela transcrição nunca é mais que objeto determinado, ele também, pela linguagem” (ALLOUCH, 1994 [2008], p. 15).

O segundo movimento da decifração de Saussure é o recalçamento da forma material, ou seja, apreender a sequência de letras em sua dimensão de significantes, a partir das relações negativas e diferenciais que estabelecem com os demais elementos da cadeia, sem nenhuma referência à materialidade. Como pontuou Saussure, “a única coisa essencial é que o signo [*t*] não se confunda em sua escrita, com o do *l*, do *d* etc.” (CLG-br, p. 139).

Esse processo de recalçamento da imagem é tratado no trabalho de Borges (2010), também na análise da aquisição da escrita pela criança. A autora retoma o termo freudiano *Darstellung*, utilizado pelo psicanalista para tratar das “formas imaginárias de apreensão do sonho, do sintoma histérico e dos rituais obsessivos” (ibid., p. 157). O termo alemão, comumente traduzido por “representação”, aponta mais para uma “apresentação plástica e figurativa”, distinguindo-se, por exemplo, de termos como *Repräsentanz* e *Vorstellung*. Para a autora, assim, “a *Darstellung* remete à figuração plástica do gozo que excede toda programação significativa” (ibid., p. 157).

A autora, a partir do conceito freudiano, parte então para uma analogia entre o que supostamente⁹⁹ teria ocorrido na história da escrita e o que ocorre na aquisição da escrita pelas crianças:

De modo análogo ao que ocorreu na constituição histórica de nossa escrita, a alfabética, quando crianças, no processo de alfabetização, fomos obrigados a recalcar o gozo das imagens das letras em prol do seu valor na relação com suas vizinhas. No entanto, ainda assim, as imagens das letras rememoram este gozo que diz respeito ao gozo do corpo [...] que teríamos tido no tempo mítico anterior ao recalque (BORGES, 2010, p. 157).

Nesse sentido, a interdição da letra como imagem é fundamental para que se passe da representação imaginária à ordem simbólica. A caligrafia, por exemplo, é um trabalho no limiar dessa articulação, destacamos, em particular, os trabalhos de composições caligráficas comuns em língua árabe, como a composição abaixo em que a frase “Alí bn Âbû Tâlib, radiya Llâh ta ‘âlâ ‘anhu [Ali filho de Abu Talib, que Deus todo poderoso fique satisfeito com ele]” é composta de forma que a figuração se impõe à significação.

⁹⁹ Supostamente, tendo em vista a hipótese de Février mencionada em nosso primeiro capítulo de que teria havido uma escrita abstrata anterior às escritas figurativas.

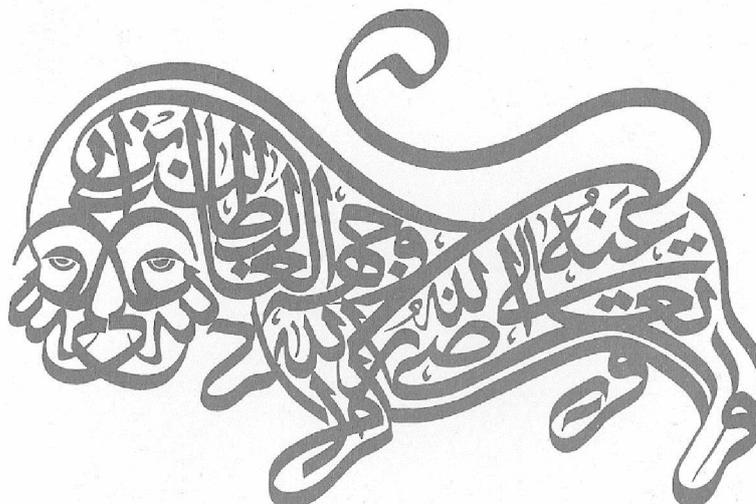


Figura 26 Composição caligráfica iraniana. Anônimo. séc. XIX. (KHÂN, 2011, p. 115)

Se buscarmos uma aproximação entre o trabalho exercido aqui por Saussure e aqueles descritos por Allouch (1994 [2007], p. 135 ss.) realizados por Freud na decifração do sonho e por Champollion no trabalho com as inscrições hieroglíficas cravadas na pedra de Roseta, uma diferença se impõe. Se tanto para Freud e os rébus oníricos quanto para Champollion e os hieróglifos egípcios haveria o dobramento de uma escrita figurativa em uma escrita alfabética, para o genebrino, o trabalho se localiza entre dois sistemas alfabéticos. O que os aproxima é o que chamamos de um “saber fazer com a escrita”, um trabalho de antecipação de uma certeza a fim de produzir uma leitura. Allouch (ibid., p. 119), nesse sentido, diz que “decifrar implica pôr em jogo uma outra dimensão, a intervenção do que Lacan chamou de ‘saber textual’, que por si só dá à leitura sua certeza, fazendo-a de pato¹⁰⁰ do escrito”. Há assim um trabalho com o escrito determinado pelo próprio escrito do qual ao leitor só cabe o lugar de pato, deve-se fazer de bobo se se quiser ler corretamente.

Se podemos ler desde o *Mémoire* os elementos que resultarão na elaboração do conceito de valor, o exercício decifratório apresentado no texto de 1898 é também um lugar do *corpus* saussuriano em que podemos ver, se não uma formulação, ao menos um saber-fazer com a escrita que aponta para aquilo que se tornará um dos pilares do projeto semiológico de Saussure, o caráter negativo e diferencial do signo.

7.2 A formalização em Saussure

Uma outra particularidade da escrita, já tratada ao longo de nossa tese é sua propriedade de objetivar a língua, torná-la objeto passível de análise. Em nosso capítulo quarto, discutimos duas

¹⁰⁰ Provavelmente trata-se de uma referência ao termo *duppe*, em francês, utilizado por Lacan para nomear seu vigésimo primeiro seminário “Les non-dupes errent [os não-patos erram]”, homófono de “Le nom du père [O nome do pai]” e de “Le non du père [O não do pai]”.

maneiras com as quais Saussure toca a língua: a escrita fonológica e a escrita matemática. Se a primeira possui um caráter eminentemente descritivo, o de transpor as realizações acústicas ao plano visual, tangível, possibilitando assim o trabalho do linguista, a segunda diz respeito a possibilidade de formalização.

No capítulo em que tratamos do assunto, trouxemos a leitura de Milner que pontua um movimento de Saussure de uma escrita pautada no empírico, a escrita fonética, para uma escrita desvinculada do aspecto empírico, quantitativo, da língua, uma escrita formal pautada por seu funcionamento cego. É sobre esta segunda escrita, a da formalização, que faremos algumas breves considerações.

Pudemos ler, nos diversos materiais do *corpus* saussuriano referentes à linguística geral, a ampla utilização, pelo mestre genebrino, de recursos matemáticos. O linguista sul-coreano Sung-Do Kim (2010 [2014], p. 113), ao se debruçar sobre o tema, estabelece três hipóteses para o que chama de “grafismo saussuriano”: a pedagogia, a epistemologia da modelização e a biografia intelectual. Em seu artigo, Kim discutirá tanto o caráter pedagógico quanto o epistemológico à luz das inovações tecnológicas da época, como a radiografia, que teriam instaurado uma nova relação da humanidade com o visível. Para além disso, o linguista ainda traz elementos biográficos do genebrino que apontam uma inclinação ao desenho. Em nossa leitura, focaremos na segunda hipótese de Kim (*ibid.*, 114), a epistemológica. Para o autor:

A segunda hipótese tem a ver com o projeto geométrico de Saussure, resultante, de um lado, da convicção de que o linguista deve reproduzir uma representação tão cerrada quanto o é o sistema da língua, com base na demonstração lógica ou ao menos gráfica; do outro, da orientação do trabalho conceitual do linguista que trata do espaço linguístico como tesouro, como espaço da circulação.

O autor chama a atenção para o “projeto geométrico” de Saussure. Em outro artigo (KIM, 2008), o sul-coreano discute tal projeto opondo-o à hipótese de um projeto algébrico saussuriano, defendido por Bouquet, que inscreveria o genebrino numa episteme galileana, ao lado, por exemplo, de Hjelmslev ou por outras vias, de Chomsky. Kim sustenta sua leitura devido à potencialidade de abstração da geometria: “o recurso de Saussure à geometria deve ser considerado como uma formalização que executa um duplo processo que permite passar de modos de pensar concretos a uma forma abstrata, e ainda, de eliminar as heterogeneidades ou os parasitas”^k.

De fato, Saussure se refere, em diversos momentos, à geometria – “No momento, a linguística geral me parece um sistema geométrico. Deparamo-nos com teoremas que devem ser demonstrados. Ora, constata-se que o teorema 12 é, sob outra forma, o mesmo que o teorema 33.”^l (SM, p. 30) – mas também faz menção à álgebra – “Chegará um dia, e nós estamos absolutamente conscientes do alcance de [], em que as quantidades da linguagem e suas relações são regularmente passíveis de serem expressas, *em sua natureza fundamental*, por fórmulas matemáticas” (NW-br, p. 177

– destaque no original). É especificamente sobre esse último fragmento que, segundo Kim, Bouquet sustenta sua hipótese de que Saussure possui um projeto galileano.

Kim (2008, p. 26) faz um recenseamento do grafismo saussuriano que compreende, segundo o autor, mais de 500 elementos, e encontra 81% de diagramas (elementos geométricos) em oposição a 8% de fórmulas algébricas. Fato que traria um dado a mais para a hipótese de Kim.

A discussão empreendida pelo autor trabalha com a oposição entre o *more geometrico* euclidiano, o da abstração, e a álgebra galileana, a da objetivação do empírico. Acreditamos, entretanto, que há uma particularidade na fazer científico de Saussure que se perpetua no estruturalismo francês, distanciando-o tanto de Hjelmslev quanto de Chomsky. Concordamos com Milner (1978; 1989, 1995) ao apontar, em Saussure, o que chamou de “galileísmo ampliado”, em que ao mesmo tempo que se sustenta, num primeiro momento, uma abordagem algébrica, retomam-se princípios euclidianos, como a formulação axiomática. Tratamos dessa questão no capítulo quarto. Para Milner (1978 [2012], p. 30-31), a ciência de Saussure é a ciência moderna:

aquela que, após Galileu, substitui o objeto por letras e por símbolos a partir dos quais ela raciocina. Que isso seja possível para uma língua qualquer, só se desconfiou muito recentemente; para dizer a verdade, como havia percebido Saussure desde seu *Mémoire*, de 1878, é a gramática comparada que é aqui decisiva, e não, como talvez se pudesse pensar, as gramáticas racionais. Estas últimas, com efeito, puderam valer-se da ciência [...], mas jamais cumpriram o mínimo exigível: a edificação de uma escrita.

Mesmo buscando inscrever a linguística no seio da ciência moderna, Saussure não abandona o modelo anterior, que não se restringe à relação com o empírico:

O modelo remonta a Aristóteles e foi retransmitido no fio dos séculos, pelo intermédio de Euclides e do *more geometrico*. Podemos resumi-lo assim: uma ciência é um discurso regrado por três princípios:

O princípio da unicidade do objeto e da homogeneidade do domínio e se relacionar com um objeto único;

O princípio do mínimo e do máximo: as proposições da ciência são ou teoremas ou axiomas; um número máximo de teoremas deve ser reduzido a um número mínimo de axiomas, expressos por um número mínimo de conceitos primitivos. O que pode ser resumido sob o nome de minimalismo epistemológico;

O princípio da evidência: todos os axiomas e conceitos primitivos devem ser evidentes, o que dispensa demonstrá-los e defini-los^m (MILNER, 2002, p. 22-23).

Esse movimento afasta, assim, Saussure dos pressupostos metodológicos galileanos para a formalização de uma ciência da linguagem, pressupostos estes que, segundo Milner (1989), Chomsky levará às últimas consequências.

Partindo, então, da leitura milneriana, de que houve um primeiro momento galileano na escrita da linguística de Saussure seguido de uma retomada da geometria euclidiana que o permitiu a formalização desvinculada do empírico, gostaríamos de trazer alguns elementos da formalização saussuriana que pontuam os movimentos de Saussure que vislumbramos ao longo da tese.

Lemos nas aulas iniciais do primeiro curso, a escrita do signo que chamamos de pré-linguístico ou filológico (RIE I, p. 6):

$$\frac{\textit{palavra escrita}}{\textit{palavra falada}} = \textit{objeto (da linguística)}$$

Sobre esse signo, Saussure executa uma operação da qual a palavra escrita se torna resto (ibid., p. 6):

$$\textit{palavra falada} = \textit{objeto} \\ \textit{(palavra escrita, documento)}^a$$

Algumas aulas adiante, mais um gesto escritural, este produzido a partir da crítica à *Lautphysiologie* dos neogramáticos (ibid., p. 13):

$$\frac{F}{f} = \textit{fonema} = \textit{a soma das impressões acústicas e dos atos articulatórios, a unidade ouvida e falada, uma condicionando a outra}^o$$

Saussure escreve, assim, o fonema, uma articulação entre “F (tempo acústico)” e f (tempo articulatório), trazendo à conta o que foi esquecido pelos neogramáticos, “o que se ouve”. Duas páginas à frente, lemos no caderno de Riedlinger (ibid., p. 15):

Enumerar os fatores não é <ainda> a mesma <coisa> que resolver os fonemas em seus elementos de diferenciação. Para classificar os fonemas, trata-se bem menos de saber em que consistem que em que diferem uns dos outros. [...]

$$\textit{O fonema} = \frac{\textit{som}}{\textit{ato articulatório}}$$

(cf. duas páginas acima **a fórmula** $\frac{F}{f}$ e a explicação).^p

A barra, estrutura formal que caracteriza a teoria saussuriana comparece na matematização do genebrino desde o início dos cursos¹⁰¹. Chamamos atenção aqui para a introdução, no curso, do caráter diferencial dos elementos da língua. Se o caráter diferencial é então delineado, sua formalização surge após uma série de aulas sobre variação fonética e sobre analogia, ao tratar da classificação da língua desde seu interior. É nesse momento do primeiro curso que Saussure faz seu primeiro gesto de formalização do signo tal como o leremos no CLG (RIE I, p. 66):

Como primeiro elemento dessa ordem nós devemos estabelecer: a associação primordial entre forma e ideia e grupo de ideias, depois uma outra associação sem a qual a primeira não poderia existir: a associação de forma a forma, de formas entre elas [...]:

$$\frac{\textit{forma}}{\textit{ideia}} \quad \textit{forma} - \textit{forma} - \textit{forma} \\ = \left(\frac{\textit{forma}}{\textit{ideia}} \right) \left(\frac{\textit{forma}}{\textit{ideia}} \right) \left(\frac{\textit{forma}}{\textit{ideia}} \right)^q$$

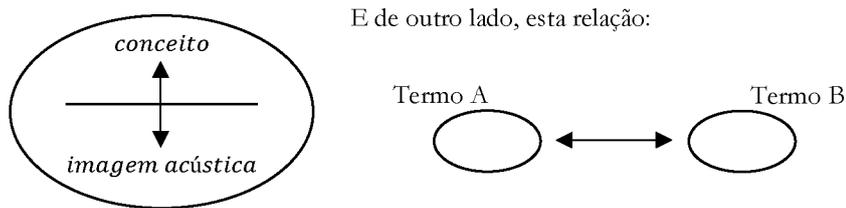
¹⁰¹ Essa forma de cálculo, essa fórmula, como anota o aluno, é ainda anterior. Em outro lugar (RIBEIRO; TURRA, 2016) tratamos da escrita do signo no manuscrito “*Sobre a essência dupla da linguagem*”, bem como da leitura que Lacan faz do signo saussuriano.

Nessa primeira escrita do signo, podemos notar a ênfase dada à forma em relação à ideia: além de ocupar a porção superior da fórmula, é ela também a responsável pela constituição da cadeia, aquela que Lacan chamará de cadeia significante (LACAN, 1957 [1998], p. 508).

A fórmula é utilizada por Saussure em diversos momentos dos cursos ao analisar fatos de língua e retorna, num novo gesto de formalização, já na segunda parte do último curso, quando Saussure inverte a posição dos termos e a fixa como será impressa em 1916 (C III GM, p. 220; 238):

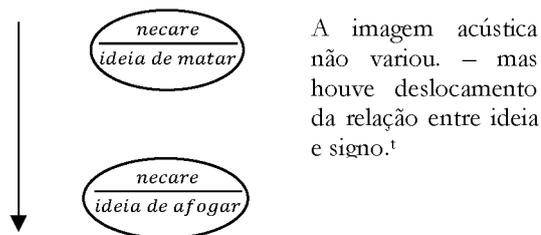


É interessante observar que a escrita que fixará a fórmula saussuriana apresenta uma inversão dos termos. Tal inversão, a nosso ver, não diz respeito a uma suposta supremacia do significado sobre o significante, uma vez que na relação de associação proposta por Saussure não parece haver a preponderância de um sobre o outro, como vemos abaixo (C III-GM, p. 235):



[307] A palavra termo empregada aqui. <Os termos> são as quantidades com as quais operaremos (termo de uma equação matemática) ou termos tendo um valor determinado, isso retorna com esse sentido para a unidade linguística. Há, de um lado, <a primeira> uma relação interior, que não é outra coisa senão uma associação entre imagem acústica e conceito. Cada termo <cada um dos termos da segunda> implica essa relação interna.⁸

Curioso é que, algumas aulas adiante (ibid., p. 242), ao tratar “da alteração de relação entre ideia e signo, ou da relação entre significante e significado ou, melhor dizendo, do deslocamento da relação entre ideia e signo”, reencontramos a fórmula do primeiro curso, de modo que o os significados rolam sob a barra:



A imagem acústica não variou. – mas houve deslocamento da relação entre ideia e signo.¹

Nesse sentido, acreditamos que a leitura que Lacan faz do signo saussuriano, escrevendo o $\frac{S}{s}$, diz mais da radicalidade da função do significante que o psicanalista lê em Saussure do que o que comumente se chama “inversão lacaniana”. Como o próprio psicanalista afirma,

O signo assim redigido $\left[\frac{S}{s} \right]$ merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das diversas aulas dos três cursos, dos anos de 1906-7, 1908-9, 1910-11, que a devoção de um grupo de seus discípulos reuniu sob o título de *Curso de linguística geral*: publicação primordial para transmitir um ensino digno desse nome, isto é, que só pode ser detido em seu movimento.

Eis porque é legítimo lhe rendermos homenagem pela formalização $\frac{S}{s}$, em que se caracteriza, na diversidade das escolas, a etapa moderna da linguística.

A temática dessa ciência, por conseguinte, está efetivamente presa à posição primordial do significante e do significado como ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira de resistência à significação.

Eis o que tornará possível um estudo exato das ligações próprias do significante e da amplitude da função destas na gênese do significado (LACAN, 1957 [1998], p. 500).

Lacan lê, no CLG, o que se transmite do ensino de Saussure, a “posição primordial do significante e do significado como ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira de resistência à significação”. A inovação lacaniana se dá na leitura que faz da barra, uma resistência à significação, o que reforça a noção do encadeamento significante, esboçado por Saussure no primeiro curso (RIE I, p. 66), mencionado acima. Na escrita do algoritmo, Lacan lê o movimento do ensino saussuriano, um movimento que tentamos mostrar com a sucinta retomada dos exercícios de formalização produzidos pelo genebrino ao longo de seus cursos.

O que quisemos esboçar com essa retomada é uma tentativa de pensar o algoritmo como o que permite a transmissão integral de um ensino. Integral, como já falamos no terceiro capítulo, não no sentido de total, mas de limite. O escrito, agora desvinculado de qualquer sentido, como o pretende a formalização matemática, tem desvelada sua função:

Sua escrita mesma constitui um suporte que vai além da fala, sem sair dos efeitos mesmos da linguagem. Isto tem o valor de centrar o simbólico, com a condição de saber servir-se disso, para quê? – para reter uma verdade cônica, não a verdade que pretende ser toda, mas a do semidizer, aquela que se verifica por se guardar de ir até a confissão, que seria o pior, a verdade que se põe em guarda desde a causa do desejo (LACAN, 1972-1973 [2008], p. 100).

A escrita, assim, como suporte do significante, ou seja, por centrar o simbólico, permite que se leia um efeito de linguagem. Com isso, inscreve uma verdade que é da ordem do semidizer, uma verdade que implica um dizer e que, por isso, é sempre não toda. É fundamental pontuar que a escrita, essa da formalização matemática, exige um dizer. Ela, quando reduzida a si própria, se presta a um sem número de bobagens. Que é a barra do algoritmo saussuriano? Ela exige que se a explique. Não é sem um dizer que o algoritmo se sustenta enquanto tal.

Nesse sentido, é por fazer frente ao dito e reintroduzir um dizer que podemos pensar o “não há metalinguagem” de Lacan. Não há um dobramento do dito sobre o dito, mas pela via do escrito emerge um dizer ou, como formulou Andrade (2013, p. 114), numa citação já trazida por nós, “não se fala a respeito da fala, se fala a partir de uma escrita”.

Há, entretanto, um resto que resiste à escrita, um impossível de se escrever. E a letra, por fazer litoral entre o simbólico e o real, aponta para esse furo, um furo na linguagem que a furta de qualquer possibilidade de cálculo. É sobre esse impossível de se escrever que ensaiaremos alguns movimentos na nossa última seção.

7.3 Do que não cessa de não se escrever

Se há, como já dissemos, algo que não cessa de não se escrever, isso nos lança ao que Lacan chamou de impasse da formalização. Entretanto, assumir que há algo que não se escreve, não impede que se escreva sua impossibilidade. É isso que faz o impasse. O impasse da formalização escreve a impossibilidade de se escrever o real, aponta para os furos de onde o real emerge no simbólico.

Na lição de 20 de março de 1973, em seu vigésimo seminário, Lacan se detém sobre o tema:

O real só se poderia inscrever por um impasse da formalização. Aí é que eu acreditei poder desenhar seu modelo a partir da formalização matemática, no que ela é a elaboração mais avançada que nos tem sido dado produzir da significância. Essa formalização matemática da significância se faz ao contrário do sentido, eu ia dizer *a contra-senso*. O *isto não quer dizer nada* concerne às matemáticas, é o que dizem, em nosso tempo, os filósofos das matemáticas, sejam eles próprios matemáticos, como Russell (1972-1973 [2008], p. 99).

É, portanto, no contra-senso do escrito, que bordeamos o real, que percebemos seus limites. É também por esse contra-senso que se instaura com o escrito, naquilo que dele se demanda, numa leitura, que algo se transmita.

Num último gesto de leitura, retomaremos um “fragmento metodológico a propósito da entonação lituana” de Saussure, onde lemos a escrita dessa impossibilidade, da impossibilidade de escrever a língua enquanto toda. Esse fragmento, segundo Amacker (2008, p. 159), não se relaciona aos artigos publicados pelo genebrino sobre o tema e foram escritos entre maio e julho de 1894 (ibid., p. 163), alguns meses apenas posterior à carta enviada a Meillet, trazida em nosso segundo capítulo, em que Saussure diz ser necessário abandonar seus estudos para se dedicar à linguística geral e “mostrar ao linguista o que ele faz”.

O fragmento trata justamente do estado da linguística à época e de que “há, atualmente, uma reforma geral a ser introduzida”^u (p. 167). Nossa leitura se deterá apenas à porção final do fragmento. Passemos a ele:

quelque chose ~~est pas~~ ^{normal} ~~est~~ ~~ordinaire~~
 comparativement aux autres problèmes
 phonétiques, dans le problème de l'intonation
 lituanien; ~~est~~ ~~la~~ ~~conclusion~~ ~~à~~ ~~laquelle~~
~~on~~ ~~arrive~~ ~~quand~~ ~~ce~~ ~~est~~ ~~peut~~ ~~être~~
~~pas~~ ~~ce~~ ~~qu'il~~ ~~semble~~ ~~c'est~~ ~~la~~ ~~conclusion~~
 la + générale qui s'impose, non à celui qui ~~est~~
~~moins~~ à celui qui ~~aura~~ après avoir
 repris vingt fois le problème, ~~aura~~
 remarqué qu'il lui ~~manque~~ toujours
 de ttes les façons, un élément irréductible à la fin, comme
 si quelque chose que nous ne voyons
 pas avait été oublié en chemin,
 peut-être par son évidence même, peut-
 être à cause de son insignifiance, mais
 enfin ~~par~~ ^{par} un accident quel que, ~~qui~~
 rend le calcul final faux.

L'importance de
~~est~~ ~~très~~ ~~importante~~ ou ~~très~~ ~~insignifiante~~ ~~est~~ ~~une~~ ~~circumstance~~
 que qu'il soit, ~~il~~ ~~fausse~~ ~~tous~~ ~~nos~~ ~~calculs~~ ~~rend~~
 nos calculs ~~et~~ ~~nos~~ ~~calculs~~ ~~sont~~ ~~profondément~~ ~~faussés~~ ~~par~~
 Telle est la conclusion
 par un vice invisible ~~arrivé~~

Figura 27 Reprodução de fragmento do manuscrito *Frag. Méthod. à propôs de l'intonation lithuanienne*. Conservado na BGE, sob a cota AdS 378/12 f03v.

Alguma coisa não é ~~ordina~~ normal comparativamente aos problemas fonéticos, no problema da entonação lituana; é a conclusão à qual se chega quando pode não ser o que parece é a conclusão (+ geral) que se impõe não àquele que ao menos a este que terá, após ter retomado vinte vezes o problema, terá observado que sempre faltava, (de todas as maneiras,) um elemento irreduzível no final, como se alguma coisa que não vimos tivesse sido esquecido no caminho, talvez por sua própria evidência, talvez por causa de sua insignificância, mas enfim ~~para~~ [por] um acidente qualquer, que torna falso o cálculo final.

Essa alguma coisa (de invisível) (de provisoriamente inacessível) (de inacessível) (da qual não nos apercebemos) pode ser indicar uma circunstância muito importante ou muito insignificante. ; mas esta (que não percebemos) (Qualquer) que seja ela, ela falseia todos nossos cálculos ~~de~~ nossos cálculos são regularmente (profundamente) falseados ~~algo~~ (para). Tal é a conclusão por um vício invisível [] de imediato (texto editado por René Amacker. In CFS 61 (2008) p. 168).

No fragmento, “um problema de entonação lituana” lança Saussure a uma falta, “um elemento irreduzível [...] que torna falso o cálculo final”. O que nos interessa no fragmento não é o tal problema de entonação, mas aquilo que ele aponta, essa “alguma coisa” com o que Saussure se embaraça ao adjetivar: “invisível”, “provisoriamente inacessível”, “inacessível” e, finalmente “da qual não nos apercebemos”. Lemos, com Lacan, no impasse na transcrição de Saussure, esse resto impossível de ser integralizado na formalização, o mais longe onde pode se chegar no que diz respeito à língua, o bordeamento de seu furo constitutivo. Há um irreduzível da língua que resta à operação da escrita, que a impede de fazer Um e que impõe, se se quiser aceder ao discurso científico, que se faça com que o cálculo funcione, que se faça uma sutura.

É nesse momento que o genebrino abandona seus interesses pessoais de pesquisa, como diz na carta a Meillet, – “apenas o lado pitoresco de uma língua [...] que conserva para mim um interesse: e precisamente eu não tenho mais o prazer de poder me lançar nesses estudos sem reservas, e de gozar de um fato particular ligado a um meio particular.” – para colocar-se, “à sua revelia”, a escrever um livro “sem entusiasmo nem paixão” em que faria a “classificação lógica desses fatos, com a classificação dos pontos de vista [...], reduzindo cada operação a uma categoria prevista”. (In *Lettres*, p. 195).

O livro, como sabemos, não foi escrito. No entanto, do que se ouviu de seu dizer precipitou-se em letra, que foi recolhida e publicada no que hoje conhecemos como *Curso de linguística geral*. É interessante que o choque com o real, ao mesmo tempo que lhe tira “o entusiasmo e a paixão” o confere uma ética quase que trágica de enfrentar seu destino, de escrever a língua.

A investida no lituano, último rincão de vislumbre do indo-europeu, desvela a Saussure o real da língua, aquilo que falseia qualquer tentativa de cálculo. Retomando Milner, o indo-europeu se constitui como “o conjunto de todas as arborescências de línguas particulares, a matriz e a escrita de todos os equívocos” (MILNER, 1978 [2012], p. 104). O autor continua:

Nesse sentido, ele concentra em si mesmo e encarna os pontos que, em cada língua particular, atestariam uma instância que a excede – são esses mesmos pontos que questionam o indo-europeísta e suscitam seu desejo com relação à língua. Pode-se dizer esse desejo da seguinte maneira: escrever o próprio excesso, escrever a língua (ibid., 104-105).

É justamente esse excesso que não cessa de não se escrever, recife de real. A linguística saussuriana se constitui, portanto, na tentativa de escrita desse excesso, como uma sutura. Uma sutura da mesma ordem daquela realizada por Frege na escrita do zero. Se a escrita da língua sutura o furo de onde emerge a língua, cabe ao linguista uma operação de leitura da sutura. Se a levarmos a sério demais, teremos uma língua total e plenamente descritível, passível inclusive do que se (des)entende por comunicação. Se a lermos ao pé da letra, como a escrita do impossível de se escrever, vislumbramos uma via de trabalho com o equívoco, com o que se transmite para além e para aquém do que se diz, do que se transmite “à nossa revelia”.

Da “conclusão mais geral que se impõe”

Parece termos dado uma volta completa. Uma volta no parafuso da linguística, talvez. Partimos da carta em que Saussure diz de seu desencanto com a linguística da época e da indicação de um percurso que o marcou como pai daquilo de que não tinha o menor interesse, da linguística geral. Nosso ponto de chegada foi o mesmo, a tal carta. Nesse giro, vimos que um livro de fato se escreveu à sua revelia, precipitou-se um CLG. Três letras, uma carta que chegou a seu destino.

Na execução desse giro, partimos de alguns questionamentos centrais. Retome-los-emos:

Quais relações se estabelecem entre escrita e língua que permitem a afirmação de que “a escrita é o instrumento de autossemiotização da língua”? Dessa questão, desdobram-se algumas outras que, ao passarmos por elas, podemos trazer algumas considerações acerca de nossa questão central. São elas: **a.** há uma relação que seja de representação entre língua e escrita? – que se desdobra em **i.** a escrita representa a língua? e **ii.** há um para além da representação na relação entre língua e escrita?; **b.** a escrita é uma metalinguagem?; e **c.** a escrita, tal como a língua, é um sistema de signos?

Decidir se tocamos ou, minimamente, respondemos as questões propostas, isso cabe ao leitor. De nossa parte, cabem algumas palavras quanto ao percurso.

Uma questão que se colocou desde o início desse nosso percurso, em 2014, era a relação que se pode estabelecer entre escrita e língua. Ao nos lançarmos na imensa e interessantíssima literatura sobre a história da escrita, um enunciado se fez recorrente e que a citação de Benveniste estenografa: “a escrita é o instrumento de autossemiotização da língua”. A escrita possibilita à língua tornar-se objeto. Foi desse ponto que iniciamos a pesquisa.

Elegemos, então, a letra de Saussure para dar corpo à discussão. Seria a partir dos textos do mestre genebrino que buscaríamos uma resposta. Nesse campo, o dos “estudos saussurianos”, a questão da escrita já se apresentava de algumas formas, e tinha início com um “Saussure não escreveu”. A escrita não era colocada apenas como objeto de estudo (a escrita na linguística), mas como causa, seja implicada ao próprio Saussure (a escrita do linguista) seja na constituição de um campo (a escrita da linguística). Foi sobre essas três vias que buscamos fazer nossa leitura.

No que diz respeito à escrita na linguística, de início, observamos uma contradição, estabelecidas pelos comentadores, entre a posição de Saussure no capítulo sobre a representação da língua pela escrita e aquela assumida no capítulo sobre o valor. Nossa leitura parece nos ter levado a outros caminhos: a ideia de escrita, mesmo no CLG, é bastante diversa. Ela não se reduz a uma oposição entre um capítulo e outro; no interior mesmo de cada capítulo existe essa variação. E esta se estabelece de acordo com o campo em que se inscreve: na semiologia, a escrita tem um

papel diferente daquele da linguística, o que tem a ver com seu projeto de estabelecimento de um objeto.

Essa nossa leitura se construiu a partir da aproximação do livro editado por Bally e Sechehaye com os diversos manuscritos autógrafos e cadernos de alunos, o que nos permitiu levantar algumas considerações sobre o trabalho dos editores. Se os editores optaram por economizar nas linhas que explicam a importância da redefinição do lugar da escrita para a definição do objeto linguístico, como faz Saussure durante os três cursos, para atingir o mesmo objetivo, eles forçam a tinta nos adjetivos negativos atribuídos a ela, o que faz com que o capítulo VI da introdução do livro traga, numa primeira leitura, essa ideia de precariedade, monstruosidade do sistema gráfico, quando não é disso que se trata...

Ao retomar os cadernos dos alunos, verificamos uma operação de escrita em Saussure, uma escrita que funda o campo da linguística. Saussure parte do signo filológico, do qual a “palavra escrita” fazia parte, numa relação com a “palavra falada”, para imediatamente refutá-lo. O genebrino reescreve o signo, excluindo dele a palavra escrita. Esse movimento que coloca a palavra falada como único objeto da linguística promove não apenas a exclusão da “palavra escrita” do objeto da linguística, mas também a exclusão da escrita do campo dessa ciência. Nesse sentido, podemos afirmar que a exclusão da escrita foi fundamental para a constituição do que se nomeou, depois de Saussure, de linguística moderna.

Ocorre que dessa exclusão, efetua-se um retorno. Algo da escrita retorna à linguística, mas agora como instrumento de análise: a escrita (fonológica) transcreve a língua. A partir do que permanece excluído, a escrita ordinária, Saussure estabelece um novo campo, a semiologia. É só então a partir desse novo campo que a escrita sofre um reexame: se dentro da linguística a escrita serve apenas para representar a língua, fora, a escrita é pensada enquanto sistema de signos. O que queremos enfatizar com esse percurso de leitura é a centralidade da semiologia para um duplo movimento: a compreensão da escrita como sistema e o seu papel na delimitação, desde fora, do campo da linguística.

Desde fora, e a partir do reexame da escrita, Saussure traça os axiomas da semiologia e os transporta para a língua. Isso só é possível, pois, tal como propusemos ler em Saussure, a escrita é homóloga à língua, ou seja, compartilham um cálculo comum. Esse movimento é interessante pois é a partir da escrita que Saussure depreende o funcionamento da língua. A escrita, excluída, retorna no que há de mais central na língua, sua estrutura.

Esse movimento nos fez repensar a relação que nomeamos de “exclusão”. Propusemos, assim, pensar a escrita como ex-sistente à língua. Foi a partir de um movimento lógico

que Saussure “exclui” a escrita para, desse novo lugar, delimitar, dar consistência, ao campo da linguística.

Com Harris (2000), podemos dizer que mesmo sem saber (e isso é precioso) muito bem onde colocar a escrita – ora dentro, ora fora da língua – Saussure mostra seu *saber fazer com a escrita*, trazendo-a à cena enquanto ex-sistente à língua, o que é fundamental para a fundação da linguística. Com esse gesto – que é um gesto de escrita, uma vez que Saussure escreve o signo filológico para refutá-lo e então escrever o signo tal como o conhecemos no CLG –, faz a escrita da linguística.

Nosso percurso de análise da escrita nos textos saussurianos, colocou-nos diante da escrita do livro de 1916, de que depreendemos também alguns movimentos. A construção do CLG visava um objetivo, a delimitação de um novo objeto; esse objetivo não é diferente do objetivo de Saussure, de modo que não se trata de uma deturpação do que Saussure “quis dizer”. Trabalhar nessa via, acreditamos, seria querer apagar aquilo que é subjetivo na transmissão, apagar os sujeitos Bally e Sechehaye. O CLG é de fato uma edição que visou a intensificar esse movimento que Saussure desenhou nos cursos. Diante desse movimento, nos permitimos uma analogia que nos ocorreu nesse trabalho de leitura.

Quando tiramos uma fotografia digital em alta resolução, ela ocupa um grande espaço de memória. Uma forma de ocupar menos espaço é comprimindo-a, ou seja, reduzindo o número de pixels (menor unidade) da imagem. A operação é automática. O sistema compara pixels vizinhos e produz um pixel novo, de cor intermediária. Este novo pixel suplanta os anteriores. Reduz-se assim o número de pixels, reduz-se a memória ocupada. O procedimento gera um inconveniente: a nova imagem, menor que a original, se aumentada, deixa a ver sua operação. Ou, como dizemos comumente, ela estoura. Os novos pixels, intermediários, apagaram as nuances da imagem original, da qual são apenas índice. Nossa leitura do CLG pareceu nos mostrar esse mesmo movimento. O CLG é a imagem reduzida dos cursos de linguística geral, compacto e, portanto, de fácil difusão. Entretanto, numa leitura ampliada, ele “estoura”. Os pixels intermediários se deixam ver como índice de uma redução. Essa nossa analogia em nada desqualifica a obra dos editores, apenas busca circunscrever seus limites, de forma que um estudo que se quer de fôlego em Saussure deve extrapolá-lo, mas não deve dele prescindir.

Ao lermos o pé da letra de Saussure, observamos uma incessante reformulação do lugar da escrita face ao objeto da linguística. Uma pedra no caminho (HARRIS, 2003) com a qual a linguística deve se haver, ora tropeçando, ora contornando, mas invariavelmente delimitando-se em relação a ela. Em outras palavras,

a escrita é assim o ponto preciso a propósito do qual uma certa positividade da linguística estrutural, tendo sido reconhecida, retorna contra ela mesma, como se a linguística

manifestasse, ao mesmo tempo, a necessidade de uma ciência da escrita e sua impossibilidade, sua necessidade em sua impossibilidade^a (CHISS; PUECH, 1983, p. 6).

O trecho acima parece sintetizar nossa leitura: a escrita, enquanto positividade (idêntica a si mesma), ao mesmo tempo que diz de um impossível – na linguística, a escrita não cessa de não se escrever – é necessária desde fora: a escrita não cessa de se escrever, dando consistência à linguística. Entre o necessário e o impossível, há o contingente, o que, segundo Lacan (1972-1973 [2008], p. 155), “cessa de não se escrever”. Compreendemos o contingente, no que tange a escrita da linguística, como aquilo que se transmite, aquilo que faz letra e passa.

Diante desse nosso percurso, acreditamos que a “conclusão mais geral que se impõe” diz não da escrita *per se*, mas do que se transmitiu da fala de Saussure. Aquilo que se escreveu fala de Saussure e se fixou numa escrita. Talvez nossa tese trate sobretudo do estabelecimento de um texto que foi uma fala. E que essa fala, o *Urtext* saussuriano, escreve algo que se transmite.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Corpus Saussuriano

- BENVENISTE, É. (org.) (1964) Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet publié par Émile Benveniste. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 21, Genebra : Droz, 1964. p. 122-128.
- CONSTANTIN E. (2005). Linguistique générale, Cours de M. le Professeur de Saussure, 1910-1911. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 58, Genebra : Droz, 2005. p. 83-290.
- MATSUZAWA, K. (éd.) Notes pour un livre sur la linguistique générale. **Cahier L'Herne - Saussure**. Paris: Éd. L'Herne, 2003. p. 319-322.
- SAUSSURE, F. de. (1872) Essai pour reduire les mots du grec, du latin & de l'allemand a un petit nombre de racines. In **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 32, Genebra : Droz, 1978. p. 73-101.
- _____. (1891) Primeira conferência na Universidade de Genebra. In **Escritos de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 126-136.
- _____. (1894) Deux fragments méthodologiques à propos de l'intonation lituanienne (textes édités par René Amacker). In **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 61, Genebra : Droz, 2008. p. 159-173.
- _____. (1898). Inscriptions Phrygiennes. In. Saussure F. de (1922). **Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure**. Éd. par Bally, C. et Gautier, L. Genève : Payot. p. 542-575.
- _____. (1884) Termes de parente chez les aryas. In. Saussure F. de (1922). **Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure**. Éd. par Bally, C. et Gautier, L. Genève : Payot. p. 477-480.
- _____. (sd) **Unde exoriar?** Ms. Fr. 03952/4b f.004. Bibliothèque de Genève. In **Escritos de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 239-242.
- _____. (1903) Souvenirs de F. de Saussure concernant sa jeunesse et ses études (BGE, Ms.fr. 3957/1). In **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 17, Genebra : Droz, 1960. p. 12-25.
- _____. (1907). **Premier cours de linguistique générale**. D'après les cahiers d'Albert Riedlinger, édition d'Eisuke KOMATSU et George WOLF, Amsterdam, Elsevier, 1996.
- _____. (1908-1909). **Deuxième cours de linguistique générale**. D'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois, édition d'Eisuke KOMATSU et George WOLF, Amsterdam, Elsevier, 1997.
- _____. (1910-1911). **Troisième cours de linguistique générale**. D'après les cahiers d'Émile Constantin, édition d'Eisuke KOMATSU et Roy Harris, Amsterdam, Elsevier, 1993.
- _____. (1916). **Cours de linguistique générale**, édition de Charles BALLY et Albert SECHEHAYE, Genève, Payot, 2005.
- _____. (1916). **Cours de linguistique générale**. Tome 1, édition critique de R. Engler, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1968.
- _____. (2002). **Écrits de linguistique générale**. Ed. par Engler R. et Bouquet S. Paris : Gallimard.

- _____. (2011) **Science du langage** – de la double essence du langage. Édition des Écrits de linguistique générale établie par René Amacker. Genève : Librairie Droz.
- _____. (2012) **Escritos de linguística geral**. Bouquet, S. ; Engler, R. (ed.). Trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo, Cultrix, 2012.
- _____. (2013) **Une vie en lettres** – Ferdinand de Saussure. QUIJANO, C.M. (org.) Nantes : Éd. Nouvelles Cécile Defaut.
- SOFIA, E. (2015) (ed.) La ‘Collation Sechehaye’ du ‘Cours de Linguistique générale’ de Ferdinand de Saussure. Édition, introduction et notes par Estanislao Sofia. Leuven, Paris, Bristol : Peeters.
- STAROBINSKI, J. (1971) As palavras sob as palavras. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.
- TURPIN, (2003). Légendes et récits d’Europe du Nord: de Sigmund à Tristan. **Cahier L’Herne - Saussure**. Paris: Éd. L’Herne, 2003. p. 351-356.

Traduções do Cours de linguistique générale consultadas

- SAUSSURE, F. de. (1916) **Curso de linguística geral**. BALLY, C. ; SECHEHAYE, A. (orgs.), Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, prefácio à edição brasileira de Isaac Nicolau Salum (1970). São Paulo: Cultrix, 2002.
- _____. (1916) **Curso de lingüística general**. BALLY, C. ; SECHEHAYE, A. (orgs.), Traducción, prólogo y notas de Amado Alonso (1945). Buenos Aires : Editorial Losada, 1967.
- _____. (1916) **Curso de linguística geral**. BALLY, C. ; SECHEHAYE, A. (orgs.), Tradução de e prefácio à edição portuguesa de José Victor Adragão (1971). Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1971.
- _____. (1916) **Corso di linguística generale**. BALLY, C. ; SECHEHAYE, A. (orgs.), Introduzione, traduzione e comendto di Tullio de Mauro (1967). Roma: Editori Laterza, 2017.
- _____. (1916) **Course in general linguistics**. BALLY, C. ; SECHEHAYE, A. (orgs.), Translation and Introduction by Wad Baskin (1959). New York : Philosophical Library, 1959.
- _____. (1916) **Course in general linguistics**. BALLY, C. ; SECHEHAYE, A. (orgs.), Translated and Annotaded by Roy Harris (1983). Chicago and La Salle, Illinois : Open Court, 2007.
- _____. (1916) **Grundfragen der Allgemeinen Sprachwissenschaft**. BALLY, C. ; SECHEHAYE, A. (orgs.), Übersetzt von Herman Lommel (1931). Berlin : Walter de Gruyter & Co., 1967.

Obras gerais

- AIRES, S. (2005) Da Quase Equivalência à Necessidade de Distinção: significante e letra na obra de Lacan. **Revista do GEL** (Araraquara), Araraquara, São Paulo, v. 2, p. 215-230.
- ALLOUCH, J (1994) **A clínica do escrito**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.
- AMACKER, R. (2008) Introdução à « Deux fragments méthodologiques à propos de l’intonation lituanienne », de Ferdinand de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 61. Genebra: Droz, 2008, p. 159-173.

- AMACKER, R. (2011) Avant-propos. In SAUSSURE, F. **Science du langage** – de la double essence du langage. Édition des Écrits de linguistique générale établie par René Amacker.
- AMSTER, P. (2015) **Notas matemáticas para ler Lacan**. São Paulo: Scriptorium.
- ANIS, J. (1993) L'écriture à sa place. **Linx**, n°28, 1993. pp. 53-67.
- ANIS, J., CHISS, J.-L., PUECH, C. (1988). **L'écriture**. Théories et descriptions, Bruxelles, De Boeck.
- ARISTOTELES. **Da interpretação**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. (1660). **Gramática de Port-Royal**. São Paulo: Marins Fontes, 2001.
- ARNAULD, A. ; NICOLE, P. (1662) La logique ou l'art de penser. In **Logique de Port Royal**. Paris : Librairie Hachette, 1877.
- ARRIVÉ, M. (1986) **Linguística e Psicanálise** – Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2001.
- _____. (2007) **Em busca de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- _____. (1982) Hjelmslev lecteur de Martinet lecteur de Hjelmslev. **Linx**, n°6, pp. 77-93.
- AUROUX, S. (1992) **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- AUROUX, S.; DESCHAMPS, J.; KOULOUGHILI, D. (1996) **La philosophie du langage**. Paris : Presses Universitaires de France, 2004.
- AZEVEDO, A.V. (2015) De la-land a lalangue : algumas questões de estilo. In LEITE, N.; PORGE, E. (orgs.) **Savoir-faire avec lalangue**. Campinas, SP : Mercado de Letras, Paris : Association de Psychanalyse Encore, 2015. p. 23-38
- BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (1916) Prefácio à primeira edição do CLG. In SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 24ª. ed. 2002.
- BARROS, João de. (1540) **Grammatica da lingua portuguesa** - Olyssipone : apud Lodouicum Rorigiu[m], Typographum, 1540. - 60 f. ; 4º (20 cm). Disponível em: <<http://purl.pt/12148>>. Acesso em jun. 2018.
- BENVENISTE, É. (1956) Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. In **Problemas de linguística geral I**. 5 ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2005. p. 81-93.
- _____. (1963) Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In **Problemas de linguística geral I**. 5 ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2005. p. 19-33
- _____. (1968) Esta linguagem que faz a história. In **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Editora Pontes, 1989. p. 29-40.
- _____. (1968) Semiologia da língua. In **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Editora Pontes, 1989. p. 43-67.
- _____. (1969) Aula 12 – 3 de março de 1969. **Últimas aulas no Collège de France 1968-1969**. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 155-159.

- BORGES, S. (2010) **Psicanálise, linguística, linguística**. São Paulo: Escuta.
- BOUQUET, S. (1997) **Introduction à la lecture de Saussure**. Paris : Éd. Payot & Rivages.
- BRÉAL, M. (1897) **Essais de Sémantique** (science des significations). Paris : Librairie Hachette et C.
- BREITSPRECHER, R.; SCHNORR, V.; SMITH, W. V. A.; TERRELL, P. (2004) **Collins German-English English German Dictionary**. Harper Collins, EUA.
- CAMPOS, H. de. (1989). O afreudisíaco na galáxia de língua (Freud, Lacan e a escritura). In: CESAROTO, O. (org) **Ideias de Lacan**. São Paulo: Iluminuras, 1995, p. 175-195. Também disponível em <<http://hdl.handle.net/10437/42>>. Acesso em jun 2018.
- CATACH, N. (1988) A escrita enquanto plurissistema, ou teoria de L' (L linha). In CATACH, N. (org.) **Para uma teoria da língua escrita**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.
- _____. (1994) L'écriture et la double articulation du langage. **Linx**, n°31, p. 37-48.
- CHANTRE, E. (1898) **Mission en Cappadoce**. Recherches archéologiques dans l'Asie occidentale. Paris : Ernest Leroux Éd.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. n. 11 v. 5, 1991. pp. 173-191.
- CHISS, J.-L.; PUECH, C. (1980a) Derrida lecteur de Saussure : pourquoi une "mise en crise" philosophique du cours de linguistique générale ou comment ne pas faire l'histoire de la linguistique ? **Linx**, hors-série n°2, 1980. Les sciences humaines : quelle histoire ?/II. Actes du colloque de Mai 1980 de Paris X - Nanterre. pp. 339-359. DOI: 10.3406/linx.1980.1542. Disponível em : <http://www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1980_hos_1_2_1542>. Acesso em jun 2018.
- _____. (1980b) Discussion. **Linx**, hors-série n°2, 1980. Les sciences humaines : quelle histoire ?/II. Actes du colloque de Mai 1980 de Paris X - Nanterre. pp. 388-418; Disponível em : <www.persee.fr/doc/linx_0246-8743_1980_hos_1_2_1545>. Acesso em jun 2018.
- _____. (1983) La linguistique et la question de l'écriture : enjeux et débats autour de Saussure et des problématiques structurales. **Langue française**. n.59, 1983. pp. 5-24. Disponível em <www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023-8368_1983_num_59_1_5162>. DOI: 10.3406/lfr.1983.5162. Acesso em jun 2018.
- _____. (1986). O Cours de linguistique générale e a representação da língua pela escrita. In: CATACH, N. (Org.) **Para uma teoria da língua escrita**. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- _____. (1994) F. de Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la linguistique contemporaine. In: **Langages**, ano 28, n°114, 1994. pp. 41-53. DOI : 10.3406/lgge.1994.1676. Disponível em : <www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726X_1994_num_28_114_1676>. Acesso em jun 2018.
- COQUET, J.-C. ; FENOGLIO, I. (2012) Introdução. In **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- COHEN, M. (1958) **La grande invention de l'écriture et son évolution**. Paris : Robert Laffont, 2005.
- COLOMBAT, B. ; FOURNIER, J.-M. ; PUECH, C. (2010). **Histoire des idées sur le langage et les langues**. Paris : Klincksieck, 2015

- COSTA, N.C.A. (1985) Psicanálise e lógica. Entrevista de Newton da Costa a Marcio Leite e Oscar Cesarotto. **Revirão**, n. 3, Rio de Janeiro: Aoutra, dez. 1985. Disponível em: <http://www.pucsp.br/psilacanise/html/revista01/19_rev_entrevista_01.htm>. Acesso em jun 2018.
- DAVIS, B. (1978) Introduction au Essai pour réduire les mots... **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 32. Genebra: Droz, 1978, p. 73-76.
- DE MAURO, T. (1967). Notes biographiques et critiques sur F. de Saussure. In SAUSSURE, Ferdinand de (1916). **Cours de linguistique générale**, édition de Charles BALLY et Albert SECHEHAYE, Genève, Payot, 2005. p. 319-404.
- DERRIDA, J. (1967). **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- _____. (1967) Freud e a cena da escritura. In **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 289-338.
- _____. (1972) **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DESBORDES, F. [1990] Concepções sobre a escrita na Roma Antiga. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- ENGLER, R. (1975). European structuralism: Saussure. In T. A. Sebeok (Ed.), **Current trends in linguistics: historiography of linguistics**. v. 13, p. 829–886.
- _____. (1974-1975) Sémiologies saussuriennes. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, 29. Genebra: Droz, 1974-1975. p. 45-74.
- FARIA, N.; LIMA, D. (2017) O *Curso de linguística geral* e seus efeitos: a escrita em Hjelmslev. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 44, p. 1027-1048, set.-dez. 2017. p. 1027-1048. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22409/gragoata.2017n44a1021>>. Acesso em jun 2018.
- FEHR, J. (1997) **Saussure entre linguistique et sémiologie**. Paris : Press Universitaire de France, 2000.
- FENOGLIO, I. (2016a) Traces. Langue. Écriture. In **Autour d'Émile Benveniste** sur l'écriture. Paris : Seuil. p. 11-34.
- _____. (2016) L'écriture au fondement d'une « civilisation 'laïque' ». In **Autour d'Émile Benveniste** sur l'écriture. Paris : Seuil. p. 153-236.
- FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.
- FÉVRIER, J. (1948) **Histoire de l'écriture**. Paris : Éd. Payot & Rivages, 1995.
- FLORES, V. (2016) **La réception de la linguistique de Ferdinand de Saussure au Brésil**. Conferência pronunciada em 21 de janeiro de 2016 no grupo ITEM, na École Normale Supérieur.
- FLUSSER, Vilém. (2010) **A escrita – há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume.
- FREUD, S. (1891) Sobre a concepção das afasias – um estudo crítico. In **Obras Incompletas de Sigmund Freud**, v. 1. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2013.
- _____. (1900). La interpretación de los sueños (primera parte). In **Obras Completas** v. IV. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2007. p. 1-344.

- _____. (1900). La interpretación de los sueños (segunda parte). In **Obras Completas** v. V. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2007. p. 345-611.
- _____. (1913) Tótem y tabú. In **Obras Completas** v. XIII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2007. p. 1-164.
- _____. (1913) El interés por el psicoanálisis. In **Obras Completas** v. XIII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2007. p. 165-192.
- _____. (1919) Lo ominoso. In **Obras Completas** v. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2007.
- _____. (1939) Moisés y la religión monoteísta. In **Obras Completas** v. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2007.
- FOUCAULT, M. (1966) **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. (1969) **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.
- _____. (1969) O que é um autor? In FOUCAULT, M. **Ditos e escritos III** – estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. P. 264-298.
- FUKS, B. (2000) **Freud e a judeidade** – a vocação do exílio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- GADET, F. (1987) **Saussure – une science de la langue**. Paris : Presses universitaires de France.
- GALAZZI, E. (1992) Le combat des jeunes phonéticiens: Paul Passy. In **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 21, Genebra: Droz, 1992. p. 115-129.
- GAMBARARA, D. (2005) Un texte original – présentation des textes de F. de Saussure. In **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 58, Genebra: Droz, 1992. p. 29-42.
- GARCIA-ROZA, L.A. (1995) **Introdução à metapsicologia freudiana** v.3 – Artigos de metapsicologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GAUTIER, L. (1911) Entretien avec M. de Saussure, 6 mai 1911. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 58, Genebra: Droz, 2005. p. 69-72.
- GELB, IJ. (1952) **A study of writing** – revised edition. 4^a ed. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1974.
- GODEL, R. (1957). **Les sources manuscrites du cours de linguistique générale**. Genebra: Droz, 1969.
- GOODY, J. (1977) **The domestication of the savage mind**. 8^a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- GUÉRIN, N. (2013) Le style du savoir-faire, **Essaim** 2013/1 (n^o 30), p. 25-36. DOI 10.3917/ess.030.0025.
- HALLE, M. (1988) N. S. Troubetzkoy et les origines de la phonologie Moderne. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 42, Genebra: Droz, 1988. p. 5-22.
- HARRIS, R. (1995) **Signs of writing**. Londres; Nova Iorque: Routledge.
- _____. (2000) **Rethinking writing**. Londres: The Athlone Press.
- _____. (2001) **Saussure and his interpreters**. Nova Iorque: NY University Press.

- _____. (2003) L'écriture : pierre d'achoppement pour la sémiologie saussurienne. **Cahier L'Herne – Saussure**. Paris: Éd. L'Herne, 2003.
- HAVET, L. (1908) Mélanges de linguistique offerts à M. Ferdinand de Saussure. **Bulletin de la Société de linguistique de Paris**. Société de linguistique de Paris. 1910.
- HENRY, P. (1984) A história não existe? In. ORLANDI, E. (org.) **Gestos de leitura**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010. p. 23-48.
- HENRI PAUL DE SAINT GERVAIS. (2018a) Introduction à l'homologie via le bordisme. In **Analysis Situs – topologie algébrique des variétés**. CNRS 2014-2018. Disponível em: <<http://analysis-situs.math.cnrs.fr/-Introduction-a-l-homologie-via-le-bordisme.html>>. Acesso em jun 2018.
- _____. (2018b) L'idée intuitive à la base de l'homologie à la Poincaré. In **Analysis Situs – topologie algébrique des variétés**. CNRS 2014-2018. Disponível em: <<http://analysis-situs.math.cnrs.fr/L-idee-intuitive-a-la-base-de-l-homologie-a-la-Poincare.html>>. Acesso em jun 2018.
- _____. (2018c) Approches de l'homologie chez Poincaré. In **Analysis Situs – topologie algébrique des variétés**. CNRS 2014-2018. Disponível em: <<http://analysis-situs.math.cnrs.fr/Approches-de-l-homologie-chez-Poincare.html>>. Acesso em jun 2018.
- HJELMSLEV, L. (1943) **Prologômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1975.
- _____. (1939a) Notas sobre as oposições suprimíveis. In HJELMSLEV, L. **Ensaio linguísticos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1991.
- _____. (1939b) A estrutura morfológica. In HJELMSLEV, L. **Ensaio linguísticos**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1991.
- HOUAISS, A; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- IORDAN, I. (1937) **An introduction to Romance linguistics**. Its schools and scholars. Berkley, Los Angeles: University of California Press, 1970.
- JÄGER, L. (2003) La pensée épistemologique de F. de Saussure. In BOUQUET (org.) **Cahier L'Herne – Saussure**. Paris: Éd. L'Herne, 2003.. p. 202-219.
- JAKOBSON, R. (1955) Phonology and Phonetics. In JAKOBSON, R. **Selected writings** v. I – Phonological studies. Haia: Mouton & Co. 'S-Gravenhage, 1962. p. 464-504.
- _____. (1939) Zur Struktur des Phonems. In JAKOBSON, R. **Selected writings** v. I – Phonological studies. Haia: Mouton & Co. 'S-Gravenhage, 1962. p. 280-310.
- JOSEPH, J.E. (2012) **Saussure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- KHÂN, G.M. (2011) **L'écriture arabe**. Alphabet, variantes et adaptations calligraphiques. Paris : Flammarion.
- KIM, S.-D. (2008) La raison graphique de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 61, Genebra : Droz, 2008. p. 23-42.
- _____. (2010) O paradigma visual da discursividade saussuriana. In BRONCKART; BULEA; BOTA (orgs) **O projeto de Ferdinand de Saussure**. Fortaleza: Parole et vie, 2014. p. 95-127.

- LACAN, J. (1945) O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 197-213.
- _____. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-324.
- _____. (1956) O seminário sobre “A carta roubada”. In. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 13-66.
- _____. (1957-1958) **Seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.
- _____. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 496-533.
- _____. (1961-1962) **Séminaire L’identification**. Inédito. Transcrição por Éd. ELP. Disponível em <<http://staferla.free.fr/S9/S9%20L'IDENTIFICATION.pdf>>. Acesso em jun 2018. Tradução de circulação restrita do Centro de estudos freudianos do Recife. Recife, 2003.
- _____. (1965-1966) **Séminaire L’objet**. Transcrição por Éd. ELP. Disponível em <<http://staferla.free.fr/S13/S13%20L'OBJET.pdf>>. Acesso em jun 2018.
- _____. (1971) **Seminário, livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. (1971-1972) **Estou falando com as paredes** – conversas na Capela de Sante-Anne. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. (1971-1972) Le savoir du psychanalyste. In **Séminaire ... ou pire**. Éd. ELP. Disponível em <<http://staferla.free.fr/S19/S19.htm>>. Acesso em jun 2018.
- _____. (1971-1972) **Seminário, livro 19**: ... ou pior. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- _____. (1972-1973) **Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. (1972-1973) **Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Edição não comercial da Escola Letra Freudiana, 2010.
- _____. (1972) O aturdido. In **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003, p. 448-500.
- _____. (1973a) Posfácio ao Seminário 11. In **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003, p. 503-507.
- _____. (1973b) Televisão. In **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003, p. 508-541.
- _____. (1974) **Psychanalyse I**. Série *Un certain regard*. Paris : Service de la Recherche de l’RTF (97 min). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dLQlgggYGz4&t=70s>>. Acesso em jun 2018.
- _____. (1974-75) **Séminaire RSI**. Éd. ELP. Disponível em <<http://staferla.free.fr/S22/S22.htm>>. Acesso em jun 2018.
- _____. (1975) Conférences dans les universités nord-américaines : le 2 décembre 1975 au Massachusetts Institute of Technology. **Scilicet**, 1975, n° 6-7, pp. 53-63.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1967) **Diccionario de psicoanalisis**. Buenos Aires: Paidós, 1997.

- LEITE, N.V.A (2015) Lalangue, estilo, transmissão. Ressonâncias de uma carta de amor. In LEITE, N.; PORGE, E. (orgs.) **Savoir-faire avec lalangue**. Campinas, SP : Mercado de Letras, Paris : Association de Psychanalyse Encore, 2015. p. 75-88.
- LEMOS, C.T.G. (2015) Lalíngua: acontecimento e transmissão. In LEITE, N.; PORGE, E. (orgs.) **Savoir-faire avec lalangue**. Campinas, SP : Mercado de Letras, Paris : Association de Psychanalyse Encore, 2015. p. 39-57.
- LEROI-GOURHAN, A. (1964) **O gesto e a palavra** [*Le geste et la parole*], t. 1 – Técnica e linguagem. Lisboa: Edições 70, 1990.
- LE GAUFEY, G. (1984) Representação freudiana e significante laciano. In **Dizer** 6 Rio de Janeiro: Escola de psicanálise do Rio de Janeiro, 1992. p. 62-82.
- LIMA, D.T. (2016) **Forma pura e forma material: língua, oralidade e escrita a partir de Hjelmslev**. 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – PPGL/UFAL, Maceió, 2016.
- LINDA, M. Kommentiertes Verzeichriis der Vorlesungen F. de Saussures an der Universität Genf (189 1-1913). **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 49, Genebra : Droz, 1995-1996. p. 65-75.
- MARCHESE, M.P. ; MURANO, F. (2015) Ferdinand de Saussure et l'épigraphie. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 68, Genebra : Droz, 2015. p. 95-111.
- MARTINET, A. (1945), « Fondements de la théorie linguistique de M. L. Hjelmslev », **Bulletin de la Société de linguistique de Paris**, n°42, pp. 19-42, 1942-1945.
- MEILLET, A. (1916). « Compte rendu du CLG ». In MOUNIN, G. **Saussure ou le structuraliste sans le savoir**. Paris : Éditions Seghers, 1968.
- _____. (1912) Compte-rendu de COURTENAY, B de. Ob otnosenii russkovo pis'ma k russkomu jazyku. Société de linguistique de Paris. **Bulletin de la Société de linguistique de Paris**. t. XVIII, 1912-13, p. CXIV.
- MILANO, L. (2016) O fônico em Saussure – um apêndice do *Curso de linguística geral*. In FARACO (org.) *O efeito Saussure – cem anos do Curso de linguística geral*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 141-154.
- _____. (2017) Le statut du phonique dans le CLG. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 70, Genebra: Droz, 2017. p. 85-100.
- MILLER, J.-A. (1966) A sutura, elementos da lógica do significante. In COELHO, E.P. (org) **Estruturalismo** – antologia de textos teóricos. Lisboa: Portugália Editora, 1967, p. 211-224.
- MILNER, J.-C. (1978) **O amor da língua**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2012.
- _____. (1989) **Introduction à une science du langage**. Paris : Éditions du seuil.
- _____. (1992) Linguística e Psicanálise. **Rev. Estud. Lacan.**, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em jun. 2018.
- _____. (1995) **A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

- _____. (2000) Da linguística à linguisteria. In: **Lacan, o escrito, a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 33-52.
- _____. (2002). **Le périple structural** – figures et paradigme. Paris : Seuil.
- MOUNIN, G. (1967) **Histoire de la linguistique** – des origines au XXe siècle. Paris : Presses Universitaires de France, 1970.
- _____. (1968). **Saussure ou le structuraliste sans le savoir**. Paris : Éditions Seghers, 1968.
- NANCY, J.-L. ; LACQUE-LABARTHE, P. (1973) O título da letra: uma leitura de Lacan. São Paulo: Escuta, 1991.
- NAVILLE, A. (1901) **Nouvelle classification des sciences** – étude philosophique. Paris : Félix Alcan Éd.
- NORMAND, C. (1978a) Saussure : un moment dans une histoire. **Langages**, 1978, n. 49, p. 3-4.
- _____. (1978b) Langue/parole : constitution et enjeu d'une opposition. **Langages**, 1978, n. 49, p. 66-90.
- _____. (2000) **Saussure**. Col. Figures du savoir. Paris : Société d'édition les Belles Lettres.
- _____. (2004) Saussure-Benveniste. In **Convite à linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 197-204.
- _____. (2006) Les blancs des manuscrits saussuriens. In: **Allegro ma non troppo**: invitation à la linguistique. Ophrys, 2006.
- OLIVEIRA, Fernão de. (1536) **Grammatica da lingoagem portuguesa**. - Em Lixboa : e[m] casa d'Germão Galharde, 27 Ianeyro 1536. - [38] f. ; 4º (20 cm). Disponível em: <<http://purl.pt/120>>. Acesso em jun. 2018.
- PEREIRA DE CASTRO, M.F. (2013) Pequeno ensaio sobre o Tempo na teorização saussuriana. In FIORIN; FLORES; BARBISAN (orgs.) **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto. p. 87-98
- _____. (2017) **Sur la construction du concept d'identité dans le CLG**. Trabalho apresentado no congresso Le Cours de Linguistique Générale – L'émergence. Genebra, jan. 2017, inédito.
- _____. (2018) Sobre a analogia na reflexão saussuriana. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 2018 (aprovado para publicação).
- PETIT, D. ; QUIJANO, C. Du nouveau à propos du voyage de F. de Saussure en Lituanie. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 61, Genebra: Droz, 2008. p. 133-157.
- PLATÃO. **Fedro** ; texto grego John Burnet; trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2011.
- POINCARÉ, H. (1895). Analysis Situs. **Journal de l'École Polytechnique**, II^e série – 1^{er} cahier. Paris : Gauthier-Villars et Fils Imprimeurs-librairies.
- _____. (1912). Pourquoi l'espace a trois dimensions. In : POINCARÉ, H. **Dernières pensées**. Paris : Ernest Flammarion Éd, 1917. p. 56-97.
- POMMIER, G. (1993) **Naissance et renaissance de l'écriture**. Paris : Presses Universitaires de France, 1996.

- PUECH, C. (2000). « L'esprit de Saussure : réception et héritage (l'héritage linguistique saussurien : Paris contre Genève) », **Les dossiers de HEL**, Paris, SHESL, 2013, no 3. Disponível em: <htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num3/puech.pdf>. Acesso em jun 2018.
- _____. (2008). Qu'est-ce que faire l'histoire du « récent » ? In Durand J. Habert B., Laks B. (éds.). **Congrès Mondial de Linguistique Française**, Paris, 2008, Institut de Linguistique Française. Disponível em : <<http://www.linguistiquefrancaise.org>>. DOI 10.1051/cmlf08334. Acesso em jun 2018.
- QUIJANO, C.M. (2005) Sous le signe du doute – présentation des textes de E. Constantin. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 58, 2005. p. 43-67.
- THOMAS-QUILICHINI, J. O conceito de representação. In DORGEUILLE; CHEMAMA (orgs.) **Dicionário de psicanálise** vol. 2 – Freud e Lacan. Salvador: Ed. Agalma, 1998. p. 63-82.
- RASTIER, R. (2013) Le silence de Saussure ou l'ontologie refusée. **Cahier L'Herne – Saussure**. Paris: Éd. L'Herne, 2003. p. 23-51.
- RIBEIRO, P.A. (2016). O efeito Saussure. In SOUZA; NAGEM; BALDINI (orgs.) **A palavra de Saussure**. São Carlos – SP: Pedro & João Ed. p. 323-333.
- RIBEIRO, P. A; TURRA, B. M. (2017) Lacan leitor de Saussure? O que se transmite 100 anos depois. In: SILVA. (org.). **A Herança de Ferdinand de Saussure**. Rio de Janeiro: Autógrafa, 2017, p. 76-90.
- ROUDINESCO, E. (2001) **A análise e o arquivo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- SAFOUAN, M. (1982) **L'inconscient et son scribe**. Paris : Éd. du Seuil.
- SANTIAGO, S. (sup.) **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed., 1976.
- SECHEHAYE, A. « La langue à la lumière d'une théorie nouvelle » Compte-rendu du CLG. **Revue philosophique**, 1917.
- SEROT, P. Présentation. Table ronde « La Phonologie dans l'œuf » (Genève, 16 juin 2001) **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 55, Genebra: Droz, 2002. p. 5-6.
- SILVEIRA, E.M. (2003) **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. 2003. Tese de doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; Campinas, SP.
- _____. (2018) As tarefas do linguista no manuscrito 'Souvenirs'. Comunicação. **XXXIII Encontro Nacional da Anpoll**. Cuiabá (inédito).
- TESTENOIRE, P.-Y. (2010). Genèse d'un principe saussurien : la linéarité. **Revue Recto/Verso** n.6 spet. 2010. Disponível em <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01395909>>. Acesso em jun 2018.
- _____. L'origine de l'écriture, un enjeu de la linguistique saussurienne ? **3e Congrès Mondial de Linguistique Française**, Lyon, EDP sciences, p. 803-816. Disponível em: <http://www.shsconferences.org/index.php?option=com_article&access=doi&doi=10.1051/shsconf/20120100145&Itemid=129>. Acesso em jun 2018.
- _____. (2013). **Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes**, Limoges, Lambert Lucas.

- _____. (2016) Sur la conceptualisation de la " langue écrite " dans les théorisations linguistiques du début du XXe siècle. **Dossiers d'HEL**, SHESL, 2016, Écriture(s) et représentations du langage et des langues, 9, p.34-46. Disponível em: <<http://hdl.linguist.univ-paris-diderot.fr/hel/dossiers/numero9>>. Acesso em jun 2018.
- _____. (2018) Sulla lettura e la scrittura: ciò che Benveniste ha letto in Saussure, e ciò che non ha letto. In **Linguistica e filosofia del linguaggio studi in onore di Daniele Gambarara**. Milano: Mimesis Edizioni, p. 475-489.
- TRABANT, J. (2005) Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs ? Notes item sur l'étymologie saussurienne. In: **Langages**, 39e année, n°159. p. 111-124; DOI : 10.3406/lgge.2005.2655. Disponível em: <www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_2005_num_39_159_2655>. Acesso em jun 2018.
- TRUBETSKOY, N.S. (1935) Nota para uma ciência pura da escrita. In TOLEDO, D. (org.) **Círculo lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1978.
- _____. (1939) **Principles of phonology**. California, LA: University of California Press, 1971.
- VACHEK, J. (1939). Zum problem der Geschriebensprache. In. VACHEK, J. (1976) **Selected writings in English and general linguistics**. Mouton – The Hague, Paris.

ANEXOS

ANEXO A TABELA COMPARATIVA PARCIAL DOS SUMÁRIOS DO TERCEIRO CURSO (CONSTANTIN E DÉGALLIER), DA COLLATION SECHEHAYE E DO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

	CAHIERS CONSTANTIN	CAHIERS DÉGALLIER	COLLATION SECHEHAYE	COURS DE LINGUISTIQUE GÉNÉRALE
[28 octobre]	Introduction	La linguistique	Linguistique générale – introduc.	Introduction <hr/> Chap. 1 – Coup d’œil sur l’histoire de la linguistique (pp. 13-19) <hr/> Chap. 2 – Matière et tâche de la linguistique ; ses rapports avec les sciences connexes (pp. 20-22) <hr/> Chap. 3 – Objet de la linguistique (pp. 23-35) <hr/> Chap. 4 – Linguistique de la langue et linguistique de la parole (pp. 36-39)
[4 novembre]	Divisions générales du cours	Divisions gén. du cours	Chap. Préliminaire – justification de cette division et de cet ordre	
[8 novembre]	I partie : Les Langues	I partie : Les Langues	I partie : Les Langues	Este trecho das notas e da Collation foi deslocado para a quarta parte do CLG, “Linguística Geográfica”
[8 novembre]	Chap. 1 – Diversité géographique de la langue	Chap. 1 – De la diversité des langues	Chap. 1 – De la diversité des langues	
[11 novembre]	Chap. 2 – Entrecroisements de la diversité géographique	Chap. 2 – De différents faits qui peuvent entrecroiser la diversité géographique	Chap. 2 – De différents faits qui peuvent entrecroiser la diversité géographique	
[14 novembre]	Chap. 3 – Causes de la diversité géographique	Chap. 3 – Diversité géographique de la langue envisagée au point de vue de ses causes <hr/> Chap. 4 – Évolution (due au temps) dans continuité géographique <hr/> Chap. 5 – Ondes linguistiques envisagées comme contagion sociale, ou dans leur propagation à travers territoire	Chap. 3 – Diversité géographique de la langue envisagée au point de vue de ses causes <hr/> Chap. 4 – L’évolution dans la continuité géographique <hr/> Chap. 5 – Ondes linguistiques envisagées comme contagion sociale, ou dans leur propagation à travers territoire	
		----	----	Chap. 5 – Éléments internes et élément externes de la langue
		----	Paragraphe d’introduction	Chap. 6 – Représentation de la langue par l’écriture (pp. 44-54) § 1. Nécessité d’étudier ce sujet § 2. Prestige de l’écriture ; causes de l’ascendant sur la forme parlée § 3. Les systèmes d’écriture § 4. Cause du désaccord entre la graphie et la prononciation § 5. Effet s de ce désaccord
[2 décembre]	Chap. 4 – La représentation de la langue par l’écriture	Chap. 6 – Représentation de la langue par l’écriture <hr/> - Causes de l’ascendant que prend l’écriture <hr/> - Les 2 grands systèmes d’écriture o 1o. le système idéographique o 2o. système « phonétique » <hr/> - Notre système (phonétique, grec) <hr/> - Causes du fait que l’orthographe arrive vite à se vicier <hr/> - Doutes sur la prononciation (tératologie) <hr/> - Précaution à prendre vis-à-vis de l’écriture <hr/> - Il faut dresser le système phonologique de l’idiome	Chap. 6 – Représentation de la langue par l’écriture <hr/> I. Causes de l’ascendant que prend l’écriture <hr/> II. Les 2 grands systèmes d’écriture o 1o. le système idéographique o 2o. système « phonétique » <hr/> III. Notre système <hr/> IV. Désaccord entre la graphie et la prononciation <hr/> ----- <hr/> V. Précaution à prendre vis-à-vis de l’écriture. Comment il faut établir le système phonologique d’un idiome	

continua ⇒

		- Ressource pour établir système phonologique :		
		o D'une période passée		
		o De la période actuelle		
		o D'un alphabet phonologique générale		
	Chap. 7 – De la phonologie		Chap. 7 – De la phonologie	Chap. 7 – La phonologie
	- 1. Définition de la phonologie		I. Sa définition et ses principes	§ 1. Définition
	- 2. Classification des phonèmes		II. Classification de phonèmes	§ 2. L'écriture phonologique
	- 3. Classification morphologique des espèces phonologiques		III. Le phonème dans la chaîne parlée	§ 3. Critique du témoignage de l'écriture
	Écriture phonologique (alphabet phonologique seul)		IV. L'écriture phonologique	
				Appendice
				Principes de phonologie
				Chap. 1 - Les espèces phonologiques
				§ 1. Définition du phonème
				§ 2. L'appareil vocal et son fonctionnement
				§ 3. Classification des sons d'après leur articulation buccale
				Chap. 2. - Le phonème dans la chaîne parlée
				§ 1. Nécessité d'étudier les sons dans la chaîne parlée
				§ 2. L'implosion et l'explosion
				§ 3. Combinaisons diverses des explosions et des implosions dans la chaîne
				§ 4. Frontière de syllabe et point vocalique
				§ 5. Critique des théories de la syllabation
				§ 6. Durée de l'implosion et de l'explosion
[9 janvier]	Chap. 5 – Tableau des familles de langues	Chap. 5 – Tableau des plus importantes familles de langues du globe	Não consta da Collation	Não consta do CLG
[13 janvier]	- 1. La famille indoeuropéenne	- 1. La famille indoeuropéenne		
[7 mars]	- 2. La famille des langues sémitiques	- 2. La famille des langues sémitiques		
[18 avril]	Chap. 6 – Coup d'œil sur l'Europe	Chap. 6 – Coup d'œil sur l'Europe		
[25 avril]	II partie : La langue	II partie : La langue		

Tabela elaborada a partir do sumário dos Cahiers Constantin (KOMATSU; HARRYS, 1993; GAMBARARA; MEJÍA, 2005), da tabela comparativa de SOFIA (2015) e da Table de matières do CLG (Payot, 1972).

ANEXO B TRANSCRIÇÃO DA EDIÇÃO SINÓPTICA DE R. ENGLER REFERENTE À PÁGINA 24 DA EDIÇÃO BRASILEIRA DO CLG

Intr. III § al. 3 ²⁷⁵ La langue est un système de signes ²⁷⁶ exprimant des idées, ²⁷⁷ et par là, comparable à l'écriture, ²⁷⁸ à l'alphabet des sourds-muets, ²⁷⁹ aux rites symboliques, ²⁸⁰ aux formes de politesse, ²⁸¹ aux signaux militaires, etc., etc. ²⁸² Elle est simplement le plus important de ces systèmes.	33 (33) D 181 [suite de 271] ²⁷⁵ Langue est un système de signes reposant sur image acoustique. Association d'une idée avec un signe, c'est ce qui fait l'essence de la langue. [suite 286]	SM III 113 S 2.7 [suite de 271] ²⁷⁵ L'association d'une idée avec un signe est l'essence de la langue. [suite 282]	J 153 [suite de 271] ²⁷⁵ C'est un système de signes reposant sur une image acoustique. C'est l'association d'une idée avec un signe arbitraire qui est l'essence d'une langue. [suite 286]	III C 273 [suite de 271] ²⁷⁵ C'est un système de signes reposant sur des images acoustiques. <Association d'une idée avec un signe, c'est ce qui fait l'essence de la langue.> D'autres systèmes de signes : ceux de l'écriture, signaux maritimes, langue des sourds-muets. [suite 286]
	D 7 [suite de 287] ²⁷⁶ Langue est ensemble de signes. D'autres institutions ont ce caractère [279] (institutions rituelles), [276] mais dans la langue, signes évoquent <i>directement</i> les idées comme dans d'autres systèmes également. [suite 281]	SM III 96 S 1.6 [suite de 274] ²⁷⁶ La langue est un ensemble de signes exprimant des idées. [suite 285]	J 5 [suite de 287] ²⁷⁶ La langue est un ensemble de signes évoquant des idées . Il n'y a pas que la langue qui soit un système de signes, mais elle est le plus important	III C 16 [suite de 274] ²⁷⁶ Reprenons la langue considérée comme un produit du travail social : c'est un ensemble de signes fixés par un accord des membres de cette société ; ces signes évoquent des idées, mais par les signes ça a quelque chose de commun avec les rites par exemple. Presque toutes les institutions, pourrait-on dire, ont à la base des signes, mais ils n'évoquent pas directement les choses. Il se passe dans toutes les sociétés ce phénomène que pour différents buts des systèmes de signes évoquant directement les idées que l'on veut se trouvent établis ; il est évident que la langue est un de ces systèmes et que c'est de tous le plus important, mais il n'est pas l'unique : et par conséquent nous ne pouvons pas laisser de côté les autres. [suite 281]
	II R 12 [suite de 292] ²⁷⁷ Il est évidente aussi que la langue n'embrasse pas toute espèce de système formé par les signes. Il doit donc exister une science des signes plus large que la linguistique (systèmes de signe maritimes, des aveugles, sourds-muets, et enfin <le plus important :> l' écriture elle-même !). [suite 290]	SM II 53 G 1.2a-b [suite de 286] ²⁷⁷ La sémiologie comprend d'autres sciences parallèles à celle de la langue : celles qui ont pour objet les signaux maritimes, les systèmes pour sourds-muets, les écritures pour aveugles. [suite 290]	B 8 [suite de 288] ²⁷⁷ Il semble bien qu'elle aurait lieu d'exister. Donc une science plus large que la linguistique : signe maritime, signes pour aveugles, écriture, etc. [suite 290]	II C 11 [suite de 288] ²⁷⁷ La langue ne constitue pas seul système de signes. Il existe beaucoup de systèmes de signes : signaux maritimes, signes pour sourds-muets, aveugles, pour l'écriture. [suite 290]
	D 7 [suite de 281] ²⁷⁸ alphabet de sourds-muets, écriture, etc. [suite 285]	SM III 96	J 5 [suite de 276] ²⁷⁸ Les signaux maritimes sont un système sémiologique ; l'écriture est aussi un système de signes. [suite 285]	III C 17 [suite de 281] ²⁷⁸ le langage par signes des sourds-muets, etc. L'écriture est également un vaste système de signes. [suite 285]

²⁷⁹ [> 273, 276 ; >]]

II R 17 [suite de 296] SM II 53
²⁸⁰ [= 1131] <Où s'arrêtera la sémiologie ? C'est difficile à dire> Cette science verra son domaine s'étendre toujours davantage. Les signes, les gestes de **politesse** par exemple y rentreraient : ils ont un langage en tant qu'ils signifient quelque chose. Ils sont impersonnels - <sauf la nuance, mais on peut en dire autant des signes de la langue> -, ne peuvent être modifiés par l'individu et se perpétuent en dehors d'eux.
 [suite 1131]

D 7 [suite de 276] SM III 96
²⁸¹ Donc, il faut faire entrer la langue dans *institutions sémiologiques* : signaux maritimes visuels, **signaux militaires** de trompettes,
 [suite 278]

D 182 [suite de 286] SM III 113
²⁸² Au sein de cette science, la série linguistique ne sera que la **plus importante**, et de beaucoup, mais ne sera cependant qu'un <cas> particulier des faits sémiologiques. Il y aura des lois générales de la sémiologie.
 [suite 321]

G 1.3a [suite de 295]
²⁸⁰ La sémiologie verra s'étendre son domaine. Elle englobera la **politesse**, qui est aussi un langage. Les caractères des ses signes ont des traits communs avec ceux du langage : l'individu n'est pas maître de les changer, sauf la nuance.
 [suite 1131]

S 2.7 [suite de 275]
²⁸² La langue n'est qu'un cas particulier des faits sémiologiques.
 [suite 321]

J 5 [cf. 273]

²⁷⁹ Une cérémonie, un ensemble de **rites** sont des institutions rappelant un peu la langue.

B 11 [suite de 294]
²⁸⁰ Où s'arrêtera la sémiologie ? c'est difficile à dire d'avance. On ne refuse pas le nom de *signes* à ce que nous appelons *signes* de politesse. Le geste par lequel nous saluons a en grande partie les mêmes caractères que les autres signes linguistiques. Ça signifie quelque chose <arbitrairement>, c'est impersonnel. <Impersonnel – sauf les nuances, mais on peut en dire autant pour les signes linguistiques.> C'est une chose qui passe par-dessus les individus, qui se perpétue en dehors d'eux. Ce sera la tâche de la sémiologie de marquer les différences <et les degrés>.
 [suite 1131]

III C 17 [suite de 276]
²⁸¹ Il faudrait donc faire entrer la langue dans les institutions sémiologiques : celle de signaux maritimes par exemple (signes visuels), les signaux de trompettes militaires, [suite 278]

III C 274 [suite de 286]
²⁸² Aucune série de signes n'aura une importance plus considérable dans cette science que celle des faits linguistiques. On pourrait retrouver l'équivalent dans l'écriture de ce que sont les faits phonétiques dans la langue.
 [suite 321]

²⁸² simplement 2^e éd. seulement

ANEXO C TRANSCRIÇÃO DA EDIÇÃO SINÓPTICA DE R. ENGLER REFERENTE ÀS PÁGINAS 138 E 139 DA EDIÇÃO BRASILEIRA DO CLG

2 IV § 3 al. 8 ¹⁹³⁰ Comme on constate un état de choses identique dans cet autre système de signe qu'est l'écriture, nous le prendrons comme terme de comparaisons pour éclairer toute cette question. En fait :	171 (165)	II R 13 [suite de 289]	SM II 53	G 1.2b [suite de 290] ¹⁹³⁰ L'écriture et ses caractères nous indiquent qu'on est dans un même domaine que celui de la langue :	B 8 [suite de 289] ¹⁹³⁰ Si l'on jette un coup d'œil sur le système de l'écriture, l'on peut voir qu'on est dans le même ordre de chose qu'avec la linguistique <(langue)>.	II C 12 [suite de 289] ¹⁹³⁰ Dans système de l'écriture, il y a caractères qui montrent que nous sommes dans le même ordre de choses que la langue. Cans l'écriture on a :
2 IV § 3 al. 9 ¹⁹³¹ 1° les signes de l'écriture sont arbitraire ; aucun rapport, par exemple, entre la lettre <i>t</i> et le son qu'elle désigne ;	171 (165)	II R 13	SM II 53	G 1.2b ¹⁹³¹ 1° Le caractère arbitraire du signe ;	¹⁹³¹ 1° Dans l'écriture, on a le caractère arbitraire du signe – il n'y a pas de rapport entre le signe et la chose à designer.	II C 12 ¹⁹³¹ 1° La caractère arbitraire du signe (par exemple écrire L pour T) ; en soi pas de rapport entre le signe et la chose qu'il veut désigner.
2 IV § 3 al. 10 ¹⁹³² 2° la valeur des lettres est purement négative et différentielle ; ainsi une même personne peut écrire <i>t</i> avec des variantes telles que : τ T t t La seule chose essentielle est que ce signe ne se confonde pas sous sa plume avec celui de l, de d, etc. ;	171 (165)	II R 13	SM II 53	G 1.2b ¹⁹³² 2° [le caractère] négatif ou différentiel. Le signe n'emprunte sa valeur qu'aux différences, ce qui permet qu'il prenne des formes variées : τ T t t Mais <i>t</i> ne deviendra jamais <i>l</i> .	B 8 ¹⁹³² 2° Um second caractère, c'est la valeur purement négative et différentielle du signe de l'écriture. Il n'emprunte sa valeur qu'aux différences. On peut écrire τ T t t L'important, c'est que ce soit de l L ou M m, etc.	II C 12 ¹⁹³² 2° Valeur négative ou différentielle du signe d'écriture, c'est-à-dire qu'il n'emprunte sa valeur qu'aux différences. Chez des personnes différentes, le <i>t</i> est différent : τ T t t mais cependant, il n'est pas identique à d, L, l; c'est tout ce qu'on demande. <On lui demande qu'il ne ressemble pas à une autre lettre.>
2 IV § 3 al. 11 ¹⁹³³ 3° les valeurs de l'écriture n'agissent que par leur opposition réciproque au sein d'un système défini, composé d'un nombre déterminé de lettres. ¹⁹³⁴ Ce caractère, sans être identique au au second, est étroitement lié avec lui, parce que tous deux dépendent du premier. ¹⁹³⁵ Le signe graphique étant arbitraire, sa forme importe peu, ou plutôt n'a d'importance que dans les limites imposées par le système ;	172 (165)	II R 13	SM II 53	G 1.2b ¹⁹³³ 3° Les valeurs de l'écriture n'agissent que comme grandeurs opposées <dans un système défini > ; elles sont oppositives, ne sont des valeurs que par opposition. <Il y a une limite dans le nombre de valeurs.> ¹⁹³⁴ N'est pas tout à fait la même chose que 2°, mais se résout bien finalement en la valeur négative : ¹⁹³⁵ Exemple : ce qui est P pour un Russe sera R pour un Grec, etc. ; 2° et 3° sont une conséquence nécessaire de 1°. / [14]	B 8 ¹⁹³³ 3° En troisième lieu – même chose sous une autre forme – ces valeurs / [9] de l'écriture n'agissent que comme grandeurs opposées dans un système défini. Il y a une limite dans le nombre de valeurs. ¹⁹³⁵ P : j'y vais pé (p). Um Russe y voit r < ? Ce qui est P pour un Russe sera R pour un Grec.> En outre, les points 2° et 3° se déduisent de 1°. Il suffit de dire que les signes sont arbitraires. Il en résulte que ce ne sont que les différences qui importent.	II C 12 ¹⁹³³ 3° Ces valeurs de l'écriture n'agissent que comme valeurs opposées dans un système défini. Elles sont <i>oppositives</i> , consistent dans des oppositions, <et il y a une limite du nombre des valeurs admises au total>. ¹⁹³⁵ Dans ce signe je vois P ; un Grec ou un Russe y voit R. C'est là la valeur oppositive se déduisent du point 1°. Puisque positivement, il n'y a aucun rapport entre signe et chose qu'il veut désigner, tout le reste se déduit <i>ipso facto</i> .
2 IV § 3 al. 12 ¹⁹³⁶ 4° le moyen de production du signe est totalement indifférent, car il n'intéresse pas le système (cela	172 (165)	II R 14	SM II 53	G 1.2b ¹⁹³⁶ 4° Indifférence totale du moyen de production du signe (découle également de 1°) ;	B 9 ¹⁹³⁶ 4° Indifférence totale de la façon de produire le signe.	II C 12 ¹⁹³⁶ 4° Indifférence totale du moyen de / [13] production du signe –

¹⁹³⁵ R *sic* ; cf. B [!] et C.

découle aussi du premier caractère).
¹⁹³⁷ Que j'écrive les lettres en blanc ou en noir, en creux ou en relief, avec une plume ou un ciseau, cela est sans importance pour leur signification.

¹⁹³⁷ **que** je les **écrive en blanc, noir, creux, relief** etc., <c'est indifférent>.

Nous retrouverons tous ces caractères dans la langue :

à 1° : le mot *Apfel* tout aussi capable de désigner le fruit connu que *pomme*. Dans l'association du signe à l'idée il n'y a rien qui lie en soi ce signe à cette idée. C'est une des raisons qui font qu'on doit éviter le terme de symbole, qui en soi est justement le contraire (ainsi la balance, symbole de la justice : il y a un rapport entre le signe et l'idée).

à 2° et 3° : tout consiste en des différences, en des oppositions.

[= 1912] <Exemple aussi bien pour 2° et 3° bien que proprement il se rapporte à 3° ,> :

[= 1913] ainsi ἐφῆν [éphēn] = imparfait, ἐστῆν [éstēn] = aoriste parce que φῆμι [phēmí] est dans le voisinage de ἐφην [éphēn] et parce que dans le voisinage de ἐστῆν [éstēn] il n'y a pas στημί [stēmí].

[= 1914] Ces signes agissent donc non par leur valeur intrinsèque mais par leur position relative comme dans un jeu d'échecs. /[15]

à 4° : <(c'est moins évident.)> Est-il si nécessaire que la langue se prononce par l'organe vocal ? Non, les mots peuvent être transposés dans l'écriture. L'instrument n'y fait rien. Ainsi la comparaison de la langue avec un autre système de signes nous permet d'aller jusque là, d'affirmer que là n'est pas l'essence de la langue. [suite 1130]

¹⁹³⁷ (de toutes les manières possibles, etc.)

Ces caractères des signes d'écriture se retrouvent tous dans les signes linguistiques :

1° Un mot pourrait signifier n'importe quoi (ce qui condamne la définition du mot par *symbole*).

2° La valeur négative du mot est évidente. Tout consiste en différences.

3° La valeur devient positive grâce à l'opposition, par le voisinage, par le contraste : ἐφῆν [éphēn] = imparfait, ἐστῆν [éstēn] = aoriste, quoique formés semblablement. /[2c]

4° Indifférence du moyen de production. Le mot peut aussi bien être exprimé par l'écriture que par <le langage> l'organe vocal.

[suite 1130]

¹⁹³⁷ On peut creuser, mettre en relief, écrire à la plume, à la craie les signes, c'est indifférent.

Ces caractères se trouvent dans la langue :

1° Le caractère arbitraire. Le mot pourrait désigner tout autre chose que ce qu'il désigne. <*Apfel* par exemple est aussi capable de désigner le fruit connu que *pomme*.> Dans l'association qui unit le signe à l'idée, il n'y a rien qui lie en soi le signe avec l'idée. C'est pour ça qu'il faut se garder d'employer le mot *symbole* à ce propos.

2° Quand nous parlons de la valeur négative, c'est aussi certain. Tout consiste en des différences.

3° *Idem* : ἐφῆν est imparfait, ἐστῆν est aoriste. C'est à cause du voisinage avec φῆμι. <Dans le voisinage de ἐστῆν, il n'y a pas στημί.

Ces signes agissent donc non par leur valeur intrinsèque mais par leur position relative, comme dans un jeu d'échecs.>

4° Indifférence de la matière. C'est moins évident. L'essence de nos mots n'est pas changée quand nous la transportons hors de l'organe vocal. La preuve, c'est que nous écrivons notre langue. L'organe vocal n'est pas l'essence de la langue. /[10]

[suite 1130]

¹⁹³⁷ indifférent qu'on les creuse dans du bois, du marbre, écrit sur papier. <En relief ou en creux.>

Nous retrouverons tous ces caractères dans la langue :

1° Caractère indifférent du mot *Apfel*, *pomme* désignant certain fruit ; rapport est arbitraire par rapport à ce que cela représente. Dans association qui unit le signe à l'idée, il n'y a rien qui lie en soi le signe avec cette idée. On ne peut employer <d'après M. de Saussure> ici le mot *symbole*, car il y a toujours dans l'idée de *symbole* une certaine correspondance entre l'idée et le symbole (balance = symbole de la justice).

[2°/3°] Si nous parlons des valeurs négatives, tout consiste en des différences ou des oppositions. Si un *a* existe dans une langue à profusion ou très rarement dans une langue, son importance est changée. Pourquoi ἐφῆν est un imparfait et ἐστῆν un aoriste ? C'est une correspondance.

(Cela tient du point 2 et aussi du point 3.)

[4°] Pour ce qu'il s'agit de l'indifférence du moyen de production du signe (point 4) : Est-il nécessaire que nos mots se prononcent par l'organe vocal ? L'essence de nos mots ne sera pas touchée, transposée dans l'écriture par exemple. En soi, ils ne sont pas changés lorsqu'on ne les exprime pas l'organe vocal. /[14] Ce n'est pas là l'essence de la langue que d'être prononcée.

[suite 1130]

Anexo D: Originais das traduções presentes no corpo do texto

O içar das velas

- a. “Qu'est-ce que je dis ? Vocabulaire de la psychanalyse ! Vous voyez le lapsus, hein ? Enfin ça vaut le Lalande.”
- b. « « Lalangue », comme je l'écris maintenant - j'ai pas de tableau noir... bien écrivez : Lalangue en un seul mot – c'est comme ça que je l'écrirai désormais. Voyez comme ils sont cultivés ! [Rires]
Alors on n'entend rien ! C'est l'acoustique ? Vous voulez bien faire la correction ? C'est pas un « d » c'est un « gu » ».
- c. « Le savoir impliqué dans le savoir-faire n'est pas l'épistémé. Il n'est pas transmissible par la théorie et il excède ce que l'on peut en dire comme l'idée que l'on peut s'en faire. Non pas qu'il ne se transmette pas, mais il ne s'avère transmissible que par l'usage concret qui en est fait, un usage engageant le corps. Le savoir du savoir-faire est donc un « savoir maniable ». Il n'est donc pas la connaissance et il s'avère troué par l'objet qui en constitue l'enforme. »
- d. « Il est crucial de comprendre que ce nom est formé comme un nom d'artisanat (respectable : menuiserie, boulangerie, etc., ou méprisé : piraterie, escroquerie, tricherie, etc.) et sur le mot *linguiste* plutôt que sur le mot *linguistique*. »

Introdução

- a. “todo lo que, estando destinado a permanecer en secreto, en lo oculto, ha salido a la luz.”
- b. « les hommes qui ont inventé et perfectionné l'écriture ont été des grands linguistes et ce sont eux qui ont créé la linguistique. »
- c. « C'est sans doute Meillet qui, dans un compte rendu de treize lignes, a suggéré le premier cette voie d'approche capitale pour la “préhistoire » de la linguistique. »
- d. « Les linguistes, inévitablement dominés par l'écriture (les hommes qui ont inventé et perfectionné l'écriture ont été de grands linguistes, et ce sont eux qui ont créé la linguistique), ne sauraient réfléchir assez à la façon dont toute notation trompe, de par sa nature même. »
- e. « Il y a <donc> véritablement absence <nécessaire> de tout point de départ [...] »
- f. « Pourquoi Saussure et que peut-on en faire aujourd'hui ? Nous savions en tout cas ce que nous ne voulions pas en faire : ni un « père fondateur », déterminant un point zéro de la linguistique moderne, ni un point, même privilégié, d'une ligne continue, où serait simplement aménagées et systématisées des notions toujours déjà annoncées ailleurs. Alors nous avons essayé de le suivre dans ses tâtonnements, parfois à peine dégagées du discours dominant ; nous avons essayé devant les limites qu'il trace, les réflexions qu'il ouvre et qui, à bon entendre, sont plutôt des problèmes, de comprendre les enjeux théoriques ici dessinés, leur portée et leur portée actuelle s'éclairant réciproquement. »

Capítulo 1 Do que se faz com a escrita na linguística e alhures

- a. « Toute trace écrite se précipite comme un élément chimique d'abord transparent, innocent et neutre, dans lequel la simple durée fait peu à peu apparaître tout un passé en suspension, toute une cryptographie de plus en plus dense. »
- b. On peut considérer que les effets de l'occultation de l'écrit par la vulgate structuraliste sont en voie de se résorber. Les discussions menées par exemple dans le colloque organisé par Nina Catach "Pour une théorie de la langue écrite" en 1986 témoignaient déjà d'une "démarginalisation", notamment par la présence de linguistes éminents comme R. Martin ou J. Rey-Debove.
- c. „als Reaktion auf die früheren Perioden des sprachwissenschaftlichen Denkens, da sich die Sprachwissenschaftler nur sehr schwer von dem Zwang der optischen Buchstaben zu den akustischen Lauten durchzuringen vermochten; andererseits wird sie aber den sprachwissenschaftlichen Tatsachen, wie wir sie heutzutage sehen, nicht gerecht.“
- d. „Es wird unbedingt notwendig sein, »die geschriebene Sprache« (»la langue écrite«) und »die gesprochene Sprache« (»la langue parlée«) als zwei besondere Normensysteme zu unterscheiden. Die bisherige Bezeichnung »die Sprache« (»la langue«) wird dadurch nicht überflüssig gemacht, nur ihr begrifflicher Inhalt wird geändert. Sie bezeichnet keine abstrakte, universale Norm, sondern die Summe beider oben besprochenen Normen, die ja

- dadurch miteinander verknüpft sind, daß sie einer und derselben Sprachgemeinschaft die Mittel gewähren, um zu einem beliebigen Sachverhalt einen beliebigen Standpunkt einzunehmen.“
- e. “We speak here deliberately of a system, not a mere inventory, of such means: each grapheme belonging to that system is mainly characterized by being different from the other graphemes of that system.”
- f. « une discipline originale, indépendante de tout ce qui a pu être fait avant elle, les travaux de de Saussure mis à part » ; « dont Louis Hjelmslev est le véritable créateur ».
- g. « Hjelmslev est parfaitement logique avec lui-même lorsqu’il déclare, p. 92, qu’un texte écrit a pour le linguiste exactement la même valeur qu’un texte parlé ; puisque le choix de la substance n’importe pas. Il se refuse même à admettre que la substance parlée soit primitive, et la substance écrite dérivée. [...] Nous n’insisterons donc pas. Mais la comparaison de l’écriture et de la parole a ceci d’instructif qu’elle nous montre qu’une de ces deux substances est plus proprement linguistique que l’autre. »
- h. « Il y a sans doute des lois phonétiques (et sémantiques) qui ne s’expliquent que par la substance ; de même il y a sans doute des lois graphiques (pas dégagées encore, peut-être) qui ne s’expliquent que par la substance graphique ; il serait faux de vouloir expliquer de telles faits génétiques par une autre substance que par celle dont ils relèvent ; [...] Il faut d’ailleurs prévoir aussi des influences de la prononciation sur l’orthographe et de l’orthographe sur la prononciation ; l’expérience ne manque pas de confirmer cette supposition apriorique. – Mais il peut y avoir aussi des lois glossématiques ; cénématiques, plérématiques, qui ne s’expliquent que par la forme. »
- i. « D’une part des Sts, d’autre part des signes (monèmes) avec à la fois Sts et Ses. »
- j. « il est nécessaire d’exclure de la linguistique les systèmes de communication qui, tout en articulant les messages en unités successives, ne soumettent pas ces unités elles-mêmes à une articulation supplémentaire »
- k. « Cet exposé est volontairement schématique. En réalité la ligne de ce développement n’est ni une ni droite. Elle a jalonné à la fois une série de progrès, sur lesquels il est inutile d’insister, parce qu’ils sont trop visibles, mais aussi une suite de déchéances : de moyen d’expression autonome, l’écriture est tombée au rang de simple substitut de la parole. »
- l. « Il est cependant certains signes géométriques à propos desquels nous pouvons affirmer qu’ils ne résultent pas d’une stylisation d’images antérieurs. »
- m. “to lay a foundation for a full science of writing, yet to be written”. “This term seems to me better suited than either ‘graphology’, which could lead to a misunderstanding, or ‘philography’ (a new term coined in contrast to ‘philology’), which is not so exact as ‘grammatology’”.
- n. “to establish general principles governing the use and evolution of writing on a comparative-typological basis”.
- o. “general linguists who define writing as a device of recording speech by means of visible marks, and take the written language to be a point-by-point equivalent of its spoken counterpart”
- p. “who believe that writing even after the introduction of phonetization was used for recording or transmission of both idea and sound”
- q. “Both ‘70’ and ‘died’ evoke the corresponding words for ‘seventy’ and ‘died’, and in both of them is inherent the idea of the number or death, respectively. The fact that ‘70’ is written logographically and ‘died’ alphabetically can be explained simply as an accident of writing and is no more baffling than the various ways of writing other words, for instance, ‘Mister’ or ‘Mr.’, ‘compare’ or ‘cf.’, ‘and’ or ‘&’. In all cases a conventional use, or uses, of certain signs for certain speech forms can be observed.”
- r. “Ideal state of point-to-point equivalence”
- s. « Les procédés primitifs sont en effet de deux sortes bien distinctes dont ni l’une ni l’autre ne figure les détails de la parole. »
- t. « une provocation fixée, servant à retardement et à nombre non limité de reprises, pour déclencher l’énonciation d’un texte établi, préalablement confié à une mémoire ; c’est l’objet ou le dessin qui fait parler. »
- u. « des usages purement intellectuels, à part de la pensée ordinaire, comme le calcul » ; « l’écriture proprement dite » ; « ce que les caractères ne suffisent pas à représenter » ; « enfin des systèmes de signes-marques peuvent pour certains usages remplacer entièrement le tracé normal »
- v. “means of communication”; “modes of ‘thought’”; “non-speech uses of language in writing”; organization and development of human knowledge”.
- w. “Writing is critical not simply because it preserves speech over time and space, but because it transforms speech, by abstracting its components, by assisting backward scanning, so that communication by eye creates a different cognitive potentiality for human beings than communication by word of mouth”.

- x. « instance mystérieuse »; « pseudo-concepts comme ceux de différence ou d'archi-écriture »; « conduit à des graves errements »; « expliquer les cause par les effets, qui consiste à prendre un artefact technologique comme l'explication, voire comme la nature, d'un phénomène dont il est le résultat ou le produit ».
- y. « il n'y a jamais, pour Derrida, de rupture qu'intraphilosophique. »
- z. « l'élimination quasi-principielle des débats, confrontations, polémiques, hésitations, avancées, qui marquent une époque et sur le fond desquels s'enlève une décision théorique. »
- aa. « la recherche des « présupposés », de ce qui « pré-détermine » l'entreprise saussurienne impliquant bien un découpage, le re-déploiement de la tradition métaphysique occidentale imposant un point de vue discriminant, qui conduisent nécessairement à "accentuer" dans le texte de Saussure certains motifs dans une lecture strictement immanente. »
- bb. "facilitates the establishment of historical continuity between Aristotle and Saussure"
- cc. "Symbolon, in Aristotle's day, was the term applied to the token shared between two parties to a contract as proof of their agreement. Each kept one half of a deliberately broken potsherd, bone or other small object. Aristotle's use of this metaphor to express the relationship between sounds and 'affections of the soul' is striking, and corresponds to nothing in Saussurean technical vocabulary. [...] Aristotle's semeia, on the other hand, seem to be the sounds uttered as, or at least when considered as, expressions of the speaker's current thoughts or mental state."
- dd. "Thus if one were rash enough to try to force Aristotle's terminology into a Saussurean framework, the most plausible interpretation would be to treat semeia as units of parole and symbola as units of langue. Even so, Saussure would still be entitled to object that both semeia and symbola are vocal items: there is no recognition by Aristotle of anything corresponding to the image acoustique. Without that, any assimilation of Aristotelian semiology to Saussure's collapses."
- ee. « une langue dotée d'une forme graphique dispose de deux formes d'expression; la forme écrite et la forme parlée divergent au niveau des unités distinctives (phonèmes vs graphèmes) et des marqueurs syntaxico-énonciatifs (prosodèmes vs topogrammes); le reste du système linguistique demeure grosso modo inchangé. »
- ff. « traite la langue écrite comme une représentation structurale de la langue parlée intégrant également des caractéristiques spécifiques »; « traite la langue écrite comme un système spécifique en interaction relative avec la langue parlée ».
- gg. « en quoi l'écriture s'est inscrite comme liée intrinsèquement à l'homme parlant. 'En quoi', plus que 'quand' ».
- hh. « Certes elle est une 'invention' mais elle est en langue, l'écriture est la langue : elle en est issue, elle la montre, elle la constitue et cela tout à la fois ».
- ii. "cada uno de cuyos signos ha de transferirse al lenguaje de los pensamientos del sueño. Equivocaríamos manifiestamente el camino si quisiésemos leer esos signos según su valor figural en lugar de hacerlo según su referencia signante."
- jj. "Un elemento así del contenido onírico es entoces comparable a un determinativo de la escritura jeroglífica, no destinado a la elocución, sino a la aclaración de otro signo"
- kk. "Estos [los símbolos oníricos] a menudo son multívocos, de modo que, como en la escritura china, sólo el contexto posibilita la aprehensión correcta en cada caso."
- ll. "Por 'lenguaje' no se debe entender aquí la mera expresión de pensamientos en palabras, sino también el lenguaje de los gestos y cualquier otro modo de expresar una actividad anímica, por ejemplo, la escritura."
- mm. "Si reparamos en que los medios figurativos del sueño son principalmente imágenes visuales, y no palabras, nos parecerá mucho más adecuado comparar al sueño con un sistema de escritura que con una lengua. De hecho, la interpretación de un sueño es en un todo análoga al desciframiento de una escritura figural antigua, como los jeroglíficos egipcios. Aquí como allí hay elementos que no están destinados a la interpretación, o consecuentemente a la lectura, sino sólo a asegurar, como unos determinativos, que otros elementos del sueño halla su correspondiente en aquellos antiguos sistemas de escritura, lo mismo que la omisión de diversas relaciones que tanto que tanto en uno como en otro caso tienen que complementarse a partir del contexto. Si este modo de concebir la figuración onírica no ha hallado todavía un mayor desarrollo es debido a la comprensible circunstancia de que el psicoanalista no posee aquellos puntos de vista y conocimientos con los cuales el lingüista abordaría un tema como el del sueño."

Capítulo 2 Ler Saussure, retornar a Saussure

- a. « Soyons clair ; le structuralisme n'avait pas tort de se croire issu du Cours, mais il n'est pas dans le Cours ».

- b. « mais à tous les lecteurs du texte qu'ils ont mis à disposition et lancé dans la circulation, lui conférant ainsi le statut de quasi-objet sémiologique ».
- c. « un outil historique de « disciplinarisation » des savoirs linguistiques pour le XXe siècle »
- d. “había surgido de la conciencia de culpa de los hijos varones como un intento de calmar ese sentimiento y apaciguar al padre ultrajado mediante la obediencia de efecto retardado.”
- e. « le Fils du Père, celui qui pourrait bien devenir le Père du Père. »
- f. « c'est là seulement que je rencontre quelque chose de dur »
- g. « essayé d'établir le texte – c'est-à-dire la suite matérielle des lettres – sans pousser beaucoup plus loin notre ambition »
- h. « Les noms qui servaient à désigner l'époux et l'épouse chez les Aryas étaient probablement potis et potni. Le sens fondamental de potis est « maître », mais ce titre, ainsi que Pictet le fait remarquer avec raison, ne doit pas faire conclure que la femme était esclave, puisque de son côté potni signifie « maîtresse ». *C'est par rapport au reste de la famille que l'époux et l'épouse étaient maître et maîtresse, seigneur et dame.* Il me semble que ces dénominations laissent entrevoir un état patriarcal, dans lequel ce n'étaient pas seulement les enfants, mais toute une famille ou tout un clan qui se groupait autour du potis et de la potni. »
- i. « 'il aurait pu succéder à M. Bréal au Collège de France s'il se fût fait Français', mais 'ce savant était resté bien Genevois et bien patriote' et c'est pour cela qu'il serait retourné à Genève »
- j. « M. de Saussure avait déjà une réputation bien établie de linguiste et de philologue [...]. En nous quittant, il emporte les regrets de tous ses collègues, et MM. Michel Bréal et Gaston Paris, membres de l'Institut, se sont fait les interprètes de la pensée unanime de l'École en exprimant le désir que M. de Saussure, par sa nomination dans la Légion d'honneur, emporte la preuve palpable de notre estime et de notre reconnaissance. »
- k. « considérer le texte de 1916 comme une *matrice projective et productive*, assez puissante pour ordonner une série de projets scientifiques apparentés (la linguistique des Cercles, le structuralisme « généralisé », les sémiologies, etc.) apparentés, mais aussi assez fondamentalement concurrents et dispersés »
- l. « Vous faites du bien en parlant presque au début de votre lettre de novembre de votre épistolophobie, en ce que je parle à quelqu'un qui ne sera pas incapable d'excuser la mienne »
- m. « Le commencement de mon article sur l'intonation va paraître. Le 2d. article terminera ce que je veux dire sur l'intonation et contiendra 2o. mes remarques sur l'accentuation, ainsi que sur l'intonation lette, qui est (vous l'avez dit ?) un effet de l'accentuation - sans rapport avec l'intonation lituanienne! Mais je suis dégoûté de tout cela, et de la difficulté qu'il y a en général à écrire seulement dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage. Préoccupé surtout depuis longtemps de la classification logique de ces faits, de la classification des points de vue sous lesquels nous le traitons, je vois de plus en plus à la fois l'immensité du travail qu'il faudrait pour montrer au linguiste ce qu'il fait ; en réduisant chaque opération à sa catégorie prévue ; et en même temps l'assez grande vanité de tout ce qu'on peut faire finalement en linguistique. C'est, en dernière analyse, seulement le côté pittoresque d'une langue, celui qui fait qu'elle diffère de toutes autres comme appartenant à un certain peuple ayant certaines origines, c'est ce côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt: et précisément je n'ai plus le plaisir de pouvoir me livrer à cette étude sans arrière-pensée, et de jouir du fait particulier tenant à un milieu particulier. Sans cesse l'ineptie absolue de la terminologie courante, la nécessité de la réformer, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gâter mon plaisir historique, quoique je n'aie pas de plus cher vœu que de n'avoir pas à m'occuper de la langue en général. Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé »
- n. « Permettez-moi un petit post-scriptum. Vous voulez bien m'appeler votre maître, et je serais bien flatté d'avoir mérité ce titre en quoi que ce soit. Mais je tiens encore davantage à un autre, et si vous le voulez bien, nous correspondrons désormais entre amis. »
- o. « caractère obsédant, et qu'il ait été pressé de fixer dans un livre, comme pour s'en délivrer, les idées qu'il avait élaborées [...] ».
- p. « il ne s'agit nullement, dans les textes découverts en 1996, 'des manuscrits d'un livre sur la linguistique générale qu'on croyait définitivement perdu' [...] je préfère m'en tenir à une indication de Saussure lui-même, qui avait réuni, on ne sait à quelle occasion, une part importante de ses notes dans un emballage sur lequel il avait inscrit 'Science du langage'. »
- q. « On peut considérer que le Cours, rédigé de manière posthume, est ce livre annoncé, ou du moins s'en rapproche autant qu'il est possible. »

- r. « F. de Saussure qui hésitait de plus en plus à rédiger ses idées sous la forme définitive, n'a laissé à sa mort aucun travail inédit en état d'être publié. Mais il avait professé à plusieurs reprises des cours de linguistique générale qui avaient fait sur les auditeurs une impression profonde. Ces cours n'étaient pas destinés à être imprimés, et F. de Saussure se serait assurément refusé à laisser publier, de son vivant, la rédaction qu'en aurait faite l'un de ses auditeurs »
- s. « parler de la réception d'une pensée signifie raconter une histoire, c'est-à-dire, raconter l'histoire de certaines idées dans un contexte institutionnel et même épistémologique qui ne correspond pas nécessairement au contexte dans lequel ces idées ont été conçues. Il faut, aussi, assumer un point de vue pour raconter cette histoire, ce qui implique d'admettre que le narrateur occupe une place très spéciale dans le récit. »
- t. "Herméneutique des fragments doit être complétée par une herméneutique du silence ou du moins de la non-publication. Le silence de Saussure doit en effet être interprété. »
- u. « le phénomène primordial du langage est l'association d'une pensée à un signe ; et c'est justement ce fait primordial qui est supprimé dans la transmission du signe. »
- v. « On peut entendre par *vie du langage* 1° le fait que le langage vit à travers le temps, c'est-à-dire est susceptible de se transmettre. – Ce fait est, si l'on veut, un élément vital du langage, parce qu'il n'y a rien dans le langage qui ne soit transmis ; mais il est plutôt absolument étranger au langage »
- w. « réalité tout ce qui est dans la langue vient purement des accidents de sa TRANSMISSION ; »
- x. "Así, en muchos casos de desfiguración-dislocación de textos podemos esperar que, empero, halaremos escondido en alguna parte lo sofocado [Unterdrückte] y desmentido [Verleugnete], si bien modificado y arrancado del contexto."
- y. « Il faut signaler une absence intentionnelle dans la liste suivante, donnée en ordre chronologique jusqu'en 2012. En effet, pour de multiples raisons, je ne considère pas le livre publié sous le nom de Ferdinand de Saussure en 1916 et intitulé *Cours de linguistique générale* comme son œuvre. C'est plutôt l'œuvre d'Albert Riedlinger ainsi que, secondairement, celle de Charles Bally et Albert Sechehaye ; et cela bien que cet ouvrage, dont le rayonnement est indubitable, ait bel et bien transmis quelques idées du maître genevois tout au long du XX^e siècle. »
- z. « Saussure – faut-il le rappeler ? – n'est pas un auteur. Saussure est un texte. Radicalement. [...] le *Cours de linguistique générale* – c'est ce que nous désignerons par « Saussure » – n'a pas d'auteur, il n'est pas écrit par celui qu'on affiche comme son auteur et ses écrivains nient leur paternité littéraire, c'est un texte doublement sans père. »
- aa. « Ceci n'empêche pas, d'un autre côté, qu'il y ait un auteur qui s'appelle Saussure, qui a écrit des livres, des articles et qui a laissé des manuscrits. Mais c'est tout de même un écrivain lointain de ce texte qu'on a écrit en son nom. »
- bb. « Comme ces écrits ne fonctionnent qu'en vertu du *Cours*, ce Saussure authentique est nécessairement tributaire du *Cours*. Il est condamné à accompagner le Gand Classique. Il est un peu comme le bouffon de cour qui dit la vérité, certes, mais qui, tout en disant la vérité, n'a pas la force d'ébranler le Pouvoir, mais, au contraire, le confirme. Ainsi, la version déconstructive de Saussure, le Saussure authentique, étymologique, vrai, n'aura pas la force d'éliminer la puissance du Grand Classique, aussi usurpée, fautive soit-elle. Le Saussure 'authentique' est tragiquement condamné à rester le bouffon du *Cours*. »
- cc. « Il est permis de s'interroger : nous disons le Cours, au singulier ; or, le titre original ne porte pas d'article ; 'Cours' serait-il au pluriel ? rien ne l'interdit ; la Préface parle sans cesse de trois cours ou de trois séries de cours ; bien plus, elle écarte explicitement la possibilité éditoriale de se borner à un seul. [...] les élèves de Saussure ont évité la logique du recueil ; ils ont voulu une forme unitaire. »

Capítulo 3 O dentro e o fora da língua: a escrita insiste

- a. "one can hardly be surprised to find in Saussure (1916) a categorical statement to the effect that the only reason d'être of 'writing' (écriture) is to 'represent language', i.e. to serve as a means of putting down spoken utterances. [...] Saussure's standpoint just registered here was not a matter of his personal opinion only. On the contrary, it may be taken to be typical of most of his contemporaries and predecessor, and even of the scholars of the following two or three generations."
- b. « il s'agissait de dénoncer, derrière la musique apparemment libre de la langue, l'insistance d'une partition écrite dont il faudrait se libérer. »
- c. "Divisions générales du cours: 1°) Les langues; 2°) La langue; 3°) Faculté et exercice du langage chez les individus"

- d. « Il commence à insérer des chapitres intercalaires, comme un auteur le ferait en révisant son texte. Mais il n'arrive pas à présenter de façon suffisamment nette le nouveau plan qui en résulte, puisqu'aucun des étudiants, ni aucun des commentateurs, n'est parvenu à en repérer la logique. »
- e. « Il reste, cependant à s'occuper de l'individu parce qu'il est clair que c'est bien le concours de tous les individus qui crée les phénomènes généraux. Il nous faut par conséquent jeter un coup d'œil sur le jeu de langage chez l'individu. Cette exécution du produit social par l'individu ne rentre pas dans l'objet que nous avons défini. Ce troisième chapitre fait pour ainsi dire voir les dessous, le mécanisme individuel, qui ne peut pas manquer de se répercuter à la fin d'une façon ou d'une autre sur le produit général, mais qu'il ne faut pas mêler, dans l'étude, avec le produit général, qui est à part du produit lui-même. »
- f. « <Nous avons voulu partir du premier fait apparent qui s'impose : diversité géographique. -> Nous ferons une revue des différentes familles au sein desquelles est la parenté, mais avant de la faire, il faut s'occuper d'un intermédiaire entre elles et nous : l'écriture. C'est au moyen de l'écriture que nous connaissons ces différentes langues. [...] <Nous ne pouvons pas faire abstraction d'écriture> Qu'est-ce que cet instrument de l'écriture dont nous usons, en quoi est-il utile ou dangereux par les pièges qu'il peut tendre, par les erreurs qu'il peut susciter ? <Chapitre IV> Il faut donc consacrer un chapitre à la représentation de la langue par l'écriture. »
- g. « Il est remarquable que Saussure ne parle justement de représentation. Le terme décisif dans la doctrine est celui d'association ; or, la relation d'association est réciproque : A est associé à B implique que B est associé à A. Le signifiant ne représente pas le signifié ; il lui est associé et, du même coup, le signifié à son tour est associé au signifiant. [...] On assiste là à un déplacement décisif : Saussure construit un modèle du signe qui se disjoint de toute théorie de la représentation. »
- h. « un ensemble de faits généraux, [communs] à toutes les langues. La langue est ce qu'on peut observer dans les différentes langues. »
- i. « ⁴³⁸ [éd] ⁴³⁹ Nous ne pouvons faire abstraction d'écriture. ⁴⁴⁰ Il faut voir ce qu'est cet instrument de l'écriture, en quoi bon et utile, en quoi mauvais et dangereux. »
- j. « Nous ne pouvons donc pas faire abstraction de cette forme de la langue. Et il est ~~donc~~ nécessaire de voir ce qu'est cet instrument de l'écriture, de se rendre compte en quoi il est ~~nécessa~~ bon et utile, et en quoi aussi il est mauvais et dangereux. »
- k. « Celui même qui pourrait explorer personnellement tout un domaine de langues serait obligé de mettre par écrit ce qu'il a entendu et de se servir de notes écrites. »
- l. « L'écriture est également un vaste système de signes. Il y aura une psychologie sociale, c'est-à-dire ne sera que sociale ; il s'agira de la même psychologie qui est applicable à la langue. Les lois de transformations de ces systèmes de signes auront souvent des analogies tout à fait topiques avec les lois de transformations de la langue. C'est une observation facile à faire pour l'écriture, - quoique ce soient de signes visuels - qui subit des altérations comparables à des phénomènes phonétiques. »
- m. « Notre première notion de la langue est un tout mixte, composé par deux choses [ce qui est écrit et ce qui est parlé]. Réciproquement porter son attention sur l'écriture et la mettre à sa place, ce sera rectifier notre idée de la langue elle-même. <Non dégager de l'écriture, la langue est un objet non défini>. La langue et l'écriture sont deux systèmes de signes dont l'un a pour mission <uniquement> de représenter l'autre »
- n. « Francis Joseph a noté : "La langue et l'écriture sont deux systèmes de signes ayant pour mission de se représenter l'un l'autre." Cette idée d'une réciprocité entre les deux systèmes est confirmée par les cahiers d'Emile Constantin, que ne connaissaient pas les éditeurs au moment de l'établissement du CLG. »
- o. « le mot écrit n'est pas coordonné au mot parlé mais <il> lui est subordonné »
- p. « Ce serait une erreur de concevoir le rapport du mot écrit au mot parlé ainsi :

$$\frac{\text{mot écrit}}{\text{mot parlé}} = \text{objet (de la linguistique)}$$

<Nous aurions ainsi une> unité indéfinissable qui ne serait ni le mot écrit ni le mot parlé ni tous les deux. Le vrai rapport est exprimé par l'équation :

$$\text{mot parlé} = \text{objet} \\ \text{(mot écrit, document)}$$

- q. « il n'était pas loin de l'ignorance totale en linguistique » «étant un opuscule [...] mal camouflé de la leçon de M. Bréal. »
- r. « L'erreur suggérée par l'écriture étant générale, on peut dire que les lois phonétiques se transforment quand la langue parlée s'adjoint un système de signes écrits. **On a alors dans la langue deux axes sémiologiques** ; même si l'on considère ces phénomènes de falsification comme réguliers et non pas comme pathologiques, **on a deux sciences linguistiques** et il faut considérer la langue parlée tout à fait séparément de la langue écrite. [...]

Cette étude serait évidemment très intéressant, mais <à condition d’>être séparée de la sémiologie parlée <qu’on ne peut réunir avec elle> en une unité imaginaire. **Nous nous confinerons donc résolument dans la langue parlée** »

- s. « Le grammairien, c'est l'homme de la langue écrite le linguiste, l'homme de la langue parlée »
- t. « Le but de l'alphabet est de fixer par des signes conventionnels ce qui existe dans la parole. Il n'y a pas deux sortes de mots (au moins dans toutes écriture phonétique et nom purement idéologique comme le chinois) »
- u. « Pour sortir de ce chaos, il faut un autre point d'appui que l'écriture ; il faut pouvoir définir le son en lui-même. »
- v. « C'est l'image qui paraît être la chose en chair et en os, parce qu'elle est fixe, tangible, visible, tandis que la parole paraît insaisissable, fuyante, dès qu'elle a cessé de résonner. »
- w. « pas seulement [...] avec le fait nu de l'écriture mais avec tout ce qui constitue ce qu'on appelle la langue écrite ».
- x. « une sphère d'existence indépendante de sphère normale qui est dans la bouche des hommes> une sphère de diffusion séparée. »
- y. « le classement <de la langue> dans le temps n'est possible que parce que la langue s'écrit »
- z. « M. L. Gautier m'apprend que, quand la maladie le surprit, il avait commencé à s'intéresser au chinois »
- aa. « La matière, en elle-même, de ces signaux peut être considérée comme indifférente [...] même si les sons changeaient, la linguistique ne s'en occuperait pas, pourvu que les rapports restent les mêmes. »
- bb. « Cet exemple fait bien voir pourquoi l'écriture doit devenir fatalement fautive, et montre l'indépendance de la langue vis-à-vis de l'écriture. »
- cc. « C'est là sans doute un des plus grands facteurs, peut-être plus grand, de perturbation dans les rapports de la langue et de l'écriture. »
- dd. « Pour juger [le déplacement de la valeur des signes], il faut prendre un point de départ où l'écriture n'a pas encore subi de changement indirect. Ce moment ne se rencontre qu'une seule fois dans l'histoire d'un peuple : lorsque, pour la première fois, il s'est mis à consigner sa langue par écrit, et encore seulement s'il a taillé en plein drap, s'il n'a pas emprunté les habitudes phonétiques des autres peuples. [...] Dans l'orthographe primitive des Grecs, la conséquence se voit surtout dans la consécution des sons : autant d'éléments parlés, autant de signes écrits. Ainsi pour : *ps* on n'a pas Ψ mais $\Phi\xi$; *ks* on n'a pas ξ mais $\chi\xi$; *ph* on n'a pas Φ mais $\Gamma\theta$. »
- ee. « On peut admirer l'alphabet grec primitif : à tout son qui est simple, un seul signe graphique et invariable <pour le même son>, tel est son principe. Et réciproquement pas de signe simple valant deux sons consécutifs. Ce principe contient toute l'écriture phonétique au sens rigoureux. »
- ff. « les ondes, nous les pouvons dessiner sur les territoires embrassant plusieurs de langues. Même dans une unité étendue comme celle de l'indo-européen, il y a des ondes isoglossématique qui courent par-dessus une série de langues. »
- gg. « Il est toujours complètement vain de s'adresser à l'écriture pour une question de langue. »
- hh. « Il ne faut donc oublier que si l'écriture est notre moyen d'arriver à la langue, il faut la manier avec précaution. Sans l'écriture, nous n'aurions rien du tout des langues du passé, mais pour posséder la langue à travers ces documents écrits, il faut une interprétation. <Devant chaque cas> il faut dresser le système phonologique de l'idiome, qui est la réalité dont les signes sont l'image. La seule réalité qui intéresse le linguiste est ce système phonologique »

Capítulo 4 Da escrita à fonologia: literalização e formalização da língua

- a. “La filosofia è scritta in questo grandissimo libro che continuamente ci sta aperto innanzi a gli occhi (io dico l'universo), ma non si può intendere se prima non s'impara a intendere la lingua, e conoscer i caratteri, ne' quali è scritto. Egli è scritto in lingua matematica, e i caratteri son triangoli, cerchi, ed altre figure geometriche, senza i quali mezzi è impossibile a intenderne umanamente parola; senza questi è un aggirarsi vanamente per un oscuro laberinto.”
- b. « Précautions à prendre vis à vis de l'écriture / Comment il faut établir le système phonologique d'un idiome »
- c. « Les Langues »
- d. « Tableau des familles de langues »
- e. « Préliminaires / § 1 – Introduction / – Linguistique et ethnologie / – Linguistique et philologie / – Linguistique et sciences logiques / - Linguistique et sociologie / § 2 [sans titre] / – Analyse des erreurs linguistiques / – Principes de phonologie / Linguistique / / Première partie – Les évolutions [...] »
- f. « Sans numéro de paragraphe. Le retour sur les erreurs (R 1.46) indique que cet exposé n'est qu'un appendice au § 2. Même disposition III 103-104. »
- g. « Le traitement de l'écriture phonétique en est partie intégrante [do capítulo da escrita] : il n'y a pas un 'annexe' spécifique sur la phonologie, comme croyait Dégallier, repris par Godel 1957, p.79 ».
- h. « fondée sur ce qui se produit dans nos organes lorsqu'on prononce un son; elle a donc une base physiologique. »
- i. « Je ne fus pas extrêmement frappé de le lire »
- j. « ne semblait pas bien extraordinaire ou neuf »
- k. “this community could recycle a long-known, perhaps even rather obvious, fact of Indo-European phonology into a new discovery of major importance”

- l. « c'est depuis ce moment qu'ayant conçu tout à coup qu'en définitive mes idées n'étaient pas plus mauvaises que celles dont je voyais faire cas autour de moi, j'oserais, même en l'absence de toute connaissance provisoire des idiomes indo-européennes, les étudier sous le point de vue analytique en apprenant chaque idiome. »
- m. « Il faut souligner que le jeune Saussure, qui au Collège de Genève ne connaissait pas le sanscrit, formule l'équivalence entre α et N selon une méthode que nous pouvons définir de reconstruction interne, c'est-à-dire à l'intérieur de la langue grecque même ; cette équivalence entre α et N, formulée sur la base de la constatation de l'existence d'une forme grecque $\tau\epsilon\alpha\chi\alpha\tau\alpha\iota$ correspondant à une autre forme grecque $\lambda\acute{\epsilon}\gamma\omicron\nu\tau\alpha\iota$, révèle un esprit mathématique, systématique. »
- n. « prendre le taureau par les cornes »
- o. “the letter *a* algebraically, to indicate, not the sound [a] specifically, but ‘any vowel’ or the feature ‘vocalic’. The actual sound of the vowel does not matter [...] This algebraic approach to the vowel, abstracting it away from actual sound, is not characteristic of the linguistics of Saussure’s time. It is, however, an approach that will endure in his own work.”
- p. « goût prononcé pour l'introduction des mathématiques en linguistique »
- q. “la crise de l'empirisme dans la phonétique expérimentale au tournant du XIXe et du XXe siècle. »
- r. « 1) le lituanien était importante par son aspect archaïque et, donc, par rapport à l'indo-européen ; 2) plus important encore est le fait que Saussure se soit rendu sur place ; 3) de cette façon, l'un des premiers, il créa une méthode qui substitue la preuve parlée à la preuve écrite, l'étude directe de la langue à l'étude indirecte, c'est-à-dire qu'il fonde cette étude sur le témoignage parlé, sur la parole humaine. »
- s. « Toutes ces questions [la prononciation des voyelles fermées i et u ; la prononciation des diphtongues lituanienes ie et uo ; une certaine indistinction des sourdes et des sonores] conduisent Saussure à abandonner, dans ses notations de mots lituanienes, les graphies traditionnelles qu'il pouvait trouver chez des auteurs comme Schleicher ou Kurschat et à user de graphies personnelles, strictement phonétiques. »
- t. « Il n'y a pas, il ne peut pas y avoir d'expressions simples pour les notions linguistiques. *L'expression sera algébrique ou elle ne sera pas* »
- u. « Les quantités du langage et leurs rapports sont régulièrement exprimables, dans leur nature fondamentale, par des formules mathématiques. »
- v. « le structuralisme européen consiste essentiellement en une renaissance de l'épistémologie des critères intrinsèques et notamment du minimum absolu. [...] le *Cours* de Saussure suppose une telle épistémologie »
- w. « il faut dire deux mots du caractère aveugle du principe phonétique, car c'est un caractère essentiel des changements pris en eux-mêmes. L'effet donc des changements phonétiques se fait sentir sur toute espèce de mots et ne distingue pas entre substantif ou adjectif, radical ou désinences. Il doit en être ainsi, car s'il dépendait de la nature grammaticale du mot de s'opposer aux changements, nous pourrions bien parler de changements grammaticaux mais non phonétiques. »
- x. « Dans les sciences humaines, les programmes les plus intéressants sont liés à des individus – à des hommes, et c'est là peut-être la seule justification de leur nom. Cela devrait aisément se comprendre ; en tant que sciences, elles entreprennent de littéraliser leur objet, mais il se trouve justement que, cet objet, tout conduit à supposer qu'il ne se prête pas à la littéralité. »
- y. « Aperçu de la linguistique indo-européenne comme introduction à la linguistique générale »
- z. « période <de jeunesse ou> d'enfance, de <tâtonnement [...]> » – e pós-Schleicher (os neogramáticos), « période où, <après un examen attentif des faits,> ayant reconnu son objet, <en possession à peu près de sa méthode une direction toute nouvelle est donnée à cette science> »
- aa. « 4) On peut dire que toute la première période de la linguistique indo-européenne est restée très incomplètement dégagée de l'écriture et qu'elle a pris à tout moment l'un pour équivalent de l'autre, ou en tout cas <qu'elle n'a pas cru> que son seul objet est ce qui est parlé. »
- bb. « <Lâcher la lettre>, c'était pour elle [la linguistique primitive] perdre pied, tandis que pour nous c'est prendre pied. »
- cc. « s'occupe des sons et des successions de son existant dans chaque idiome en tant qu'ayant une valeur pour l'idée »
- dd. « Saussure semble ici convaincu qu'il est possible de parvenir à une transcription phonétique [...] ‘sans équivoques’ »
- ee. « Il faut ce système pour les linguistes. »
- ff. « Remarquons un phénomène latéral : comme il a été dit plus haut, l'écriture se trouve plus ou moins liée au mot ; voilà pourquoi, quand on parle d'orthographe, c'est le mot et non le son qui se présente à notre esprit, puisque tel son n'entraîne tel signe que dans le mot. »
- gg. « Nous devons toujours voir dans langue opération d'interprétation (sic) » « Sans l'écriture, nous n'aurions rien du tout des langues du passé, mais pour posséder la langue à travers ces documents écrits, il faut une interprétation. »
- hh. « Toutes les grammaires-manuels partent de l'écriture et sont fort insuffisantes pour nous donner la valeur réelle qui est dans la bouche des sujets parlants. »
- ii. « Pour sortir de ce chaos, il faut un autre point d'appui que l'écriture ; il faut pouvoir définir le son en lui-même. »
- jj. « Elle oublie qu'il y a dans la langue non seulement des sons mais des étendues de sons parlés [...] ; c'est par l'oreille que nous savons ce qu'est un *p*, *b* etc. »

Capítulo 5 De uma outra relação entre língua e escrita

- a. „Die These des *Cours de linguistique* — « *Les phonèmes sont avant tout des entités oppositives, relatives et négatives* » — ist zum Ausgangspunkt der Phonologie geworden. Doch bremste Saussure die eigene bedeutsame Entdeckung der rein oppositiven, relativen und negativen Einheiten im Gebiete der sprachlichen Lautwerte, indem er die Ergebnisse seiner phonologischen Analyse auf die ganze Sprach- und Zeichenwelt mechanisch übertrug.“
- b. „Er [Saussure] behauptet zum Beispiel, der Wert der Buchstaben sei lediglich negativ und differentiell, und das einzig Wesentliche wäre, dass EIN Zeichen mit den anderen nicht zusammenfällt.“
- c. „Der Buchstabe α muss sich von den Buchstaben β , γ , usw. unterscheiden, doch ist das Wesentliche, dass der Buchstabe α das Phonem /a/ bezeichnet, und jeder einzelne Buchstabe seinen positiven und autonomen Wert besitzt.“
- d. “Writing obviously may exhibit some autonomous properties but it always remains a superstructure, nevertheless, because no speech community and none of its participants can acquire or manipulate the graphic pattern without possessing a phonemic system.”
- e. “study of sound pertaining to the speech event”, o segundo nomeia “the study of sound pertaining to the system of language”, ou, em outras palavras, “phonetics would be a purely phenomenalist study of speech sounds, with phonology the study pertaining to the linguistic function of the same sounds.”
- f. “Derrida’s exegesis of the passage from Aristotle is just as dubious as his implied interpretation of the passage from the CLG. In Derrida’s French translation of the Greek, Aristotle claims that written words (‘mots écrits’) are symbols of spoken words (‘mots émis par la voix’). But Aristotle claimed nothing of the kind. In the Greek text there is nothing which corresponds to the linguistic unit ‘word’ {mot}. Anyone who notices this interpolation will ask why Derrida introduces it. The answer is not far to seek. It facilitates the establishment of historical continuity between Aristotle and Saussure.”
- g. « une langue historique, et c’est ce qui la différencie des systèmes sémiologiques non linguistiques, est construite de façon à rendre sémantisable chaque expérience humaine possible. »
- h. « Si un système sémiologique fondé sur l’*arbitraire interne du signe* – la langue – et un système non fondé sur cet arbitraire – une coutume – sont traités ici à la même enseigne, c’est que, même dans un système aussi distinct du premier que l’est le second, demeurent tant les deux autres propriétés d’arbitraire (ce que l’on peut appeler, plus généralement, l’*arbitraire du système du signifiant*, correspondant à l’arbitraire du système phonologique de la langue, et l’*arbitraire du système du signifié*, correspondant à l’arbitraire du système sémantique de la langue) que la propriété de mutabilité. »
- i. « Presque toutes les institutions, pourrait-on dire, ont à la base des signes, mais ils n’évoquent pas directement les choses. Il se passe dans toutes les sociétés ce phénomène que pour différents buts des systèmes de signes évoquant directement les idées que l’on veut se trouvent établis. »
- j. « L’écriture est également un vaste système de signes. »
- k. « ²⁸² Aucune série de signes n’aura une importance plus considérable dans cette science que celle des faits linguistiques. On pourrait retrouver l’équivalent dans l’écriture de ce que sont les faits phonétiques dans la langue. »
- l. « [...] le concept de signe est de peu de poids dans la linguistique une fois qu’elle est constituée : cette dernière ne s’établira comme science qu’à envisager son objet du point de vue du différentiel et du négatif, or le signe ferme tout accès à ce point de vue. Aussi Saussure a-t-il proposé non pas le nom *signe*, mais bien le nom de *valeur*, en s’inspirant de la théorie de la monnaie (cf. CLG, II, 4, §2). En sorte que Saussure part du signe pour le quitter, mais il ne peut le quitter que parce qu’il a mis le signe au point de départ. »
- m. « Ici une jolie comparaison de la langue et de l’Écriture qui présente un mécanisme t[ou]t semblable : opposition de ~~éléments~~ arbitraires Crs II Cahier 1 p. 13 sv »
- n. « On ne peut traiter de la langue sans parler des sons. Et cependant, dans un certain sens, le son est étranger à l’essence de la langue »
- o. « il n’y a pas de rapport entre le signe et la chose à désigner »
- p. « Les lois de transformation de ces systèmes de signes [língua, escrita, sinais de trompeta militar etc.] auront souvent des analogies tout à fait topiques avec les lois de transformation de la langue »
- q. « Dans les livres de linguistiques publiés depuis quinze ou vingt ans l’analogie occupe une grande place, non sans raison, car l’homme est naturellement imitateur, et s’il a quelque expression à inventer, il a plus vite fait de la modeler sur un type existant que de s’astreindre à une création originale. Mais on se trompe quand on présente l’analogie comme une cause. L’analogie n’est qu’un moyen. »
- r. « Il faut donc regarder l’analogie comme une condition primordiale de tout langage »
- s. « Une grande éponge se promenant au hasard sur la grammaire, pour en brouiller et en mêler les formes. »
- t. « est au service de la raison, raison un peu courte, un peu dénuée de mémoire, mais qui n’en est pas moins le vrai et nécessaire moteur du langage »
- u. “Analogy, according to Curtius, was not a discovery of the present day, but was as old as the Greeks, and was present to the minds of the founders of linguistic studies in the early nineteenth century. But the predecessors of

- the neo-grammarians were prudent folk, and sought to avoid overworking a factor which, although *possible* everywhere, is *necessary* nowhere.”
- v. « lutte entre l'ancienne et la nouvelle <école> »
- w. « De même qu'on reconnaissait que la langue est l'œuvre de l'esprit des sociétés,> on reconnaissait que la langue est l'œuvre permanente, <continue,> des sociétés : et ce travail continu de renouvellement est ce qu'on rassemble <sous le nom de phénomène d'analogie.> Ce chapitre était reconnu pour la première fois dans sa véritable importance, <tandis que les analogies autrefois étaient appelées fausses analogies ;> la légitimité et l'universalité de ce phénomène est pour la première fois clairement acceptée et proclamée. »
- x. « J'entends par analogie tous les cas où le deuxième terme entretient avec le premier le même rapport que le quatrième avec le troisième. »
- y. « ressemblance de rapport, et non un rapport de ressemblance »
- z. « le sens d'équivalence partielle, jusqu'à l'assimilation à la ressemblance superficielle et la transposition abusive de concepts »
- aa. « Mais il est une troisième géométrie d'où la quantité est complètement bannie et qui est purement qualitative ; c'est *Analysis Situs* »
- bb. « décrit la situation relative des points, des lignes et des surfaces, sans aucune considération de leur grandeur »
- cc. « Mesurer la complexité de la forme d'une variété de dimension arbitraire »
- dd. « probablement afin d'indiquer qu'il ne s'agit pas d'une identité d'objets d'un côté et de l'autre du signe ~ de similitude, mais plutôt d'une sorte de ressemblance. Ces homologies sont néanmoins suffisamment proches des « *équations ordinaires* » de l'algèbre et de l'arithmétique pour se combiner comme elles. »
- ee. « Comme il faut bien que j'avance, je ne ferai qu'une allusion rapide au fait que M. BROUWER... personnage considérable dans le développement moderne des mathématiques ... a démontré ce théorème topologiquement, qui topologiquement est le seul à nous donner le vrai fondement de la notion de centre, une homologie topologique : deux figures, quelles qu'elles soient, en tant que pourvues d'un bord, peuvent être, par déformation de ce bord, démontrées homéomorphiques. »
- ff. « Support structural de la constitution du sujet comme divisible. »
- gg. « Un tracé que j'ai appelé un cercle et non pas un disque, laisse en suspens la question *de ce qu'il limite*. Pour voir les choses là où elles sont tracées, sur un plan, ce qu'il limite : c'est peut-être ce qui était *dedans*, c'est peut-être aussi ce qui est au *dehors*. À la vérité, c'est là qu'il nous faut considérer ce qu'il peut y avoir d'originel dans la fonction de *l'écrit*. »
- hh. « Nous voici donc portés, sur cette fonction du manque au sens où elle est liée à ce quelque chose d'originel qui s'appelle *la coupure*, se situe *en un point où c'est l'écrit qui détermine le champ du langage*. Si j'ai pris soin d'écrire *Fonction et champ de la parole et du langage*, c'est que *Fonction* se rapporte à *parole* et *champ* à *langage*. Un champ *ça a une définition mathématique tout à fait précise*. »
- ii. « à un style et à une écriture consciemment choisis pour examiner ce que Saussure nomme les 'point délicats' de la théorie du langage. »
- jj. « dans ces blancs de la voix, ces interruptions du geste de la main, la présence insistante du corps qui ne se laisse pas si facilement chasser de la réflexion théorique. »
- kk. « inconscience du son des mots en lui-même »
- ll. « la ~~+part~~ <majorité> des personnes interrogées ~~serait~~ se trouve très embarrassées de reproduire exactement la forme d'un g (minuscule ro[main]) imprimé que ~~ils lisent~~ chacun lit tous les jours cinquante fois si ce n'est mille. »
- mm. « D'une manière + générale ~~il est assez probable~~ <me semble> que ~~non seulement~~ <soit>- dans le champ de l'effet individuel (= sémiologique), ~~mais aussi~~ <soit> dans la ~~série de ses phases historiques~~, perspective historique, les faits relatifs à l'~~écrit~~ <à l'écriture>, présente **l'homologue un** <e> ~~cas~~ <face> **homologue** peut-être pour tous les faits sans exception qui sont dans le langage une mine d'observations intéressantes, et de faits **complètement homologues non-seulement analogues, mais complètement homologues <d'un bout à l'autre> à ceux qu'on peut discerner dans le langage parlé.** »
- nn. « Whitney a dit : le langage est une Institution humaine, ~~rien de plus~~. Cela a changé l'axe de la linguistique, ~~et cela restera [?]. L'avenir dira : inébranlable. Mais L'avenir~~ <La suite> dira <croyons-nous>: c'est une institution humaine, ~~sans analogue, sauf l'écriture~~. Et cela n'est pas important pour son étude. mais de telle nature que toutes les autres institutions humaines ~~sauf celle de l'écriture~~, sont destinées à <ne peuvent que> nous tromper ~~complètement sur son~~ <a> <véritable> essence, si nous ~~avons le malheur de~~ <nous> nous fions <par malheur> à leur analogie. »
- oo. « Mais le langage et l'écriture ne sont PAS FONDÉS ~~<DEPUIS L'ORIGINE>~~ SUR UN RAPPORT NATUREL DES CHOSES <sur un rapport naturel des choses>. Il n'y a aucun rapport, à aucun moment, entre un certain son sifflant et la ~~lettre~~ forme de la lettre S, et de même il n'est pas plus difficile au mot ~~kuh~~ <cow> qu'au mot vacca de désigner une vache. C'est ce que Whitney ne s'est jamais lassé de ~~faire voir~~ <mettre en évidence> <répéter>, pour ~~prouver~~ <mieux> <faire sentir> que le langage ~~était~~ <est> une institution pure. Seulement cela prouve beaucoup plus : à savoir que le langage est une institution SANS ANALOGUE, (si l'on y joint l'écriture) et qu'il serait ~~tout à fait~~ <vraiment> ~~illusoire~~ <présomptueux> de croire que l'histoire du langage

- doive ressembler même de loin, après cela, à celle d'une autre institution, ~~ni qu'il~~ <ne> mette <pas> en jeu (à chaque moment) des forces psychologiques semblables ~~pour être pratiqué~~. »
- pp. « Par la découverte de **Broca**, la localisation de la **faculté de parler** est faite [...] Mais cette même circonvolution commande aussi à **l'exercice de l'écriture** »
- qq. « On pourrait pousser cette **comparaison** [entre *língua e escrita*] beaucoup plus loin <jusque dans le détail> et aussi retrouver des **analogies entre les systèmes de signes** <autre que l'écriture – même les système des signaux maritimes - > et celui de la langue »
- rr. « aucun autre objet sémiologique n'y joue de rôle comparable à celui exercé par l'écriture. Elle demeure comme système de signes référent pour penser la langue, même une fois actée la radicale singularité de celle-ci. Le signe graphique, tout particulièrement dans l'introduction du deuxième cours et dans le troisième, sert à éclairer les caractéristiques du signe linguistique. »

Capítulo 6 A semiologia como campo possível: a escrita ex-siste

- a. « a langue est un système serré, et la théorie doit être un système aussi serré que la langue ».
- b. « Comment "la langue" pouvait-elle être « un tout en soi », ou encore être appréhensible comme un tout, si « son concept ne se présentait à nous que dans la série des diverse langues » ?
- c. « tant le phénomène est étroitement associé à l'existence de toute langue ; et cependant, en réalité, il ne touche pas à l'organisme intérieur de l'idiome ».
- d. « - c'est que si l'ex-sistence se définit par rapport à une certaine consistance,
- si l'ex-sistence n'est, en fin de compte, que ce dehors qui n'est pas un 'non-dedans',
- si cette ex-sistence est en quelque sorte, ce autour de quoi s'évapore une substance,
- si l'ex-sistence, telle que un KIERKEGAARD nous l'avance est essentiellement pathétique,
...il n'en reste pas moins que la notion d'une faille, que la notion d'un trou, même dans quelque chose d'aussi exténué que l'ex-sistence, garde son sens »
- e. « la question de l'écriture délimite dans une certaine mesure de l'intérieur ce que la linguistique structurale a voulu reconnaître comme étant son objet « propre », fondant par là la possibilité d'une écriture spécifique qui la constitue en tant que science »
- f. Pour assigner une place à la linguistique il ne faut pas prendre la langue par tous ses côtés ; il est évident qu'ainsi plusieurs sciences, psychologie, physiologie, anthropologie, <grammaire, philologie> etc., pourront revendiquer la langue comme leur objet. Cette voie analytique n'a donc jamais abouti à rien. Nous suivrons une voie synthétique. Il faut prendre ce qui apparaît essentiel au sentiment, et alors nous pourrons assigner au reste sa véritable place dans la langue. Est-ce si difficile ? N'est-il pas évident qu'avant tout la langue est un système de signes et qu'il faut recourir à la science des signes qui nous fait connaître en quoi peuvent consister les signes, leurs lois, etc. ? **Cette science n'existe pas dans les disciplines connues. Ce serait une sémiologie** (aucun rapport avec la sémantique : science des sens <des mots> dans la langue par opposition à celles des formes !) Il est évident aussi que la langue n'embrasse pas toute espèce de système formé par les signes. **Il doit donc exister une science des signes plus large que la linguistique (systèmes de signes : maritimes, des aveugles, sourds-muets, et enfin <le plus important :> l'écriture elle-même !)** Mais d'emblée il faut dire que la langue occupera le compartiment principal de cette science ; <elle en sera le patron général.> Mais ce sera par hasard ; théoriquement elle n'en sera qu'un cas particulier. <On ne peut dire ce que sera cette science des signes, mais> ce groupe <de sciences sémiologiques> a le droit d'exister aussi bien que la linguistique elle-même qu'on juge digne d'étude, et réclame sa place d'avance.

Dans l'écriture nous sommes bien dans un système de signes similaire à celui de la langue. Les principaux caractères en sont :

1) *le caractère arbitraire du signe <(il n'y a pas de rapport entre le signe et la chose à désigner);>*

2) *valeur purement négative et différentielle du signe. <Il n'emprunte sa valeur qu'aux différences.> (Pour t par exemple chez une même personne :*

T T t

mais ce qu'on lui demande c'est qu'il ne soit pas tout à fait identique à un l ou n !)

3) *Les valeurs de l'écriture n'agissent que comme grandeurs opposées <dans un système défini ;> elles sont oppositives, ne sont de valeurs <que> par opposition. <Il y a une limite dans le nombre de valeurs.> (N'est pas tout à fait la même chose que 2) mais se résout bien finalement en la valeur négative. Exemple : ce qui est ? pour un Russe sera R pour Grec, etc.)*

4) *Indifférence totale du moyen de production du signe – découle également de 1) – que je les écrive en blanc, noir, creux, relief etc., <c'est indifférent.>*

Nous retrouverons tous ces caractères dans la langue :

[...]

On pourrait pousser cette comparaison beaucoup plus loin <jusque dans le détail> et <aussi> retrouver des analogies entre les systèmes de signes <autres que l'écriture - même le système des signaux maritimes -> et celui de la langue. On sent que l'on est bien dans le même ordre de faits.

- g. « Jusqu'ici nous avons essayé de nous éclairer sur la langue et la place de la langue mais par une tentative externe, par ce qui n'est pas elle : en la rapprochant d'un système de signes [...], ou encore plus généralement de la valeur »

- h. « la science des lois de la vie des êtres conscientes – spécialement des hommes, – *en société*. »
- i. M. Ferdinand de Saussure insiste sur l'importance d'une Science très générale, qu'il appelle *sémiologie* et dont l'objet serait les lois de la création et de la transformation des signes et de leur sens. La sémiologie est une partie essentielle de la sociologie. Comme le plus important des systèmes de signes c'est le langage conventionnel des hommes, la science sémiologique la plus avancée c'est la *linguistique* ou science des lois de la vie du langage [...]
- j. « une circularité manifestement insurmontable au sein du rapport entre langue et signe »
- k. « on doit soigneusement distinguer le mot écrit du mot parlé et que seul le mot parlé est l'objet véritable de la linguistique »
- l. « L'importance de l'écriture <pour la langue> ne peut être ignorée. Elle est telle qu'on s'est demandé si la linguistique n'est pas une science philologique. M. Louis Havet dit qu'on aurait vu <la linguistique> marcher constamment dans la direction de la philologie et se confondre avec elle. M. Havet est avant tout philologue (latin) mais en linguistique mérite <aussi une grande> considération. »
- m. « Envisagées comme objets d'étude, les deux langues [falada e escrita] diffèrent singulièrement, et leur dualisme ne fait que s'accuser »
- n. « Il peut arriver qu'un homme expert sur le parler soit un médiocre connaisseur de la langue écrite, ou inversement. Cela revient à dire qu'un bon linguiste peut être mauvais grammairien, et un bon grammairien mauvais linguiste. Nous voici arrivés en effet à voir clair enfin. Le grammairien, c'est l'homme de la langue écrite le linguiste, l'homme de la langue parlée. »
- o. « <Où s'arrêtera la sémiologie? C'est difficile à dire.> Cette science verra son domaine s'étendre toujours davantage. »
- p. « Qu'est-ce qui <a> fait que la sémiologie ne s'impose pas comme science à part ? » « C'est que le système principal des signes est la langue et ce n'est qu'en étudiant les signes de la langue qu'on en connaîtra les côtés essentiels, la vie »
- q. « J'ai été fort intéressé, et je crois que d'autres linguistes genevois les seront comme moi, par le parallélisme et l'opposition que vous établissez entre *langue écrite – grammaire – syntaxe* et d'autre part : *langue parlée – linguistique phonétique phonéticienne*. Si je ne me trompe, une idée plus ou moins voisine de la vôtre se retrouverait dans celles auxquelles je me suis trouvé conduit moi-même, et qu'il m'est arrivé de professer à propos de la langue, mais sans que je puisse voir malheureusement si la coïncidence est aussi parfaite que je le souhaite, - il serait d'ailleurs presque vain de vouloir exposer en deux mots ce point de vue et ses divergences possibles avec ce que vous n'avez exposé que pour de lecteurs non spécialistes. »
- r. « Il est remarquable qu'après la publication de l'article d'Havet, l'opposition de l'oral et de l'écrit n'est plus mentionnée par Saussure comme une dualité de la langue. Aussi est-il possible que ce texte, avec sa confusion entre langue écrite/langue parlée et synchronie/diachronie, ait contribué à effacer du projet saussurien l'autonomie d'une « linguistique de la langue écrite » envisagée dans le premier cours de linguistique générale. »
- s. « une science plus large que la linguistique [...] [dont] la langue occupera le compartiment principale »
- t. “structuralism makes its entrance into the Western scriptorium, at a carefully chosen moment and with a very specific objective in view [...] So if, in spite of the ‘material’ nature of writing, it can be shown that the formal value of the written sign is purely negative, extending that conclusion to the linguistic sign would be a natural corollary”
- u. “it is not just a question of correcting a misguided view of writing, but of setting our whole thinking about language straight. The semiology of writing is about much more than writing”
- v. “it not delivers its promises »
- w. “metasigns which serve to signify the signs of speech”
- x. “What of Saussure’s contention that ‘the actual mode of inscription is irrelevant’? A letter *t* in black or in white, in ink or in chalk, is still a letter *t*. Quite so. But that is a mere tautology, not a principle of semiological analysis. From the semiologist’s point of view, a black letter or a white letter, an ink mark or a chalk mark, may well be different signs with quite different significations”

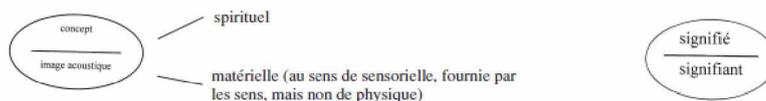
Capítulo 7 Do que se escreve e do que não se escreve da língua

- a. « spécialistes les plus éminents de notre époque » ; « l'un de nos plus distingués linguistes ».
- b. « Quoique pour le moment je ne comprenne pas beaucoup plus à ces textes que s'ils étaient rédigés en chinois ».
- c. « l'énigme que je cherche en vain à résoudre [...] est de comprendre comment un pareil désaccord peut exister entre ce qu'on lit sur cette pierre et ce qui semble lisible sur son image photographique. [...] J'hésite entre le témoignage de mes yeux et le témoignage évidemment très fort de celui qui a pu examiner, et palper de ses mains les traits de l'inscription ».
- d. “sad and absurd, the sort of commentary ridiculed by Nabokov in *Pale Fire*. And yet, whatever their hollowness, at least Saussure’s comments are true”.
- e. « Nous avons essayé d'établir le texte – la suite matérielle des lettres – sans pousser beaucoup plus loin notre ambition ».

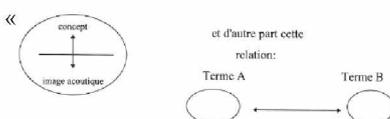
- f. « Il apparaît que cette langue n'est autre que le phrygien, ou si tel n'est pas exactement le cas, au moins un dialecte tellement apparenté à ce dernier que la chose, dans l'état restreint de notre connaissance, revient absolument au même. »
- g. « Le κ [kapa] de -μεκκσ [mekas] a une forme qui ne se répète nulle part dans les deux inscriptions, et qui, à la rigueur, pourrait faire conclure à une autre lettre que κ (branches très courtes, légèrement tordues en forme de flamme, se rejoignant au même point du jambage vertical). Il faut cependant observer que la forme du κ est en général assez variable dans les deux inscriptions »
- h. « Les copies ont ν [ni] dans -κενε- [kene]. Déjà l'estampage me paraissait plus favorable à μ [mi], [...]. Non seulement la trace du quatrième trait constituant l'm peut encore se surprendre, mais on peut affirmer qu'un N [ni] n'eût jamais comporté une pareille distance entre la lettre dont il s'agit et la suivante ; cet intervalle est à lui seul une preuve de l'm »
- i. « une entité peut demeurer identique à soi, même si sa substance matérielle a changé. Par contre, il est possible d'avoir changé une entité dont la substance matérielle n'a pas changé ».
- j. « Nota. – Dans le bas de l'ο de Φασοῦ existe un petit quart de cercle (⊘) visible avec un peu de peine dans toutes les reproductions. Mentionnons-le pour éviter une erreur à ceux qui seraient tentés de lire pour cela Φασοῦ -. Le trait n'aurait d'importance que s'il pouvait passer pour le reste d'un trait profond, plus ou moins oblitéré, mais ce n'est point le cas à examen, et le trait, d'où qu'il provienne, a dû toujours être aussi pâle que maintenant. Il est sans signification possible dès lors. »
- k. « le recours de Saussure à la géométrie doit être considéré comme une formalisation qui accomplit un double processus qui permet de passer de modes de penser concrets à une forma abstraite, et de plus, d'éliminer les hétérogénéités ou les parasites. »
- l. « Pour le moment, la Linguistique générale m'apparaît comme un système de géométrie. des théorèmes qu'il faut démontrer. Or on constate que le théorème 12 est, sous une autre forme, le même que le théorème 33. »
- m. « Ce modèle remonte à Aristote et s'est retransmis au fil des siècles, par l'intermédiaire d'Euclide et du more geometrico. On peut le résumer ainsi : une science est un discours réglé par trois principes :
Le principe de l'unicité de l'objet et de l'homogénéité du domaine et se rapporter à un objet unique ;
Le principe du minimum et du maximum : les propositions de la science sont soit des théorèmes soit des axiomes ; un nombre maximum de théorèmes doit être déduit d'un nombre minimum d'axiomes, exprimés par un nombre minimum de concepts primitifs. Ce qu'on peut résumer du nom de minimalisme épistémologique ;
Le principe de l'évidence : tous les axiomes et concepts primitifs doivent être évidents, ce qui dispense de les démontrer et les définir. »
- n. **mot parlé = objet**
(mot écrit, document)
- o. « F/f = phonème = la somme des impressions acoustiques et des actes articulatoires, l'unité entendue et parlée, l'une conditionnant l'autre »
- p. « Énumérer les facteurs n'est pas <encore> la même <chose> que résoudre les phonèmes dans leur éléments de différenciation. Pour classer les phonèmes, il s'agit bien moins de savoir en quoi ils consistent que en quoi ils diffèrent les uns des autres.
Le phonème = son/acte phonatoire (cf. deux pages plus haut la formule F/f et l'explication). »
- q. « Comme premier élément de cet ordre nous devons poser: l'association primordiale entre forme et idée et groupe d'idées; puis une autre association sans laquelle la première ne pourrait <pas> exister: l'association de forme à forme, des formes entre elles.

$$\frac{\text{forme}}{\text{idée}} = \text{forme - forme - forme} = \left(\frac{\text{forme}}{\text{idée}} \right) \left(\frac{\text{forme}}{\text{idée}} \right) \left(\frac{\text{forme}}{\text{idée}} \right)$$

f.



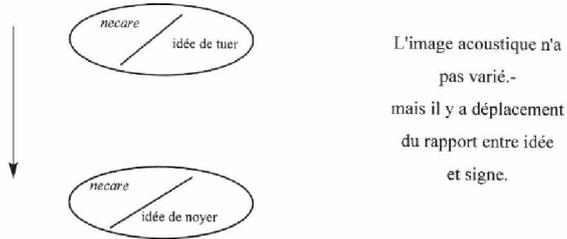
s.



[307] Le mot de terme employé ici. <Les termes> ce sont les quantités avec lesquelles on a à opérer (terme d'une équation mathématique) ou termes ayant une valeur déterminée, cela revient dans ce sens à unité linguistique. Il y a d'un côté <la première> une relation intérieure, qui n'est autre chose qu'une association entre l'image

acoustique et le concept. Chaque terme <chacun des termes de la seconde> implique cette relation interne. C'est la seule qui soit à considérer »

t.



u. « Il'y a aujourd'hui une générale réforme à introduire ».

Da “conclusão mais geral que se impõe”

a. « l'écriture est ainsi le point très précis à propos duquel une certaine positivité de la linguistique structurale étant reconnue, cette positivité est retournée contre elle-même comme si la linguistique manifestait à la fois la nécessité d'une science de l'écriture et son impossibilité, sa nécessité dans son impossibilité ».